

UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Ana Luísa da Costa Graça

**ESBATER FRONTEIRAS**  
A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA  
ARQUITETURA EM COIMBRA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Bruno Ricardo Abrantes Gil  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2019



**ESBATER FRONTEIRAS**  
**A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA ARQUITETURA EM**  
**COIMBRA**

ANA LUÍSA DA COSTA GRAÇA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura orientada pelo Professor  
Doutor Bruno Ricardo Abrantes Gil e apresentada ao Departamento de Arquitetura da  
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE D  
**COIMBRA**



## AGRADECIMENTOS

*Ao Departamento de Arquitetura, aos professores, aos funcionários e alunos por serem a essência da minha dissertação e pela disponibilidade no desenvolvimento da mesma.*

*Ao meu orientador, Bruno Gil, por todo o acompanhamento e motivação dada nos momentos de indecisão.*

*A todos os que entraram na minha vida, durante o meu percurso acadêmico, por caminharem a par comigo e por criarem um caminho que irá ficar para a vida.*

*Ao meu irmão, Rafael, por toda a paciência demonstrada ao longo de todos os esgotamentos nervosos que este curso traz e por ser um exemplo vivo que família são amigos que ficam para sempre.*

*Ao meu Pai e Mãe, António e Paula, por toda a pressão imposta e necessária e por todos os dias me continuarem a fazer acreditar que quando queremos o **mundo é nosso**.*



A presente dissertação de Mestrado segue o acordo ortográfico de 1990 e todas as citações e referências bibliográficas apresentam-se consoante as normas APA.





## RESUMO

A interdisciplinaridade no ensino da Arquitetura será o objeto de estudo desta dissertação. O foco resume-se em todas as pontes e ligações de onde a disciplina da arquitetura retira conhecimento, e como o transmite no percurso formativo.

A mediação desta colaboração entre disciplinas, assim como a pedagogia e o ensino da Arquitetura, é algo que tem sido discutido sucessivamente, e que se encontra em constante mudança a par das alterações sociológicas, políticas e até mesmo da própria visão da escola em relação à profissão. Torna-se assim pertinente a análise do que está a acontecer no contemporâneo, no curso de Arquitetura, da Universidade de Coimbra.

Pretende-se escrutinar todo o tipo de relações entre conhecimentos exteriores à área em questão, e de que modo acontecem, se desenvolvem e como complementam a formação do futuro arquiteto. As áreas exteriores que o Departamento de Arquitetura, em Coimbra, recolhe para si e assume como essenciais demonstram a sua identidade e o seu pensamento arquitetónico.

Estas “formas de contacto” podem estar presentes de diversas maneiras, desde áreas nucleares inseridas no currículo, a professores, a indivíduos convidados para momentos no atelier de projeto, conferências, workshops e exposições...

Apesar de esta colaboração exterior nem sempre ser assumida, ou estar presente mas em diferentes escalas, a ideia de multidisciplinaridade, de transdisciplinaridade e interdisciplinaridade estão sempre inseridas neste envelope que é o ensino da Arquitetura.

**Palavras-Chave:** Ensino da Arquitetura, Interdisciplinaridade, Coimbra, DARQ, Projeto



## **ABSTRACT**

The interdisciplinarity in the teaching of Architecture will be the object of study of this dissertation. The focus is on all the bridges and connections from which the discipline of architecture removes knowledge, and how it conveys it in the course of formation.

The mediation of this collaboration between disciplines, as well as the pedagogy and teaching of architecture, is something that has been discussed successively, and that is constantly changing along with the sociological, political and even the school's own vision of the profession . It is pertinent to analyze what is happenin today, in the course of Architecture, in the University of Coimbra.

It is intended to scrutinize all types of relationships between knowledge outside the area in question, and how they happen, develop and complement the training of the future architect. The exterior areas that the Department of Architecture in Coimbra collects for itself and assumes as essential demonstrate its identity and its architectural thinking.

These "forms of contact" can be present in diverse ways, from core areas inserted in the curriculum, to teachers, to individuals invited to moments in the design studio, conferences, workshops and exhibitions ...

Although this external collaboration is not always assumed or present in different scales, the idea of multidisciplinary, transdisciplinarity and interdisciplinarity are always inserted in this envelope that is the teaching of Architecture.

**Key words:** Architecture Education, Interdisciplinarity, Coimbra, DARQ, Project



## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| RESUMO   |            |
| ABSTRACT                                       |            |
| INTRODUÇÃO                                     |            |
| <b>1. UM PERCURSO PARA MEDIAR FRONTEIRAS</b>   | <b>25</b>  |
| 1.1 AS MUDANÇAS PEDAGÓGICAS AO LONGO DO DEBATE | 31         |
| 1.2 OS AGENTES EXTERIORES DO PERCURSO          | 39         |
| <b>2. AS ESCALAS DA INTERDISCIPLINARIDADE</b>  | <b>51</b>  |
| 2.1 OFERTA PEDAGÓGICA E PLANO DE ESTUDOS       | 59         |
| 2.2 O ENSINO DE PROJETO                        | 79         |
| 2.3 A PRESENÇA DOS INDIVÍDUOS                  | 103        |
| 2.4 O PROLONGAMENTO DA ESCOLA                  | 121        |
| <b>PROPOSTAS E CONCLUSÕES</b>                  | <b>139</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>              | <b>153</b> |
| <b>ÍNDICE DE IMAGENS</b>                       | <b>161</b> |
| <b>ANEXOS</b>                                  | <b>171</b> |



## **INTRODUÇÃO**





A disciplina da Arquitetura composta por ensino, investigação e a prática profissional, recolhe ligações que se vão permanentemente renovando para acompanhar as necessidades sociais, a que se pretende responder. A Arquitetura vai se aproximando de diversos tipos de conhecimento para completar o seu próprio núcleo e as essas aproximações tem sido motivo de debate e discussão. Persiste uma tentativa de equilíbrio nestas pontes de conhecimento, necessárias, que se vão renovando e se espelham no ensino da arquitetura e na formação de um arquiteto. Pretende-se completar uma pedagogia, sem perder uma autonomia, mas deve-se assumir que esta troca de informação, esta interdisciplinaridade, completa e caracteriza a Arquitetura.

Igea Troiani, em *Architecture and Culture*, demonstra-nos que o pensamento interdisciplinar já está presente em Vitruvius, citando-o:

“(...) Vitruvius wrote in *The Ten Books on Architecture* that “the architect should be equipped with knowledge of many branches of study and varied kinds of learning... knowledge [which] is the child of practice and of theory.” He lists drawing, geometry, history, philosophy, music, medicine, law, astronomy and astrology as branches of study with which the architect should be familiar. Architects and students of architecture still engage with some of these, as well as more recently formed areas of study such as the social sciences, geography, biology, linguistic theory and digital media.” (Troiani,2013, p.10)

Esta necessidade de aproximação a outras áreas está constantemente presente no percurso histórico da disciplina, relevando-se momentos como a década de 1920, posteriormente a década de 60/70, e a mudança do ensino da arquitetura para o modelo universitário. Com o despoletar do movimento moderno na década de 1920, acontece uma rutura com a antigo ensino do sistema das *Beaux-Arts*, que defendia a transmissão dos cânones clássicos através de uma relação de mestre e pupilos.

A aura do modernismo vem desencadear um sentido de experimentação que se repara na Bauhaus, criada em 1919. Os novos ideais e pensamentos tiveram fortes consequências sobre o ensino das artes e consequentemente da arquitetura, o que originou um debate sobre o ensino da mesma.

“Nesse clima cultural, os textos de Wassily Kandinsky, de Johannes Itten, de Paul Klee, sem esquecer os de Walter Gropius, foram obras que não se limitaram apenas a ser para o ensino, sendo, no entanto, maioritariamente sobre o ensino.” (Ginouliac,2009 p.44)

Nesta escola de artes, não apenas de arquitetura, os indivíduos tornam-se a interdisciplinaridade. Laszlo Moholy-Nagy traz a fotografia, Oskar Schlemmer, o teatro e a pintura, e Hannes Meyer o conhecimento científico. Todos eles encarnam o sentido experimental e colaborativo desta Escola, o que demonstra que estas ligações podem desenrolar-se a várias escalas e encontrar vários pontos de entrada.

Todos os pensamentos inovadores estagnaram devido ao clima de guerra, até à chegada da década de 60/70 que trás consigo o pós-modernismo. Novas tecnologias e novas linguagens contaminam a sociedade, e consequentemente o ensino da arquitetura. Sobre este arco temporal, existe um estudo efetuado por um grupo de alunos da Beatriz Colomina. *Radical Pedagogies* apresenta várias escolas reconhecidas pela sua experimentação pedagógica que marcou a disciplina na arquitetura neste período.



É notório que as alterações conjunturais alteram o ensino da disciplina. A transferência do ensino da arquitetura das escolas de Belas-Artes para o modelo universitário, insere a disciplina numa aura mais científica, dentro de linhas de investigação, que se espelha na pedagogia do ensino e consequentemente as disciplinas dos quais a arquitetura se rodeia. Cria-se assim a dependência de uma escola a uma instituição pedagógica maior.

“A presença da Arquitectura no modelo universitário, habituado às rotinas de pesquisa, de investigação e de legitimação científica, teve que ser, e ainda é, compulsivamente justificada através de contínuos tráfegos intelectuais de, e para, outras disciplinas”.  
(Ginoulhiac, 2009 p.48)

Estas pontes, ligações, cruzamentos e trocas de conhecimento e informação tornam-se intrínsecas à essência da arquitetura e do ser arquiteto. A arquitetura necessita de aproximação a diversas áreas, e estas vão sendo sempre atualizadas. Bruno Gil, na sua Tese de Doutoramento - *Culturas de Investigação em Arquitectura: Linhas de pensamento nos centros de investigação 1945 - 1974* - clarifica isso:

“Com efeito, quando a arquitectura procurou ser tecnológica nos anos de 1950, socorreu-se da investigação da tecnologia da construção, quando procurou ser sociológica e analítica nos anos de 1960, recorreu tanto aos estudos sociológicos como aos da forma e, quando procurou ser comportamental nos anos de 1970, aproximou-se dos estudos da psicologia do comportamento humano e da semiologia do meio ambiente, para no fim do século assumir a componente computacional e digital nos seus processos.” (Gil, 2016, p.524)

A ideia não é enfraquecer a presença desta disciplina, é realçar que a colaboração pensada é o que forma a natureza arquitetónica. A questão que cria esta discussão é mesmo esta, qual é o nível de colaboração que devemos permitir para que não se dilua a disciplina da arquitetura, para que ela se torne fascinante.

A pertinência desta dissertação, a questão principal, baseia-se na vontade de demonstrar que a interdisciplinaridade é intrínseca à arquitetura e ao seu ensino, e como se apresenta ao longo do curso de Arquitetura, em Coimbra. Com efeito, revela-se este caso de estudo devido não apenas à proximidade do lugar, curso e a própria formação, mas pelo nascimento e percurso histórico do Departamento.

A formação arquitetónica em Coimbra nasce a partir de fatores que imputem desde logo, a ligação a outras áreas. Surge no centro da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, o que torna a primeira escola de arquitetura em Portugal que deriva de uma faculdade pré-existente dentro de uma Universidade pública.

O centro de onde surge e a relação íntima que tem para com ele, permite e obriga a inserção da oferta de conhecimentos a nível da ciência e tecnologia, que se veio a espelhar no plano de estudos e corpo docente. Se a recolha de conhecimento para completar uma formação é essencial quando escolhida e pensada, quando obrigatória torna-se um obstáculo que foi necessário ser ultrapassado aos poucos.

O debate sobre o tema do ensino, na escola de Coimbra está assumidamente ligado ao caminho, mais ou menos sinuoso, e no desenrolar do plano de estudos do curso que constantemente se renovou para corresponder às expectativas de uma escola situada entre Lisboa e Porto.



Ao longo dos trinta anos do percurso do DARQ, Departamento de Arquitetura, e devido à incessante procura de uma identidade, torna-se necessária e pertinente a discussão sobre o rumo e o objetivo do arquiteto que se pretendia formar.

O espaço e a prova mais iminente deste debate foram os Encontros de Tomar, que originaram esta abertura ao confronto de ideias e visões e que juntaram a escala dos agentes - professores e alunos.

O primeiro, concretiza-se em 1995 e é seguido por mais quatro, sendo o último datado de 2003. Este momento de discussão aberta à comunidade, foi-se tornando cada vez mais relevante, culminando em convites a outras escolas do país, e das mesmas terem demonstrado interesse em partilhar os seus conhecimentos e já adquiridos sobre o tema.

O mais interessante, acontece quando se nota que esta troca de informação, que atravessa desde o ensino em geral ao processo de Bolonha, à formatação do curso e do plano de estudo, ao ensino do projeto e à inserção de conhecimentos exteriores na formação, se traduz em resultados e adaptações na escola.

Alguns encontros de Tomar despoletaram uma mudança no plano de estudos, no ano seguinte a este ter acontecido. Na verdade, se a discussão sobre qualquer tema é sempre importante, torna-se extremamente relevante quando transforma visões individuais e apresenta resultados.

Embora o final do percurso dos Encontros tenha sido em 2003, muitos outros nasceram, embora não tão seguidamente, ou com a mesma frequência. Mais atualmente e noutros sentidos, têm decorrido palestras debruçadas sobre o tema “Escola de Coimbra” (2017 e 2018) que expõem à comunidade os trabalhos efetuados no âmbito profissional por parte dos Arquitetos formados no DARQ.

Embora permaneça a necessidade de completar a identidade da escola, e demonstrar os resultados obtidos ao longo de trinta anos de caminho, a discussão sobre o ensino não tem sido tão recorrente, ou tão transferida para o exterior, como nos Encontros de Tomar.

Um dos objetivos desta tese de Mestrado reside nesta importância de atualizar e documentar o ponto de situação em que se encontra o ensino da Arquitetura no DARQ, mais precisamente analisando a interdisciplinaridade no mesmo. A forma como o Departamento de Arquitetura recolhe e assume as suas ligações com áreas consideradas exteriores ou complementares e como as transmite na sua pedagogia, é o objetivo desta prova de dissertação.

Estruturalmente é constituída por duas partes. O primeiro capítulo apresenta resumidamente o percurso histórico do departamento com foco na interdisciplinaridade e ensino da arquitetura, tendo sido relevante o acesso ao arquivo da instituição, nomeadamente com o enfoque numa recolha e interpretação dos sumários das aulas, que destacassem a interdisciplinaridade. As mudanças e os momentos de debate são analisados e são o foco do primeiro capítulo: *Um percurso em debate para mediar fronteiras*, que pretende um enquadramento histórico a partir dos Encontros de Tomar e de que modo estes momentos de debate alteraram o plano de estudos.

O sub capítulo - *Os agentes exteriores do percurso*, surge como complemento a este enquadramento histórico do caso de estudo, mas a uma escala menor da análise. Recolhe-se os docentes não formados em Arquitetura e descrevem-se os seus percursos dentro do



DARQ, assim como as ligações e conhecimentos que trouxeram para o mesmo.

O segundo capítulo - *As escalas da interdisciplinaridade* constrói o objeto de estudo que apresenta a análise do cruzamento disciplinar a vários níveis, no arco temporal recente. Este apresenta-se como o maior corpo da estrutura desta dissertação e desenrola-se ao longo de quatro sub-capítulos que representam cada uma das escalas interdisciplinares consideradas: Oferta pedagógica e plano de estudos, o ensino de projeto, a presença dos indivíduos (docentes do DARQ) e o prolongamento da escola - eventos e publicações.

Desta forma, pretende-se analisar como as disciplinas exteriores se inserem ao longo do percurso formativo, assim com as suas ligações a nível horizontal e vertical. É essencial analisar o caráter interdisciplinar dentro de cada ano de ensino, relacionando-o com os restantes, mas considerando sempre que a interdisciplinaridade se apresenta em diversos graus ao longo da formação.

Para além da intensidade com que este aspeto se pode apresentar, também se pode revelar em diferentes escalas que constituem uma escola. As portas de entrada para esta colaboração e presença de conhecimentos complementares são diversas: desde o plano de estudos, ao momento do ensino de projeto no estirador, aos próprios indivíduos que habitam no espaço escolar (alunos e professores, ou até mesmo convidados) ao prolongamento da identidade e pela forma como a escola se demonstra ao exterior, que é constituído essencialmente pelos eventos organizados ou nos quais a escola participa, e as publicações que assume.

Esta investigação baseada nestes objetivos pretende concluir que estas “pontes” no ensino produzem arquitetos com diferentes visões do mundo, logo a partir da sua formação e que é esta capacidade de recolher e transmitir informação, que define a formação arquitetónica e completa a própria disciplina de Arquitetura.

Metodologicamente, para além de recolha da bibliografia relacionada com o ensino da arquitetura, arquitetura interdisciplinar, o Departamento de Arquitetura de Coimbra, e os artigos e revistas sobre as discussões em torno do ensino, procedeu-se a uma recolha da oferta pedagógica e dos planos de estudos que pertencem ao percurso do DARQ.

Não foi apenas analisado o currículo, mas também os eventos e publicações sobre este tema, “assinadas” pelo próprio departamento porque se considera que estes também “fazem escola”.

A nível do corpo docente, realizaram-se tabelas e diagramas, ou esquemas sobre os mesmos com o intuito de examinar quais são os arquitetos e não-arquitetos e que ligações têm estes indivíduos a outras áreas.

A proximidade com o espaço escolar e com o curso em si, permite demonstrar uma percepção de formação mais rigorosa, assim como facilita a forma de chegar à informação direta. Os testemunhos e conversas informais com os professores ao longo do claustro, apresentam-se como um complemento ao longo da investigação da dissertação, mais precisamente no sub capítulo sobre o ensino do projeto, em especial pelos docentes que lecionam a disciplina. A escolha parte de cinco elementos, cada um pertencente a um ano de formação a nível projetual, ou com uma valência que o distingue. A transcrição destes momentos irá encontrar-se por completo nos anexos da dissertação.

A escala dos indivíduos não é apenas constituída pelos docentes arquitetos ou não





arquitetos, mas engloba também a maior percentagem dos agentes que constituem a escola - os alunos.

De forma a representar o pensamento destes indivíduos essenciais, porque é para eles que a escola é construída, foi publicado um inquérito feito pela autora para assim obter um retrato mais objetivo e fidedigno dos alunos pertencentes a todos os anos do curso. Os resultados deste inquérito permitem não apenas transmitir a visão do campo estudantil, como se torna uma enorme influência para o fecho da investigação, no momento das "Propostas e Conclusões".

Assim, pretende-se ao longo da estrutura da dissertação chegar ao resultado pretendido: demonstrar que o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, mantém-se em renovação, atualizando o objetivo de formação do arquiteto que quer produzir, recolhe conhecimento exterior e usa a interdisciplinaridade como complemento para a sua visão perante a Arquitetura.



## **1. UM PERCURSO EM DEBATE PARA MEDIAR FRONTEIRAS**



Fig.2 - Capa do livro *Encontros de Tomar* e *ECDJ 2 : 10 anos de arquitectura no colégio das artes*

ESBATER FRONTEIRAS

A importância dos momentos de discussão e debate, de encontro de ideias e pensamentos, reside na possibilidade das suas conclusões transformarem-se em alterações e transferirem-se para o projeto pedagógico da escola. Todas estas mudanças que acompanham a evolução do tempo intensificam a identidade do organismo educacional – a Escola de Arquitetura.

“A minha angústia é que a Arquitectura vai dar forma ao futuro e é isso que coloca a questão do seu ensino numa dimensão de responsabilidade social e ética e o que sinto necessário hoje é a abertura corajosa de um debate alargado sobre o tema que inclua as necessárias clarificações críticas sobre a produção contemporânea.” (Costa, 2000, p.64)

É então preciso debater acerca da formação do arquiteto de modo a que se acompanhe os valores sociológicos e as necessidades que evoluem e se adaptam constantemente. O arquiteto tem um papel fulcral como centro de cruzamento de informação, e deve personificar um espírito crítico e uma visão alargada a tudo o que se situa em seu redor para melhorar o seu exercício projetual. Esta semente crítica e campo de visão são plantadas durante o seu percurso formativo, e o ensino deve adequar-se para que esta permaneça sempre na “produção contemporânea” (Costa, 2000, p.64), como refere Alves Costa.

“Paralelamente deveremos reavaliar o território da arquitectura como problema na contemporaneidade e como reencontro da prática artística com o colectivo e, de toda esta complexa malha de relações, retirar argumentos gerais que fundamentem os novos planos de estudo.” (Costa, 2000, p.64)

Estes momentos ao longo de um percurso de uma escola devem ser referidos e deve ser atribuída a devida importância a cada um deles, por todas as mudanças que podem despoletar. O DARQ e o seu caminho não são exceção.

O Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra – o DARQ – fundado em 1988-1989, foi a terceira escola de Arquitetura pública a ser criada em Portugal, fora de Lisboa e Porto, e a primeira com fundação numa Universidade e numa faculdade pré-existente, a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Está claro que este facto, este cordão umbilical para com a faculdade nem sempre colaborou com a devida autonomia da disciplina da Arquitetura tornando-a por vezes difusa. Em simultâneo resulta numa potencialidade que pode ser aproveitada, como admite Gonçalo Byrne:

“Admito, com algum otimismo, que essa ligação com a Faculdade de Ciências e Tecnologia, ou com o seu potencial, pode ser extremamente positiva para o Curso.” (Byrne, 1995, p.35)

O curso nasce através de uma proposta apresentada por parte do presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, o Professor Ribeiro Gomes. Simultaneamente, é exposta a intenção da criação da SAA, Secção Autónoma de Arquitetura, “(...) embrião do Departamento, cujo Conselho Coordenador deveria ser constituído por três professores, um dos quais designado pela Coordenadora do Conselho Científico, outro designado pelo Departamento de Matemática, pertencente à área da Representação Gráfica, e outro professor designado pelo Departamento de Engenharia Civil.” (Bandeirinha, 2011, p. 159). Este Conselho Coordenador já transmite a fusão de encontro de saberes, através de três indivíduos.

Embora seja mais que necessário uma essência interdisciplinar e multidisciplinar, para o nascimento e crescimento da Arquitetura, há que ser criterioso com as ligações procuradas



e precisas. Há que ser autónomo e ao mesmo tempo acolher o saber exterior.

“Nesta altura já o curso era polémico, em grande parte devido à orientação quase exclusivamente tecnológica e à completa falta de coesão entre as diversas disciplinas e de articulação entre os elementos de próprio corpo docente.” (Rossa, 1995, p.13)

Os encontros de Tomar vêm exatamente criar um espaço onde se discute o ensino da arquitetura e onde é possível expor as fragilidades com o objetivo de as tornar em forças. Estes encontros, num total de cinco, situam-se temporalmente entre 1995 e 2003 com abertura pública à comunidade. São nestes momentos onde as ideias e opiniões dos docentes mais se impõem e onde se recebe o ponto de vista também dos alunos, apesar de apenas no quarto, em 1998, ter acontecido de forma aberta.

Embora alguns obstáculos pedagógicos não tenham sido favoráveis e tenham sido adaptados e originado alguma resistência às ligações exteriores, esta premissa continua a ser minimamente aceite é mais que necessário o cruzamento de disciplinas e áreas para completar o ensino da Arquitetura, e até mesmo a Arquitetura em si.

# Para que resulte: Curso de Arquitectura tem de ser repensado

— afirmou o arquitecto João Mendes Ribeiro

O Curso Superior de Arquitectura existe na Universidade de Coimbra vai fazer um ano. A funcionar na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FETUC), a não existência deste curso na Universidade de Coimbra foi designado, há cerca de um ano, como uma «lacuna importante que era urgente colmar». A sua criação vem dar, segundo os seus responsáveis, o «toque artístico» que faltava na nossa Universidade.

Em conversa com o arquitecto João Mendes Ribeiro, docente da cadeira de Introdução à Arquitectura (1.º ano), podemos concluir que nem tudo vai bem no Curso de Arquitectura.

Começa, por exemplo, pelo facto de ser aquela cadeira que teoricamente devia ser a mais importante dentro do curso, o que não acontece em Coimbra. «Para o próximo ano ela irá ter mais peso, mas este ano ela tem em relação a outras cadeiras, um peso muito reduzido», disse João Mendes Ribeiro. Se tivésemos como termo de comparação a faculdade de Arquitectura do Porto, vemos que a cadeira de Introdução à Arquitectura tem 70% do total do número de horas do curso. Em Coimbra ela tem apenas três horas semanais e é semestral (entra somente no segundo semestre).

Segundo aquele docente no próximo ano as coisas irão decorrer de uma forma um pouco melhor pois a cadeira de Projecto vai ter 12 horas semanais. «Não entendo, no entanto, porque é que esta cadeira entra apenas no 2.º ano e não no primeiro uma vez que é uma das mais importantes», salientou.

Falando dos resultados dentro da sua

cadeira - Introdução à Arquitectura - João Mendes Ribeiro disse-nos que tem até agora, resultados animadores e bastante positivos tendo em conta as três horas semanais e as condições em que trabalha. No entanto, considera que tais resultados poderiam ser mais positivos quanto mais peso tivesse a cadeira de arquitectura.

## URGENTE CRIAÇÃO DE COMISSÃO INSTALADORA

Na opinião daquele docente a questão de base é «a falta de um organismo de Coordenação que estabelecesse ligação entre os diferentes anos do curso e dentro do próprio ano». «Em minha opinião, e falo com base na minha experiência pessoal, este curso nunca foi estruturado, nunca houve um debate sobre os parâmetros de orientação pedagógica, nunca foram determinadas as balizas e os objectivos a que se pretende chegar com a sua criação», disse. «Por exemplo - acrescentou - nunca foram definidos os critérios de admissão e selecção do corpo docente».

Segundo nos disse quando foi convidado para leccionar a cadeira de Introdução à Arquitectura, foi-lhe dito de início que não havia programa por onde se seguir. «Para compensar a falta de experiência não só da Faculdade como a minha própria, desloquei-me ao Porto, trabalhei o meu programa e tentei estruturá-lo de forma significativa e positiva», explicou.

Em sua opinião o Curso de Arquitectura de Coimbra terá de ter sempre diferenças em relação ao ministrado nas cidades de

Lisboa e Porto. «No entanto - adiantou - ele tem de ser realmente um curso de arquitectura onde se ensine arquitectura - facto que actualmente não acontece, uma vez que as cadeiras de arquitectura têm um peso muito reduzido».

«Para a alteração desta situação consideramos - dentro do núcleo - que era urgente a criação de uma Comissão Instaladora do Curso de Arquitectura, onde estivessem representadas as duas faculdades de arquitectura do país, a Universidade de Coimbra e a Associação dos Arquitectos Portugueses», afirmou, acrescentando «quem preparou o curso não foram os arquitectos, estes nem sequer foram ouvidos». Aquela comissão irá estabelecer, entre outras coisas, os objectivos pedagógicos do curso.

## É NECESSÁRIO RELAÇÃO COM FACULDADES DE LISBOA E PORTO

Neste sentido João Mendes Ribeiro defende a existência de uma íntima relação com as faculdades de Lisboa e Porto, uma vez que estas, porque existem há mais tempo, «têm já uma organização e estrutura que nós não temos». «Em Coimbra como não existia o curso de Arquitectura não existe também experiência de ensino da Arquitectura», explicou, acrescentando «o que não significa que não haja bons profissionais de arquitectura, mas tal não chega para fazer um bom curso».

Paralelamente ao contacto com as outras faculdades de Lisboa e Porto, este docente defende a relação da Faculdade, nomeadamente a de Arquitectura, com os sectores exteriores ao curso: a cidade, o território, a região, com os sectores produtivos da construção e com os sectores profissionais da Arquitectura - «factores que fazem com que o curso criado em Coimbra tenha características diferentes dos outros existentes no país».

«Vejo o Curso de Arquitectura como elo de ligação entre todos estes sectores», considerou. «Tenho insistido muito dentro da Faculdade na importância da relação do ensino de arquitectura com os profissionais. Temos feito debates em que convidamos arquitectos da região de forma a estabelecermos o tal debate essencial», explicou. «Também nós, os docentes das três cadeiras de Arquitectura, Introdução, Desenho e Geometria, temos tentado que haja

coordenação entre nós, o que vem em muito, melhorar as condições em que estamos a dar aulas», explicou.

## ENSINO DIFERENTE

Quando se criou em Coimbra o Curso de Arquitectura, foi organizado um encontro que contou com a presença de profissionais de arquitectura e da FTUC, subordinado ao tema «Que ensino de arquitectura em Coimbra».

Na opinião de um profissional de Arquitectura, este ensino terá de ser forçosamente diferente, devendo ter em conta a cidade, o território, a região e mesmo os sectores de produção e profissionais. «No entanto para que o ensino de arquitectura se fortifique em Coimbra é necessário recorrer, como já referi, à experiência das outras faculdades de Arquitectura e à Universidade de Coimbra», disse. «Não podemos deixar de ter em linha de conta a própria cidade e a região senão será um curso falhado», sublinhou.

Na opinião de João Mendes Ribeiro, se alguma coisa for mudada - «pois ainda vai havendo um certo bom senso para mudar o que está mal» - o curso tem hipótese de ser um bom curso. «Não sei que tipo de profissional poderá sair desta faculdade, se bem que na minha cadeira, por exemplo, haja bons resultados, sei que ensino arquitectura e que os meus alunos aprendem arquitectura, no entanto, sentimos que esses pequenos resultados poderiam ser mais significativos se o curso tivesse nascido direito em vez de ter nascido torto», adiantou. «Há que repensar o curso pela positiva, enquanto as hipóteses de mudança do curso não se fecharem vamos tentar melhorar o curso», afirmou, acrescentando «é importante voltar atrás e pensar que Curso de Arquitectura é que queremos em Coimbra».

## INSTALAÇÕES PRÓPRIAS

Um outro problema levantado por este arquitecto e que, em sua opinião, aumenta as dificuldades sentidas pelos docentes de arquitectura, em Coimbra, é a falta de instalações próprias. «As cadeiras de Desenho e de Projecto necessitam de muito espaço, que neste momento não temos», salientou.

«É importante começar a pensar-se em arranjar instalações próprias pois a continuarmos assim de certo que daqui a 2, 3 anos o curso não funciona», concluiu.



- FÁBRICA DE PRODUTOS CERÁMICOS EM PASTA BRANCA
- ARGILAS E CAOLINOS SELECIONADOS DE BARREIROS DEMARCADOS
- QUALIDADE DIARIAMENTE CONTROLADA NO NOSSO LABORATÓRIO

**AZULEJOS E MOSAICOS PARA REVESTIMENTOS E PAVIMENTOS**  
EM 15 x 20 - 20 x 20 - 20 x 30



**CERPAM** - PRODUTOS CERÁMICOS, S.A.R.L.

CERFACHE - APARTADO 1 - TELEFONES 941356-941369 - 3000 COIMBRA

# A qualidade do espaço edificado hoje

(Da página 7)

o estado da Arquitectura e da profissão e sobre o que há a fazer hoje, em novas condições, para diminuir o fosso que tem separado a Arquitectura da realidade social, económica e cultural do nosso país».

«Se é aos poderes constituídos na sociedade que cabe a responsabilidade pela inércia perante esta situação, os arquitectos, pelo seu lado, querem dar o seu contributo e assumir maiores responsabilidades na superação de uma situação que a todos penaliza», explica a AAP num comunicado sobre a realização deste Congresso.

## INTEGRAÇÃO NA CEE EXIGE CONSCIÊNCIA DAS NOVAS OPORTUNIDADES

O Congresso realiza-se, como já dissemos, no período de transição para a integração plena de Portugal na Comunidade Europeia e para a criação do Mercado Único, «processo que exige dos

arquitectos portugueses uma consciência clara das novas oportunidades e das novas condições de exercício da profissão e também das suas responsabilidades».

Assim, espera aquela Associação que este Congresso «permita não só dotar a AAP de uma doutrina consensual dos mais variados aspectos da sua intervenção como associação Pública, com o reforçar nos arquitectos a consciência da necessidade de uma intervenção cada vez mais qualificada no âmbito da sua prática profissional».

As competências do Congresso da AAP foram substancialmente alteradas nos termos do novo Estatuto de Associação Pública. As funções de carácter deliberativo internas à vida da Associação foram remetidas para a Assembleia Geral, reservando-se para o Congresso a função de debate e reflexão sobre a disciplina da arquitectura nas suas componentes artística, técnica e humanística, bem como sobre o exercício da profissão, seu estatuto e garantias.

Fig.3- Diário de Coimbra, 15 de Junho de 1989



## 1.1 AS MUDANÇAS PEDAGÓGICAS AO LONGO DO DEBATE

“É que essa identidade terá de ser também a do próprio corpo conceptual da Arquitectura, inevitavelmente configurado pela interdisciplinaridade que, longe de limitar, referencia, disciplina e estimula em imaginação.” (Gigante, 1995, p.68).

O DARQ mantém uma procura intensa de resultados positivos, de uma identidade, e deste modo vão sendo postas em prática adaptações, que Jorge Figueira, no I Encontro de Tomar já considera “satisfatórias”.

“Os movimentos de correcção da matriz inicial do Curso atingiram um ponto satisfatório; o Plano de Estudos, apoiado em experiências pedagógicas testadas, define um curso de Arquitectura que é preciso agora qualificar, reforçar o carácter, dar intencionalidade de meios e objectivos.” (Figueira, 1995, p.77)

Na análise do primeiro ano do curso em 1988, é possível reparar na sua vertente mais científica e exata, e talvez mais afastada da disciplina da Arquitectura. Composto por 7 unidades curriculares (Análise Matemática I, Geometria Analítica, Geometria Descritiva, Desenho de Arquitectura, História da Arte e Tecnologia, Introdução à Arquitectura e Estatística I) em que a sua maioria demonstra esta orientação científica.

O professor e arquiteto João Mendes Ribeiro, que acompanhou este longo percurso até aos dias de hoje, refere precisamente esta lacuna, numa entrevista ao Diário de Coimbra, em 1989: “(...) Ele tem de ser realmente um curso de arquitectura onde se ensine arquitectura - facto que actualmente não acontece, uma vez que as cadeiras de arquitectura têm um peso muito reduzido” (Ribeiro, 1989, p. 12). Desta forma entende-se que o “curso de Arquitectura tem de ser repensado”, que é nada mais que o próprio nome do artigo. (ver imagem)

A origem deste curso de arquitetura é composto por áreas científicas obrigatórias, mais precisamente a Matemática, Geometria, Representação Gráfica, Estática, Física, Materiais e Estruturas, Projecto de Arquitectura, História da Arquitectura, Teoria da Arquitectura e Urbanologia, e representam 110 créditos num total de 165. Os restantes são distribuídos por áreas optativas, onde se apresenta diferentes tipos de conhecimento exterior, tal como acontece no actual plano de estudo. É neste núcleo que se encontra por exemplo, a Economia, Gestão e Ciências Sociais, a Antropologia Cultural, a Geografia, e a Tecnologia da Arquitectura. (ver anexo)

As unidades curriculares do primeiro ano, referidas anteriormente, acabam por se condensar no ano letivo de 1990/1991, agrupando-se em 5: Desenho; Introdução à Arquitectura; História de Arte; Geometria; Matemáticas Gerais. Mais tarde, a vertente histórica irá desmembrar-se em História da Arte e Cultura Clássica e História da Arte e Cultura Contemporânea (em 1994), e a Matemática substituída pela Geografia a partir de 98, unidade curricular anteriormente presente no terceiro ano do curso. É também neste ano que se insere pela primeira vez, a disciplina de Projecto I, começando assim este tronco projetual que interliga todos os anos do curso. Este é o ponto de partida da centralidade de projeto e que se mantém até a atualidade.

## LICENCIATURA EM ARQUITECTURA

### Ramo de Arquitectura e Tecnologia

|        |   | Regime  | Carga horária | Unid. créd. | área |
|--------|---|---------|---------------|-------------|------|
| 1º ano | Desenho.....                                  | Anual   | 6P            | 4           | A    |
|        | Introdução à Arquitectura.....                | "       | 6 P/ 6TP      | 10          | A    |
|        | História da Arte e Cultura Clássica.....      | 1º Sem  | 2 T           | 2           | THA  |
|        | História da Arte e Cultura Contemporânea..... | 2º Sem  | 2T            | 2           | THA  |
|        | Geometria.....                                | "       | 3 T+3 TP      | 8           | A    |
|        | Matemática.....                               | "       | 2 T+2 TP      | 6           | M    |
| 2º ano | Projecto I.....                               | Anual   | 12 P/TP       | 10          | A    |
|        | História da Arquitectura I.....               | "       | 2 T           | 4           | THA  |
|        | Estática.....                                 | 1º Sem. | 3 T+3 TP      | 4           | C    |
|        | Tecnologia de Materiais.....                  | "       | 2 T+3 TP      | 3,5         | C    |
|        | Desenho Arquitectónico.....                   | "       | 6P            | 4           | A    |
|        | Elementos de Física.....                      | 2º Sem. | 2 T+3 TP      | 3,5         | F    |
|        | Resistência de Materiais.....                 | "       | 2 T+3 TP      | 3,5         | C    |
| 3º ano | Projecto II.....                              | Anual   | 12 P/TP       | 10          | A    |
|        | História da Arquitectura II.....              | "       | 2 T           | 4           | THA  |
|        | Teoria da Arquitectura I.....                 | "       | 2 T           | 4           | THA  |
|        | Geografia.....                                | "       | 2 T+2 TP      | 6           | U    |
|        | Construção I.....                             | "       | 2 T+4 TP      | 7           | C    |
|        | C.A.D.....                                    | "       | 2 T+3 TP      | 7           | M    |
| 4º ano | Projecto III.....                             | Anual   | 12 P/TP       | 10          | A    |
|        | História da Arquitectura Contemporânea.....   | "       | 2 T+4 P       | 6           | THA  |
|        | Teoria da Arquitectura II.....                | "       | 2 T           | 4           | THA  |
|        | Urbanologia.....                              | "       | 2 T           | 4           | U    |
|        | Construção II.....                            | "       | 2 T+4 TP      | 7           | C    |
| 5º ano | Projecto IV.....                              | Anual   | 12 P/TP       | 10          | A    |
|        | História da Arquitectura Portuguesa.....      | "       | 2 T+4 P       | 6           | THA  |
|        | Construção III.....                           | "       | 2 T+4 TP      | 7           | C    |
|        | Opção I.....                                  | 1º Sem. | 2 T+3 TP      | 3,5         |      |
|        | Opção II.....                                 | "       | 2 T+3 TP      | 3,5         |      |
|        | Opção III.....                                | 2º Sem. | 2 T+3 TP      | 3,5         |      |
|        | Opção IV.....                                 | "       | 2 T+3 TP      | 3,5         |      |

Opções:  
a definir anualmente

Fig.4 - Proposta de Alteração do Plano de Estudos, 11 de Maio de 1993 (Anexo D)

Embora a unidade curricular de projeto apenas tenha aparecido no primeiro ano do curso em 1998, nove anos antes o Professor João Mendes Ribeiro, na mesma entrevista ao Diário de Coimbra, já criticava a falta desta: “Não entendo, no entanto, porque é que esta cadeira entra apenas no 2º ano e não no primeiro uma vez que é uma das mais importantes.” (Ribeiro, 1989, p.12)

Embora esta grande mudança apenas aconteça em 1998, as alterações aplicadas entre 1990 e 1991 também se fazem notar no segundo ano do percurso académico. A Matemática Aplicada presente no anterior plano pedagógico é severamente criticada por parte do campo estudantil, demonstrando como os alunos podem ser uma peça-chave do próprio ensino:

“Em reunião realizada na tarde do dia 10 de Janeiro, reafirmou-se a intenção de não frequentarmos a cadeira, enquanto não nos for assegurado por pessoas com responsabilidade e experiência no ensino da arquitectura, que do conteúdo total da cadeira, mais de 50% é do interesse efectivo dos alunos da nossa licenciatura. (...) Que o nome fique, mas que o programa seja o de uma cadeira de um curso de arquitectura, é o que minimamente se pode exigir.”<sup>1</sup>

Este Manifesto é um momento que se deve referir, de forma a relembrar que existem um conjunto de partes que compõem um todo - uma escola. Esta é a parte integrante com mais representatividade dentro de um espaço escolar, e é cada vez mais importante receber o ponto de vista da mesma. Na verdade, um curso de arquitetura é criado para os alunos, estes estão em primeiro plano, e de facto devem assumir a sua presença e participar e expor as fragilidades do ensino.

Desaparece então a Matemática Aplicada I e II no segundo ano de 1990/1991, assim como a Teoria da Arquitectura I. Em contrapartida é inserida a Introdução aos Computadores e Programação, demonstrando uma vontade de acompanhar a evolução tecnológica que se fazia sentir.

Mas muito caminho existia pela frente, sendo necessário continuar a corrigir os erros que persistiam. Mário Kruger, ainda neste primeiro encontro, assume que “(...) a inter-acção entre conhecimentos revela-se de grande fragilidade - inter-acção só estimulável no quadro da prática do Projecto e, como tal, só aferível no âmbito da interdisciplinaridade que deveria informar esse espaço central e privilegiado da formação do Arquitecto.” (Gigante, 1995, p.64)

Walter Rossa concorda com a opinião de convergir os saberes mas não em totalidade sobre os arquitetos, admitindo ser necessário que um curso se baseie numa colaboração pluridisciplinar. Este conceito é considerado um “mito” por parte de José António Bandeirinha, exposto na quarta sessão do I Encontro de Tomar, e transcrito por Paulo Varela Gomes: “O rigor necessário das áreas profissionais periféricas ao projecto não obsta a que este nunca possa ser pluridisciplinar mas essencialmente transdisciplinar.” (Bandeirinha citado Gomes, 1995, p.40).

Assumindo então que a Arquitetura, e o exercício de Projeto, são uma convergência de saberes, um centro de cruzamento de informação, a questão baseia-se em como e que saberes combinar sem perder o curso e uma formação arquitetónica.

---

**1** Retirado do Manifesto escrito pelos estudantes para a Comissão Instaladora, a 17 de janeiro de 1990 (ver anexo)

| 1994/1995                  | 1995/1996                  | 1996/1997                  | 1997/1998                  |
|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| Projecto I                 | Projecto I                 | Projecto I                 | Projecto I                 |
| História da Arquitectura I | História da Arquitectura I | História da Arquitectura I | História da Arquitectura I |
| Estática                   | Estática                   | Estática                   | Estática                   |
| Tecnologias de Materiais   | Tecnologias de Materiais   | Tecnologias de Materiais   | Tecnologias de Materiais   |
| Desenho Arquitectónico     | Desenho Arquitectónico     | Desenho Arquitectónico     | Desenho Arquitectónico     |
| Elementos de Física        | Elementos de Física        | Elementos de Física        | Elementos de Física        |
| Resistência de Materiais   | Resistência de Materiais   | Resistência de Materiais   | Resistência de Materiais   |

| 1998/1999                                    |
|--|
| Projecto II                                  |
| Desenho II                                   |
| Teoria da Arquitectura I                     |
| História da Arquitectura Clássica e Medieval |
| Introdução aos Sistemas Construtivos         |
| Antropologia do Espaço                       |

Fig.5 - Alteração das unidades curriculares do primeiro ano de formação (anexo I)

Neste primeiro Encontro de Tomar permanece assim esta discussão, e paralelamente a questão da separação da Teoria e da História, considerando a Teoria como um tronco central que deveria acompanhar Projeto. O arquiteto e professor João Paulo Cardielos é um dos casos que aceita e apoia a divisão autónoma destas disciplinas, afirma que a Teoria deve acompanhar o caminho de Projeto em paralelo, e acrescenta que se devia inserir a sociologia urbana, pertencente à área de urbanologia (Cardielos, 1995, p.40). A vontade de inserir a área de urbanismo vai ao encontro das disciplinas pelas quais João Paulo Cardielos já estaria responsável, nesse mesmo ano letivo: Planeamento Físico I e II. É de focar as preocupações e interesses que o docente deixa transparecer na citação anterior e que continuam a persistir até à atualidade, sendo esta área uma das suas valências.

A questão que permanece sempre é que pontes e ligações de conhecimento se devem criar sem perder a autonomia da nossa disciplina essencial - a Arquitetura. Este é um problema que persiste até hoje, e que não tem nem uma resposta, nem simples nem direta. É preciso encontrar um meio-termo sobre os conhecimentos a recolher.

Depois das alterações em 90/91, o plano de estudos permanece estagnado até ao ano letivo de 1998/1999, que coincide com o ano do 4º Encontro de Tomar. Este ano representa uma transformação no curso e é uma aproximação ao atual plano de estudos existente.

A grande alteração e já referida anteriormente foi a unidade curricular de Projeto que aparece agora desde o início do percurso formativo. É a representação clara da importância que esta adquire no ensino da arquitetura, pela sua aproximação ao campo profissional. Um curso de arquitetura é construído pela centralidade de Projeto.

A par desta unidade curricular, encontra-se também a Geografia que substitui as Matemáticas Gerais, assumindo diretamente no plano de estudos uma essência interdisciplinar, que permanece através da inserção da Antropologia do Espaço no segundo ano do curso.

No segundo ano de 1998/1999, apresenta-se Desenho II que mantém uma continuidade com Desenho I, presente no ano de formação anterior. Estas unidades curriculares não são um único exemplo de continuidade e ligação vertical. Teoria da Arquitectura I prolonga-se até a Teoria de Arquitectura II no seguinte ano de formação, assim como a História da Arquitectura Clássica e Medieval continua para a História da Arquitectura Moderna.

Esta é uma tentativa de combater a fragilidade apresentada anteriormente por Mário Krüger, sobre a falta de relações entre os conhecimentos e a separação de disciplinas. Um curso de arquitetura consolida-se através das ligações horizontais e verticais de aprendizagem, com a possibilidade de criar uma rede de transmissão de saberes para completar o exercício de projeto.

O terceiro ano é atravessado por estas linhas de prolongamento de Projeto, Teoria e História, mas partilham agora o mesmo espaço com unidades curriculares com uma vertente construtiva e tecnológica. Encontram-se assim a Construção I; Tecnologia da Construção I e Desenho Assistido por Computador. Retoma-se a matriz da Faculdade de Ciências e Tecnologia, que nesta data se entende como necessária no ensino da Arquitetura, ao contrário do que anteriormente era imposto no primeiro ano de 1988/1989.

No ano seguinte do percurso pedagógico, o quarto, permanece a continuidade das linhas apresentadas no ano anterior, mas aparece agora um novo ramo apelidado de Urbanologia. O quinto ano é composto por Projecto V; História da Arquitectura Portuguesa; Sistemas Urbanos, e acrescenta-se mais duas possibilidades de escolha a duas opcionais já existentes,

| 1994/1995               | 1995/1996                 | 1996/1997                 | 1997/1998               | 1998/1999               |
|-------------------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------|-------------------------|
| Arquitectura Teórica I  | Arquitectura Teórica I    | Arquitectura Teórica I    | Arquitectura Teórica I  | Arquitectura Teórica I  |
| Planeamento Físico I    | Planeamento Físico I      | Planeamento Físico I      | Planeamento Físico I    | Planeamento Físico I    |
| Morfologia Urbana I     | Antropologia do Espaço I  | Antropologia do Espaço I  | História das Cidades I  | História das Cidades I  |
| Arquitectura Teórica II | Morfologia Urbana I       | Morfologia Urbana I       | Morfologia Urbana I     | Arquitectura Teórica II |
| Planeamento Físico II   | Cultura Material I        | Arquitectura Teórica II   | Arquitectura Teórica II | Planeamento Físico II   |
| Morfologia Urbana II    | Arquitectura Teórica II   | Planeamento Físico II     | Planeamento Físico II   | História das Cidades II |
|                         | Planeamento Físico II     | Antropologia do Espaço II | História das Cidades II |                         |
|                         | Antropologia do Espaço II | Morfologia Urbana II      | Morfologia Urbana II    |                         |
|                         | Morfologia Urbana II      |                           |                         |                         |
|                         | Cultura Material II       |                           |                         |                         |

| 1999/2000                    | 2000/2001               | 2001/2002                                     | 2002/2003                                     | 2003/2004                                     |
|------------------------------|-------------------------|---|---|---|
| Arquitectura Teórica I       | História das Cidades I  | História das Cidades I                        | Planeamento Físico I                          | Arquitectónicas da Forma                      |
| História das Cidades I       | Planeamento Físico I    | Planeamento Físico I                          | Planeamento Físico II                         | Critérios de Intervenção no Património        |
| Comunicação Computacional I  | História das Cidades II | História das Cidades II                       | Arqueologia Industrial                        | Arqueologia Industrial                        |
| Planeamento Físico I         | Planeamento Físico II   | Planeamento Físico II                         | História e Estética do Cinema                 |   |
| Arquitectura Teórica II      | Arqueologia Industrial  | Arqueologia Industrial                        | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  | História e Estética do Cinema                 |
| História das Cidades II      |                         | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea II | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  |
| Comunicação Computacional II |                         | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea II | Critica da História da Arquitectura I         | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea II |
| Planeamento Físico II        |                         |   |   |   |
| Arqueologia Industrial       |                         |   |   |   |

Fig.6 - Alterações das unidades curriculares opcionais (anexo I)

constituindo assim 4 optativas. Estas opções que visam completar o conhecimento do pré-arquiteto são a Arquitectura Teórica I e II; o Planeamento Físico I e II; e a História das Cidades I e II.

As opcionais livres abrem assim o caminho para o próprio indivíduo escolher o que acha necessário para complementar a sua visão arquitetónica e o seu conhecimento, de modo a recolher o que pensa ser pertinente para resolver a prática projetual, papel fundamental da profissão.

As mudanças conseguidas originaram troncos verticais de ligação, linhas de conhecimento, como a História, Teoria e Construção, e o central Projeto e receberam unidades curriculares a disciplinas que se consideraram mais adequadas ao complemento da formação arquitetónica, sejam elas obrigatórias ou optativas.

Encontra-se no plano de estudos uma partilha com a geometria, o desenho, a antropologia, a geografia, a tecnologia da construção, o desenho assistido por computador, a urbanologia e os sistemas urbanos. As alterações das áreas de disciplinares, que aparentemente abandonaram a vertente mais exata da Faculdade, nas palavras de Mário Krüger, não representam um corte perante esta:

“Se assinalassem que, devido a estas alterações, se verificou um isolamento da Licenciatura em Arquitectura no seio da FCTUC poderíamos responder que não é esse o caso na medida em que soubemos, salutarmente, manter relações com outras áreas disciplinares indispensáveis à formação do arquitecto e promover, simultaneamente, um direcionamento efectivo da licenciatura para o que lhe é essencial.” (Krüger, 2000, p.29)

Apesar da consolidação conseguida até então, as linhas verticais existentes e que atravessam alguns dos anos do curso, continuam de forma direta e isolada. Ainda não se interlaçam e relacionam, existe uma comunicação ainda frágil. Gonçalo Canto Moniz admite que a área tecnológica não seria o caminho a seguir e que “a inter-relação disciplinar só foi possível quando as disciplinas exteriores se aproximaram do Colégio das Artes.” (Moniz, 2000, p.76)

Permanece este constante debate sobre que conhecimentos se deve recolher e inserir para completar uma formação em Arquitectura. Muitos são os factores que influenciam estas decisões e pontes, desde as mudanças ao longo do percurso temporal que derivam das alterações sociais e tecnológicas à forma como se vê a própria profissão e os seus objetivos. Consequentemente, provocam uma alteração da visão dos agentes que fazem escola e que se reflete na mesma, que segue em constante mutação e renovação.



Fig.7 - Primeira Reunião da Comissão Científica (1991)  
Da esq. para a dir.: Lusitano dos Santos, Alexandre Alves Costa, António Reis Cabrita,  
Fernando Távora, Maria Margarida Ramalho da Costa, Raul Hestnes Ferreira, José  
António Bandeirinha, José Carlos Teixeira e Domingos Tavares



## 1.2 OS AGENTES EXTERIORES DO PERCURSO

Existe uma procura do equilíbrio entre a autonomia da disciplina e a inserção de conhecimentos exteriores para a completar, e a resposta a esta não se baseia apenas no que está presente no plano de estudos. A escola de Arquitetura, enquanto organismo educacional, é constituído por camadas que se encontram dentro do mesmo espaço. Estas partes são constituídas pelas pessoas que as percorrem, e não se pode referir as unidades curriculares exteriores, e as adaptações efetuadas no plano de estudos, sem referir os responsáveis que transmitem a informação. A docência torna-se um grupo de peças que se desloca no espaço escolar, de modo a possibilitar e enaltecer a troca de conhecimento e informação.

Uma das características a este nível, e que diferencia o curso de arquitetura dos restantes, é o facto de os professores serem maioritariamente arquitetos, exercendo a profissão. Cria-se assim uma aproximação ao campo profissional, importante e representativa, especialmente para quem está a ensinar a disciplina de projeto, e potencialmente inspiradora para os próprios alunos da unidade curricular. “Na realidade é impensável a existência de professores de arquitectura que não exerçam simultaneamente a sua profissão” (Alves Costa citado em Rossa, 1995, p.15), como referido numa intervenção de Alexandre Alves Costa, na 1ª Sessão do I Encontro de Tomar.

Embora seja “impensável” a não ligação ao âmbito profissional, decorre daqui um dilema em relação ao próprio estatuto da Universidade, que considera o termo docência e investigação inseparáveis e constantemente interligados:

“A Universidade de Coimbra considera o ensino e a investigação como os elementos fundamentais da sua atividade, reconhece a importância da interdisciplinaridade e afirma o princípio de que a docência é indissociável da pesquisa científica.” (Artigo 9º do Estatuto)

Origina-se um impasse entre o caminho profissional e a “pesquisa científica” mas que não pressupõe uma escolha de apenas uma delas. Aqueles que escolhem apenas a profissão como substituto à investigação causa, nas palavras de Mário Krüger, “um desajuste entre os valores profissionais e académicos” (Krüger, 1995, p.58).

“Se nos pautarmos pelos critérios de excelência universitária a produção científica do Departamento é reduzida quando comparada com os outros Departamentos mais antigos e mais orientados para a investigação científica. Se nos pautarmos, exclusivamente, pela produção profissional ficamos fora do espaço institucional que a Universidade promove em termos de avanço de conhecimento.” (Krüger, 1995, p.58)

O âmbito profissional não pode, de todo, ser o foco único para o complemento da docência. Tal como a autonomia da Arquitetura, é necessário encontrar um meio-termo em se manter esta ligação exterior com a profissão, continuar a formação do docente e implantar um espírito de contínua descoberta em investigação, que poderá trazer novas visões aos indivíduos: “A escola deveria não só ensinar os estudantes, mas também promover a formação em contínuo dos profissionais.” (Rossa, 1995, p.15)

Atualmente, estas opções de caminho não são postas em separado. Existem cada vez mais docentes a continuar a sua formação, e a investigar consoante os seus interesses, desenvolvendo uma capacidade interdisciplinar que pode ser transmitida aos próprios



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
**AULAS TEÓRICAS**

2001 - 2002

GEOGRAFIA PARA ARQUITECTOS

Sumário da 2.ª lição

1. A Geografia como ciência: Diversidade temática, unidades do objecto do ensino, precisão dos objectivos
2. - A Interdisciplinaridade: o caso concreto entre a geografia, o urbanismo e a arquitectura: os casos específicos de aplicação.
3. A importância do espaço físico no urbanismo e na arquitectura: os casos específicos de aplicação ao urbanismo e à arquitectura urbana
4. Abordagem inicial de casos concretos sobre a interdisciplinaridade entre a geografia, o urbanismo e a arquitectura

Coimbra, 9 de Outubro de 2001

O Professor,

Alves

Fig.8 - Sumário da segunda aula de Geografia, 9 de Outubro de 2001  
Ana Paula Santana e Nuno Ganho

alunos. O Doutoramento em Arquitetura, oferecido no departamento, acolhe diversos seminários desde a Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, dos Estudos Culturais e Arquitetura, e da Cultura e Projeto da Cidade e a produção de uma tese de doutoramento que poderá estar ligada a qualquer caminho e às mais variadas áreas de interesse por parte do doutorando.

A ligação à pesquisa e investigação científica é cada vez mais assumida e relevante, sendo os próprios indivíduos reconhecidos por isso. A docência continua a sua formação a par com os alunos, em graus diferentes, permitindo um confronto e complemento de saberes que se apresentam em constante evolução, e que evoluem a escola.

Em simultâneo existem e co-habitam indivíduos que deram aulas no DARQ, não formados em arquitetura, mas que possuíam ligações profissionais a áreas exteriores à Arquitetura. O movimento destes professores pelo departamento, o seu percurso e as unidades curriculares por que estão responsáveis, são um complemento essencial à rede de conhecimentos e à própria visão arquitetónica que se pretende formar no pré-arquiteto. Embora uma pessoa possa ter a responsabilidade de trazer conhecimento exterior sem assumir uma unidade curricular, quando um plano de estudos a insere, a escola assume notoriamente a ligação a esta disciplina.

Existem sete núcleos que se realçam ao longo do percurso do departamento, que permanecem em redor à área central da Arquitetura e onde estes indivíduos estão inseridos e agrupados. Num foco mais científico, encontram-se a Matemática, a Geografia, a Física e a Engenharia Civil. Sobram para além destas, o espectro alargado das Artes e da História.

A quantidade de docentes e a existência desta vertente mais científica e tecnológica em torno do curso de Arquitetura demonstra que a ligação para com a Faculdade de Ciências e Tecnologia se preservou, encontrando atualmente um equilíbrio.

Carlota Simões, Helena Albuquerque, José Carlos Teixeira e Laurentina Soares são nomes presentes na história da docência do DARQ e associados ao núcleo da Matemática.

Carlota Simões e Helena Albuquerque partilham o mesmo arco temporal, tendo dado aulas no departamento até 1998. A primeira esteve responsável pela unidade curricular de Estática, pertencente ao 2º Ano, enquanto a segunda apresenta-se no ano anterior de formação, o primeiro, sendo a docente que assume a Matemática.

Neste intervalo de tempo, entre 1995 e 1998, encontra-se Lucília Pires Brito, doutorada e com ligação ao Centro de Física da Universidade de Coimbra. Torna-se responsável pela cadeira de Elementos de Física, no segundo ano do percurso formativo que desaparece do plano de estudos, no ano em que a docente deixa o departamento de Arquitetura, em 1998.

O desenho assistido por computador, une o nome de José Carlos Teixeira ao núcleo da Matemática, que lecionou esta unidade curricular entre 1995 e 2000 e que depois é assumida por Alexandre Barbosa Ribeiro em parceria com Laurentina Soares até 2008.

Na área da Geografia, apresenta-se o nome de Nuno Ganho, doutorado em Geografia Física, mais precisamente Climatologia, que no ano letivo de 1995/1996 lecionou com Ana Paula Santana, a disciplina de Geografia presente no terceiro ano de formação. Retoma a docência no departamento durante o período de 1999 a 2003, completando de novo a parceria com Ana Paula Santana na mesma disciplina, que em 1998 se transferiu para o 1º ano.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

AULAS PRÁTICAS

19 92 19 93

Construção I - 2ª T.

Sumário da 1ª lição:

Apresentação da 1ª ficha de  
trabalho - nº 1

Desenvolvimento do apoio a  
prestação do trabalho de Projeto

Coimbra, 4 de Dezembro de 1992

O Professor,

João Eduardo Marta

Fig. 9 - Sumário de Construção I lecionado por João Eduardo Marta  
4 de Dezembro de 1992

Durante esta pausa de Nuno Ganho, Ana Paula Santana continuou a lecionar a cadeira, tendo estado associada ao curso de arquitetura até 2016, transportando para o departamento a ligação com esta área de conhecimento, a Geografia.

Luís Quintais cruza o DARQ com o departamento de Ciências da Vida, e possui como área de interesse a ligação entre a Antropologia, a Literatura e a Arte. A sua carreira de docência, no curso de Arquitetura, situa-se entre 2003 e 2008, e foi responsável pela unidade curricular de Antropologia do Espaço (3º Ano) a par com Sandra Xavier, professora que continua a lecionar esta mesma cadeira até ao presente ano letivo.

O núcleo de Engenharia Civil é o que reúne mais nomes e assume uma presença notória como elo de ligação com a Arquitetura. Carla Ferreira, Celestino Quaresma, Lusitano dos Santos, Julieta António, Isabel Torres, Filipe Bandeira e José Raimundo da Silva encontram-se e unem-se nesta área de conhecimento.

Carla Ferreira e Celestino Quaresma são docentes até 1998 e não partilham somente o mesmo intervalo de tempo de docência, mas também o mesmo ano de formação onde as unidades curriculares pelas quais estão responsáveis estão inseridas. No segundo ano, ditam a instrução da Resistência dos Materiais e da Tecnologia dos Materiais, respetivamente, que desaparecem na mudança do plano de estudos no período letivo de 1998/1999.

Lusitano dos Santos apresenta um longo percurso no DARQ, esteve presente durante 21 anos ligado à docência deste departamento. Este professor, unido à área de saber da engenharia civil, representou diversas disciplinas que explicitam uma notória vertente urbanística. Ordenadas cronologicamente, encontram-se a Urbanologia (4º ano), Planeamento Físico I e Planeamento Físico II (opcional do último ano), Sistemas Urbanos (5º ano), Cidade e Território I e II (4º Ano) e Planeamento e Gestão Urbanística Municipal I e II, também do leque das opcionais do último ano de formação.

A Tecnologia da Construção une os seguintes nomes: Isabel Torres e Julieta António, assim como as suas áreas de interesse e investigação, a área da Construção inserida na Engenharia Civil. Isabel Torres, com José Raimundo da Silva, lecionou a Tecnologia da Construção I, presente no terceiro ano do curso. A segunda parte desta unidade curricular, a Tecnologia da Construção II, estava a cargo de Julieta António com Luís Serra e Silva, no ano letivo de 2003/2004 e nos seguintes com Telmo Dias Pereira.

Em 2006, Julieta António deixa a docência desta cadeira para a parceria de José Raimundo da Silva com Isabel Torres, que no ano seguinte assume sozinha a mesma. Com a mudança de plano de estudos resultante da implementação do processo de Bolonha (2008/2009), estas duas unidades curriculares desaparecem e esta docente é convidada a lecionar a Física da Construção, presente no primeiro semestre do segundo ano, abandonando a docência desta em 2010.

O nome que já apareceu referido algumas vezes, anteriormente, e que não pode deixar de ser referido como um elo de ligação entre a Arquitetura e a Engenharia Civil, é o Professor José Raimundo Mendes da Silva. Doutorado em Engenharia Civil, coordenador do Mestrado de Reabilitação de Edifícios da Universidade de Coimbra, e com uma extensa lista de artigos publicados sobre esta área de interesse, apresenta uma longa inserção no departamento durante 19 anos (1997-2016).

As unidades curriculares pelas quais esteve responsável vão ao encontro do caminho de conhecimento referido anteriormente. Para além das Tecnologia da Construção I e II, que



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

AULAS TEÓRICAS

1994 1995

Desenho Básico

Sumário da 13ª lição:

DESENHOS A CARINHO EM  
CAVALETES VERTICAL  
DE SÓLIDOS SOBRES-  
POSTOS

Coimbra, 13 de Janeiro de 1995

O Professor,

Manuel João Dixo

13/1/95

Fig.10 - Sumário de Desenho da 13ª lição dada por Manuel João Dixo  
13 de Janeiro de 1995

mais tarde, em 2008/2009, se unem em formato de Tecnologia e Qualidade da Construção, é também nesse mesmo ano que assume a cadeira de Princípios de Funcionamento Estrutural dos Edifícios, no segundo semestre do segundo ano.

Todos estes nomes mencionados se reúnem e interligam num núcleo mais tecnológico, científico e construtivo que assume uma maior escala em redor do curso de arquitetura deste departamento. Mas existe também um pólo mais direcionado para o campo artístico que apesar do número menor de indivíduos, possui uma presença igualmente forte e inseparável da disciplina mor que é o objetivo deste curso. Dentro das Artes, reúnem-se Manuel João Dixo, Sebastião Resende e Abílio Hernandez.

A definição destas áreas de saber assim como a comunicação entre elas, possibilita um cruzamento interdisciplinar seja a partir das áreas nucleares como dos indivíduos em questão. Ao albergar não apenas arquitetos de formação dentro do mesmo espaço escolar, origina-se uma rede que vai contaminando a comunidade com o conhecimento que cada indivíduo tem para oferecer.

A disciplina que melhor funde o mundo da Arquitetura com o caminho das Artes é o Desenho e esta une Manuel João Dixo e Sebastião Resende.

Manuel João Dixo ingressou no Curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto e apresentou-se em Paris a partir de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, para desenvolver um projeto apelidado de *Convenção Colectiva x Consciência Individual* (entre 1975 e 1977). Pertenceu, entre 10 artistas, ao Grupo Puzzle que nasce no Porto, em 1975, e o seu cariz de intervenção artística marca o panorama nacional na segunda metade do séc. XX. Torna-se assim imprescindível referi-lo como pertencente à docência do Departamento.

Este artista está presente desde o nascimento do curso de Arquitetura em Coimbra e até 1999 lecionou a disciplina de Desenho, cuja orientação é dividida a partir de 1996 com Sebastião Resende. Este partilha de uma formação idêntica a João Dixo e forma-se em Belas Artes na Escola Superior de Belas Artes do Porto. O seu caminho pelo Departamento decorre no intervalo de 1996 a 2004, com uma pausa no ano letivo de 1999/2000. Para além desta parceria de instrução do Desenho I, dois anos antes da sua saída do departamento, assume a responsabilidade de lecionar a continuação desta disciplina, no segundo ano de formação, Desenho II.

Mas nem sempre os indivíduos que podem encarnar a interdisciplinaridade precisam de orientar uma unidade curricular obrigatória, e podem apresentar-se no leque de escolhas de opcionais do último ano. Abílio Hernandez, doutorado em Literatura Inglesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1992, manteve-se professor no curso de arquitetura durante 9 anos (2002-2011). Coordenador da área de Cinema no curso de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no curso de arquitetura lecionou Narratologia, Cinema Americano I, Análise de filmes, e a opcional que marca notoriamente o seu percurso pelo departamento: História e Estética do Cinema, unidade curricular que persiste no plano de estudos até a atualidade.

Nuno Porto integra o grupo de professores do DARQ encarregue de lecionar disciplinas opcionais no último ano do percurso formativo, e no meio de uma junção entre a História e a Arte, com interesse na Antropologia. Como acontece recorrentemente, a área de investigação do docente dita a disciplina que vai lecionar, e desta forma, Nuno Porto torna-



Fig.11 - Última aula de Paulo Varela Gomes - "Do sublime em Arquitetura"  
20 de Dezembro de 2012



se responsável pela Cultura Material e Museologia Crítica, até abandonar o Departamento em 2008.

Ao continuar a percorrer os indivíduos que pertencem a áreas de conhecimento exterior, que completam o curso, e seguindo uma vertente mais histórica, encontra-se Paulo Varela Gomes. Não existe a disciplina de Arquitetura sem o estudo da História que tanto a influencia, e Paulo Varela Gomes tornou-se uma personagem notória nesse campo, e extremamente relevante no ensino e percurso do Departamento. Escritor e Historiador, torna-se Doutor em História da Arquitetura a 19 de julho de 1999, sendo que no ano anterior é convidado para ingressar a docência no Departamento. Permaneceu a dar aulas até 2012, mas com uma pausa entre 2006 e 2009.

Lecionou inúmeras unidades curriculares, todas elas com o mesmo foco de conhecimento que ele possuía de interesse e que o representava, a História da Arquitectura Clássica e Medieval, do 2º ano, História da Arquitectura Moderna, do 3º ano e História da Arquitectura Contemporânea, do 4ºano, que em 2001/2002 passa a docência para Jorge Figueira

No ano letivo de 2000/2001, representa a História da Arte e Cultura Clássica, História da Arte e Cultura Contemporânea e mais tarde a Crítica da História e Arquitectura I, uma opcional de último ano que apenas se apresenta uma vez no plano de estudos durante o período letivo de 2002/2003.

Posteriormente, a partir do ano de 2009, recebe a orientação da História da Arquitectura Antiga e Medieval I e II, no primeiro ano do curso, História da Arquitectura Moderna I e II, no ano seguinte, e a História da Arquitectura Portuguesa I e II, no quarto ano. É um indivíduo que para além da sua notoriedade e reconhecimento no seu campo, marca o grupo de professores que passou pelo departamento.

Possui também esta característica de ter sido um professor que passou por quase todos os anos de formação do curso de arquitetura, e possui assim uma visão alargada e conhecedora das fragilidades e forças que o mesmo representa. Embora não fosse arquiteto de profissão abraçou uma profunda ligação com este campo, e o seu espírito crítico acrescentava uma mais na valia para o desenvolvimento do departamento, e é isso foi notório nas suas intervenções nos Encontros de Tomar.

Uma das intervenções, e que vai ser exposta em baixo, denota a sua opinião sobre esta ambição de interligar a escola de Arquitectura com o resto do mundo de forma a criar uma escola em pleno. Embora extensa, é uma citação extremamente importante para a pertinência do meu foco de estudo, e que defende uma posição muito precisa. É preciso interligar, unir, e relacionar o conhecimento exterior que se assume em torna da Arquitectura para a completar, e consequentemente completar de igual modo a formação desta disciplina para a prática profissional:

“Creio que, antes de mais, precisamos de uma escola que não deixe o desenho em paz, sozinho no centro das coisas. Ou seja, precisamos de uma escola onde haja efectiva inter-relação de saberes e capacidades, uma escola na qual deixe de haver “disciplinas auxiliares do projecto”, tais como o planeamento, o desenho, a história, a antropologia, a teoria, e passe a haver projecto integrativo, projecto que se faz não apenas no estirador mas também na sala de conferências, na visita de estudo, na palestra, no debate (...) não apenas entre arquitectos e destes com a arquitectura mas da arquitectura com tudo o resto. Uma escola capaz de ouvir filósofos, sociólogos,

Situação Escola  
1993 (12)

## "ARQUITECTURA NA RUÍNA"

### Memória Justificativa

Na sequência de um documento apresentado por Docentes do Departamento de Arquitectura à Comissão Científica do mesmo, esta decidiu aceitar a suspensão da actividade lectiva nele proposta, a partir do dia 18 de Novembro.

Esta posição foi tomada face à crescente degradação das condições de ensino no Departamento, que se defronta, nomeadamente, com problemas de instalações, funcionários, contratação e vencimento de docentes.

Sendo claro para os alunos que nestes 15 dias os problemas citados não se resolveram internamente, e sendo para nós também claras as nefastas consequências que a inexistência de aulas acarreta, decidimos em reunião efectuada na última 5ª feira, dia 2, o seguinte:

1 Aceitar o princípio de que, na conjuntura presente, é preferível a actividade lectiva se reiniciar, do que os alunos continuarem sem as aulas e, conseqüentemente, sem o contacto e a discussão necessários à resolução dos problemas;

2 A criação de uma Comissão de Alunos para a apresentação de propostas que visem solucionar os problemas existentes e para a sensibilização das entidades competentes sobre a realidade do Departamento;

3 Iniciar um conjunto de acções públicas com o objectivo de informar a Academia e a Cidade do estado do Ensino Superior da Arquitectura na Universidade de Coimbra;

Fig.12 - Manifesto "Arquitetura em ruína" (1993) (anexo E)

cinéastas, músicos, jornalistas, políticos e de os pôr a conversar uns com os outros. Uma escola capaz tanto de publicar um projecto como um texto filosófico, tanto imagens de arquitectura como imagens de vídeo, capaz da mais rigorosa investigação teórica e histórica e da mais provocatória emissão de manifestos.” (Gomes, 2000, p.51)

É nesta mistura de saberes, a possibilidade de integração e junção, que reside o potencial para um curso de arquitectura e uma escola evoluírem. Embora o edifício que abraça o departamento se tenha mantido estagnado desde o nascimento do departamento, a evolução do ponto de vista e de orientação do curso não depende, não pode depender, do edifício onde se insere.

O primeiro ano do curso, em 1988-1989, foi leccionado no edifício das Matemáticas, o espaço físico do Departamento que depois se move para o 1º piso do Colégio das Artes, preenchendo apenas uma pequena parte deste que mais tarde, contamina o restante até ocupar este primeiro piso na totalidade (ver anexo) . Desde esse ano até aos presentes dias, permanece o mesmo. Instalado no Pólo I da Universidade utiliza e reabilita as antigas instalações do Hospital da Universidade de Coimbra, nas quais se encontra um claustro saliente ao olhar. O edifício é recorrentemente posto em causa, devido à fragilidade de condições e devido à sua falta de capacidade de responder às necessidades de todos os indivíduos que utilizam o espaço. Tem sofrido obras pontuais na tentativa de resolver problemas mais agravados e salientes, mas as débeis características do mesmo têm sido reconhecidas, tanto no Manifesto dos alunos em 1990, como em 1995, no primeiro Encontro de Tomar e seguintes, e permanecem a ser continuamente apresentadas em debates e manifestos.

Apesar de essa condição física, e que permanece extremamente importante, este claustro torna-se uma casa, um mundo, ao longo do percurso académico de cada um. Apesar de um claustro ser um pátio central confinado, delimitado por quatro lados, continua a existir a necessidade de tornar estas fronteiras difusas e acolher o que está ao nosso redor. Deve ser capaz de agrupar e escolher os saberes exteriores necessários e adaptar um plano de estudos para formar um arquiteto capaz de responder às necessidades do Séc. XXI, mesmo estando situado fisicamente numa matriz do Séc. XVII.

Mas o DARQ continua a esforçar-se para crescer, “(...) o crescimento deste Departamento que dos primeiros anos de esforço no sentido de uma autonomia disciplinar em relação a outras “escolas” se passou com alguma naturalidade para uma crescente abertura formativa que encontra raízes em universos que ultrapassam largamente os nossos “limites” geográficos.” (Gonçalves, 2000, p.9)

E antes de mais, é preciso continuar a alargar os nossos limites e em simultâneo saber olhar para dentro e voltar ao claustro. É preciso continuar a comunicar com o exterior para reforçar e desenvolver o interior.



## **2. AS ESCALAS DA INTERDISCIPLINARIDADE**

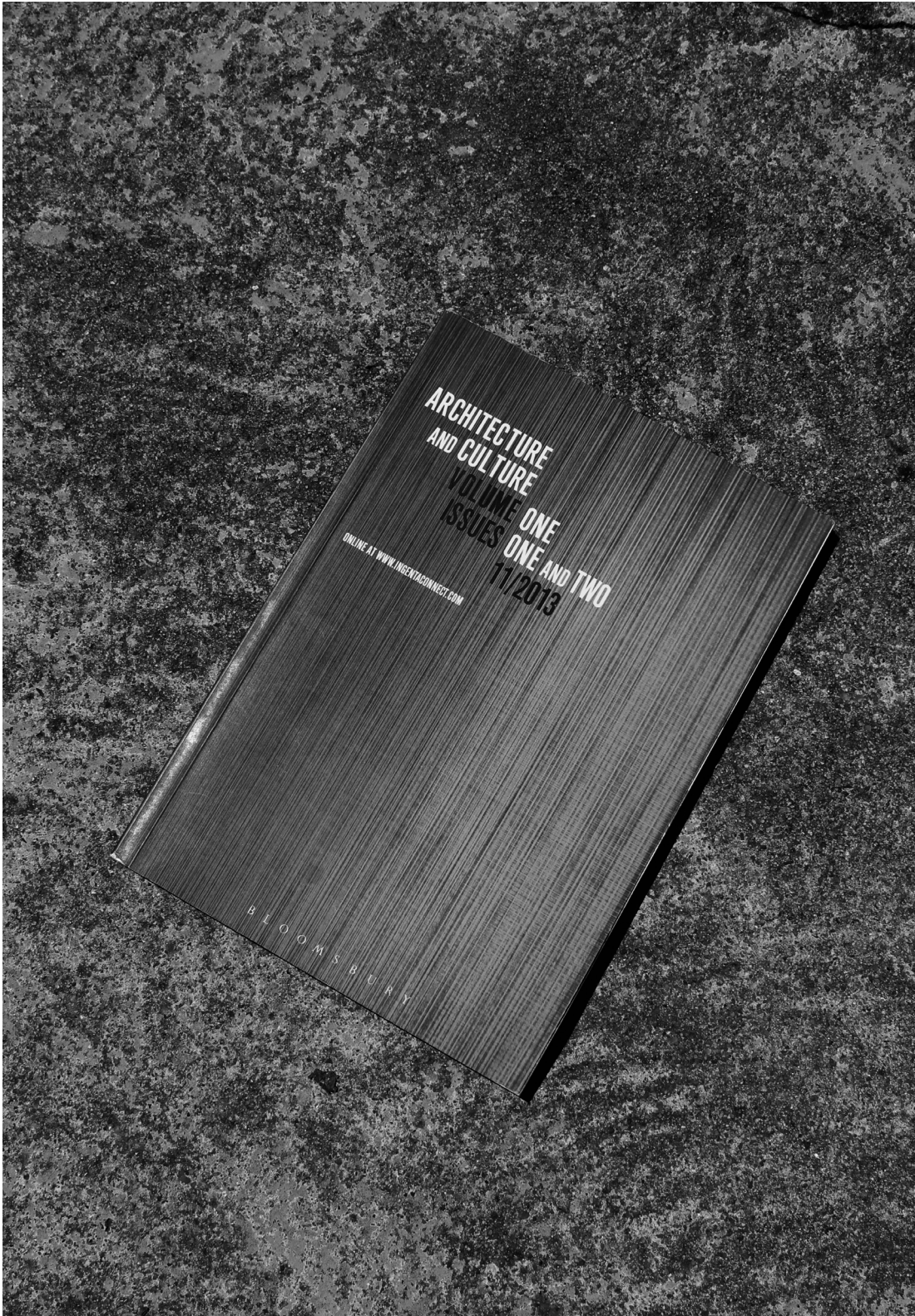


Fig. 14- Capa da Revista Architecture and Culture (2013)

Existe uma autonomia da disciplina na arquitetura, uma preocupação projetual e espacial, mas ao mesmo tempo a própria disciplina precisa de saber complementar para poder executar uma arquitetura em pleno, uma arquitetura que esteja inserida no mundo.

É de conhecimento geral que em atelier iremos trabalhar em colaboração e que na nossa profissão um arquiteto não trabalha sozinho. Acredita-se que no ensino esta seja também uma afirmação certa.

A Teoria e a História, a memória enquanto instrumento projetual assim como um desenho, tornam-se variáveis intrínsecas para o ensino, mas existem outras áreas em constante mutação, que o influenciam.

As mudanças sociológicas, económicas e políticas despoletam mudanças na arquitetura. Cria-se a necessidade de reexaminar a disciplina, o que transmite consequências no ensino.

Pode-se afirmar que a interdisciplinaridade está presente no percurso histórico da disciplina, e que esta vai atraindo para si diversos polos. Igea Troiani, suporta a ideia de colaboração entre áreas exteriores de conhecimento e acredita que a força da arquitetura reside nesta capacidade de ser um núcleo que pode ser atravessado por outras áreas de saber sem perder a sua própria definição. É através desta citação que se recolhe o conceito de “ponte” e “ligação” que permanece ao longo de todo o texto.

“It would seem that it is the very attempt at disciplinary separation that makes architecture seem weak. It reaches out to other fields to find its methods, whether to engineering or to art history, to sociology or to philosophy, raising questions of disciplinary integrity. But is it not in fact in this unashamed borrowing, in its bridging of humanities, arts and sciences, and of academic pursuits and practical learning, that architecture’s strength lies?” (Troiani, 2013, p.10)

A arquitetura retira assim conhecimento de outras áreas e transmite-as no seu próprio ensino. Embora estas pontes e ligações nem sempre sejam assumidas, estão presentes a diversas escalas e graus: desde o próprio currículo da escola até às interações pontuais.

A própria visão que a escola tem da disciplina da arquitetura contagia o ensino da mesma, influencia o futuro arquiteto.

A escola é constituída por várias partes que se juntam e criam um todo, uma identidade. Esta identidade é criada através de diversos pontos que pertencem ao organismo - escola: desde o espaço físico, os professores, os próprios alunos, e a tudo o que a escola deixa transparecer e demonstra ao exterior - eventos e publicações. Todas estas camadas sentem a presença da interdisciplinaridade, assumida ou não. É claro que para algumas delas é mais fácil e estão mais propensas a inserir esta colaboração exterior.

Irá começar-se por um campo mais geral, onde se apresenta a escola numa visão mais afastada, partindo assim do currículo que “funciona como uma estrutura pedagógica da escola cujos conteúdos disciplinares formam a identidade do futuro arquiteto.” (Gil, 2005, p.33)

As áreas nucleares, subdivididas em unidades curriculares são a forma mais direta de demonstrar a intenção da instituição. Esta divisão, bastante generalista, permite a inserção de quase tudo, e combate assim a definição extrema de matérias que pode resultar em especializações que fazem com que o curso de arquitetura, seja de arquitetura com outra coisa mais.

Mas dentro desta visão mais alargada, inserida no próprio currículo da escola, a disciplina





de projeto permanece crucial. Há que reconhecer a centralidade desta unidade curricular que cria uma base para uma identidade escolar e formativa. Esta unidade curricular assume o centro das propostas pedagógicas, e os outros saberes científicos que o atravessam é que vão sendo atualizados, provocando uma renovação central. Embora todas as mudanças e alterações, discussões pedagógicas e disciplinares, a questão do ensino da arquitetura através de Projeto sempre se manteve como certa e inquestionável.

Na verdade pode-se considerar esta disciplina como uma descendente direta da Arquitetura, que recebe como legado esta capacidade de confluência e síntese.

“Movendo-se num campo complexo que convoca o conhecimento implícito, a experiência pessoal, a consciência crítica, a reflexão-a-acção, ou a síntese operativa, o Projecto de Arquitectura é uma disciplina de síntese que se socorre tanto das ciências sociais, como das artes e humanidades, ou das ciências e tecnologias, para construir um argumento narrativo transformador.” (Providência e Moniz, 2013, pág. 11)

A interdisciplinaridade tem de criar uma harmonia para um arquiteto permanecer generalista. Se a colaboração exterior se acentuar pode difundir os limites da arquitetura e a especializar o arquiteto, que no limite irá começar a saber mais de outra coisa que deixa de ser já arquitetura. Com uma especialização exagerada um arquiteto deixa de existir.

Deste modo, é necessário continuarmos a ser “arquitectos especialistas em não-especialização”, conceito de Álvaro Siza citado por Kenneth Frampton (1999):

“We developed the idea that the architect is a specialist in nonspecialization. Building involves so many elements, so many techniques, and such different kind of problems, that it is impossible to command all the requisite knowledge. What is required is an ability to interrelate diverse elements and disciplines. Because architects have a broad overview and are not constrained by concrete knowledge, they are able to connect various factors and maintain the synthesizing capacity of non-specialization. (...)”.

Que relações internas existem a nível horizontal e quais estão afincadas á disciplina de projeto serão inquiridas, tendo sempre presente que estas articulações podem estar assumidas ou não e que em segundo plano acontecem outras tantas, sempre com consciência das diversas escalas de interdisciplinaridade.

A articulação destas matérias cria uma corrente de saberes transversal que completa o ensino. Se não houver este pensamento de ligação de disciplinas poderá diluir-se e isolar-se conhecimentos que potencialmente originam uma lacuna na formação do futuro arquiteto. A interdisciplinaridade pode e deve ser uma variável pensada na pedagogia.

“Problematizar a centralidade do projeto no *curriculum*, identificar a respetiva interação com a teoria e a história e questionar a introdução de outros campos numa perspectiva interdisciplinar, são questões pertinentes no passado e no presente das escolas de arquitectura” (Gil, 2005, p.34)

As pontes e ligações a outras áreas vão assumindo presença ao longo do curso, sendo que através de uma visão genérica, no grau de Mestrado já é permitido ao aluno escolher o seu próprio caminho e disciplinas opcionais, transmitindo a interdisciplinaridade de uma forma mais direta, enquanto a Licenciatura permanece num bloco muito mais definido, no qual é ensinado o que se considera a base de conhecimento para um arquiteto generalista.



Embora se apresente esta colaboração entre disciplinas, aqui apresenta-se através de interações pontuais de indivíduos ou através dos professores.

Muitas das vezes e permanentemente os professores personificam estas pontes e ligações, e transmitem esta preocupação de recolher conhecimento a outra área de maneira a completar o exercício de projeto.

As inúmeras experiências podem ser temporalmente variáveis, de momentâneas a anuais e podem ocorrer a partir de convites a outros docentes do mesmo curso, da mesma instituição, da mesma universidade ou exteriores ao ensino. Existe a possibilidade de serem feitas dentro da sala da disciplina, ou acontecer com abertura à comunidade escolar. Num certo momento, os cursos que se encontram no mesmo departamento podem-se cruzar e culminar, ou até mesmo criar uma conexão com outra instituição de outra área de saber.

Os docentes e alunos podem reagir assim como uma rede que se apresenta sobreposta às diversas áreas de conhecimento que cria uma ligação continua a transversal entre elas. Nasce uma malha de conhecimento que faz fluir o ensino da arquitetura, que o une como um todo.

Mas esta rede de informação complementa-se quando trabalhada em conjunto com outra escala, a do prolongamento da escola. As plataformas que aumentam o campus, isto é, tudo que publicita a escola, também afeta e transforma a formação do futuro arquiteto. Os eventos e publicações são também um prolongamento da instituição, também eles a completam.

“(…) Outros acontecimentos potencializam a vivência da escola enquanto organismo. Actividades estruturais não impostas, mas opcionais, apoiam e sustentam o conhecimento distribuído pelas disciplinas; fazem mover a escola. A identidade da escola de arquitectura também se exprime fora da sala de projecto ou da sala de aula. Falo das conferências, das publicações, das exposições, dos *workshops*, das conversas, dos convívios, das *intranets*, da escola *on-line*.” (Gil, 2005, p.91)

Os eventos organizados pela instituição ou exteriores a esta mas que são promovidos pela mesma, são também instrumentos que influenciam o exercício de projeto, sendo que afetam e movem a camada dos indivíduos por completo - alunos e professores.

As conferências, *workshops* e exposições sobre outras áreas de saber que se relacionam com a arquitetura demonstram a abertura que a própria instituição tem à interdisciplinaridade, e as publicações relacionadas com outros núcleos de conhecimento assumem esta mesma colaboração, sendo pertinente a análise desta forma de contacto.

Os instantes de discussão e espírito crítico, sejam eles falados ou escritos, despoletam interesses novos em professores e alunos que posteriormente se poderão encontrar em Projeto. Esta disciplina é um ponto essencial do currículo de uma escola e no ensino em geral. É onde o cruzamento de informação exterior e vivências se sintetizam e completam o percurso de formação, constroem o futuro arquiteto.

Ocorre uma ligação interdependente destas escalas, que juntas e em harmonia fazem nascer uma identidade pedagógica.



## 2.1 OFERTA PEDAGÓGICA E PLANO DE ESTUDOS

*A escola constitui-se, neste contexto, como o local privilegiado para o impulsionar da visão crítica, de contraposição e do desejo de transformação da prática disciplinar. A escola é também o centro de reverberação dos impulsos arquitectónicos que se desenvolvem na prática da profissão, assimilando-os e transformando-os em metodologias de aprendizagem que sujeitas ao seu crivo crítico, retornam como veículos de transformação à actividade profissional, renovando-se constantemente. (Almeida, 2013, p.137)*

Com o objetivo de analisar estas diversas escalas de interdisciplinaridade, pretende-se como primeiro ponto do percurso, a oferta pedagógica da escola. Este ponto, ou esta escala, situa-se numa visão mais alargada, ou como refere Gonçalo Byrne, “a ponta do iceberg”, que se apresenta sem rodeios ao mundo exterior. O currículo ou a oferta pedagógica, constituída seguidamente pelos planos de estudos, demonstram o tipo de arquiteto que a escola pretende moldar, a intenção do ensino.

“A matriz e a identidade de uma escola dependem do plano de estudos. O curriculum é delineador do progresso de aprendizagem de uma geração ao longo de um ciclo. Funciona como uma estrutura pedagógica da escola cujos conteúdos disciplinares formam a identidade do futuro arquiteto.(...) A estratégia e a intenção para uma escola revê-se na cumplicidade entre o curriculum e programa.” (Gil, 2005, pág.33)

O Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, o DARQ, possui uma oferta pedagógica construída por cinco cursos que atravessam graus diferentes de formação. No âmbito da Arquitetura encontram-se dois mestrados: o Mestrado Integrado em Arquitetura, o foco de análise, e recentemente o MRUI - Mestrado em Reabilitação Urbana Integrada, que se irá iniciar no ano letivo 2018/2019. Esta oferta está estruturada em 3 semestres letivos constituídos por 30 créditos cada um. Os dois primeiros semestres possuem uma base de quatro unidades curriculares obrigatórias, sendo que os créditos sobrantes são opcionais e estes diminuem do primeiro para o segundo período semestral (12 no primeiro, 6 no segundo). Estas podem “(...) ser escolhidas a partir da oferta disponibilizada pela coordenação atempadamente em cada edição do curso ou a partir de todo o universo de unidades curriculares da oferta formativa existente na Universidade de Coimbra, sujeitas à aprovação da coordenação” (Gonçalves & Relvão & Bettencourt, 2018, p.3). Este percurso culmina num terceiro semestre que se baseia numa prova de dissertação, e que é a única peça e o centro deste período letivo.

O foco deste Mestrado baseia-se na reabilitação urbana com o objetivo de controlar e dissolver os agentes desagregadores por forma a criar um urbano integrado. Assume-se desde logo, em primeiro plano, a necessidade de recorrer a saberes complementares para poder encontrar esta integração plena. É notória a preocupação com a interdisciplinaridade na origem desta oferta educativa, encontrando assim um plano de estudos que “(...) assenta na conjugação de múltiplos saberes - com uma perspectiva interdisciplinar - das áreas de urbanismo, arquitetura, economia, sociologia, direito administrativo, geografia e história, para criar uma oferta formativa que dote o estudante de conhecimentos teóricos e práticos avançados (...)” (Gonçalves & Relvão & Bettencourt, 2018, p.3)

| 1.º ANO<br>1ST YEAR   | 2.º ANO<br>2ND YEAR                                      | 3.º ANO<br>3RD YEAR  | 4.º ANO<br>4TH YEAR   | 5.º ANO<br>5TH YEAR   |
|---|--|--|---|---|
| 1.º SEM. 1ST SEM.<br>2.º SEM. 2ND SEM.                                | 1.º SEM. 1ST SEM.<br>2.º SEM. 2ND SEM.                   | 1.º SEM. 1ST SEM.<br>2.º SEM. 2ND SEM.                         | 1.º SEM. 1ST SEM.<br>2.º SEM. 2ND SEM.  | 1.º SEM. 1ST SEM.<br>2.º SEM. 2ND SEM.  |
| Projeto I<br>Architectural Design I                                   | Projeto II<br>Architectural Design II                    | Projeto III<br>Architectural Design III                        | Atelier de Projeto I<br>(4 temas — A a D)<br>Design Studio I<br>(4 themes — A to D) | Atelier de Projeto II<br>(4 temas — A a D)<br>Design Studio II<br>(4 themes — A to D)   |
| Construção I<br>Construction I  | Construção III<br>Construction III                       | Construção V<br>Construction V                                 | Hist.da Arq. Portuguesa I<br>Hist. of Portuguese Arch. I                            | Seminário de Investigação<br>Research Seminar   |
| Construção II<br>Construction II                                      | Construção IV<br>Construction IV                         | Construção VI<br>Construction VI                               | Hist.da Arq. Portuguesa II<br>Hist. of Portuguese Arch. II                          | Laboratório de Projeto / Laboratório de Teoria<br>Design Laboratory / Theory Laboratory |
| Intro. à Arq. e à Cidade I<br>Intro. to the Arch. and to the City I   | História da Arquitetura I<br>History of Architecture I   | História da Arquitetura III<br>History of Architecture III     | Urbanística<br>Urbanistics  | Opcional I (CT)<br>Optional I (CT)  |
| Intro. à Arq. e à Cidade II<br>Intro. to the Arch. and to the City II | História da Arquitetura II<br>History of Architecture II | História da Arquitetura IV<br>History of Architecture IV       | Urbanização<br>Urbanization   | Opcional III (CT)<br>Optional III (CT)  |
| Geometria<br>Geometry   | Teoria da Arquitetura I<br>Theory of Architecture I      | Teoria da Arquitetura III<br>Theory of Architecture III        | Opcional I (U)<br>Optional I (U)  | Opcional V<br>Optional V  |
| Desenho I<br>Drawing I  | Desenho II<br>Drawing II                                 | Arq. e Projeto Digital I<br>Architecture and Digital Project I | Arq. e Projeto Digital II<br>Architecture and Digital Project II                    | Opcional IV (CSH)<br>Optional IV (CSH)  |
|   |  |  |   |   |
|   |  |  |   |   |
|   |  |  |   |   |
|   |  |  |   |   |

Fig.16 - Estrutura do Mestrado em Arquitetura

Este Mestrado demonstra por si mesmo, e assume a necessidade de saberes exteriores para completar o seu plano de estudos.

Recentemente, o Mestrado em Arquitectura, Paisagem e Arqueologia - *Master Programme in Architecture, Landscape and Archaeology*, também mantém esta linha de cruzamento de saber mas que funde 4 contextos arqueológicos distintos: Roma, Atenas, Coimbra e Nápoles, partindo também pela iniciativa *Erasmus+*. É mais um momento do segundo grau de formação que permite e assume uma interdisciplinaridade que propõe a síntese de um conhecimento entre 3 temas em conjunto com a experiência e visão adquirida que a riqueza destes contextos geográficos e arqueológicos têm para oferecer.

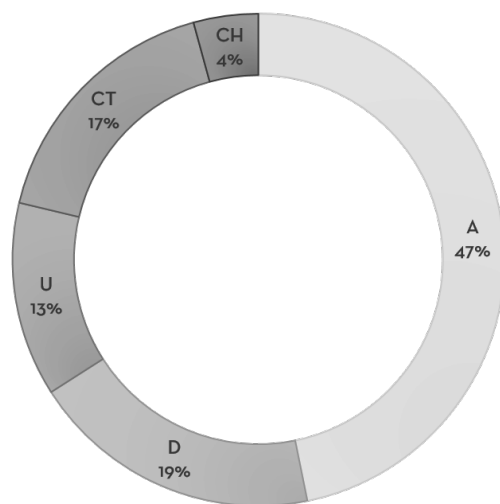
A um grau pedagógico superior, o Departamento de Arquitectura oferece um Doutoramento em Cultura Urbana e Arquitectónica, conhecido como Coimbra Studio, que possui “um leque assaz diversificado de frentes do conhecimento em arquitetura, destacando-se as que se depreendem dos três principais seminários: Cultura e Projeto de Cidade; Estudos Culturais e Arquitectura; e Teoria e História da Arquitectura e do Urbanismo.” (Banderinha, 2019).

Embora o centro desta dissertação seja a formação do pré-arquiteto, e o Doutoramento seja já uma investigação mais consciente, é sempre imprescindível referir este grau que a escola oferece e que é de elevado reconhecimento.

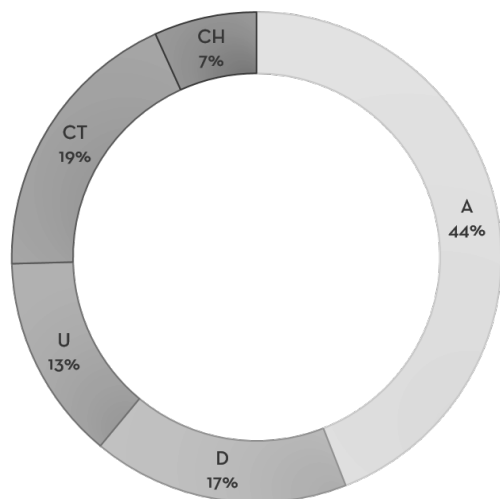
As outras propostas existem a partir de uma colaboração com o Departamento de Engenharia Informática, disponibilizando assim uma Licenciatura e um Mestrado em Design e Multimédia, que partilhando do mesmo espaço e de algumas disciplinas, potencializam a troca de saberes e experiências. Embora exista este potencial de ponto de encontro entre estes cursos e a restante oferta, estes quase nunca se tocam, impossibilitando o que poderia ser um complemento para a formação.

O Mestrado Integrado em Arquitectura, que é oferecido pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, consiste em cinco anos de formação divididos por dois níveis de aprendizagem. O primeiro ciclo - Licenciatura em Arte Edificatória e o segundo ciclo - Mestrado, neste caso fundem-se por forma a culminar numa formação arquitectónica que se considera completa.

A escolha da oferta pedagógica e do plano de estudos para esta primeira escala, advém de estar ser a imagem mais direta e mais exterior do que a escola tem para oferecer. As áreas nucleares, divididas de forma abrangente, aceitam e agrupam as unidades curriculares, demonstrando a intenção da instituição e a sua própria visão da arquitetura. Tanto estas áreas como as unidades curriculares presentes no plano de estudos, assumem diretamente as ligações existentes com o conhecimento exterior. Ao longo de todo o texto, é referido unidades curriculares e disciplinas e embora exista uma diferença circunstancial entre elas, elas são colocadas com o mesmo significado: uma unidade curricular que é da responsabilidade de um ou mais docentes. Consciente desta diferenciação significativa uma disciplina, no significado mais próprio, é uma área de conhecimento mais abrangente que embora possa ser uma unidade curricular, normalmente esta é uma parte da disciplina. Ao mesmo tempo existem momentos em que esta diferença entre termos se torna ténue, dificultando a escolha dos conceitos.



2014/2015



2017/2018

Fig.17- Presença das áreas científicas no plano de estudos  
 A- Arquitetura; D- Desenho; U- Urbanismo; CT - Construção e Tecnologia; CH -  
 Ciências Sociais e Humanas



Em vigor desde o ano letivo 2015/2016, o presente plano de estudos do curso de arquitetura do departamento, divide-se em áreas científicas, cuja área principal que recolhe e alberga a maioria dos nomes da docência e unidades curriculares é a Arquitetura, estando este núcleo rodeado de quatro áreas interdisciplinares - o Desenho, a Construção e Tecnologia, o Urbanismo e as Ciências Sociais e Humanas.

Considera-se a Construção, o Desenho e o Urbanismo como mais intimamente ligadas à Arquitetura e as Ciências Sociais e Humanas como a mais exterior, sendo até um núcleo que só aparece em grau de Mestrado.

Estas temáticas inserem e recolhem as diversas disciplinas. A Arquitetura alberga as cadeiras de Projeto, História e Teoria; o Desenho e Construção e Tecnologia as disciplinas homónimas e o Urbanismo: a Urbanística, a Urbanização, Atelier de Projeto ID assim como Atelier de Projeto IID e o consequente Laboratório de Projeto ID.

As Ciências Sociais e Humanas acabam por ser um pólo de largo espectro, quase que acolhe as disciplinas que não se conseguem inserir nos restantes núcleos. É a área com mais abertura e disposta a recolher mais ligações com o mundo exterior e aceita o conhecimento que se acredita ser importante para completar a formação de um arquiteto, embora seja constituído por disciplinas opcionais.

Pode-se concluir que existe então um grande centro - a Arquitetura, que se rodeia do Desenho, Construção, Urbanismo e Ciências Sociais e Humanas. A Arquitetura é um ponto que interliga e une todas estas áreas de forma a completar a formação de um arquiteto. Torna-se pertinente analisar a quantidade de ligações assumidas e não assumidas entre as disciplinas e perceber se estas funcionam e completam este sistema.

Na verdade, a ligação e estrutura vertical dentro da mesma disciplina é notória, pelo menos no primeiro grau de formação. Na licenciatura as disciplinas mantêm uma continuidade ao longo dos anos, como é o caso de Projeto, Teoria, História e Desenho. Existem sempre estas disciplinas ao longo dos três anos da Licenciatura, e a crescente numeração romana de cada nome indica esta continuidade. Projeto, Teoria, História e o Desenho criam assim linhas individuais de conhecimento que percorrem o primeiro nível de formação. Estas são os exemplos maiores da transversalidade do conhecimento ao longo deste ciclo de ensino.

Embora assumidamente isto decorra desta forma, é de máxima importância perceber como é que estas linhas se podem entrançar e quais são os possíveis agentes responsáveis pelo seu cruzamento, que neste caso se pressupõe que sejam os indivíduos (professores e alunos) de forma a completar o exercício de projeto. A este nível, a recolha de conhecimentos acontece de forma menos direta, mas decorre da partilha de experiências e pensamentos entre estas personagens.

Resumidamente, embora o plano de estudos seja pensado enquanto uma mistura de saberes essenciais para os diversos anos de forma a criar bases de conhecimento, na Licenciatura os núcleos e disciplinas isolam-se. Ou então quando se tocam levemente será mais pela propagação de saber dos próprios alunos, do que por uma colaboração assumida entre professores e/ou disciplinas, embora ocorram exceções com a disciplina de projeto, que serão indicadas no próximo subcapítulo sobre o ensino do mesmo.

#### Nº DE DISCIPLINAS POR ÁREA CIENTÍFICA

|                          | Ano Letivo 2014/2015 | Ano Letivo 2017/2018 |
|--------------------------|----------------------|----------------------|
| Arquitetura              | 22                   | 26                   |
| Desenho                  | 9                    | 10                   |
| Urbanismo                | 6                    | 8                    |
| Construção e Tecnologia  | 8                    | 11                   |
| Ciências Sociais Humanas | 2                    | 4                    |
| Total                    | 47                   | 59                   |

Fig.18 - Número de disciplinas por área científica

Em contrapartida, no grau de Mestrado esta continuidade perde-se, sendo substituída por uma liberdade de escolher o próprio caminho por parte do aluno, embora sejam indicadas as áreas disciplinares que devem ser escolhidas para concretizar o número de créditos necessários. Mas contrabalançando acontece uma colaboração mais clara, especialmente nas disciplinas recomendadas pelo próprio professor de Atelier de Projeto, que transmitem de forma direta as unidades curriculares a frequentar, ou seja, as pontes e ligações necessárias para completar uma formação arquitetónica.

Neste grau, a disciplina de Projeto deixa de ser uma disciplina que agrega todo um ano num só tema, mas que o separa em turmas com temáticas diferentes. Existe uma aproximação ao sistema por unidades, em que cada tutor da disciplina explicita uma pedagogia própria.

Desde logo, a disciplina está impregnada com a própria visão do professor, constituindo um exemplo claro de que se pode juntar a interdisciplinaridade individual e curricular ao mesmo tempo.

Esta linha permanece até ao final do curso, melhor dizendo, continua a existir até ao 5º Ano. A divisão por temas permanece, assim como as disciplinas opcionais indicadas por cada tutor.

Este desdobramento da disciplina de Projeto em Atelier de Projeto, com temáticas próprias, pertence a um conjunto de mudanças que decorreram da mudança de plano de estudos que decorreu na transição do ano letivo 2014/2015 para 2015/2016.

As alterações foram significativas mas fortaleceram uma definição necessária no grau de Licenciatura, deixando a abertura a novos caminhos para o segundo nível de formação.

O número de disciplinas associadas às áreas científicas aumentou (visto que o número de disciplinas na totalidades também se desenvolveu) tendo ocorrido uma distribuição proporcional por todos os temas. É de notar que este aumento decorreu também do referido anteriormente, a divisão de Projeto IV e V em ateliers, e sucessivamente os Laboratórios de Projeto (para concretizar uma dissertação prática de Mestrado).

O núcleo de Ciências Humanas e Sociais observa um crescimento de 50%, em que duas disciplinas passam a quatro. Em 2014/2015, a Antropologia do Espaço constituía uma cadeira obrigatória no final do primeiro ciclo (3º Ano) e a História e Estética do Cinema como uma opcional. Em 2017/2018 ocorre então um aumento das propostas disciplinares, em que estas duas se mantêm mas agora partilham o mesmo centro com Arqueologia da Paisagem, Cidade e Território e Ambiente e Organização do Espaço. As Ciências Sociais e Humanas são agora então construídas por opcionais para os alunos de Mestrado, visto que todas estas escolhas se deslocaram para o Segundo Ciclo.

A área de Urbanismo também recebe mais duas disciplinas em 2017/2018, que consistem no Atelier de Projeto IID e a consequente continuidade de investigação do mesmo, o Laboratório de Projeto IID, e no ano letivo de 2018/2019 une-se o Atelier de Projeto ID, no quarto ano de formação.

Até então esta área não tinha presença no último ano de formação, sendo que as restantes opções disciplinares permanecem associadas aos terceiros e quarto anos. Sente-se uma “fuga” das disciplinas exteriores e mais afastadas da arquitetura para o

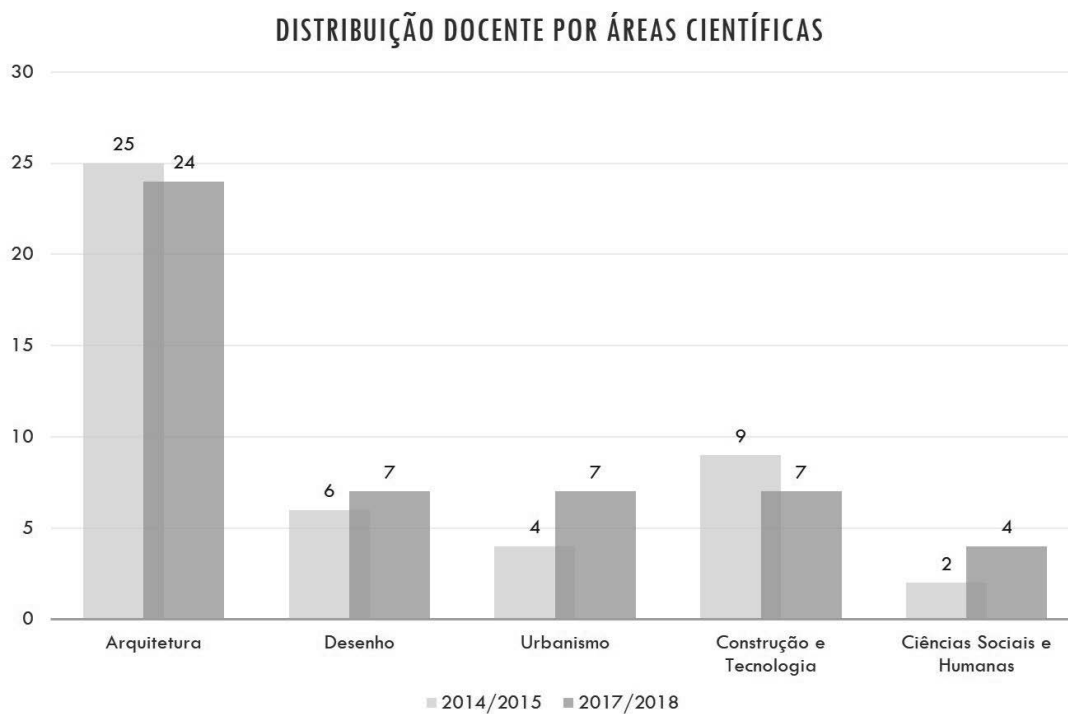


Fig.19 - Distribuição docente por áreas científicas

Mestrado, definindo assim uma Licenciatura consolidada pela Arquitetura, Desenho e Construção e Tecnologia (na sua maioria), enquanto no Segundo Ciclo se assume a continuidade destas mas com a presença do Urbanismo e das Ciências Sociais e Humanas. Mais uma vez, estas mudanças vão ao encontro da vontade de definir uma licenciatura como um tronco, uma base de aprendizagem que no mestrado se permite a afinar e a definir consoante a vontade e as preocupações do próprio aluno em relação ao mundo arquitetónico, ou até por influência dos próprios professores.

Ocorre assim um crescimento de opcionais em relação ao ano letivo de 2014/2015. Esta definição da Licenciatura tem como consequência este dobro de disciplinas optativas, que passam de oito para dezasseis. Acontece que todas as áreas, excetuando a Arquitetura e o Desenho, ganharam disciplinas e um corpo de opções mais numeroso.

É agora possível escolher duas opcionais ligadas ao Urbanismo, o que anteriormente não era possível. As áreas das Ciências Sociais e Humanas e de Construção e Tecnologia recolheram um crescimento exponencial em que uma disciplina agora se transforma e é substituída por quatro e cinco escolhas, respetivamente.

Acontece que também existe uma perda de escolha, pese embora o aumento de opcionais. Se a disciplina deixa de ser obrigatória e passa a opcional, mas o número de opcionais que se tem de escolher permanece igual, teremos de perder uma opção de escolha para acabar por ter uma disciplina que outrora era obrigatória.

Mas apesar deste pormenor, este aumento disciplinar nas áreas científicas exteriores à Arquitetura, acaba por fundamentar a presente abertura à interdisciplinaridade, assim como transmite a vontade da própria escola em se apoiar neste tipo de conhecimento para completar o ensino do arquiteto (especialmente no segundo nível de formação) e consequentemente o exercício de projeto.

O corpo docente, embora se distribua por todos estes núcleos propostos, recolhe sempre à Arquitetura, ou seja, embora estejam responsáveis por uma disciplina de outra área estão simultaneamente responsáveis por outra da área da Arquitetura.

Este resultado talvez seja uma consequência de uma característica já apresentada anteriormente. Somos um curso composto por um corpo docente que na sua maioria exerce Arquitetura na sua prática e que possui uma ligação forte com o campo profissional. Na verdade, é impensável criar um curso de arquitetura em que a maioria dos professores assim não seja. É necessário uma visão e aproximação à profissão que deve ser transmitida aos alunos, e que deve co-habitar com os restantes conhecimentos de forma a completar esta mesma visão.

.A maioria dos docentes que dão aulas relacionadas com este núcleo da Arquitetura, acabam ao mesmo tempo por estar responsáveis por outras de outros núcleos. Esta partilha de áreas acaba por criar um sistema de conhecimentos que começa desde logo ao nível dos professores apesar das colaborações entre disciplinas não estarem desde logo assumidas. Esta característica pertence mais precisamente aos professores de Projeto indo assim ao encontro da ideia da disciplina de Projeto enquanto culminar do conhecimento adquirido. As grandes exceções são na área de desenho, cujos professores permanecem neste polo, assim como nas opções livres (ligadas às ciências sociais). É de notar que é nestes mesmos

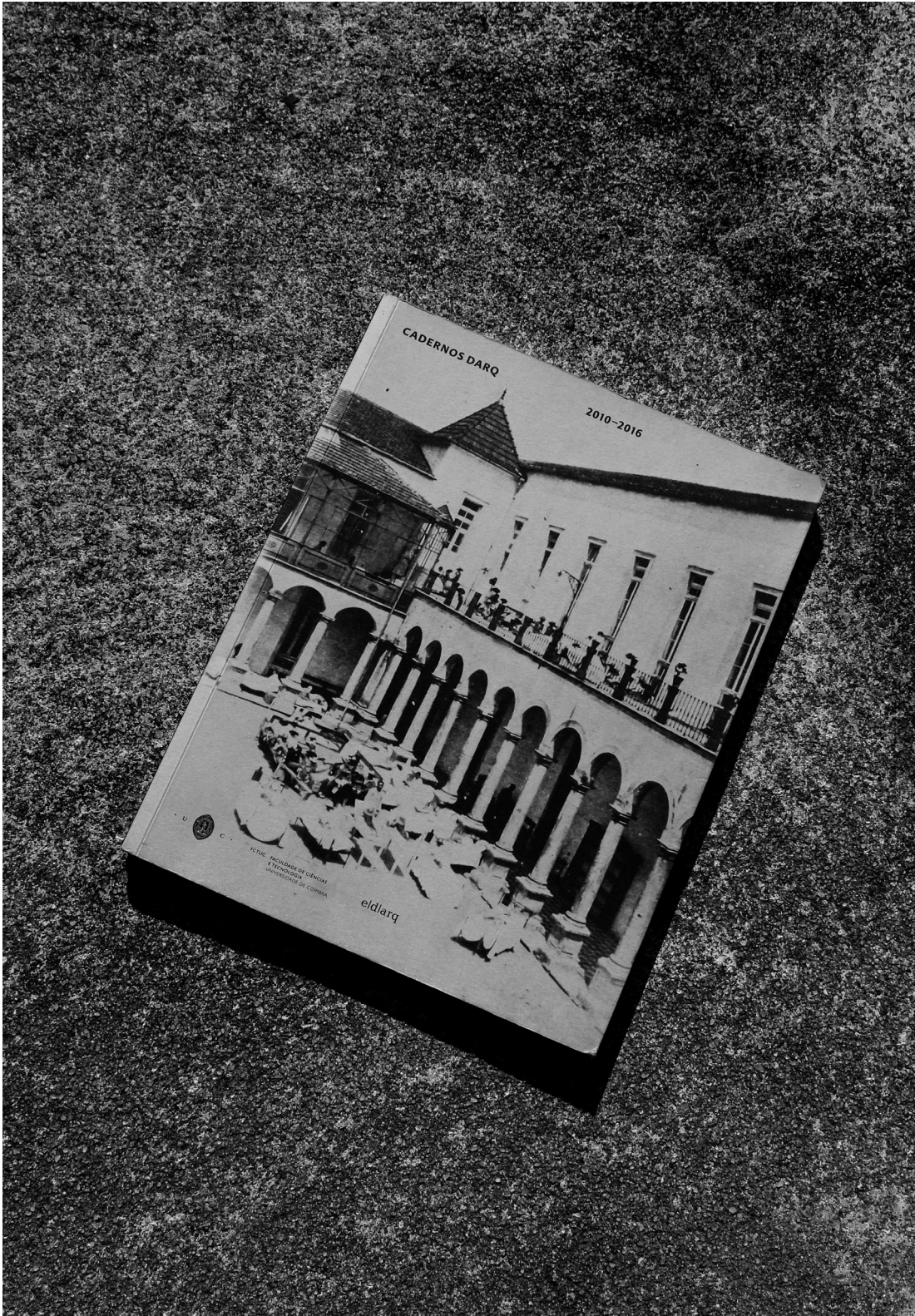


Fig.20 - Capa dos Cadernos DARQ

ESBATER FRONTEIRAS

núcleos que se encontra uma grande percentagem de professores não-arquitetos nas que dão aulas neste departamento.

Alguns casos de exceção são António Bettencourt que atravessa o curso todo, ao longo dos diversos graus de formação, sempre pertencendo à Construção e Tecnologia, e António Olaio que está responsável por Desenho II, Desenho III e Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea, disciplina que aparece também no plano de estudos do curso de Design e Multimédia. Por ser uma disciplina que nasce de uma colaboração D'arq/DEI (Departamento de Engenharia Informática), este professor também se torna um caso a estudar em relação à temática da interdisciplinaridade.

Como já dito anteriormente, os professores podem ser então responsáveis pela criação de uma rede de conhecimento que interligue as disciplinas. As relações podem ser momentâneas mas dentro do plano de estudos algumas são diretamente assumidas, originando parcerias, ou então as competências e objetivos das unidades curriculares podem ser ditadas de forma a completar outras.

Usando o anuário do Departamento de Arquitetura, criado em 2018, os *Cadernos DARQ*, recolhe a informação sobre as unidades curriculares no período entre 2010-2016 é possível, através da leitura dos textos, perceber como as disciplinas se relacionam e se assumem essa mesma ligação.

Dentro das unidades curriculares que pertencem ao primeiro ciclo, apenas a Construção V e VI apresentam uma ponte direta com Projeto III, e estas três unidades trabalham em conjunto com o foco do mesmo exercício de projeto. As restantes que pertencem à Licenciatura acabam por referir a sua importância ao criar conhecimentos essenciais para completar a prática projetual, ou que apoiam o desenvolvimento da própria unidade curricular em conteúdos interdisciplinares.

A Introdução à Arquitectura e à Cidade I expõe que “ As aulas práticas asseguram uma ponte privilegiada entre a dimensão teórica da aquisição de modelos e a motivação para a prática que as unidades mais oficinais, de Projeto e Desenho, consagram.” (Bandeirinha & Lobo, 2018a, p.46), e a sua continuação para o segundo semestre do mesmo ano, Introdução à Arquitetura e à Cidade II que se trata “do ponto inicial de um processo de longa duração, através do qual os estudantes adquirem um conhecimento adequado da história e das teorias da arquitetura, bem como das artes, tecnologias e ciências humanas conexas.” (Bandeirinha & Lobo, 2018b, p.50), representam este potencial de cruzamento entre projeto e outras áreas de saber para além deste. São duas unidades curriculares que podem ser vistas como um centro de informação que recebe e distribui conhecimentos com o objetivo de completar o exercício projetual a vários níveis.

São muitas as unidades curriculares que pretendem lecionar conhecimentos para completar o exercício de projeto, expondo a posição central que este assume na disciplina. A Geometria e o Desenho também se encontram nesse grupo de instrumentos que apoiam a disciplina de Projeto.

A Geometria “ visa aprofundar o domínio dos vários sistemas de representação, com especial ênfase na concepção/domínio do espaço e na representação/qualidade do projeto.” (Murtinho & Soares & Pais, 2018, p.42) , assim como o Desenho I e a sua continuação no segundo ano, Desenho II que “A circunstância de ser uma disciplina de desenho no âmbito

| Disciplinas   | Área Científica                              | Professores  |
|---|--|--|
| 1 Introdução à Arquitetura e à Cidade I<br>1 Introdução à Arquitetura e à Cidade II<br>1 Projeto I<br>2 História da Arquitetura I<br>2 Teoria da Arquitetura I<br>2 História da Arquitetura II<br>2 Teoria da Arquitetura II<br>2 Projeto II<br>3 História da Arquitetura III<br>3 Teoria da Arquitetura III<br>3 História da Arquitetura IV<br>3 Projeto III<br>4 História da Arquitetura Portuguesa I<br>4 História da Arquitetura Portuguesa II<br>4 Atelier Projeto I A<br>4 Atelier Projeto I B<br>4 Atelier Projeto I C<br>4 Organização do Projeto e Prática Profissional<br>5 Atelier Projeto II A<br>5 Atelier Projeto II B<br>5 Atelier Projeto II C<br>5 Seminário de Investigação<br>5 Laboratório de Projeto 1A<br>5 Laboratório de Projeto 1B<br>5 Laboratório de Projeto 1C<br>5 Laboratório de Teoria | <b>A<br/>Arquitetura<br/>(1º e 2º Ciclo)</b> | Adelino Gonçalves<br>António Lousa<br>Desirée Pedro<br>Armando Rabaça<br>Bruno Gil<br>Carlos Antunes<br>Carlos Martins<br>Carolina Coelho<br>Catarina Fortuna<br>Goçalo Canto Moniz<br>João Mendes Ribeiro<br>João Paulo Providência<br>João Paulo Cardielos<br>Joaquim de Almeida<br>José António Bandeirinha<br>José Fernando Gonçalves<br>Luís Miguel Correia<br>Margarida Relvão<br>Nuno Correia<br>Pedro Brígida<br>Pedro Maurício Borges<br>Rui Aristides Lebre<br>Rui Lobo<br>Susana Lobo |

|  |  |   |
|--|--|---|
| 4 Arqueologia da Paisagem, Cidade e Território<br>4 História e Estética do Cinema<br>4 Ambiente e Organização do Espaço<br>4 Antropologia, Cultura e | <b>CSH<br/>Ciências Sociais e Humanas<br/>(2º Ciclo)</b> | João Paulo Cardielos<br>Sandra Xavier<br>Sérgio Branco<br>Maria Conceição Lopes |
|--|--|---|

|   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|
| Adelino Gonçalves<br>António Rochette<br>Carlos Martins<br>Margarida Relvão<br>Rui Aristides Lebre<br>Walter Rossa  | <b>U<br/>Urbanismo<br/>(1º e 2º Ciclo)</b>                | 1 Desenho I<br>1 Geometria<br>2 Desenho II<br>2 Arquitetura e Projeto Digital I<br>3 Arquitetura e Projeto Digital II<br>3 Desenho III<br>4 Fotografia e Composição<br>4 Arquiteturas Virtuais<br>4 Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea<br>4 Expressão Plástica e Multimédia   | <b>D<br/>Desenho<br/>(1º e 2º Ciclo)</b>                  | Adriana Sá<br>António Olaio<br>Daniel Soares<br>José Maças de Carvalho<br>Pedro Pousada<br>Pedro Filipe Carvalho<br>Teresa Pais       |
| 3 Urbanismo<br>4 Suportes Físicos para Arquitetura e Urbanismo<br>4 Urbanística<br>4 Urbanização<br>4 Atelier Projeto I D<br>4 Urbanismo Arquitetura e Turismo<br>5 Atelier Projeto II D<br>5 Laboratório de Projeto ID | <b>CT<br/>Construção e Tecnologia<br/>(1º e 2º Ciclo)</b> | 1 Construção I<br>1 Construção II<br>2 Construção III<br>2 Construção IV<br>3 Construção V<br>3 Construção VI<br>4 Teorias e Práticas de Reconstrução<br>4 Construção do Edificado _ Condições para a Prática Projetual e Construtiva II<br>4 Construção do Edificado-Condições para a Prática Projetual e Construtiva I<br>4 Construção e Tecnologia<br>4 Materiais Geológicos e Arquitetura | <b>CT<br/>Construção e Tecnologia<br/>(1º e 2º Ciclo)</b> | António Bettencourt<br>Desirée Pedro<br>Catarina Fortuna<br>Diogo Mateus<br>Jorge Carvalho<br>Luís Miguel Correia<br>Nelson Rodrigues |

Fig.21 - Unidades curriculares do Plano de Estudos de 2018/2019 e distribuição da docência pelas áreas científicas

As Tabelas centrais são consideradas o tronco do plano de estudos e as rodadas as que incluem as unidades curriculares mais exteriores.



de um curso de arquitetura e não de artes visuais, poder-lhe-á conferir uma maior clareza de propósitos, no sentido de não encarar o desenho ou os desenhos enquanto imagens, ou fins em si, mas sim enquanto instrumentos de projeto, o que não será mais do que a própria definição de desenho.” (Olaio & Pousada, 2018 a, p.56)

Nas unidades curriculares presentes no terceiro ano de formação e na primeira parte do percurso em que se apresenta uma disciplina que pertence à área nuclear de Urbanismo, esta unidade curricular com o mesmo nome também acrescenta conhecimento relacionando Projeto e Desenho.

“A disciplina de Urbanismo tem como objetivo dotar os alunos de um quadro de referências e de conteúdos mobilizáveis para o projeto e, em simultâneo, desenvolver as capacidades de análise e de interpretação da forma urbana pela utilização das ferramentas de desenho.” (Martins & Coelho, 2018, p.90)

Embora no segundo ano de formação, nos Cadernos DARQ nenhuma das unidades curriculares presentes no plano assumam uma relação mais direta com o central Projeto, é indiscutível que continuam a existir instrumentos para a complementação do mesmo, como é o caso da Arquitetura e Projeto Digital I que prossegue para o terceiro ano de formação como Arquitetura e Projeto Digital II. Este primeiro contacto com o desenho e representação é uma mais-valia de conhecimento adquirido para as competências exigidas pelo exercício projetual a partir do terceiro ano. Nas restantes, embora não exista um elo notório, os próprios alunos podem criar essa mesma conexão, possuem total liberdade para adquirir saberes em todas as outras unidades curriculares propostas e transpô-las para o exercício de Projeto.

Embora esta aparente falta de relação das disciplinas do segundo degrau do curso com a peça central do seu plano de estudos, o projeto, existem referências ao cruzamento com outras áreas dentro das unidades curriculares que devem ser referidas, por ser este exemplo de interdisciplinaridade que se procura.

A unidade curricular de Teoria da Arquitetura I e a que a segue, a Teoria da Arquitetura II, presentes no segundo ano do percurso formativo, demonstram uma vontade de abertura e ligação com o mundo em redor, não permitindo estudar a Arquitetura como um objeto isolado.

A Teoria da Arquitetura I propõe “ (...) pensar sobre a arquitetura a partir de uma convocação temática, e não histórica, geográfica ou disciplinar, e mostrar como a arquitetura pode estar intimamente ligada aos processos culturais e políticos, prevendo-os ou refletindo-os.” (Figueira & Gil, 2018a, p.62)

A Teoria da Arquitectura II que segue esta mesma linha apresentada anteriormente, torna-se um complemento da sua unidade curricular onde “ (...) é proposto um conjunto “inesperado” de geografias e temas que visam interpelar o núcleo disciplinar da arquitetura mapeando um diálogo com a arte, os processos coloniais e pós-coloniais, e o feminismo.” (Figueira & Gil, 2018b, p.68)

Se no primeiro ciclo de estudos, a Licenciatura, todas estas conexões se apresentam de forma mais tímida e reservada, contrariamente, o Mestrado abre portas e recebe o



conhecimento exterior de forma muito mais flexível. Também nestas explicações das unidades curriculares se nota a diferença entre a Licenciatura e o Mestrado, demonstrando uma maior abertura ao mundo exterior e dilui o isolamento disciplinar.

No segundo nível de formação, o Atelier de Projeto IC apresenta-se como um espaço que pretende articular os conhecimentos de Suportes Físicos para Arquitetura e Urbanismo, da Antropologia, Cultura e Arquitetura e as Teorias e Práticas da Reconstrução. Assim, pretende-se adquirir conhecimento dentro destas áreas, onde serão coordenadas atividades de encontro entre as mesmas.

Construção do Edifício I e II apresenta como objeto de estudo e para desenvolvimento o criado em Atelier de Projeto, assumindo a ligação entre estas três disciplinas. O que mais uma vez apresenta uma ligação direta entre o Projeto e a Construção que já tinha sido visto anteriormente como no terceiro ano de formação.

No último ano de formação, o 5º ano, cada atelier de projeto tem temas próprios que por si, transmitem esta vontade de juntar a arquitetura com o mundo em seu redor, um dos casos a referir é o Atelier de Projeto IIA.

O Atelier de Projeto IIA apresenta como tema o “Território e Paisagem” e assume uma ligação forte a uma das opcionais oferecidas pelo departamento. Embora não esteja referida assumidamente na explicação da unidade curricular, o docente propõe que os alunos integram Arqueologia da Paisagem, Cidade e Território. Também aqui são incentivados encontros entre as duas unidades para completar a visão do exercício de projeto. A maioria das referências de cruzamento das disciplinas é sempre em relação à prática projetual, continuando assim um reforço à ideia de projeto como o centro do ensino neste departamento, embora existem algumas unidades curriculares que se tornam exceção e demonstram uma essência mais interdisciplinar.

Já em 2000, Mário Krüger num artigo na segunda ECDJ demonstra esta fragilidade de interrelações e da dificuldade de comunicação entre as áreas nucleares no plano de estudos em vigor à data:

“Das 15 possíveis relações entre as áreas quando consideradas duas a duas somente se verificam interrelacionamentos curriculares entre três: Arquitectura, Construção e Urbanismo, isto é, somente cerca de 20 % da capacidade para interrelacionar conhecimentos, práticas e saberes ocorre, de alguma forma, no normal funcionamento do ano escolar.” (Krüger, 2000, p.32)

Atualmente, a área de Arquitetura continua a permanecer como tronco vertical, o que perfaz a existência de ligações diretas desta com a área de Construção e Tecnologia, com Ciências Sociais e Humanas e Urbanismo. Dentro das 10 possíveis relações a par, apenas quatro se apresentam e se concretizam definitivamente, o que aumenta a capacidade em 40 % de cruzamento de conhecimentos, 18 anos depois. Estes são apenas cruzamentos diretos, e não pontuais ou esbatidos, e que acontecem precisamente por a área de Arquitetura inserir a disciplina de Projeto.

Na totalidade de possibilidades, criam-se 11 cruzamentos resultantes de áreas nucleares dentro dos 26 totais, o que resulta em 46.15 % da soma de ligações, o que demonstra uma

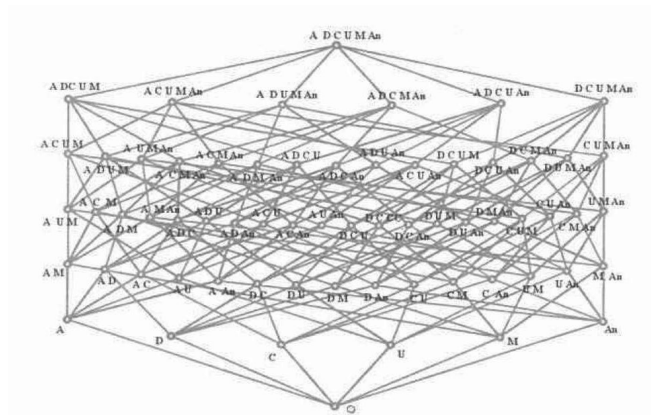


Fig. 1 - Diagrama de interações possíveis entre as seis áreas científicas que compõem o actual Plano de Estudos da Licenciatura. Obs.: A - Arquitectura, D - Desenho, C - Construção, U - Urbanismo, M - Matemática

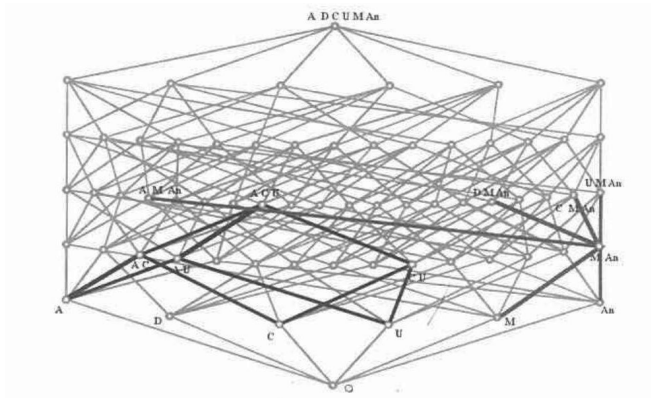


Fig. 2 - Diagrama de interações existentes entre as áreas de Arquitectura (A), Construção (C) e Urbanismo (U) (assinalizadas a azul) e das áreas extra-disciplinares de Matemática (M) e Antropologia (An) (assinalizadas a vermelho).

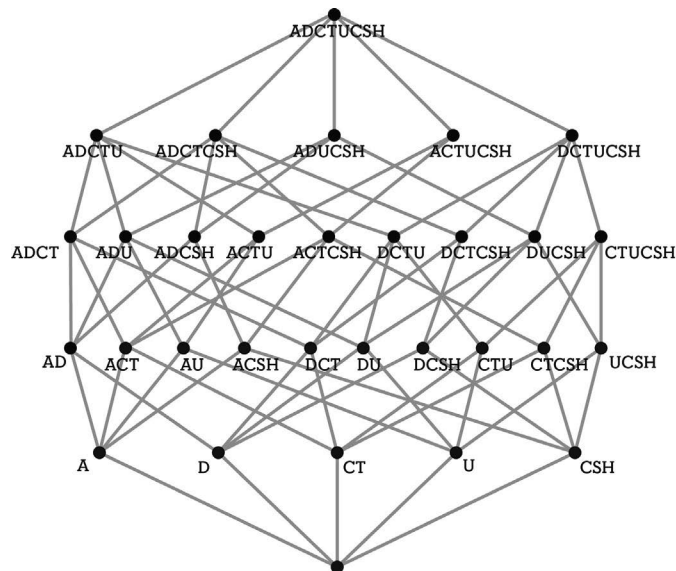


Fig.22 e 23 - Gráficos de relações entre áreas nucleares de Mário Krüger - 2000  
 Fig.24 - Gráfico de relações entre áreas nucleares em 2019

evolução significativa em comparação aos resultados expostos por Mário Krüger em 2000. A área de Desenho constitui um instrumento essencial no desenvolvimento arquitetónico e exercício projetual. Embora não exista uma ligação assumida e aparentemente um contacto direto, é inquestionável o objetivo deste núcleo enquanto contributo para a Arquitetura. Assim, é uma relação que deve ser considerada e que aumenta a capacidade de elos de comunicação no plano de estudos.

Este caminho a par, entre a Arquitetura e o Desenho, acaba por interligar este primeiro núcleo com a totalidade de áreas presentes no plano de estudos.

É considerada a ligação direta entre Projeto e Construção e Tecnologia, como acontece assumidamente entre Projeto III e Construção V e VI e o Desenho como instrumento que interliga e atravessa o curso de Arquitetura, cruzando assim três focos nucleares que representam uma grande parte das relações possíveis.

Seguidamente, o cruzamento dos Ateliers de Projeto (4º e 5º ano) com as opcionais inseridas na área de Urbanismo e de Ciências Sociais e Humanas, perfaz com que aparentemente aconteça uma união completa entre os cinco centros de saber.

Para além destas opcionais serem indicadas pelos próprios professores de cada atelier, o plano de estudos apresenta restrições na escolha de opcionais, impondo que estas pertençam às restantes apresentadas para além da Arquitetura.

No quarto ano do percurso de aprendizagem, o aluno vê-se com uma liberdade de escolha limitada por opcionais que obrigatoriamente estão inseridas no Urbanismo, na Construção e Tecnologia ou nas Ciências Sociais e Humanas.

Ao mesmo tempo, estas imposições fazem com que cada indivíduo recolha saber destas vertentes, abrindo três caminhos de conhecimento que se encontram de seguida no exercício projetual. É uma forma interdisciplinar de formar conhecimento e de abrir a visão perante vários fatores que influenciam simultaneamente o arquiteto.

Aparentemente, o curso de Arquitetura em Coimbra encontra-se num momento em que todos os núcleos gerais que dividem o plano de estudos se cruzam e trabalham de forma coesa, mas a fragilidade já antes mencionada por Mário Krüger permanece. A análise a uma escala menor, a relação entre disciplinas mantém-se como mínima, tal como já apresentada anteriormente através da base dos Cadernos DARQ. No ano de 2018, numa totalidade de 54 disciplinas presentes na oferta, cerca de 19 demonstram esta vontade de completar a disciplina de Projeto ou de inserir conhecimento exterior.

Apesar da evolução presente ao longo destes 18 anos, ainda se torna necessário compactar mais e assumir as ligações entre toda a informação que cada disciplina ou área nuclear tem para oferecer, para criar uma síntese de conhecimento completa. Ao isolar a disciplina de Projeto e se esta for retirada da equação, todas as restantes permanecem sem ter um lugar para se encontrar. Sem este tronco vertical que mantém firme um curso de Arquitetura, Desenho, Urbanismo, Construção e Tecnologia e Ciências Sociais e Humanas deixam de comunicar e desligam-se umas das outras, o que é uma particularidade a repensar.

Simultaneamente, a organização do curso de Arquitetura em Coimbra pode ser visto como a de um Atelier profissional. Com o objetivo principal de trabalhar para a resolução de um projeto, é preciso o apoio de outras áreas para solucionar e apresentar a melhor resposta



ao problema arquitetónico apresentado. No Darq, em Coimbra, o mesmo se revela. Projeto assume a sua necessária presença no plano de estudos como uma fundação que mantém firme o plano de estudos e as disciplinas em seu redor encontram-se nele e complementam o seu exercício.

Projeto torna-se um ponto de cruzamento de saberes que se apresentam ao seu redor, torna-se o principal lugar de interdisciplinaridade dentro do percurso formativo arquitetónico.





## 2.2 O ENSINO DE PROJETO

*Quanto a mim proclamarei que o arquitecto é aquele que, com um método seguro e perfeito, saiba não apenas projectar em teoria, mas também realizar na prática todas as obras que, mediante a deslocação dos pesos e a reunião e conjugação dos corpos, se adaptam da forma mais bela às mais importantes necessidades do homem. Para o conseguir, precisa dominar e conhecer as melhores e mais importantes disciplinas. (Alberti, 2011 [1485], p.128)*

Para um aluno de Arquitetura é inquestionável a importância da disciplina de Projeto ao longo do curso. É uma das que mais marca pela partilha, pelo desafio, pela aproximação ao nosso futuro e à essência do ser arquiteto. O exercício projetual foca e puxa toda a atenção para si fazendo o restante conhecimento pairar em seu redor, e adaptar-se a ponto de ser utilizado na solução do exercício de projeto. Todo o conhecimento adquirido nas restantes áreas se transpõem e podem, e devem, ser utilizadas de modo a completar o exercício de Projeto, que conscientemente se assume e bem, como o pilar de toda a formação em Arquitetura.

“Há uma longa e comprovada prática de ensino da Arquitectura que coloca o Projecto no centro da gravidade dos planos de estudo. Esta centralidade do Projecto explica-se pela convicção raramente contestada de que a arquitectura se aprende fazendo. Assim, a prática deste fazer é, ao mesmo tempo, meio e fim, ou seja, didáctica e pedagogia.” (Borges, 2013, p.51)

Esta unidade curricular é reconhecidamente imprescindível pela sua aproximação ao campo profissional logo desde o início de formação e tem a capacidade de interligar as diversas escalas de interdisciplinaridade - currículo pedagógico da escola, os indivíduos (professores e alunos), eventos e publicações.

Vive da sua centralidade no plano de estudo e possui uma capacidade própria de se conectar com as outras disciplinas à sua volta, sendo um fio condutor ao longo de todo o curso, como um tronco - uma ligação vertical que atravessa todo o percurso formativo, e que progride e evolui ao longo dos anos do mesmo. Acredita-se que a disciplina de projeto possui essa abertura e é onde culmina todo o saber coletado nas restantes matérias.

“(…)Caracteriza em comum todos os tipos de arquitectos, independentemente da época e contexto, é a proposta de um novo lugar, a inserção deste entre os já existentes: o pensamento espacial e o projecto” (Alves Costa, 2007,p.223), tornando-se assim uma disciplina que se impõe sempre ao longo da história do ensino da arquitectura, e que liga todas as instituições.

Que áreas curriculares partilham da mesma área científica de projeto, que relações multidisciplinares estão assumidas e quais os objetivos das mesmas são tudo pontos de análise, assim como se na forma prática elas se concretizam e se complementam o exercício de projeto. Estas conexões que projeto possui com outras áreas, podem ser efetuadas pelas próprias unidades curriculares, professores, eventos, publicações, ou até mesmo os próprios alunos. Estas são as diversas formas de contacto da interdisciplinaridade no ensino da arquitetura, mais precisamente na disciplina de projeto.



Esta unidade curricular essencial para a formação está presente no plano de estudos desde a origem do curso, embora o ano de entrada para a arquitetura ainda não se abraçasse esta disciplina. O desenvolver de um exercício projetual como hoje se impõe, que constrói uma transversalidade e ligação com todo o curso em escala vertical, só acontece a partir do ano letivo de 1998/1999.

A sua importância é desde logo revelada a partir do momento em que é a disciplina com mais carga horária, composta por 8 horas semestrais de componente prática e 2 horas de componente teórico-prática, e é representada por uma totalidade de 20 ECTS num total de 60 ECTS anuais. Os debates contínuos acerca do ensino da arquitetura, as novas propostas pedagógicas e até mesmo as mudanças de planos de estudos entram em sintonia em relação à sua centralidade e deixam esta disciplina intacta, intocável.

Aparenta uma não-transformação por formar, desde início, uma linha transversal no plano de estudos no DARQ, mas Projeto renova-se interiormente seja a partir da necessidade de acompanhar a prática profissional constantemente em evolução, seja pela própria visão e pedagogia de cada docente, seja pelo conhecimento e interesse trazido por cada aluno, seja por influências exteriores às aulas como é caso dos eventos que decorrem no calendário escolar.

Os eventos tornam-se um fator integrante, pois são um prolongamento da escola. São momentos de contínua aprendizagem apresentados à comunidade escolar e que podem ter a capacidade de influenciar e suscitar novas formas de pensamento ao longo de 3 camadas: escola, professores e alunos, que culminam e se encontram num centro - o Projeto.

“Este fazer, que é projectar, é habitualmente enquadrado pela relação tutorial professor-aluno que, por sua vez, se alinha com a longa tradição de aprendizagem oficial entre mestre e discípulo.” (Borges, 2013, p.51). Nesta ligação íntima entre professores e alunos durante o trabalho na disciplina de projeto, reside a potencialidade de criar uma rede, um coletivo com capacidade de uma troca de conhecimentos que são uma mais-valia para completar a formação.

Estes indivíduos com interesses e pontos de vista únicos que se podem interligar possibilitam assim a transformação, o pensamento crítico, e a liberdade de albergar áreas exteriores para a solução do exercício proposto estar inserida na esfera social, ambiental, construtiva e artística do lugar.

“No momento do projecto confluem diferentes factores que condicionam a decisão dos alunos: projectar é muito mais que um processo “dedutivo” (método aproximado da Ciência); mas é, também muito mais do que um processo “indutivo” (este próximo da Arte). Arriscamos afirmar que se trata, na verdade, de um processo “abduutivo”, onde se misturam a “bagagem” teórica do aluno, as suas vivências, idiosincrasias, e os dados analíticos e sensoriais que cada um retira do programa e do lugar onde intervém.” (Grande, 2013 , p.220)

Esta linha de pensamento de Nuno Grande estende-se de igual modo aos professores que foram outrora alunos. Os professores são também influenciados por diversos fatores externos, que se alteram de indivíduo para indivíduo, e que transforma a forma como cada um vê o programa, vivencia e analisa a problemática projetual, assim como sua própria visão do ensino da arquitetura. Estas formas de olhar diferentes de tutor para tutor, resultam também na diferença como demonstram ou indicam a solução para o exercício proposto da



Fig.26 - Sala de Projeto I - Aquário

disciplina de projeto, criando uma possibilidade de infinitas experiências que dependem desta relação professor - aluno. Assim, nasce uma ligação de dependência entre estes dois agentes, em que além dos fatores que influenciam cada indivíduo isoladamente, também o professor influencia o aluno e o aluno influencia o professor.

“No decorrer das aulas e durante o exercício da disciplina, o ensino do docente poderá ser feito sobre uma instrução por Recepção ou por Descoberta: no primeiro o professor pode conduzir o seu apoio explicando qual o processo de modo a que o aluno somente necessite de apreendê-lo e assimilá-lo; e no segundo o estudante vai construindo gradualmente o seu conhecimento, descobrindo-o sozinho e sem o apoio de um ensino prematuro que possa impedir a sua criatividade.” (Sousa; Baptista-Bastos, 2013, p.60)

No curso de Arquitetura em Coimbra, estão responsáveis cerca de 4 docentes por cada ano de projeto, o que cria uma divisão por turmas. O docente decide a sua própria pedagogia e método de ensino, que depende do ano de formação em que se encontra a disciplina assim como os objetivos e competências apresentados para cada etapa.

Este percurso é bipartido pelo que se coloca a hipótese de que na licenciatura a instrução é por “Recepção” (Sousa; Baptista-Bastos, 2013, p.60), os docentes preocupam-se em encaminhar o aluno por forma a aprender as bases para a formação arquitetónica, enquanto o mestrado será de “Descoberta” (Sousa; Baptista-Bastos, 2013, p.60). Neste grau existe a liberdade para o próprio aluno escolher o seu caminho e o completar com a informação que acha pertinente para o exercício projetual. Os objetivos, competências e pedagogia vão então evoluindo de forma gradual ao longo do percurso de formação, em que se vai deixando a “Recepção” (Sousa; Baptista-Bastos, 2013, p.60) do primeiro ano para chegar à “Descoberta” (Sousa; Baptista-Bastos, 2013, p.60) do quinto ano.

Ao percorrer os anos da disciplina de Projeto, é notório que se vão introduzindo temas que vão aumentando o grau de complexidade:

“Coimbra starts with understanding space, then introduces urban space and the role of architecture in urban assignments, then the architectural program (social and cultural facilities, housing and a big program or ‘Grand composition’ finally introduces urban design up to the scale of a landscape).” (Wilms Floet, 2013, p.26)

Na atual disciplina de Projeto do primeiro ano do curso, coordenado por Luís Miguel Correia, desde 2018/2019 tem como “objetivo fundamental a atingir pelos alunos é a compreensão do espaço através da sua organização, da sua composição e do seu significado, recorrendo, para isso, a um conjunto de exercícios que os obrigam a confrontar-se com a sua própria experiência, com o seu contexto cultural e com a história da arquitetura e das cidades.” (Bandeirinha et al, 2018, p.36)

O ano é composto por cinco exercícios, que são orientados pelo Luís Miguel Correia (desde 2007/2008), João Crisóstomo (desde 2018/2019), Rui Aristides Lebre (2017/2018) e por Paula del Rio Huesa (2018/2019) e que lideram as quatro turmas pelas quais os alunos são divididos. Esta divisão significa cerca de 15 alunos por professor, o que potencializa uma ligação íntima e um acompanhamento direto pelo mestre de cada turma.

O primeiro semestre começa por um exercício introdutório que consiste num levantamento rigoroso de um espaço conhecido ou próximo do departamento. Este é o momento em que acontece o primeiro contacto com a representação gráfica de plantas, cortes e alçados



Fig.27 - Sala de Projeto I - Farol  
Fig.28 - Maquetes do exercício do sistema

assim como a demonstração do mesmo por maquete.

O segundo e terceiro exercício, assim como os seguintes desenvolvidos no segundo semestre, funcionam a par e mantêm a mesma linha e metodologia de desenvolvimento.

A seguir ao instante introdutório, inicia-se um exercício com caráter mais abstrato com o desenvolvimento de sistemas percorriáveis que é seguido de um trabalho sobre um volume inserido no mesmo. Este é o momento da primeira aproximação perante o pensamento arquitetónico e potencial método de trabalho, em que características como a luz, tensão, e a visualização de vazios e cheios como espaços sensoriais se revelam como premissas a desenvolver. Tanto no sistema percorriável, a uma escala mais geral, como no volume desenvolvido e inserido no mesmo, estas preocupações e fatores a desenvolver mantêm-se.

Os exercícios seguintes que compõem o segundo semestre, são também uma equipa que trabalha entre si. Numa primeira parte é desenvolvido e analisado um espaço urbano de complexidade mais baixa e normalmente é apresentada uma solução de percurso que deve inserir alguns volumes que serão trabalhados seguidamente.

No último exercício de Projeto I, são desenvolvidos estes volumes apresentados que serão agora habitações que visam responder a necessidades próprias de um cliente fictício.

A organização do segundo semestre do primeiro ano do curso segue a matriz que orienta todas as restantes disciplinas de Projeto ao longo dos anos. Durante a licenciatura, todos os anos de Projeto tentam manter o exercício numa área da cidade de Coimbra, claramente pela facilidade de acesso, e todos eles começam por uma visão mais alargada, com análise e conseqüente proposta urbana, para de seguida trabalhar sobre um equipamento (Projeto II) ou habitação coletiva (Projeto III).

Embora a matriz seja mesma, e a cronologia do trabalho projetual se mantenha similar, obviamente os graus de complexidade do exercício vão evoluindo e tenta-se materializar cada vez mais a solução, de modo a chegar próximo ao que se pede na prática profissional.

O intuito abstracional do exercício permite uma maior liberdade de inserção de temas complementares para o desenvolvimento inicial do pensamento arquitetónico e metodologia de projeto.

Deste modo, e como responsável por este complemento encontra-se Projeto I Teórico, lecionado simultaneamente pelo coordenador desta disciplina, o Professor Luís Miguel Correia, desde o ano letivo de 2018/2019.

“À parte do lançamento dos exercícios, foi convidar um conjunto de pessoas, com valências diferentes. No primeiro semestre, o que fiz foi convidar professores de várias áreas disciplinares da arquitetura - Desenho, História, Teoria, Construção e a Arte, pela Professora Desirée - para os alunos perceberem as matérias principais do curso, perceberem o que vão aprender em cada uma e de que forma todas participam no Projeto. No segundo semestre, eu acho que deve haver uma aproximação da realidade. A ideia é trazer arquitetos, o último foi um arquiteto que trouxe as maquetes, trouxe desenhos... Trazer pessoas da prática para os alunos perceberem, mais ou menos, o que os arquitetos fazem. No fundo é dar-lhes alguma cultura arquitetónica e ao mesmo tempo uma certa cultura disciplinar.” (Correia, 2019 - anexo A.1)

Se por um lado a disciplina prática de Projeto apresenta um acompanhamento ao estirador com atenção máxima ao desenvolvimento de uma visão arquitetural, Projeto na sua essência

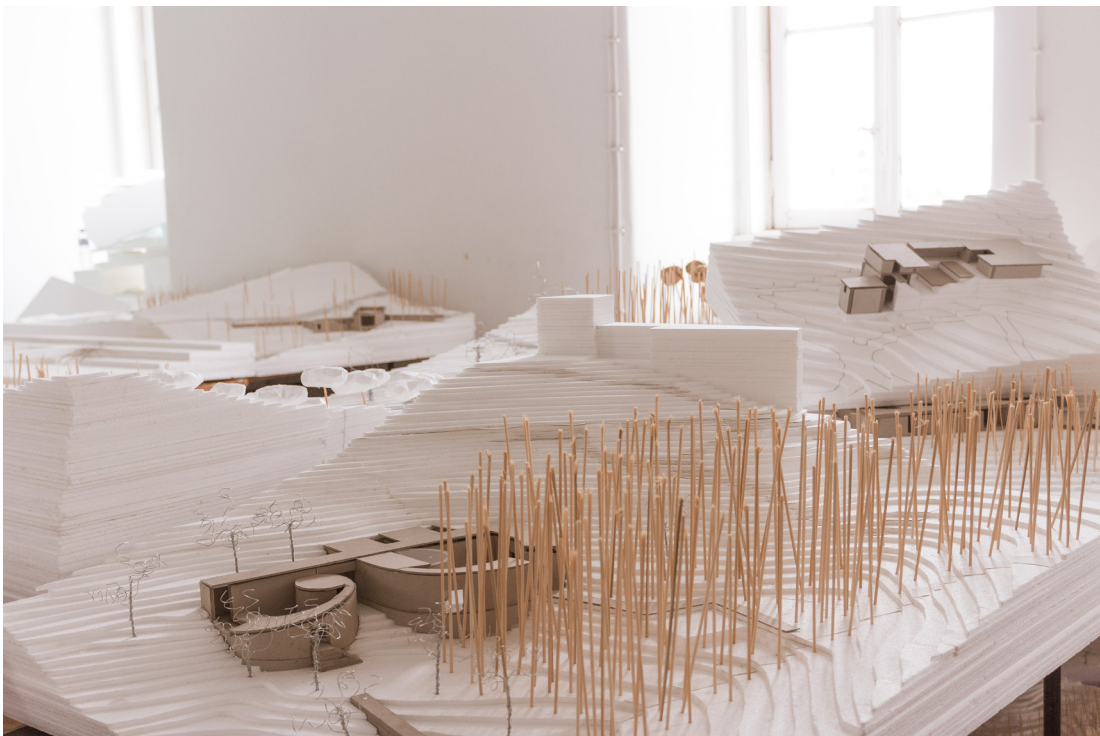


Fig. 29 - Sala de Projeto I - Aquário  
Fig.30 - Exercício de Projeto do Segundo Semestre



mais teórica, trabalha para compor esse mesmo pensamento nas mais variadas vertentes.

O primeiro ano do curso, o ponto de partida para uma formação arquitetónica completa, deve permanecer coeso e exprimir a força de conhecimento presente no departamento e que vai poder ser adquirida ao longo do percurso. Se projeto é um tronco central que encarna a “firmistas” da oferta programática, as restantes disciplinas devem possuir a responsabilidade de aumentar o grau de firmeza deste pilar.

Apesar de muitas das disciplinas se apresentarem como centro de conhecimentos que visam completar o exercício projetual, a ligação direta ou presença das duas no mesmo espaço de aula, por exemplo, acaba por se anular. Mas continua a persistir o mérito do programa das disciplinas que são desenvolvidas para transmitir bases essenciais.

“Há uma tentativa, de neste momento, e com as coordenações verticais e horizontais que existem num ano, sendo que a vertical indica os anos todos, que haja, no futuro, uma relação mais profícua entre as unidades curriculares. Sendo que ao longo de todo o curso, e em diversos anos, já existiu essa interdisciplinaridade.

No primeiro ano, há alguns anos que nós tentamos, com a Professora Teresa, de desenho e regente de Geometria, que haja uma relação. Na geometria é com o exercício de topografia. (...) Em desenho pretende-se uma relação mais profícua, e vai ser, até porque a avaliação de Projeto e Desenho será em comum com a Professora Teresa.” (Correia, 2019 - Anexo A.1)

Apresenta-se Desenho I como instrumento que apresenta o aluno à representação da realidade e evolui essa mesma capacidade, sendo desde logo uma das mais importantes bases para o desenvolvimento do pensamento arquitetónico, que se transmite até à mão de um arquiteto em formação. O mesmo acontece com alguns exercícios da disciplina de Geometria, que leciona o método cotado e desenho perspético. A criação de um terreno acentuado fictício expõe o formando a uma visão planométrica e um maior à vontade com a análise territorial e resolução de curvas de nível, e o desenvolvimento de desenhos perspéticos a partir de plantas de edifícios já construídos (e normalmente próximos do departamento) é também muitas vezes transposto para a entrega final do exercício de Projeto, seja a disciplina do primeiro ano como as seguintes.

As restantes disciplinas, como a Introdução à Arquitetura e à Cidade I e II e Construção I e II, deste ano inicial demonstram e apresentam ao indivíduo a formar, conhecimentos que serão continuamente desenvolvidos ao longo do percurso. Embora aparentemente não possuam ligação encaminhada, introduzem temas essenciais para completar o pensamento a desenvolver pelo aluno, mas despoletam essa vontade de cruzamento.

“Eu, para o ano, estou a pensar trabalhar um exercício especificamente com o Professor António Bettencourt, na cadeira de Construção. A ideia é fazer um exercício rápido, de aproximação entre essa unidade curricular e o Projeto, e o exercício ser avaliado por ambos. (...) Estamos a aproximar-nos disso...porque percebemos, claramente, que só dá para trabalharmos todos juntos. Separados, há conteúdos que se podem repetir, outros que ficam em défice, e os alunos não percebem essa necessidade.” (Correia, 2019 - Anexo A.1)

O aluno assume-se como agente máximo e potencializador capaz de incutir a interdisciplinaridade, tornando-se a peça mais importante que se desloca de disciplina em disciplina recolhendo conhecimento que culmina no exercício projetual e conseqüentemente



Fig.31 e 32 - Sala de Projeto II

neste tronco em si. Deste modo, mesmo que o confronto de ensinamentos não seja direto, existe esta troca de saber a partir de um agente, portanto é desde logo importante que os pontos de recolha de informação sejam considerados pertinentes e complementares na formação, o que vai acontecendo com mais ou menos relevância.

No segundo e terceiro anos do curso de Arquitetura, em Coimbra, estas falhas de comunicação e potenciais cruzamentos permanecem, assim como as características apresentadas em relação ao primeiro ano, não seria então Projeto considerado uma disciplina de continuidade e transversal ao plano de estudos de uma formação arquitetónica.

Nestas duas disciplinas anuais, Projeto II e Projeto III, pertencentes ao grau de Licenciatura, a matriz dos exercícios a desenvolver são similares ao do segundo semestre do primeiro ano, introduzindo um maior grau de complexidade que é imperativo. Cada disciplina de Projeto é um complemento ao conhecimento adquirido na sua disciplina anterior e tem como objetivo apresentar novos problemas e receber soluções cada vez mais materializadas e próximas da realidade.

Projeto II, coordenado por Carlos Martins desde o ano letivo 2018/2019, mas lecionado por o mesmo desde 2010/2011, e acompanhado por Armando Rabaça (desde 2012/2013), Nuno Correia (desde 2013/2014) e Luís Sobral (2018/2019), exige como conhecimento base recomendado todas as disciplinas presentes no ano anterior, o que comprova este sentido complementar que se desenvolve ao longo do percurso de formação projetual. Assim também acontece com a disciplina de Projeto III, que também carece da informação adquirida das suas disciplinas anteriores para a resolução do exercício e que é coordenada por Jorge Carvalho, desde 2018/2019, simultaneamente professor de Construção V e VI.

Estes dois momentos de projeto situados no primeiro e segundo anos, mantêm uma cronologia e metodologia de trabalho intimamente ligadas, em que o primeiro semestre trabalha sobre a cidade, a sua análise urbana, assim como a sua reformulação e preparação para desenvolver um ponto particular no segundo semestre. Para além da complexidade exigida de um para ano para o outro, também as temáticas do exercício separam estes dois Projetos. O segundo ano visa desenvolver um equipamento público, enquanto o terceiro ano introduz habitação coletiva como foco.

O exercício de Projeto II, em 2018, pretende um percurso pedonal dentro da cerca do Seminário para interligar o Jardim Botânico à rua do Brasil, em Coimbra, articulando o edificado previamente existente. No primeiro semestre, caminha-se sobre uma análise e solução de escala urbana que recebe, no segundo semestre, o desenvolvimento de um complexo funerário que completa este ciclo de aprendizagem e que deve refletir uma estrutura legível que une e mantém coeso o espaço urbano, seja o existente como o proposto.

A metodologia de trabalho apreendida neste segundo ano de projeto, continua a ser desenvolvida no ano seguinte. Inicia-se o percurso da disciplina, ao propor um exercício de escala reduzida e desenvolvido num tempo curto, cujo foco é trabalhar sobre uma célula habitacional sem contexto específico. De seguida, debruça-se sobre o tema de habitação coletiva e tipologias habitacionais, desde a análise urbana, até à escala de pormenor e de construção do edifício. O segundo exercício desenrola-se ao longo de todo o ano, unindo assim o primeiro e segundo semestres, tal como já acontecia em Projeto II.

Ao longo do segundo e terceiro ano, o plano de estudos mantém a presença da Teoria e



Fig.33 - Sala de Projeto III

História, assim como o Desenho, instrumento base do curso. Esta presença começa a interligar-se assumidamente com Projeto, possui uma abertura necessária à interdisciplinaridade e inserção de temas exteriores que o aluno por si, pode refletir, filtrar e cruzar com a sua formação a desenvolver, mas simultaneamente:

“Existe essa tentativa. O professor Carlos Martins, que é atualmente o regente, persegue essa tentativa, que é mais natural com umas disciplinas do que com outras. Por exemplo, com Desenho, acho que existe um campo muito fértil e possível de cruzamento entre as duas disciplinas, e devia ser assim até (...).

Com a disciplina de História, é mais difícil fazer esse cruzamento, mas com Teoria do segundo ano, creio que é possível, mas julgo que deve haver alguma autonomia disciplinar. Em Teoria III é mais fácil, eu dou essa disciplina e faço esse cruzamento, porque o programa de Teoria III é sempre sobre habitação. Portanto eu consigo canalizar temas da Teoria para a habitação, todos os anos de Projeto III são sobre habitação e consigo construir um programa a partir daí. No segundo ano, o tema é muito mais lato, não é um tema funcional.” (Rabaça, 2019 - Anexo A.2)

O coordenador de Projeto III, do ano final da licenciatura, concentra o conhecimento de Construção e Tecnologia, o que interliga duas áreas de conhecimento de forma coesa e que assumem uma transmissão de conhecimentos entre elas para complementar a prática projetual. A temática mantém-se constante e como objetivo para desenvolver, mas o desenvolvimento pedagógico da mesma tem sido notório no caminho interdisciplinar.

“Desde há anos que eu em Construção, e o Professor João Mendes Ribeiro, em Projeto, acarinhámos muito esta integração. Tem sido conseguido, através de termos discutido muito a conceção dos exercícios, os seus tempos, as suas consequências, o tipo de exigências que são estabelecidas em cada uma destas unidades curriculares, são acertadas entre ambos para que haja o máximo de sobreposição possível.” (Carvalho, 2019 - Anexo A.3)

Existe a vontade deste cruzamento entre disciplinas, sendo proposto que haja entregas debruçadas num painel síntese e que interligam três disciplinas num semestre, e outras três no segundo. No primeiro momento, o exercício rápido proposto em Projeto é levado em continuidade por Construção V e resulta numa entrega conjunta que une também a Teoria, sendo que este ano, o exercício foi também desenvolvido em Arquitetura e Projeto Digital. O semestre seguinte mantém esta premissa, e o maior momento projetual que fecha o terceiro ano de formação.

“No segundo semestre, este exercício com sítio é acompanhado em Construção VI. Desenho III, recolhe um exercício do Story Board que também é sobre o mesmo projeto, ou seja desenhos que também ajudam na conceção do projeto, e temos com História da Arquitetura, a propósito da viagem, uma reflexão sobre as obras visitadas na viagem e que importância e influência têm para o próprio projeto. Isto é entregue em História e Projeto. Também com Urbanismo, o estudo da área da intervenção é prosseguido durante o segundo semestre, num trabalho prático. Idealmente, isto aqui (Urbanismo, Projeto e Construção) daria uma entrega conjunta e acho que temos de caminhar para isso. Uma entrega conjunta entre Projeto, Construção, Urbanismo e Desenho.” (Carvalho, 2019 - Anexo A.3)

Caminhando a par, e inserido na disciplina, permanece o apoio de Projeto Teórico. A parte teórica do ensino projetual responsabiliza-se por abrir horizontes, desenvolver o espírito

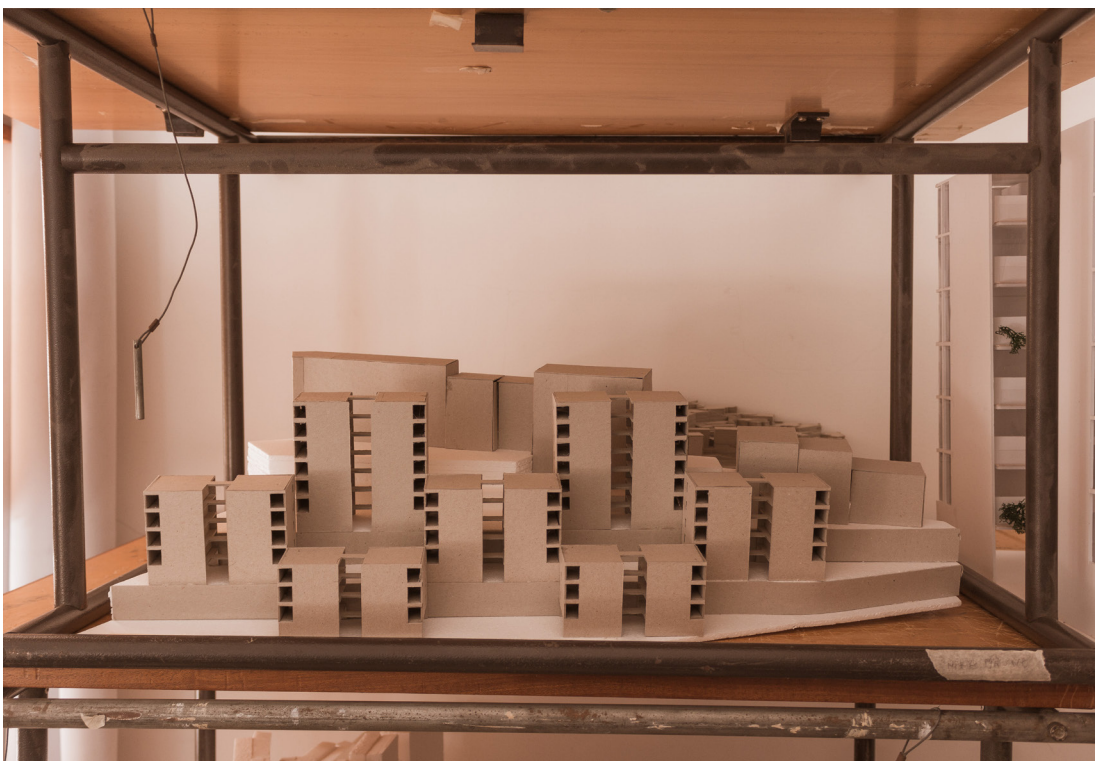


Fig.34 e 35 - Trabalhos desenvolvidos em Projeto III

**ESBATER FRONTEIRAS**

crítico, transmitindo a informação considerada pertinente para a visão do arquiteto que se pretende formar.

Em Projeto I, a partir do início do percurso, já existe uma abertura por parte do apoio teórico em lecionar aos alunos que o exercício da profissão é um ponto de recolha multidisciplinar e interdisciplinar, mesmo que limitado às bases que um aluno de primeiro ano deve aprender. No terceiro ano, e com a conversa informal com o docente Jorge Carvalho, entende-se que ao longo do caminho até ao final da Licenciatura, se pode completar ainda esta troca de conhecimento e elevá-la de modo a ser passada por toda a rede de coletivo.

“Organizámos um exercício que consiste em todas as semanas haver um grupo que apresenta a agenda cultural da semana. Uma agenda da cultura arquitetónica, mas que pode ir para além dessa cultura e trazer coisas que esse grupo entenda como pertinente para a arquitetura embora possa ser de outro campo disciplinar. Portanto cada grupo, apresenta ao resto do ano alguns diapositivos, cerca de 10 min, mas que se destina a que eles ganhem e se interessem pela cultura arquitetónica do que está a acontecer em termos de novos projetos, conferências, prémios, eventualmente exposições de artes plásticas... Outros temas que os alunos achem pertinentes para criar contacto e enriquecedores para a Arquitetura. Portanto, aqui os alunos são convidados a trazer um conhecimento interdisciplinar.” (Carvalho, 2019 - Anexo A.3)

Este é um exercício pontual, mas que transmite e assume diretamente uma valência de recolher para a Arquitetura outros conhecimentos que podem ser pertinentes para completar a visão e pensamento da prática projetual. Indiretamente, também agita várias camadas a partir de um momento pontual de 10 minutos. A informação passa de alunos para alunos e de seguida para os docentes dentro do terceiro ano de formação, que rapidamente podem contaminar o claustro pela facilidade de troca de informação dentro do coletivo.

A última unidade projetual que encerra o grau de Licenciatura, Projeto III, demonstra assim uma preocupação que transcende a sua descrição: “do desenho urbano aos tipos de habitação, o projeto deverá evoluir numa dialéctica que se institui como simulação da realidade projectual, visando o aprofundamento da solução geral pela confrontação com os projetos sensoriais e pelo desenvolvimento da sua caracterização construtiva.” (Ribeiro & Antunes & Fortuna & Brigida, 2018, p.72). Em simultâneo trabalha sobre a integração de conhecimentos, num processo em equipa com o que todas as unidades curriculares, que estão à sua volta, têm para oferecer. Este processo, para além de completar o exercício projetual de forma dinâmica, desperta duas capacidades essenciais num arquiteto: a síntese e a comunicação.

A partir do cruzamento disciplinar e de todas as frentes de conhecimento que contactam com o aluno, origina-se uma necessidade de saber resumir o que foi aprendido, e perceber como sintetiza todo o conhecimento dentro do exercício de projeto. As entregas conjuntas entre disciplinas, feitas por apenas um painel, encaminham os alunos para desenvolver esta capacidade de síntese, e como a devem comunicar de seguida.

Esta forma de pensamento projetual, de metodologia de trabalho, de objetivo da disciplina e até mesmo da profissão, permanece também inserido no Mestrado e de seguida é levado para o exterior como parte da bagagem formativa.

Se durante os três anos anteriores os alunos são encaminhados e derivam de uma formação entre mestre e pupilo, em que se segue com algum espaço de pensamento mas direcionado,



Fig.36 e 37 - Sala de Aula dos Atelier de Projeto do Quarto Ano



a partir do fecho da licenciatura parte-se à descoberta.

A “Descoberta” (Sousa; Baptista-Bastos, 2013, p.60) contraria e simultaneamente completa a formação de “Recepção” (Sousa; Baptista-Bastos, 2013, p.60), permitindo agora ao aluno escolher o conhecimento que quer recolher e desenhar o seu trajeto. O acompanhamento ao estirador continua a enaltecer a intimidade entre professor/aluno, potencializando a relação entre ambos, mas permitindo agora uma maior liberdade. Acontece desde logo, quando a disciplina una de Projeto se desmembra em ateliers de projeto com temáticas próprias e ditadas por cada individuo. Em parte, esta mudança origina um corte em alguns aspetos do ensino de projeto ditado na Licenciatura. No primeiro grau de formação, a vertente teórica de projecto é dado por um docente para todas as turmas do mesmo ano, originando o cruzamento que se separa no Mestrado para que cada atelier reaja isoladamente como se fosse uma unidade curricular individual e que na verdade acaba por o ser.

As situações de ponto de encontro entre todos os alunos e docentes das outras turmas passa a ser mais escasso, mas ao mesmo tempo permanece uma relação de área de intervenção, metodologia de trabalho e método de avaliação. A rede de cruzamento de individuos acaba também por se desmembrar em escalas mais pequenas mas que permitem uma maior abertura de pontes e ligações de outros conhecimentos.

Cada professor assume um exercício projetual debruçado sobre uma problemática diferente, cujo terreno de intervenção pode também ser diferente dos restantes ateliers do mesmo ano. O leque de escolhas, em relação aos temas apresentados, permite assim ao aluno escolher desenvolver o que acha mais interessante, mais desafiador, ou até mesmo pelo contrário, o que sente mais à vontade de trabalhar. Neste momento, a essência do individuo, e o que pensa ser essencial para a formação arquitetónica transparecem com mais força. Permite ao próprio professor também desenvolver um exercício que lhe agrade mais, e transmitir as suas preocupações e visões com mais liberdade. Com as temáticas individuais dos ateliers, resulta uma maior multidisciplinaridade que possibilita uma maior interdisciplinaridade.

Os Ateliers de Projecto I, no quarto ano, e os Ateliers de Projecto II, no último ano, estão assim pensados e construídos e as opcionais de escolha existentes para este grau de formação têm a abertura para se interligar fortemente com os exercícios de projeto a desenvolver.

Estas unidades curriculares presentes no quarto ano, que possuem esta premissa de serem independentes, assumem a diferença que reside na influência e pedagogia do Professor que possui maior liberdade para se interligar com as suas áreas de interesse, preocupações projetuais, e expor os seus conhecimentos exteriores. Embora os objetivos em todos os ateliers sejam idênticos, eles tornam-se característicos pela forma como o docente indica o caminho a desenvolver e fixa uma temática.

O Atelier de Projeto IA, que possui como docente responsável José Fernando Gonçalves, responsável pelo ensino de projeto no quarto ano desde 2004, tem o intuito de desenhar equipamento assim como o Atelier de Projeto IC, orientado por Teresa Novais desde o presente ano letivo de 2018/2019.

O que distingue é o foco central do desenvolvimento do trabalho. O Atelier IA, pretende que o desenho do equipamento seja o desenho da cidade, para que um edifício assuma a



Fig. 38 - Apresentação dos trabalhos desenvolvidos em Atelier de Projeto ID  
Fig.39 - Exercício desenvolvido em Atelier de Projeto ID

preocupação de resolver problemas urbanísticos e devolver a identidade ao espaço urbano construído. O exercício começado no ano de 2018, pretende o desenvolvimento de um Conservatório de Música e residência artística, na cidade de Porto. O núcleo do Atelier IC gira em torno da necessidade social e de completar as lacunas da sociedade através de um projeto arquitetónico, premissa anteriormente presente na pedagogia do docente Gonçalo Canto Moniz, que lecionou este atelier até 2017/2018. No ano letivo de 2018/2019, o exercício desenrola-se na cidade do Porto, base de intervenção que interliga três dos ateliers que constituem o ensino de projeto do quarto ano.

O terceiro atelier que possui esta cidade como zona urbana a explorar é o Atelier de Projeto IB, lecionado por Desirée Pedro, desde 2018/2019, que se deslocou do ensino do primeiro ano para este momento da formação. A temática apresentada por esta docente cruza-se com a sua vertente artística, propondo um desenvolvimento das oficinas temporárias de trabalho para artistas que recebem a possibilidade de concretizar eventos culturais.

O Atelier de Projeto ID, o quarto pertencente ao tronco transversal de projeto no quarto ano de formação, sofre uma transformação movendo-se da área nuclear de Arquitetura para a de Urbanismo, revelando desde logo o foco e objetivo do seu ensino. “Construir cidade com a re(h)abilitação de edifícios abandonados. O caso da fábrica POCERAM e sua transformação num complexo multi-empresarial” (Atelier de Projeto ID, 2018) é o exercício projetual proposto a desenvolver no ano letivo de 2018/2019, que se retira da área de intervenção como ligação e utiliza Coimbra como base de trabalho.

“Portanto os alunos que se inscreveram no meu Atelier, parto do princípio que se inscreveram para ampliar os seus estudos com matérias da escala do urbanismo, ou que tenham a ver com os problemas tratados a nível urbano, que dizem respeito a questões como: a programação de políticas urbanas, a construção de uma visão crítica sobre o desenvolvimento das cidades e como a arquitetura pode contribuir para concretizar objetivos de desenvolvimento urbano.” (Gonçalves, 2019 - Anexo A.4)

Adelino Gonçalves, desde este ano letivo que está responsável por esta unidade curricular, transpondo-se do seu ensino de projeto no quinto ano de formação para o quarto ano do percurso, mas levando consigo esta vertente e preocupação de reabilitação urbana que pretende coser e tornar coesas malhas existentes através da intervenção. Este docente encontra-se a lecionar desde 1996, e mantém sempre esta linha de interesse na sua pedagogia, desde unidades curriculares como Planeamento Urbano e Políticas de Reabilitação. Cria uma fusão e une-as de modo a este conhecimento ser transmitido em uníssono no ensino de projeto. Anteriormente focado na pedagogia projetual no quinto ano de formação, move-se para o quarto ano e inova este atelier, propondo que o desenvolvimento do exercício seja feito em grupo do princípio ao fim, o que se torna uma novidade.

“Nos anos em que estive no quinto ano, e que é uma prática comum nesse ano, uma parte substancial do trabalho no primeiro semestre é desenvolvida em grupo. Eu transporte essa lógica para o quarto ano, mas ampliei-a até ao final do ano. Este ano, o que acontece é que os trabalhos estão a ser desenvolvidos até ao final do ano em grupo, e claro que isto não anula o trabalho individual... Não anula que os alunos façam propostas que estejam de acordo com os seus interesses, com as suas motivações, mas a natureza do trabalho, assim o permitiu, que os alunos tivessem em permanente contacto para que o conjunto das propostas individuais tenha, de facto,



Fig. 40 - Atelier de Projeto IIA  
Fig. 41 - Trabalho desenvolvido em Atelier de Projeto IIA

um sentido comum.” (Gonçalves, 2019 - Anexo A.4)

No grau de Mestrado, dá-se esta abertura à inserção de conhecimento exterior ditado pelas próprias opcionais indicadas, a interdisciplinaridade impõe-se também pela escala dos indivíduos que transparecem as suas valências no desenvolvimento projectual. No último ano de formação, esta premissa estende-se e permanece nas três unidades curriculares de projeto que fecham o percurso formativo.

O Atelier de Arquitetura IIA pretende “a interpretação arquitectónica de sítios arqueológicos”(Providência, 2018, p.106), é coordenado por Paulo Providência, desde 2013.

Mais uma vez, a visão do método de trabalho nos ateliers pertencentes ao último ano do percurso origina parecenças que são desde logo diferenças pelas temáticas a desenvolver. O Atelier de Projeto II A recolhe esta ligação patrimonial e arqueológica, embora neste ano letivo de 2018/2019 a temática se tenha focado na reabilitação de espaços de saúde.

Nos anos letivos passados, recorreu a uma conexão assumida com a unidade curricular de Arqueologia, Território e Paisagem, opcional presente há dois anos no plano de estudos. Esta ponte com esta área, que se torna complementar na formação de quem frequenta este atelier, interliga-se pontualmente e apresenta-se no trabalho ao estirador.

A viagem de reconhecimento do local a desenvolver e a intervir, é feita com a presença dos dois docentes, assim como os momentos de ponto de situação de trabalho a desenvolver, que também recebem a visão e crítica dos dois indivíduos. Este cruzamento origina uma relação íntima e comunicação mais forte.

“A interdisciplinaridade, do meu ponto de vista, não é um processo de enriquecimento disciplinar da Arquitetura. Aliás, uma vantagem destes sistemas com a Arqueologia, um dos objetivos iniciais era pensar que num momento de crise de trabalho, era uma forma de preparar arquitetos para lidarem com situações bastante diversas. Esta ideia que uma forma de ensinar, de formar um arquiteto a trabalhar com realidades muito distintas do seu meio cultural, é precisamente perceber que qualquer meio de intervenção necessita de interpretação. Nós temos de ir compreendendo o meio onde estamos. A arqueologia é um ponto particular nesse sentido, porque obriga-nos a suspender os nossos juízos e a nossa forma de pensar para compreendermos uma determinada realidade.” (Providência, 2019 - Anexo A.5)

O desenrolar do exercício de projeto mantém a mesma metodologia ensinada no segundo ano de formação. O ensinamento das etapas e desenvolvimento da prática projetual, como não poderia deixar de ser, torna-se um conhecimento obrigatório a ser utilizado em todo o tipo de problema projetual. Funde-se no pensamento arquitetónico e no ser arquiteto.

A primeira abordagem parte sempre da análise urbana, que vai sendo ultrapassada até ao destino da escala de pormenor. No caso dos Ateliers de Projeto do quinto ano de formação, por se apresentarem apenas no primeiro semestre do final do curso, uma percentagem de alunos que depois irão seguir o Seminário de Investigação na sua vertente teórica ficam pela escala urbana que depois será seguida e levada a escalas menores pelos indivíduos que seguem o caminho da unidade curricular de Laboratório de Investigação, respetivo a cada Atelier. Os três Ateliers que constroem o quinto degrau da formação arquitetónica, seguem esta premissa.



Fig.42 - Maquete desenvolvida em Atelier de Projeto IIB  
Fig.43 - Maquete desenvolvida em Atelier de projeto IIC

**ESBATER FRONTEIRAS**

O Atelier de Projeto IIB e o Atelier de Projeto IIC pertencem também a esta equipa e mantêm uma temática idêntica no ano letivo de 2018/2019 para além da metodologia e cronologia de trabalho. O primeiro, é lecionado por Nuno Grande, desde 1992/1993, que possui um longo percurso de docência em relação a esta unidade curricular, tal como João Paulo Cardielos. Este professor iniciou o seu percurso no Departamento no mesmo ponto temporal (1993), e liga-se ao ensino de projeto do último ano desde 2005. Ambos se mantiveram ancorados no ensino projetual do quinto ano de formação, e elevam as preocupações urbanas, indicando o caminho a seguir no momento de desenhar a cidade.

Este ponto em comum, transforma-se numa temática similar - o redesenhar. O Atelier de Projeto IIB foca-se na cidade de Marvila de modo a apresentar uma proposta urbana no âmbito da Trienal de Arquitetura de Lisboa, em formato de concurso para as Universidades. O Atelier de Projeto IIC assume a localidade de Gouveia para um projeto de “revitalização e requalificação eco eficiente da sua paisagem urbana central”, indo ao encontro do tema deste atelier - “Território e Paisagem”. São notórias as parecenças entre estas duas unidades curriculares que fecham o percurso formativo, mas que depois se distanciam pelo tratamento, preocupações e pedagogia de cada docente.

O desmembramento de Projeto como peça unificatória em unidades curriculares com direções próprias, origina uma miscelânea de caminhos a seguir indicados pelos docentes que os ensinam. Simultaneamente, os docentes são também uma peça chave na passagem do testemunho da prática projetual. O coletivo do departamento possui esta condição de integrar e interligar todos os indivíduos que possuem características e valências próprias que influenciam a sua pedagogia. Mesmo quando os temas são transversais a um ano inteiro, dentro do ensino de projeto, as experiências e soluções são diferentes de professor para professor. A relação mestre e pupilo é sempre diferenciada porque o mestre nunca é igual e o pupilo também não é constante.

O ensino do projeto, que é historicamente uma base na construção de um curso de arquitetura, é simultaneamente o ponto com mais características, convergências e divergências e que agita as escalas de interdisciplinaridade. O projeto, pela sua importância, dita o caminho de um aluno e pela sua motivação e forma de ensinar prende-o ao mundo arquitetónico. O professor indica e influencia o arquiteto em formação, consoante a sua visão e transmite os conhecimentos que acredita serem essenciais. O Professor e Aluno, ao encontrarem-se no estirador, originam todas as condições ideais para cruzamento de informação e partilha de experiências que influenciam o desenrolar da prática projetual. Quando a isto se junta as disciplinas que estão a seu redor para um trabalho em equipa mais profundo, a interdisciplinaridade assume direta e continuamente um ensino de projeto cada vez mais completo.





## 2.3 A PRESENÇA DOS INDIVÍDUOS

*A aprendizagem da Arquitectura tinha assim o seu terreno nas aulas de Projecto e na relação dialógica entre aluno e professor, que corporaliza uma forma de conversação reflexiva com o problema em causa, redireccionando a experiência e o conhecimento do docente para o aluno numa situação de aplicabilidade direta, num momento de convergência entre necessidade e teoria, permitindo que um individuo aprendesse precisamente quando mais necessitava da matéria a ser ensinada, convergindo experiência e educação. (Pinto, 2015 p.66)*

As pessoas movem a escola, criam ações e conectam conhecimento formando assim uma forma de contacto da interdisciplinaridade, com uma escala própria.

A camada constituída por indivíduos inclui para além dos docentes, os alunos que são como peças que se movem de unidade curricular em unidade curricular, e vão contaminando as mesmas com o conhecimento adquirido. Estas peças mantêm também esta qualidade de síntese, intrínseca à arquitetura e colidem o seu conhecimento no exercício de projeto tentando sempre melhorar e completar a sua própria visão arquitetónica.

Embora as disciplinas sejam bem definidas no plano pedagógico, as informações retiradas das mesmas dependem também da área de interesse de cada aluno, o que faz com que cada sujeito crie um caminho próprio logo a partir da licenciatura. Os docentes que os ensinam assumem num papel fulcral devido à sua influência direta, especialmente os professores de projeto talvez devido a esta disciplina ser a com a maior carga horária, e como já referido anteriormente estar situada no centro do curso. Acredito que os professores de projeto sejam um marco no percurso académico de cada aluno.

“Num momento de formação, um estudante de arquitectura não tem ainda noção clara do conjunto de questões a que qualquer projecto é sujeito, nem pode sequer ter. Sendo claro que aquilo que pode ser aprendido numa escola de arquitectura são um conjunto de instrumentos ou capacidades instrumentais, e um conjunto de estratégias para abordar problemas de complexidade crescente (...)” (Providência & Moniz, 2013, pág.13)

Estes instrumentos deixados e ensinados por parte dos professores são influenciados também pela sua visão arquitetónica, e pela sua própria pedagogia. Cada professor pode assim ligar-se e conectar-se com as disciplinas que acha essenciais para resolver teórica e praticamente o exercício de projeto. Cria-se assim uma relação mestre/pupilo, em que o professor molda o arquiteto em formação consoante o que o mesmo acha imprescindível para a aprendizagem, tendo sempre presente que:

“(…) O processo de projeto de arquitetura é um conjunto de atividades intelectuais que envolvem conhecimentos multidisciplinares que, por sua vez, permitem fazer diagnóstico, análise, síntese, previsão, avaliação e decisão com finalidade de resolução de um determinado problema.” (Carvalho & Rheingantz, 2013, pág. 54)

Esta multidisciplinaridade e interdisciplinaridade nem sempre está bem definida e saliente,

Fig. 45 - Cronologia dos docentes que pertenceram ao Departamento desde 1995 a 2018

(Nota: Os períodos referidos reflectem o serviço docente nas unidades curriculares. Não se encontram registados períodos de licença sabática por parte dos docentes e períodos de apoio à docência por monitores e adjuntos de ensino)

mas é intrínseca e natural ao exercício de projeto, que assume e agrupa os mais variados saberes. Embora o docente tenha consciência desta característica, este pode tomar a posição de deixar os próprios alunos decidirem o que é necessário para completar a resolução do problema, e ir em busca de conhecimento de maneira a elevar a sua opção conceptual e projetual. Embora o conhecimento não resulte da transmissão do docente, e não seja influenciado pelo mesmo, continua a permanecer a capacidade de confluência e síntese, mas o aluno tem total liberdade de escolha em relação às áreas de conhecimento com que quer colaborar. Desta forma:

“The students attitude towards the project enjoys from an intense coexistence with different sets of inputs, from the program to society, from formal frameworks to conceptual frameworks, from functional optimization to visual optimization, from material rationalization to economic rationalization, from technological knowledge to empiric knowledge among many, many others.” (Bandeirinha, 2013, pág.157)

A melhor opção é conjugar estes dois fatores, os docentes se ligarem com as disciplinas que acham pertinentes para completar o ensino da arquitetura, e os alunos investigarem e partirem à descoberta do conhecimento exterior que acreditam ser importante para completar e elevar o exercício de projeto.

Agrupando a rede de docentes com a camada de alunos cria-se assim um coletivo que ensina o princípio fundamental da colaboração, “fundamental para a construção do conhecimento e para a formação do arquitecto.” (Carvalho & Rheingantz, 2013, pág. 54)

Este conceito de coletivo pode estar intimamente relacionada com o espaço físico escolar, que pode possibilitar e facilitar estas redes e conexões. Não havendo uma separação física de ciclos de ensino, permite-se o encontro das várias disciplinas dentro do mesmo espaço, assim como o cruzamento dos diferentes graus de ensino de projeto de arquitetura, origina-se uma relação vertical entre áreas, e um ciclo harmonioso entre os diversos anos do curso.

O próprio docente da disciplina pode então possuir uma ligação forte com outras áreas de interesse para além da arquitetura e torna-se essencial saber se o mesmo a transmite e de que forma a transmite, mais precisamente o seu contributo para esta rede dos agentes que se cruzam.

São inúmeros os casos e valências individuais presentes no caminho evolutivo do Departamento de Arquitetura em Coimbra, sendo que se apresenta seguidamente os indivíduos com características que potencializadas seriam um fulcral complemento às conexões de conhecimento que se pretendem transmitir.

Dentro da lista atual da docência do DARQ, surge uma personagem basilar que deve ser referida não apenas pela sua longa carreira de docência neste departamento. João Mendes Ribeiro possui um caminho profissional inquestionável que se tem mantido a par do percurso educacional.

Presente no Departamento desde o ano letivo de 1991/1992, mantém-se a lecionar a disciplina de Projeto III presente no quarto ano do curso até o ano letivo de 1998/1999, que de seguida é substituído por Projeto IV, do qual foi regente até 2003. Retoma a sua carreira de docente em 2007/2008 em Projeto II, mas persiste durante o curto tempo, retomando o lugar da regência da disciplina de Projeto III, no último ano da licenciatura. Desde 2010 que se assegura como uma das personagens chave a ensinar projeto no terceiro degrau de desenvolvimento desta disciplina, debruçado sobre a temática de habitação coletiva.



Existe esta necessidade de um professor de arquitetura reter um caminho profissional forte e consciente como complemento à sua forma de ensinar projeto. Embora isto nem sempre aconteça e seja um ponto em constante discussão, o facto de um docente ter trabalho projetual reconhecido para assim ser reconhecida a sua capacidade de docência, é neste indivíduo um ponto central. A sua concretização profissional e trabalho realizado pode trazer variadas aberturas à visão arquitetónica da escola.

“(…) Acho muito importante a experiência profissional dos docentes de Projeto. Acho que é uma forma de nesta espécie de teatro que nós criamos aqui dentro, e que simula a realidade, facilitar que os atores que os docentes são, representem pessoas que conhecem da sua prática de projeto. Na prática de projeto, nós lidamos com tudo: fornecedores, câmaras, clientes... E isso é uma realidade muito rica que eu penso que só a partir dessa experiência, é que isso pode ser trazido para aqui, porque senão tem tendência a ser um apoio para o projeto mais baseado em abstrações, em conceitos.” (Carvalho, 2019)

A entrada e renome a nível da cenografia é notório, e apresentada pela sua tese de Doutoramento: “Arquitectura e Espaço Cénico” orientada por Mário Krüger. Para além de outras vertentes, como o seu trabalho enquanto curador, este indivíduo transmite esta ligação da Arquitetura com uma área exterior, mas se há uns anos atrás, João Mendes Ribeiro orientava dissertações de mestrado que relacionavam a Arquitetura e o Teatro, atualmente este ponto de oferta do indivíduo é desvalorizado. Neste momento a interdisciplinaridade presente neste docente não está a ser totalmente aproveitada e potencializada, estando o seu ato de lecionar limitado ao acompanhamento de Projeto III que se mantém sempre sobre o mesmo tema e exercício idêntico.

Mas este não é o único indivíduo que aduz relações exteriores e que podem complementar o desenvolvimento de um arquiteto em formação. Carlos Antunes, presente primeiramente em Projeto I no ano letivo de 2008/2009 (primeiro ano do acordo de Bolonha) e posteriormente e mais recentemente no 4º ano do exercício projetual, é uma das pessoas que compõe o Atelier do Corvo, cujo trabalho se torna cada vez mais fácil de reconhecer no caminho arquitetónico em Portugal.

Simultaneamente Diretor do Círculo de Artes Plásticas, em Coimbra, esta essência artística desenvolve novas perspetivas que atravessam não só o seu campo profissional, mas também o modo como ensina sobre o estirador.

Desenvolve-se uma aura mais libertadora, mecânica e artística, e expõe que o trabalhar e pensar sobre o projeto deve passar, sem exceção, pela conceção manual das ideias, que pode ser transmitida sobre qualquer material. Demonstra que a inspiração e solução pode estar em qualquer lugar, que um corte pode ser uma planta e vice-versa, e que a arquitetura é muito mais do que se apresenta em primeiro plano.

Désiree Pedro que trabalha em parceria com Carlos Antunes no Atelier do Corvo, mantém esta linha de presença entre a Arte e Arquitetura, como deixa transparecer assumidamente em aulas pontuais de Projeto I, na sua vertente teórica, desde o ano da mudança de plano de estudos mais recente (2014/2015), ano em que se apresenta pela primeira vez no DARQ.

No ano letivo de 2015/2016, Carlos Antunes desloca-se para o terceiro ano de projeto, e no ano posterior para o primeiro ano de Mestrado, o quarto ano do curso, mas esta ligação artística com a Arquitetura espelha-se então em Désiree Pedro que mantém esta ponte com outra área de forma a desenvolver novas visões nos alunos de arquitetura, e que se



Fig. 46 - Atividade desenvolvida com os alunos no Porto, ano letivo 2015/2016  
Fig. 47 - Discussão sobre a reabilitação da fábrica "Vitasal", ano letivo 2016/2017

desloca no atual ano letivo, também para o quarto ano de formação.

Também atualmente, no quarto ano do percurso, se encontra Gonçalo Canto Moniz. A presença deste indivíduo assume-se desde 1997, mas apresentada no momento da Licenciatura entre esse ano e 2013, sendo que desde 2011 se torna responsável por uma percentagem de Seminário de Investigação em Arquitetura, além de coordenador da unidade curricular.

No ano letivo de 2013/2014, move-se para o segundo momento de graduação da formação, estando desde então ligado ao ensino de Projeto no Mestrado. Apesar da mudança do plano de estudos em que parte a disciplina unificada de Projeto IV em Ateliers de Projeto, os objetivos esperados e concretizados neste módulo central do curso permanecem intocáveis sempre que o ensino do mesmo requer a mesma perícia, apesar da alteração do nome da disciplina.

Centra-se recentemente em Atelier de Projeto IC, sobre a temática da Reabilitação de Edifícios, e intrinsecamente ligado ao CES, Centro de Estudos Sociais, pertencente à Universidade de Coimbra, traz com muita vontade, esta preocupação sociológica para o desenrolar do exercício.

A partir deste momento da formação, o quarto ano do curso, os alunos tem a possibilidade de escolher disciplinas opcionais, embora limitadas às áreas nucleares de Urbanismo, Construção e Ciências Sociais e Humanas. Simultaneamente, estas áreas acabam por se unificar com a preocupação e interesse que o próprio docente deixa transparecer.

Desta forma, o professor cria situações pontuais que se encontram diretamente com os docentes destas opcionais que o orientador do atelier de projeto IC recomenda. É proposto pelo docente Gonçalo Canto Moniz que se frequente Suportes Físicos para a Arquitetura e Urbanismo, que no fim do semestre pede como avaliação um cartaz que interliga a solução urbana desenvolvida com os conhecimentos e matérias apresentadas nesta disciplina ligada ao Urbanismo.

Suportes Físicos para a Arquitetura e Urbanismo é lecionada pelo docente António Rochette, doutorado na área de Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O seu percurso do DARQ iniciou-se em 2003, e esteve sempre ligado ao ensino de disciplinas que são constituídas por este seu conhecimento central. Desde a disciplina de Geografia presente no primeiro ano do curso, pela que ficou responsável até 2008, assim como a Geografia Urbana que ensinou deste esta data até á mudança de plano de estudos. Atualmente move-se para o leque das disciplinas opcionais, mas mantém-se como um indivíduo que personifica um elo de ligação entre a Arquitetura e a Geografia culminando numa vertente urbanística.

De seguida, também como complemento para a visão arquitetónica que se pretende formar, entra a disciplina de Antropologia, Cultura e Arquitetura que pontualmente se assume diretamente no trabalho ao estirador, mais precisamente quando se refere ao problema projetual que se pretende resolver em Atelier de Projeto IC.

No ano letivo de 2016/2017 para complementar o exercício que consistia na reabilitação de uma antiga fábrica de sal, na zona de Aveiro, foi proposta uma entrevista e mesa redonda com os residentes e antigos usuários do edifício para se entender como se deveriam abordar as necessidades sociais daquele lugar. Este tipo de atividades uniu não apenas os alunos com o Professor responsável pelo Atelier, mas também com o Professor de Teorias e Práticas da



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
AULAS TEÓRICAS

10/2004/05  
Introdução aos sistemas construtivos

Sumário da 26.ª lição:

A interdisciplinaridade em  
arquitetura.

Foi convidado um Eng.º Geólogo  
para elaborar um conjunto de  
questões ~~de~~ articuladas  
entre geologia e arquitetura.

Coimbra, 10 de Abril de 2005

O Professor,

Fig.48 - Sumário da 26ª aula de Introdução aos Sistemas Construtivos  
Ano letivo 2004/2005, António Bettencourt



Reconstrução (Luís Miguel Correia) e Sandra Xavier, responsável por Antropologia, Cultura e Arquitetura.

A docente Sandra Xavier, no Departamento de Arquitetura em Coimbra, esteve sempre intrinsecamente ligada a esta área exterior. Desde 2000 que leciona a disciplina de Antropologia do Espaço, que esteve presente no segundo ano em duração anual, mas que em 2008 passa a semestral no ano de formação seguinte. A mudança do plano de estudos fez com que esta disciplina, agora apelidada de Antropologia, Cultura e Arquitetura se desloca-se para as passíveis de escolha no primeiro ano do Mestrado Académico. Quase 19 anos depois continua a ser uma docente que assume esta ponte interdisciplinar entre a Antropologia e a Arquitetura, completando assim a formação arquitetónica com um saber exterior e pertinente, numa tentativa de se assumir em presença e pontualmente com o trabalho projetual a desenvolver.

“Esta disciplina pretende reforçar o diálogo entre a arquitetura, a antropologia e a teoria cultural. O espaço construído será abordado em diferentes escalas: da escala urbana à escala do edificado. O programa começa por se debruçar sobre a cidade moderna, simultaneamente pensada através do ponto de vista do voyeur, do urbanista ou do arquiteto e do walker, daquela que a utiliza e pratica (Certeau 1984). (...) Com a elaboração de um trabalho etnográfico pretende-se desenvolver competências interpretativas dos processos sociais e significados culturais produzidos pelo desenho e uso de um espaço urbano.” (Xavier, 2018, p.143)

Já no ano letivo anterior ao referido (2015/2016), em seguimento ao exercício de uma reabilitação de uma escola, no Porto, um conjunto de atividades foram feitas entre os alunos de arquitetura e os alunos da escola a reabilitar, de forma a perceber como os utilizadores veem, usam, e percecionam o espaço escolar. A interdisciplinaridade pode assim ser elevada quando o docente responsável pela disciplina de projeto encontra linhas em comum com docentes exteriores á arquitetura, e os recolhe no trabalho ao estirador.

Luís Miguel Correia, a orientar Projeto I na sua vertente prática desde 2007 e atualmente também Projeto Teórico no mesmo ano, aparece no ano letivo de 2016/2017 com uma nova disciplina - Teorias e Práticas da Reconstrução, de modo a somar conhecimentos à solução projetual a desenvolver-se em Atelier de Projeto sobre a mesma temática, embora no ano seguinte passe para a responsabilidade de Paulo Providência.

A trabalhar profissionalmente no COMOCO, atelier reconhecido pela sua abordagem dentro da reabilitação, surge assim como um indivíduo que culmina a área nuclear da Arquitetura com o centro da Construção, assumindo a primeira no primeiro ano da Licenciatura e reconhecendo a segunda área no primeiro ano do segundo grau de formação. Se estas áreas são inquestionavelmente inseparáveis, a partir do terceiro ano de projeto, encontram-se e conectam-se para trabalhar em conjunto elevando o potencial de troca de informação.

Apesar de estar a ser referida as ligações destas opcionais com o Atelier de Projeto IC, na verdade mesmo que menos assumidas, elas permanecem como um apoio para todos os ateliers presentes no quarto ano, e o aluno preserva a liberdade de poder recolher informação a todos estes pontos e completar a sua visão da arquitetura com o que acha essencial.

António Bettencourt está presente no leque dos docentes que ensinam opcionais de apoio aos ateliers de projeto do quarto ano do curso. Este docente, inserido no DARQ, desde 1995,



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

AULAS TEÓRICAS

1992 1993

Planeamento físico I

Sumário da 8<sup>a</sup> lição:

- A razão de ser da disciplina no curso de Arquitectura
- O Planeamento físico:
  - Razões de ser; a ecologia e o ordenamento; as circunstâncias físicas locais.
- Enquadramento da problemática do planeamento, em ambiente histórico e jurídico-administrativo.
- Abordagem ao universo dos agentes.

Coimbra, 19 de fevereiro de 1993

O Professor,

CARDILOS

Fig.49 - Sumário de Planeamento Físico I, da responsabilidade de João Paulo Cardielos  
19 de Fevereiro de 1993

possui um caminho de ensino inseparável da área construtiva. Apesar da sua formação em Arquitetura, individualmente é a presença mais relevante na área da Construção do plano de estudos. Atualmente introduz os novos alunos do primeiro ano a este conhecimento, através das disciplinas de Construção I e II, e de seguida aparece no quarto ano, com Construção do Edificado - Condições para a prática projetual e construtiva I e II. A aura mecânica, e de solução construtiva no desenvolvimento do exercício projetual, tal como o nome da disciplina anterior indica, unificam-se com este indivíduo, que personifica a inseparável ligação entre a Arquitetura e a Construção de modo coeso e sólido.

Um arquiteto deve recolher o que pensa ser necessário para a resolução de um projeto mas ao mesmo tempo tem de ser tornar abrangente, jogar em várias frentes que são renovadas e caminham a par das mudanças temporais e sociológicas. Torna-se pertinente o desenvolvimento de um pensamento arquitetónico que considere o grande aumento e desenvolvimento das cidades, assim como o impacto ambiental da construção que este desenvolvimento traduz.

A nível do aumento das cidades e dos movimentos originados do centro para as periferias, e com uma visão mais política, Adelino Gonçalves assume esta área de interesse.

Coordenador do Mestrado em Reabilitação Urbana, tem-se mantido atualmente no ensino de Projeto e Seminário de Investigação, mas outrora já esteve responsável por lecionar a disciplina de Projeto Urbano entre 2009 e 2015, assim como uma opcional, presente apenas durante um ano no plano de estudos, Políticas e direito da reabilitação. Este Professor presente no DARQ, desde 1996, embora não esteja, no momento a lecionar especificamente nenhuma disciplina desta área, leva consigo esta linha de pensamento e vertente de saber no momento de transmissão da formação no estirador. Completa este lado interdisciplinar que expõe preocupações políticas no desenvolvimento das cidades, tema lançado anteriormente e continuado por Walter Rossa que desde a mudança do plano de estudos de 2014/2015, coordena as disciplinas de Urbanística e Urbanização, a par com Margarida Relvão.

Em relação a este ponto anterior e complementar da visão arquitetónica existem alguns indivíduos que personificam estes conhecimentos, mas ainda existe uma pequena lacuna, do ponto de vista dos alunos, na entrada da sustentabilidade e preocupação ambiental no desenvolvimento da formação do Arquiteto, sendo que o plano de estudos ainda não concentra esta vertente a nível disciplinar.

Um dos indivíduos que recolhe solidamente esta ponte é João Paulo Cardielos. O docente assume esta influência no ensino de mestre/pupilo, no desenvolvimento do exercício de Projeto. Mais uma vez, embora não existe nenhuma disciplina que represente diretamente a sustentabilidade, ela dá entrada ao ensino no DARQ pelas mãos deste docente, que relembra e incute aos alunos este ponto de vista. O seu caminho no Departamento começa no ano de 1992, colocando-se no ensino de Planeamento Físico I e II, uma disciplina opcional, até ao ano de 2001.

Para além de já ter assumido a responsabilidade da disciplina de Projeto no quarto e quinto ano e de estar ligado intimamente ao ensino deste tronco central do curso, a partir de 2010 lidera a disciplina de Território e Paisagem I e II até 2016, mas cujo nome é o título do seu atelier de Projeto no último ano de formação.

Recentemente, esta preocupação pelo desenvolvimento das cidades e os problemas ambientais relacionados com esta evolução, são transpostas na disciplina de Ambiente



e Organização do Espaço, onde este indivíduo liberalmente transparece a sua visão e conhecimento a esta área de interesse, que se está a tornar numa das frentes indispensáveis no pensamento arquitetónico.

“A disciplina reflete sobre a urbanidade de um modo humanista, olhando a organização dos espaços urbanos a partir de um conjunto de estratégias de reconfiguração. Exploram-se saberes essenciais para potenciar a qualidade de vida e do habitat, e para o controlo da densidade populacional ou a sua dispersão. (...) A aprendizagem contempla a inclusão de estratégias de desenho sustentável desde as etapas iniciais de conceção e projeto, como paradigma conceptual essencial, experimentando dimensões (por vezes conflitivas) e complexidades dos processos de mitigação e adaptação às alterações climáticas. Pretende-se afirmar o Projeto Urbano “centrado nas pessoas”. (Cardielos, 2018, p.133)

Inserida no plano de estudos enquanto matéria opcional do Mestrado, une a preocupação pessoal do indivíduo com os objetivos da disciplina, originando uma coesão entre o indivíduo que está a lecionar com o que tem de transmitir, o que potencializa a forma como chega a informação ao aluno, e a forma como este lhe vai dar importância.

Atualmente, encontra-se simultaneamente inserido na *Iniciativa de Energia para a Sustentabilidade (Energy for Sustainability Initiative (Efs-UC))*, na Universidade de Coimbra, que oferece diversos graus de formação desde especialização, a mestrado e a Doutoramento. Esta iniciativa é baseada e composta por uma equipa multidisciplinar de docentes ligados a esta instituição e que se encontram sobre este tema do desenvolvimento sustentável focado na energia.

Muitos são os exemplos de presença de indivíduos que possuem um lado mais exterior à Arquitetura e que se deve explorar. Quando aliado o docente à disciplina de interesse que pretende ensinar, esta ponte eleva-se e concretiza-se um completar de formação em que o aluno se apercebe da abrangência da arquitetura.

Paulo Providência, ligado ao ensino da prática projetual, desde 1990, apresenta como temática no seu atelier de Projeto, a ligação entre a arquitetura e a memória. A memória de um lugar e tudo o que ele representa continua a ser um dos pontos incutidos e indispensáveis no pensamento do arquiteto. De modo a complementar esta interdisciplinaridade entre a história de um lugar com o exercício a desenvolver, o Departamento recebe a entrada da Arqueologia para desenrolar a essência da memória em modo mais prático.

Esta área de saber já fazia uma ponte com o a Arquitetura, e no ensino do DARQ, pontualmente através da história e teoria, e pela existência da disciplina de Arqueologia Industrial, presente no plano de 1999 a 2003. Recentemente, recebe-se novamente esta área exterior por Maria Conceição Lopes, desde 2016/2017.

Em Arqueologia da Paisagem, Cidade e Território pretende-se aprofundar o conhecimento e os conceitos sobre esta área exterior que toca em pontos como a análise do território mais natural, arqueogeografia, assim como o reconhecimento da arqueologia dentro do já construído escrutinando a paisagem e malha urbana.

Mas apesar dos indivíduos, até então referidos, estarem inseridos nas áreas nucleares das Ciências Sociais e Humanas, Urbanismo e Construção, o núcleo de Desenho também recebe docentes ligados a uma lado mais artístico e que se torna inerente ao arquiteto em formação. A presença de uma visão artística no pensamento de um arquiteto torna-se



intrínseca, e o desenho como instrumento vital para a prática projetual.

José Maçãs de Carvalho, fotógrafo e responsável pelo ensino da mesma disciplina, torna-se responsável por Fotografia e Composição presente no plano de estudos desde 2011, que também é uma parte constituinte da oferta formativa da Licenciatura em Design e Multimédia, que partilha parcialmente o mesmo edifício onde se insere o departamento de Arquitetura.

José Maçãs de Carvalho, licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, mas com pós graduação em Gestão de Artes e doutoramento em Arte Contemporânea, transmite o seu conhecimento nesta área de formação na Licenciatura em Design e Multimédia. Para além da fotografia, encontra-se a lecionar Arte e Cultura Contemporânea, no último ano desta licenciatura, para ensinar a “compreender a natureza e sentido da arte e cultura” (Figueira et al, 2017, p.155) e “encarar a arte como forma de conhecimento (cognição estética), mediação entre o ser e o mundo e a experiência transformadora.” (Carvalho, 2018, p.155)

Torna-se então um indivíduo cuja presença, recolhe não apenas uma ponte com outro lado artístico mais exterior, mas que poderia ter o potencial de interligar dois cursos que se mantêm no mesmo “habitat”.

Na ligação com a fotografia, no DARQ, apresenta teoricamente uma cronologia da história da fotografia contemporânea, em que apresenta artistas fulcrais, cujas obras deverão ser apropriadas numa segunda parte do portfólio construído pelo aluno. As preocupações transmitidas no trabalho fotográfico acabam por ser transversais a um arquiteto, desde à luz, composição, conjugação de cores, perspetiva e conceito.

Estes pontos-chave que são um elo entre a área de Desenho e a particularidade artística da central Arquitetura tornam-se inseparáveis. Desde o primeiro ano de formação que o aluno se confronta desde logo com estas características, desenvolvendo-as no primeiro exercício de projeto, assim como nas disciplinas de desenho que atravessam toda a Licenciatura.

O momento do ensino do desenho como base instrumental para a demonstração da realidade, chega aos alunos na disciplina de Desenho I à responsabilidade de Pedro Pousada.

A sua carreira de docência, no Departamento de Arquitetura, começa em 2000, mantendo-se sempre no núcleo de Desenho. Este professor torna-se um indivíduo que atravessa os vários objetivos desta disciplina ao longo dos três anos de licenciatura. Num primeiro momento os alunos são apresentados ao registo da realidade, usando materiais simples, e são desafiados a registar variadas imagens dentro da zona urbana onde está inserido o departamento. Desenho I, no primeiro ano do curso, apresenta o aluno para a forma correta de representar o mundo, ajudando-o a pegar no lápis e a desenvolver o pensamento através dele.

Pedro Pousada, licenciado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, une-se a António Olaio. António Olaio aparece ligado ao ensino desta disciplina, e simultaneamente área nuclear desde o ano 1990. Para além do ensino do desenho em continuidade, atualmente durante os três anos da licenciatura, o Diretor do Colégio das Artes, leciona Conceitos e Prática da Arte Contemporânea, opcional do plano de estudos desde 2001, e a disciplina de Estudos de Composição, em Design e Multimédia



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

AULAS PRÁTICAS

19 92 19 93

Desenho básico

Sumário da 52<sup>a</sup> lição:

Experimentação de diversas soluções  
gráficas para a representação de  
volumes. Representação de objectos  
de forma irregular (tijolos pintados).

Coimbra, 20 de Maio de 19 93

O Professor,

António Olaio

Fig.50 - Sumário da 52ª aula de Desenho dada por António Olaio, no ano letivo de 1992/1993



(que outrora também existiu enquanto opcional do plano de estudos de Arquitetura em 2009).

A sua essência artística e visão conceptual origina uma ligação íntima entre a arte e a Arquitetura, que tem sido aproveitada ao longo do percurso construtivo do curso, e que se potencia com a união do mesmo pensamento de Pedro Pousada. A disciplina de Desenho II apresenta uma continuidade em relação ao ano anterior. Depois dos esboços de aproximação à realidade, no primeiro ano, “nesta disciplina desenvolvem-se sobretudo potencialidades no domínio dos processos de concepção.” (Olaio & Pousada, 2018a p.56)

“A circunstância de ser uma disciplina de desenho no âmbito de um curso de arquitetura e não de artes visuais, poder-lhe-á conferir uma maior clareza de propósitos, no sentido de não encarar o desenho ou os desenhos enquanto imagens, ou fins em si, mas sim enquanto instrumentos de projeto, o que não será mais do que a própria definição de desenho.” (Olaio & Pousada, 2018a, p.56)

Em todas as disciplinas que mantêm continuidade no interior do curso, pretende-se sempre assumir a base de conhecimento da disciplina anterior, para a completar e acrescentar na seguinte. O docente Pedro Pousada, assim como António Olaio, permanecem com esta linha no desenvolvimento das disciplinas de Desenho. Depois da aprendizagem dos métodos representativos, entra-se numa desconstrução gráfica e numa abstração da fiel realidade de modo ao aluno aprender a transformar e a conceptualizar, para no ano seguinte se juntar o conhecimento adquirido a uma vertente mais tecnológica, abordando o pensamento em meios digitais.

“Assim, o ensino do desenho, aqui, não sendo projeto, prevê o projeto e é nessa previsão que intui faculdades a desenvolver, sobretudo no desenvolvimento de uma flexibilidade plástica e conceptual que crie nos alunos uma relação estreita com o desenho, reconhecendo nele um valioso instrumento de percepção e concepção.” (Olaio & Pousada, 2018b, p.84)

Desta maneira, Pedro Pousada e António Olaio são os indivíduos responsáveis por ensinar a capacidade exponencial do desenho enquanto instrumento de pensamento a várias escalas. Os professores são assim uma porta de entrada, uma ponte para saberes interdisciplinares, e a sua presença pode contaminar as diferentes escalas e modos como o conhecimento exterior se apresenta, de modo a influenciar a formação do aluno. A presença dos indivíduos, como dito anteriormente, não se compõe apenas pela docência formada arquitetonicamente ou num saber exterior.

Uma escola para além de maioritariamente composta pelos alunos, é pensada e construída para tal. Esta escala da interdisciplinaridade é a mais fácil de fluir, pela facilidade e influência que os indivíduos podem espelhar uns nos outros. O percurso formativo dos alunos é sempre marcado pelos docentes que os ensinam, e o aproveitar das valências dos professores origina uma rede de coletivo e de comunicação cada vez mais coesa.

Os alunos são como peças de xadrez que se deslocam no tabuleiro de conhecimentos a diversas escalas. O deslocar destas peças pelas áreas nucleares, pelas disciplinas e pelos docentes, dentro de um espaço escolar que o permite ao máximo, são o que une e possibilita a troca de informação, que origina essência interdisciplinar do curso.



## 2.4 O PROLONGAMENTO DA ESCOLA

*Actividades estruturais não impostas, mas opcionais, apoiam e sustentam o conhecimento distribuído pelas disciplinas; fazem mover a escola. A identidade da escola de arquitectura também se exprime fora da sala de projecto ou da sala de aulas. (Gil, 2005, p.91)*

Promovidos pela escola, e dentro do espaço da mesma, normalmente estão presentes eventos no calendário da instituição e acompanham o ano letivo, embora possam ocorrer em momentos mais inesperados. Estes podem ter uma ligação e parceria a outras instituições, projetos ou grupos que não estejam intimamente relacionados com a arquitetura e podem ocorrer em outros locais exteriores à escola.

Os momentos de conferências e workshops tornam-se relevantes e essenciais por serem momentos de debate e confronto de ideias e ideais. É em momentos de discussão que se transfere e troca conhecimento, que decisões importantes se tomam, e visões se alteram.

Esta camada, esta forma de contacto da interdisciplinaridade - eventos e publicações - possui uma grande abertura à colaboração, e os workshops partilham desta mesma abertura e facilmente se baseiam num conceito multidisciplinar.

“Podem abranger outras áreas que não só a arquitectura, mas que com ela se relacionam; podem envolver assuntos relevantes que façam parte do curso programático; ou podem promover a investigação e práticas desenvolvidas pelos respectivos instrutores dos workshops.” (Gil, 2005, p.92)

Muitas das publicações acompanham estes eventos e debates e são uma prova, uma ata, da troca de pensamento e conhecimento decorrido dos eventos. Os livros, revistas, artigos, guias e anuários podem ser esporádicos ou terem datas de lançamento definidas com intervalos de tempo fixos, e podem partir por parte dos professores, alunos, ou serem uma junção entre os dois, mas permanecem com o mesmo objetivo - comunicar ideias ao exterior.

“A comunicação é essencial e o arquiteto cada vez mais é um editor. (...) Quaisquer que sejam os conteúdos transmitidos, é o modo como se promovem e se apreendem que os faz mais ou menos essenciais. A escola deve alimentar a consciência crítica.” (Gil, 2005, p.135)

As publicações tornam-se um prolongamento do espaço e pensamento pedagógico com ligação para o mundo exterior para apresentar a visão e a identidade que a escola pretende promover.

Estes momentos do calendário escolar envolvem todas as camadas da interdisciplinaridade. Com abertura facilitada a todos os temas e áreas e de interesse a todos os anos de formação assim como docentes, esta escala - eventos e publicações são uma espécie de cola que agrupa as restantes já referidas.

Considera-se que o prolongamento da escola solidifica o coletivo, que aumenta o grau de comunicação desta rede e fomenta a troca de conhecimentos adquiridos e discutidos pelos

EDARQ

REVISTA DE CULTURA ARQUITECTÓNICA

MARÇO, 2010

# JOELHO

## # 01

### MULHERES NA ARQUITECTURA

*Coordenação:*  
Jorge Figueira

Silvana Rubino  
Carla Lopes  
Liliana Carvalho  
Joana Bem-Haja  
Filipa Cabrita  
Inês Antunes  
Telma Silva



EDARQ

REVISTA DE CULTURA ARQUITECTÓNICA

ABRIL, 2011

# JOELHO

## # 02

### INTERSECCÕES: ANTROPOLOGIA E ARQUITECTURA

*Coordenação:*  
Paulo Providência  
Sandra Xavier  
Luís Quintais

*Comunicações:*  
Georges Teyssot  
James Holston  
João Leal  
Sergio Fernandez

*Comentários:*  
Jorge Figueira  
José António Bandeirinha  
Luís Quintais  
Paulo Providência  
Sandra Xavier



Fig.52 e 53 - Capa da Revista Joelho 1 e 2

agentes, com uma maior e ilimitada abertura ao que se encontra para além do claustro.

O calendário escolar pertencente a uma instituição insere estes acontecimentos que estendem a escola a outro campo, transpondo fronteiras e abrindo a sua visão e identidade à comunidade e mundo exterior, arquitetónico ou não. Estes momentos assinados e em nome do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, não são exceção.

A análise reside, como ao longo de toda a tese de dissertação, num arco temporal recente por se pretender documentar o percurso e resultado das mudanças no percurso no Departamento. O serviço editorial do DARQ, que nasce no ano de 1996, contém uma lista bem desenvolvida a nível de publicações que lhe pertencem. A *edarq* inclui as publicações “*Debaixo da Telha*” assinadas por docentes do departamento e realizadas individualmente, como os “*Textos Datados*” de Alexandre Alves Costa, “*A Cabana do Higienista*” de Paulo Providência, a “*Escola do Porto: um mapa crítico*” de Jorge Figueira, entre outros... Para além de exemplos da autoria isolada, existe a revista “*Em Cima do Joelho*” que permite o cruzamento de vários docentes sobre o tema destinado. A primeira série desta linha de publicações, que se torna conhecida por ECDJ, inicia-se em Outubro de 1999 e termina com um último número a *ECDJ 12 - Ressurreição* em 2009, mas permanece com continuidade.

Estas publicações quase que pensadas espontaneamente originaram uma rotina que se foi mantendo, e que deixam de ser escritas em cima do joelho, para recentemente se apelidaram de “*Joelho*” nesta segunda série que nasce em Março de 2010.

A primeira *Joelho* apresenta de rompante um tema ainda hoje discutido. Intitulada de *Mulheres na Arquitectura* pretende “constatar, analisar e comemorar a crescente presença da mulher na Universidade e, em particular, na disciplina de Arquitectura. Este é um facto público, e desenha uma nova ordem na prática disciplinar: a quantitativa e qualitativa presença da mulher poderá renovar a relação da arquitectura com a sociedade portuguesa no contexto contemporâneo?” (Figueira, 2010, p.6)

Para além das publicações serem um ponto de encontro dos indivíduos responsáveis pela formação arquitetónica, estas também convidam a presença de outras pessoas cuja área de conhecimento seja necessária para expor, comentar e criticar o tema a desenvolver e que está no foco central daquela revista.

A primeira *Joelho* transmite desde logo essa vontade ao inserir e convidar a Professora Silvana Rubino, autora do artigo “*Corpo, Imagem, Objeto: A cadeira LC9 e Charlotte Perriand*”. Ligada ao Departamento de História e ao Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade no Brasil, mais precisamente a Universidade de Estadual de Campinas, é um exemplo de uma ponte não apenas de conhecimento mas com outro conhecimento, aliando a interdisciplinaridade a outro ponto de vista a nível social.

O segundo número, em 2011, mantém esta motivação de puxar para si conhecimentos exteriores, e demonstrar que a arquitetura nasce e renasce deste cruzamento. *Intersecções: Antropologia e Arquitectura*, recebe como editores convidados Paulo Providência, Sandra Xavier e Luís Quintais. Estes dois últimos nomes assumem a interdisciplinaridade a uma escala individual, pois são a porta de entrada para o cruzamento entre a Antropologia e a Arquitetura, possuindo um percurso longo de docência no DARQ, debruçado sobre este elo:

“O diálogo da Arquitectura com as disciplinas das Ciências Sociais e Humanas, como a Antropologia permite aprofundar a interpretação sobre a realidade quer através da

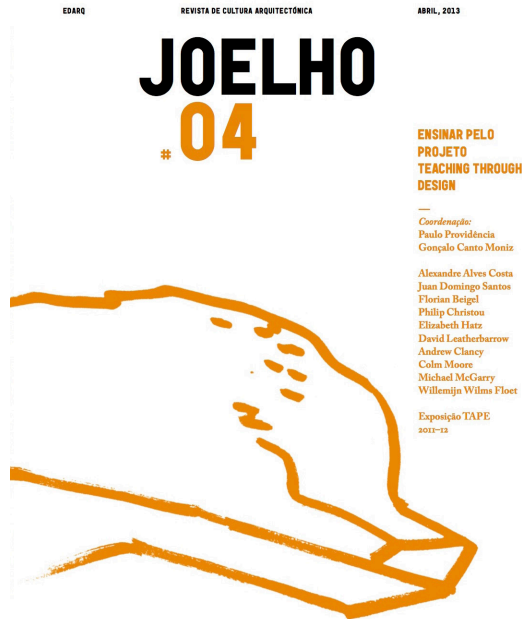


Fig.54 e 55 - Capa da Revista Joelho 4 e Cartaz do Colóquio Ensinar pelo Projeto

troca de experiências, quer pela partilha das metodologias de análise e de projecto. A proposta apresentada pelos coordenadores deste número, Paulo Providência, Sandra Xavier e Luís Quintais, para publicar os Colóquios de Outono de 2009, sobre o tema “Intersecções: Antropologia e Arquitectura”(…). Este encontro entre arquitectos e antropólogos confere uma maior abertura a esta publicação, confirmando-a como plataforma alargada de debate.” (Figueira & Moniz, 2011, p.5)

As publicações acabam por personificar e assinalar os debates e discussões assim como se tornam a prova dos acontecimentos e eventos em que a escola participa ou publicita. São assim um resumo intemporal da história de um espaço escolar. Para além dos confrontos de opiniões e visões acerca de temas atuais e interligados com a disciplina mor da Arquitectura e o papel do arquiteto na sociedade, é sempre recorrente que se retome às origens discutindo o nascimento do percurso profissional a partir da sua formação. Na verdade, estes dois momentos de discussão estão interligados, as novas preocupações e mudanças nos objetivos a cumprir por um profissional arquitetónico, transparecem e exigem uma mudança na visão de como se ensina a arquitetura.

Os dois números seguintes percorrem a mesma linha da pedagogia, centrando-se na formação arquitetónica, em que a *Joelho nº3 - Viagem-Memória: Aprendizagens de Arquitectura* - recolhe o conjunto de experiências efetuadas durante as comemorações dos 20 anos do Departamento de Arquitectura de Coimbra (ano letivo de 2009/2010). Apresenta-se pelas mãos de Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares, editores convidados e pertencentes à lista de docentes marcantes desta escola entre 1989 e 2011, e 1990 e 2010, respetivamente.

“Não é fácil determinar uma data ou acontecimento preciso que determine o nascimento de uma escola como esta. (...). A direcção do DARQ entendeu por bem escolher como referência aquele ano, homenageando o momento da chegada de Fernando Távora como referência à matriz de ensino que o nosso mestre em arquitectura e sempre lembrado professor das novas gerações. O projecto era promover três exposições no sentido de fixar três documentos capazes de fixar as referências pedagógicas que estão na origem do que é hoje a Escola de Coimbra.” (Costa & Tavares, 2012)

Apesar da exposição sobre Fernando Távora não ter sido concretizada, esta publicação fica permanentemente como testemunho do ensino do Departamento ao longo desse arco temporal que insere a ligação entre a arquitetura, viagem e memória como fulcral na formação. A memória torna-se inseparável e intrínseca ao percurso do DARQ, e torna-se um ponto-chave e central para a identidade da escola.

Os números seguintes continuam a caminhar a par dos eventos decorridos e recolhem artigos sobre o tema de forma a datar o acontecimento de cruzamento de ideias volvidos no momento, especificamente a *Joelho nº4*, *Joelho nº5* e a *Joelho nº6*.

O quarto número - *Ensinar pelo Projecto*, publicado em Abril de 2013, decorre das conclusões e pontos de vista apresentados no Colóquio Internacional com o mesmo nome e que decorreu entre 27 e 29 de Setembro de 2012, no mesmo espaço físico que alberga não só o curso de arquitetura como outras áreas, o Colégio das Artes.

“A editorial e|d|arq regressa assim ao tema do ensino, dez anos depois de ter lançado a *em cima do joelho 2*, com o tema “Construir uma escola”. Também em 2000 reunimos em Coimbra arquitectos de dimensão internacional, como Paulo Mendes de Rocha, para nos ajudar a reflectir sobre o caminho que estávamos a



Fig.56 - Abertura da expsição *TAPE* em 2016



percorrer.” (Moniz & Figueira, 2013, p.9)

A *Joelho 4* passa a ser não apenas um prolongamento que recolhe um colóquio e uma publicação, como induz uma discussão em torno do percurso do próprio departamento. O tema central de projeto exposto nesta revista, coincide com o abordado no sub-capítulo desta dissertação - “O ensino do projeto”. Apesar de ser um momento de cruzamento internacional de visões, tornou-se um Encontro de Tomar com esta mais valia- uma discussão sobre a posição transversal da pedagogia projetual com opiniões e experiências além fronteiras.

“ O tema da revista e colóquio, “Ensinar pelo Projecto”, é também uma aposta futurante, que procura apontar um destino, onde o projecto, principal ferramenta do arquiteto, pode ser também o seu instrumento de pedagogia e de pesquisa. (...) Interessa recuperar o projecto como afirmação de uma autonomia disciplinar que permita fortalecer o diálogo com outras disciplinas.” (Moniz & Figueira, 2013, p.9)

É uma marca que aponta e demonstra a continua necessidade de discutir sobre a pedagogia da escola de arquitetura em Coimbra, e simultaneamente que conhecimento se deve inserir para completar esta identidade e busca de um caminho em ascensão na formação arquitetónica no centro do país. Como complemento neste número é também inserida a TAPE, a exposição anual dos melhores trabalhos de projeto dos alunos desenvolvidos ao longo do ano letivo. Este evento ocorre anualmente e é um momento em que se demonstra o trabalho realizado a nível da escola à comunidade exterior, e que serve também de ponto de encontro entre esta e todo o corpo escolar, docente e discente. Mais uma vez um prolongamento do espaço escolar que atravessa várias escalas que constituem a escola, e que permite e solidifica o cruzamento destas.

Mas esta não é a única publicação que segue a par de um colóquio internacional, e o mesmo ocorre nas procedentes: a *Joelho nº5 - Digital Alberti: Tradition and innovation*, publicada em 2014, e a *Joelho nº6 - A Questão do Património*, do ano seguinte. Este quinto seguimento da revista joelho, encontra o seu tema central a partir de uma bolsa de investigação - *ALBERTI DIGITAL: Tradição e inovação na teoria e prática da arquitectura em Portugal* - que foi entregue a um grupo de 12 pessoas coordenadas por Mário Krüger, que anteriormente já tinha co-coordenado a tradução para português da publicação de *Arte Edificatória* desta personagem central arquitetónica.

Mário Krüger, docente do Departamento de Coimbra desde 1991 a 2016, com um longo e sólido percurso na pedagogia, despoleta assim um debate sobre este tema, que origina 1º Colóquio Internacional “Na gênese das racionalidades modernas: Em torno de Alberti, em Belo Horizonte, no Brasil, em Abril de 2011. Dois anos depois, ocorreu o precedente 2º Colóquio debruçado sobre o mesmo título, em Coimbra, de 15 a 19 de abril que incluiu também uma exposição.

“Na gênese das racionalidades modernas II: Em torno de Alberti e do Humanismo” visa justamente definir, além das categorias tradicionais da historiografia, esses novos modos de racionalidade que a abordagem peculiar do saber dada por Alberti engendrou em todos os campos, sejam de natureza artística, técnica, moral, política e cultural, bem como a medir a sua influência através do tempo, até aos nossos dias.” (Brandão et al, 2013)



Fig.57 - Exposição História da Arquitetura Portuguesa  
Departamento de Arquitetura, 2019

A *Joelho nº5* abraça assim esta linha de investigação, e estes acontecimentos marcantes a várias escalas, e transforma-se numa ata do decorrido, tal como a *Joelho nº6*. A sexta desta linha de publicações, intitulada *A Questão do Património*, publicada em 2015, advém de uma reunião internacional, organizada e decorrida no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, que incluía a rede PHI *Património Histórico+Cultural Ibero-americano*, que baseia a sua investigação de docentes e alunos em estratégias, críticas, reflexões e propostas sobre este tema tão atual, o património.

Denota-se então um padrão, em que estas publicações desenvolvidas para prolongar a escola para o exterior, estão quase sempre intimamente ligadas a cruzamentos de pessoas que não pertencem apenas ao departamento, que originam momentos de debates e colóquios que se apresentam à comunidade e que depois se transformam numa publicação para deixar a prova e um marco histórico ao futuro.

A preocupação pelo futuro e o aprender com o passado é também intrínseca ao pensamento do arquiteto e assume o foco nas publicações 7 e 8 desta Revista de Cultura Arquitectónica. A *Joelho nº7 - Learning From Modern Utopias*, publicada em 2016, segue esta linha da crise instalada no modernismo aplicado ao urbano:

“ (...) Modernist utopias came to be seen as the cause of the fragmentation, suburbanization and dehumanization of the city and as a tool in the hands of real estate speculation. However, modernist utopias were critical visions committed to social, humanist and technical research for the improvement of living conditions in the industrialized city.” (Rabaça & Martins, 2017, p.7)

O avanço evolutivo e desmedido das cidades, a desconexão e alastramento das malhas urbanas, cada vez com menos regra e preocupação, eleva esta vontade de contrariar a deslocação dos centros para periferias, que complementa também a *Questão do Património* anteriormente abordada.

O número seguinte, a *Joelho nº8 - Ideas and Practices for the European City*, segue esta linha e apresenta-se quase como uma segunda parte da sua antecedente. Os editores convidados desta publicação de 2017, José António Bandeirinha, Luís Miguel Correia, Nelson Mota apresentam que “em três partes complementares - Discourses, Projects, and Reviews - a *Joelho 8* apresenta um corte transversal por algumas das ideias e dos projectos que marcaram a evolução da cidade Europeia ao longo do último século.” (Bandeirinha & Correia & Mota, 2017)

Tal como acontece com *Ensinar pelo Projecto e Digital Alberti*, também *Ideas and Practices for European City* inclui uma recolha de uma exposição. Esta exposição, um evento no Departamento, surge no âmbito de História da Arquitetura III e IV e reúne os trabalhos desenvolvidos pelos alunos a frequentar esta disciplina, lecionada por Jorge Figueira e por Bruno Gil. Possui o título de *Biographies of Power: Personalities and Architectures* e é constituída por duas partes: a primeira foca o legado de Louis Sullivan e Frank Lloyd Wright que usa as memórias dos mesmos como base do trabalho, a segunda centra-se em edifícios de poder recentes que transmitam a identidade de uma nação.

Este exemplar mostra a importância do que é apreendido e desenvolvido em outras disciplinas, e que é igualmente importante demonstrar à comunidade o que o arquiteto em formação efetua com o conhecimento adquirido para além da prática projetual.



Fig.58 - *Workshop RMB no Departamento de Arquitetura em Coimbra*

A vertente expositiva também se denota como uma constante que tem sido enaltecida nos calendários escolares. A mostragem dos trabalhos concretizados sobre a disciplina de Desenho, História e Teoria tem sido efetiva e cada vez mais recorrente. As exposições são também um prolongamento constituído em várias linhas: pode acontecer no departamento e basear-se no curso de arquitetura ou aceitar uma exposição exterior; ou pode acontecer fora do espaço escolar movendo a escola até ao local de exposição.

Em Julho de 2015, os alunos de Projeto V e o professor Paulo Providência movem-se para o Museu de Conimbriga, para expor o seu trabalho desenvolvido sobre: *Conimbriga - Arquitectura e Memória Interpretação* e valorização sítio arqueológico. Identicamente, no ano de 2018, os alunos de Atelier de Projeto IID e o seu Professor Adelino Gonçalves também se deslocaram para Condeixa para apresentar e expor as suas propostas projectuais para aquela zona de intervenção com o título de *O (s) Centros (s) em Condeixa. Estratégia e Táticas para Reforçar a Coesão de um Território Polinucleado*, em Junho. São muitas as ocorrências em torno das exposições que demonstram o pensamento projetual dos alunos, tal como aconteceu em 2017 que interligou dois ateliers de projeto com um foco de trabalho em Oliveira do Bairro ,e exposto no mesmo local.

Mas como referido anteriormente, estes momentos têm várias linhas e as exposições podem também partir por parte da docência independentemente de o lugar escolhido ser o departamento ou não. A exposição do professor António Olaio - *Half step from home* - que decorreu no Colégio das Artes em Fevereiro de 2018, foi um destes casos, assim como a exposição *Retratos da minha casa*, no âmbito da 20.ª Semana Cultural da UC, assumiu o Departamento de Arquitetura como local para expor, em 15 de Março de 2018, tendo uma segunda amostra no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, em Setembro de 2018.

São inúmeros os exemplos de exposições pertencentes ao calendário escolar do departamento, mas esta vertente é apenas uma parte da massa central do prolongamento da escola. Os *workshops* são um momento de cruzamento direto entre os indivíduos e as suas valências e originam uma grande troca de conhecimento num curto período de tempo.

A *Joelho 9*, o último número a ser publicado, construiu-se a partir do segundo workshop que pertence ao projeto apelidado *RMB - Reuse of Modernist Buildings* instituído no programa *Erasmus*.

O primeiro concretizado neste tema, decorreu em Marl, na Alemanha entre 28 de Agosto a 1 de Setembro de 2017, e o Departamento de Arquitetura de Coimbra foi convidado a participar com 5 alunos nesta semana intensiva em que se apreende uma nova relação, conceção e reutilização de edifícios modernos do séc. XX. O segundo workshop decorre 7 meses depois (de 6 a 11 de Abril), em Santa Clara, Coimbra, e abraçou este mesmo conceito reunindo alunos e professores de 5 escolas diferentes, que incluía mais uma vez alunos do Darq. Esta semana de trabalho projetual que alberga esta temática de reabilitação da época moderna e que permite o cruzamento de vários pontos de vista europeus a nível de alunos professores tem-se perpetuado. Passando por Istambul, Turquia entre 30 de Outubro e 3 de Novembro de 2018, para de seguida se instalar em Detmold, Alemanha entre 12 e 16 de Maio de 2019, como o *4th RMB Workshop*.

Estes prolongamentos do espaço escolar podem levar a presença do departamento através dos alunos e professores, ou a escola pode abraçá-los e recolhê-los no seu espaço físico. Estes não são os únicos momentos de cruzamento projetual que já decorreu no DARQ,



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

R. Garcia

Exm.º Senhor  
Arq. Pedro Ressano Garcia.  
R. da Cruz dos Poiais nº1, 2º  
1200-134 Lisboa

Tel: 851350

Fax: 829220

Sua referência:

Sua comunicação:

Nossa referência:

Colégio das Artes - Largo de D. Dinis - 3000-109 COIMBRA - PORTUGAL

413|DARQ|Work.

31 de Out. de 2000

ASSUNTO:

Workshop Internacional de desenho urbano. Coimbra, um novo mapa

De acordo com o contacto anteriormente estabelecido, venho convidar V. Ex.ª a integrar a equipe do Arq. Raúl Hestnes Ferreira no Workshop Internacional de Desenho Urbano, 'Coimbra - um novo mapa'.

O Workshop tem início a 16 de Novembro, e termina dia 25. Ficarão a cargo da organização todos os encargos de alojamento.

Com os melhores cumprimentos  
r O Director do Workshop.

*mw leneva*

(Prof. Arquitecto Alexandre Alves Costa)

N.C./N.C.

Fig.59 - Convite ao Arquitecto Pedro Garcia para ingressar o *workshop* - Coimbra: um novo mapa

e no ano letivo de 2015/2016, como iniciativa da disciplina de Projeto III, decorreu um evento similar. Em parceria com a Universidade de Kingston, foi proposto que os alunos dos dois países, Portugal e Inglaterra, se debruçassem sobre o mesmo problema projetual na mesma zona de intervenção. Nesse ano, o exercício de projeto apresenta a rua da Sofia em Coimbra como objeto a desenvolver, e o *workshop* que cruzou os alunos destas duas escolas de arquitetura diferentes pretendia que no final de um dia existisse uma proposta a escala urbana para a zona de intervenção.

Mas muitos mais se apresentam e pertencem aos calendários escolares passados, e continuaram a permanecer como iniciativa de interligar o coletivo com coletivos para além do claustro. Grandes momentos de *workshop* já tinham decorrido anteriormente e que se tornaram fundação e o centro de publicações da *Em cima do Joelho*, antecedente da recente *Joelho*.

Em 2001, a quarta publicação intitulada de Coimbra: Um novo mapa, apresentou um uma reflexão de modo a propor uma transformação sobre a periferia do traçado urbano de Coimbra, que uniu os nomes Sergio Fernandez, Manuel Graça Dias, Manuel Gallego, Álvaro Siza, Raul Hestnes Ferreira e Manuel de Solà-Morales. Trouxeram consigo assistentes e alunos, o que conectou uma rede de coletivo a grande escala com foco na premissa anterior, pensar e propôr para cidade coimbrã. Este é um exemplo de um *workshop* de grande escala, um momento de prolongamento escolar, que se estende a uma publicação. (fig. 59)

Dois anos mais tarde, a ECDJ 6.7 continua esta linha de desenvolvimento e apresenta a *Inserções*. A partir do Seminário Internacional de Desenho Urbano, 10 arquitetos propõem transformações e ideias para a inserção do metro de superfície em 10 zonas diferentes da cidade de Coimbra. Este leque de propostas, onde se apresentam arquitetos como Emilio Tuñon e Luís Mansilla, Eduardo Souto Moura, Manuel Mateus e Francisco Mateus, foram debatidas entre 26 e 27 de Setembro de 2003.

A ECDJ 9 - *Salvaguarda*, de 2005, e a ECDJ 10 - *Reabilitação Urbana* publicada em Março de 2007 também revelam esta vontade de propostas, transformações e intervenções e adveiem inicialmente do Centro de Investigação em Arquitetura da Universidade de Coimbra. A primeira foca-se em Vila Real de Stº António e num projeto urbano para o Pólo III e Hospitais da Universidade de Coimbra, a segunda desenvolve-se com base na área de Mindelo. A ECDJ 10 é mais um exemplo, uma ata, de um momento de *workshop* que cruza vários arquitetos com alunos ao estirador. Mas estes acontecimentos onde decorre um cruzamento de ideias e coletivo para pensar sobre uma temática própria continua a permanecer e a pertencer ao calendário escolar.

Recentemente, encontram-se desde o *workshop* Internacional de Projecto de Arquitectura - Arquitectura e Cultura: Projectar Cidades e Campos do Baixo Mondego, em Setembro de 2015 que decorreu em Montemor-o-Velho, ao *workshop Internazionale di Progettazione Architettura per l' Archeologia*, exatamente um ano depois, em Roma, ao *workshop* Coberturas e Paredes Verdes do dia 20 de Abril de 2017 que decorreu no Departamento, ao *workshop WOOD GRIDSHELL - Desenho e fabricação digital de estruturas reticulares em madeira*, a 20 de Novembro de 2018.

Bastantes são os exemplos deste aumento do espaço escolar ao exterior, e a escola demonstra a vontade de completar a formação e espírito crítico perante o mundo através da

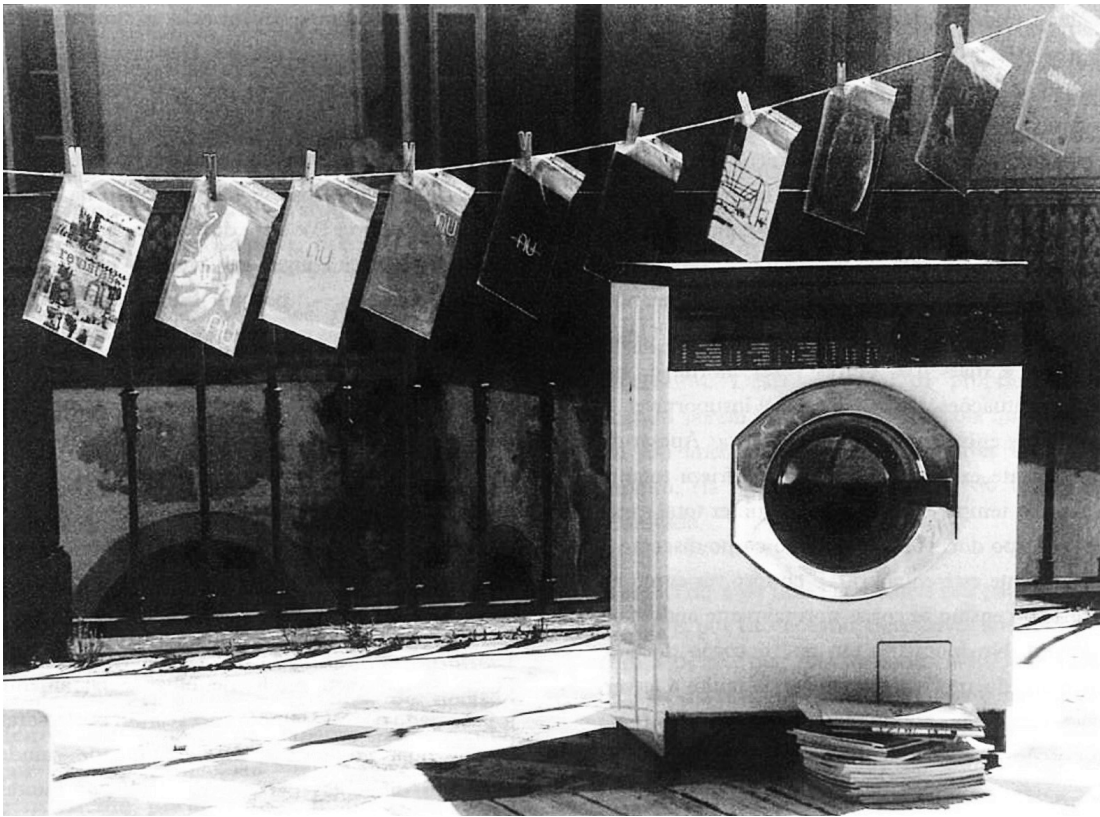


Fig.60 - revistas nu



transversalidade de temas que baseiam estas propostas apresentadas como complemento ao plano de estudos e aos alunos.

A presença destes também se revela como prolongamento da escola, e o espírito crítico dos alunos e a vontade de o explorar deve ser pertinentemente referida, por também fazer escola. A revista estudantil NU, que nasce do centro do Núcleo de Estudantes de Arquitetura que a projeta como um dos seus objetivos, apresenta um caminho longo e alberga vários temas em confronto com a sua ligação com a arquitetura, que representam a visão do coletivo de alunos que a constituem.

“ O primeiro número, #1 Encruzilhadas, é lançado em Maio de 2002, e a NU torna-se, aí, uma revista periódica de reflexão e debate. (...) Desde então já foram publicados mais que 40 números da Revista NU, assumindo-se como uma publicação de teoria e crítica focada em temas de interesse à produção arquitectónica mas também extra-disciplinar.” (Revista NU,2019)

A NU, uma das revistas estudantis de arquitetura mais antiga do país, deixa assim um caminho traçado baseado na vontade de induzir o confronto e troca de informação de modo a encontrar o conhecimento que o coletivo discente procura e espera encontrar, elevando a sua consciência crítica.

Dezassete anos já se passaram desde o início desta *Encruzilhada*, mas a voz permanece e pretende permanecer.

Apesar de não existir uma publicação regular, a revista pretende não ser esquecida e mantém um ativo que insiste numa continuidade interminável, continuidade essa que se apresenta também esteticamente. Existe esse transparecer de pensamento crítico aliado a uma marca textural que representa cada número e interliga os anteriores com os futuros.

Este prolongamento torna-se indispensável no Departamento, culmina e cruza os agentes, transpõe barreiras de temáticas e induz ao debate e consciência crítica que atravessa toda a comunidade escolar. É também uma retribuição e demonstração do pensamento formado no percurso do DARQ.

Existe uma miscelânea de situações que decorrem de forma constante, e que a maioria das vezes apresenta o saber que os agentes procuram e originam abertura a visões complementares e interdisciplinares. O calendário escolar carrega-se e constrói-se de conferências, colóquios, palestras, aulas abertas, conversas e debates, seminários, exposições, lançamentos de livros, viagens de estudo... que se conectam com os mais variados saberes. É um centro que aparenta estar à margem, mas é um complemento fulcral na formação e identidade que o Departamento transmite ou pretende transmitir. É mais que importante induzir a relevância destes ao corpo docente e discente, pela facilidade de cruzamento rápido de informação e pela abertura a temas de contacto que se tornam indispensáveis ao pensamento arquitetónico.

Através deste prolongamento da escola ao exterior, a interdisciplinaridade oscila e agita todas as escalas: completa o plano de estudos, desenvolve uma visão crítica e a prática projetual pelo toque de novas perspetivas e saberes, culmina agentes e atribui-lhe novas valências que podem, posteriormente, ser apresentadas em novos acontecimentos de extensão escolar. Por aparência, pode ser visto como um suplemento à identidade do



Departamento e à formação de um curso, mas eleva-se pela sua abertura interdisciplinar, e torna-se uma peça central que recolhe um todo, a partir das suas diversas partes. Assume a capacidade exponencial de mostrar aos agentes o mundo, esbatendo as fronteiras do claustro.



## **PROPOSTAS E CONCLUSÕES**



*“A transdisciplinaridade do Projecto de Arquitectura é, hoje, numa sociedade globalizante condição imprescindível à legitimação da arquitectura.” (Byrne citado por Canto Moniz, 2000, p.80)*

Um arquiteto tem de ter consciência do mundo que o rodeia e para isso deve ir em busca do mais diverso conhecimento para completar o seu pensamento e consequentemente o exercício projetual.

Esta interdisciplinaridade característica na disciplina mor da Arquitectura, este “jogar” em várias frentes por parte de um arquiteto, deve ser assumida e explorada de modo equilibrado para completar uma visão arquitetónica sem perder o foco central, nem o deixar diluir, até porque várias vertentes vão retirar a força umas às outras.

Esta premissa torna-se obrigatória quando simultaneamente se fala no ensino da Arquitectura. Esta característica do arquiteto ser um ser preocupado com o mundo e como a sua solução projetual o vai afetar, é desde logo incutido no percurso formativo e apresentado na pedagogia da escola, neste caso o Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

A passagem de um olhar pelas diversas escalas, que atravessam um plano mais amplo até a momentos mais particulares resultaram em amostras de fragilidades e forças, que devem ser repensadas ou maximizadas.

Mas estas fragilidades e forças só são verdadeiramente fieis se o campo estudantil as sentir. Deste modo, as “Propostas e Conclusões” possuem como base um inquérito feitos aos estudantes de Arquitectura (ver anexo), no DARQ de modo a refletir sobre o investigado juntamente com a visão da maior percentagem de indivíduos que percorre o claustro. Pretende-se pensar sobre o que poderia ser alterado e como o poderia ser, de acordo com os resultados e respostas apresentadas pelos alunos.

A centralidade do ensino do projeto num plano de estudos de arquitetura é histórica, e na verdade, torna-se impossível que seja de outra forma, não apenas pela sua aproximação ao campo profissional, mas porque “o projecto é gerido com base numa convergência transdisciplinar.” (Byrne citado por Canto Moniz, 2000, p.80)

O tronco central de projeto é um ponto onde todas as áreas de saber se encontram e culminam originando a verdadeira essência da Arquitectura. Como um pilar na pedagogia da escola, todas as outras disciplinas são pensadas em seu redor para a completar e originar o tal arquiteto que joga em várias frentes.

Para isso, algumas matérias das disciplinas consideradas mais ou menos relevantes por parte dos alunos, devem ser repensadas para perceber se estão desatualizadas ou se existe algum corte de comunicação entre a docência e o recetor deste conhecimento.

“Partimos do entendimento de que o processo de projeto de arquitetura é um conjunto de atividades intelectuais que envolvem conhecimentos multidisciplinares que, por sua vez, permitem fazer o diagnóstico, análise, síntese, previsão, avaliação e decisão com finalidade de resolução de um determinado problema.” (Carvalho &





Rheingantz, 2013, p.54)

Se por um lado os alunos acreditam que as áreas nucleares existentes são as corretas para formar uma base de um plano de estudos num curso de Arquitetura, as disciplinas que se inserem dentro delas tornam-se por vezes questionáveis, e nem sempre concretizam as expectativas ou a possibilidade de cruzamentos.

As disciplinas instrumentais pertencentes maioritariamente à área nuclear de Desenho, poderiam cruzar-se mais pontualmente com Projeto. Desenho ao longo dos três anos da Licenciatura, assim como Arquitetura e Projeto Digital poderiam interligar-se mais com esta disciplina central, o próprio projeto do aluno poderia ser desenvolvido simultaneamente em Arquitetura e Projeto Digital direcionando o ensino desta disciplina para a comunicação digital, representação, assim como uma apresentação a diversos programas mais atuais, como por exemplo, a partir de pequenos exercícios em que se lide, nem que seja superficialmente, com os diferentes programas.

A aproximação à prática profissional não necessita de ser desenvolvida apenas no momento do projeto, e a apresentação e comunicação do mesmo com mais rigor, assim como a construção de um portfólio que será necessário para um aluno recém-formado, poderiam ser motivos e pontos a incluir. Embora esta iniciativa tenha sido desenvolvida pelo Núcleo de Estudantes de Arquitetura (NUDA) nos últimos anos, os alunos sentem esta lacuna na sua formação. Outrora esteve presente no plano de estudos de 2008/2009 a disciplina de Organização do Projecto e Prática Profissional, lecionada por José Fernando Gonçalves, embora esta opcional tivesse ocorrido apenas e somente nesse ano.

O leque de opcionais vai renovando e absorve uma instabilidade, mas que deve ser aproveitada para a recolha do necessário para completar a formação. Se em algumas opcionais se nota uma pertinência para uma presença constante, existem outras que podem ser mais intermitentes consoante o que a visão da escola dita, e o arco temporal onde se insere.

O mesmo acontece com uma unidade curricular lecionada por Adelino Gonçalves, intitulada de Políticas e Direito da Reabilitação, presente como opcional no ano de 2015, que coincide com áreas de interesse a desenvolver por parte de alguns alunos. Embora neste momento esta informação não seja apresentada sólidamente, poderia ser reforçada. Se em Disciplinas como Urbanística e Urbanização já existe um contacto com políticas de planeamento, planos diretores municipais e planos de pormenor, outro tipo de regulamentos deveria ser abordado. Não que seja necessário a criação de uma disciplina, mas informação poderia ser transmitida nesta área de Urbanismo ou até mesmo no núcleo construtivo.

A área nuclear de Arquitetura interliga todos os anos do curso, mas não é a única. Desenho e Construção também atravessam e apresentam-se em todo o plano de estudos, mas a área de Urbanismo também não deveria iniciar a formação arquitetónica?

A partir do segundo semestre do primeiro ano, no desenvolvimento de projeto, os alunos são desde logo confrontados com questões urbanísticas (embora sejam de baixa complexidade), mas este sector de conhecimento aparece apenas em formato de disciplina no 3º ano do percurso formativo.

A introdução do aluno a problemas urbanos e possíveis soluções ficam então a cargo dos docentes de Projeto I, no estirador e na sua vertente teórica, sendo a prova da presença interdisciplinar nos indivíduos que cujas valências deveriam ser equilibradamente



aproveitadas para completar a rede de formação.

No âmbito de Projeto I, através dos efeitos da luz e momentos de tensão que o espaço provoca, o conhecimento da Professora Carolina Coelho, na temática da *Vivências na Arquitetura* seria uma mais-valia. Assim como no restante percurso formativo através de questões pontuais com percursos originados pelos utilizadores num espaço de arquitetura, ou até mesmo questões relacionadas com a cor, que apesar de serem apresentadas em disciplinas de Teoria, poderiam pontualmente encontrar-se no estirador através do encontro dos docentes.

No grau de Licenciatura, estes encontros entre disciplinas acontecem mais pontualmente e em grande parte das vezes, a ligação entre os saberes, encontra-se no docente que a transmite. Na verdade, quando se fala em cruzamento de disciplinas com projeto, torna-se impossível não referir a relação sólida entre a Arquitetura e Construção, sendo que esta se apresenta em grande percentagem do percurso, senão mesmo em todo o curso, mas quando se retira projeto da equação, a rede de comunicação quebra. Se o centro projetual desaparecer, as restantes unidades curriculares não se cruzariam.

Neste grau de formação, permanece assim uma interdisciplinaridade presente por meio do indivíduo mas que está ligado à área de arquitetura e que coleta em si uma vertente de conhecimento exterior ao campo arquitetónico. Contrariamente, no grau de Mestrado as disciplinas assumem uma maior ligação com o atelier de projeto, especialmente com as opcionais indicadas pelos docentes responsáveis.

Estas relações entre as disciplinas opcionais e o exercício de projeto, no segundo momento de formação, devem ser sedimentadas para que permaneça o seu encontro entre matérias independentemente do docente que leciona cada atelier, com a sua temática própria. O Atelier de Projeto poderia assim funcionar como invólucro que assumisse mais duas disciplinas (as opcionais), também de forma a interligarem-se diretamente no momento do estirador, em todas as turmas. Neste momento, para lá se caminha, mas com necessidade de solidificar e conectar este conhecimento de forma mais fluida.

A média de alunos por docente (cerca de 20) continua a ser um ponto de força que permite um acompanhamento íntimo na formação do aluno e uma tentativa de liberdade criativa e projetual, sem que seja limitada ou transformada à semelhança de quem ensina esta disciplina.

Mais uma vez, no grau de Mestrado, esta liberdade é elevada através da divisão temática dos Ateliers de Projeto. Esta mudança, que decorre da alteração do plano de estudos em 2015, abriu um caminho de escolha aos alunos, que agora escolhem a área de interesse sobre a qual querem trabalhar, no exercício de projeto. Poderiam ser repensadas as temáticas apresentadas para que as diferenças entre elas se realçassem, e poderia, tal como às vezes acontece, agregar uma relação interdisciplinar.

O cruzamento de conhecimento, e as pontes e ligações criadas com outras áreas de saber é mais desenhada, pensada e conseguida, na segunda etapa do percurso formativo. As opcionais ao mesmo tempo possuem e concretizam o objetivo da sua criação, o complemento e apoio à prática projetual. A opinião dos alunos indica que o número de opcionais presentes são adaptadas e corretas em relação ao plano de estudos, mas ainda se denota a lacuna relativa a certas matérias que poderiam ser exploradas e acrescentadas à formação.



O combater destas omissões pode ser pensada nas diversas escalas da interdisciplinaridade. Nem sempre é necessário a criação de uma unidade curricular que assuma o tema, mas ele pode ser inserido dentro das matérias de disciplinas paralelas, abordada em eventos e publicações pontuais no departamento, ou facilmente representada pela presença dos indivíduos, que muitos deles apresentam essas mesmas valências que poderiam ser potencializadas.

A vontade de uma interdisciplinaridade mais fluente, e de uma rede de coletivo mais coesa deveria pensar neste pontos, desde o plano de estudos, ao ensino de projeto, aos indivíduos que possui, e com importância, em toda a comunidade escolar.

Com o contacto com os professores de Projeto também se apercebe que existe uma abertura à criação de pontes e inserções de conhecimento para completar a formação. Os alunos admitem e evidenciam algumas lacunas temáticas que poderiam ser desenvolvidas, mas ao mesmo tempo não assumem esta responsabilidade e não propõem o que lhes é aparentemente pertinente para o apoio da prática projetual, mesmo dentro da unidade curricular de projeto e com o seu docente responsável.

Durante o ensino desta disciplina, origina-se uma relação íntima e próxima entre professor e aluno, mas mesmo em momentos de conversa ao estirador, o campo estudantil descarta, em parte, a hipótese de ajudar a combater o que seriam estas fragilidades.

É necessário pensar que a escola cruza uma rede de coletivo em que todas as partes têm a responsabilidade de construção de uma identidade.

Um dos pontos fortes, no curso de Arquitetura em Coimbra, é também o espaço onde se encontra, pesando a fragilidade física que apresenta de forma notória. O claustro central, delimitado pelas salas e acessos em seu redor cria logo num primeiro plano a base para o cruzamento entre indivíduos. O deambular por aquele edifício permite uma proximidade extrema entre todos os alunos e todos os docentes, de forma voluntária e involuntária e facilita linhas de relacionamento e proximidade. Este acontecimento acaba por não ser propositado, mas poderiam existir momentos de encontro propositados e ligados à prática projetual, sem serem os momentos de debate e de conferência.

Dentro da disciplina de Projeto e num primeiro momento do desenvolvimento de projeto, por exemplo a análise urbana, não seria possível os alunos trabalharem em grupos formados pelos alunos de todas as turmas de projeto daquele ano?

Se a presença dos indivíduos cria particularidades, pois cada pessoa é única e transmite a sua visão de forma diferente, poderia acontecer um curto momento de trabalho direto com os docentes das outras turmas (do mesmo ano), de forma ao aluno absorver estas “especialidades” de cada indivíduo, sem ser nos momentos de apresentação crítica. Mas se for considerada alguma pertinência nesta miscelânea de turmas, esta poderia ser alargado duas vezes mais, a toda a comunidade.

Tal como acontece na Universidade de Évora, o início do ano poderia iniciar-se com um Exercício O, um pequeno workshop de curta duração, cujo exercício fosse desenvolvido em grupo composto por uma mistura de todos os anos. O Instituto Superior Técnico em Lisboa, também apresenta e agenda todos os anos, um Exercício Relâmpago, que se acontece na primeira semana do segundo semestre, com uma duração semanal. Os alunos são também divididos por grupos compostos por formandos de variados anos, em que é suposto seguir as seguintes etapas: Conceptualização, Estratégia, Projeto e Comunicação. Qualquer destas



alternativas deveria ser pensada pela facilidade e pelo próprio espaço escolar assim o permitir. Seria também possível, criar um evento deste tipo dentro de cada ano de projeto, mas cujo exercício fosse orientado pelo docente que leciona o devido projeto em parceria com um dos indivíduos com valências fortes e complementares à arquitetura.

Um momento deste tipo também ajudaria a combater os temas em falta que os alunos mais referem e que consideram pouco presentes dentro do curso. Sustentabilidade e Preocupação Ambiental, Artes, Programas Informáticos da área da Arquitetura, Economia, Direito, Política e até Psicologia e Filosofia... receberiam assim uma abertura para criar uma ligação, num instante de interdisciplinaridade pontual e ao mesmo tempo que atravessa as diferentes escalas.

A rede de transmissão de informação iria fortalecer-se, e poderia num deste momentos incluir outros agentes para além do curso de Arquitetura, sendo que no mesmo local físico se encontra o Colégio das Artes que acolhe outras áreas de formação. Se existem já docentes que partilham a docência entre Arquitetura e Design e Multimédia, não seria interessante que nessas possíveis ocasiões os alunos dos dois cursos se cruzassem?

Poderia assumir-se esta ligação com os restantes cursos residentes para completar o conhecimento transmitido, tanto no momento de formação arquitetónica como nos restantes. Não significa que deva ser uma obrigatoriedade, como outrora foi a ligação extrema de disciplinas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, mas deveria haver uma consciência da oferta da informação pertinente e em proximidade do DARQ, e mais uma vez perceber o potencial que se pode recolher no claustro.

O momento final do curso, que termina com a prova de dissertação de Mestrado, apresenta-se como uma etapa com mais abertura para o cruzamento interdisciplinar, que fica sensivelmente à responsabilidade do aluno. O percurso formativo atinge o seu final com o desenvolvimento de uma investigação teórica ou prática em que o orientador propõe um tema, que na maioria das vezes é abrangente e possui a liberdade de inserção de novas propostas. Apesar de uma dissertação prática ser mais limitada neste aspeto, ela continua a permitir relações com outras temáticas a serem exploradas e de interesse por parte do arquiteto em formação. Também assim era quando se apresentava como prova final de licenciatura:

“A prova final é a alternativa teórica e aprofundado do tradicional relatório de estágio final de curso e à qual o Curso de Arquitectura de Coimbra recorreu e potenciou enquanto elemento de avaliação do arquitecto que propõe formar. A Prova, é, também, um espaço interdisciplinar onde o centro é por direito próprio a arquitectura e onde a Escola permite “aos alunos escolher vários caminhos e várias abordagens à arquitectura, encarada de facto como matéria de múltiplas disciplinas e direcções” (Moniz, 2000, p.79)

Esta premissa continua a ser seguida no âmbito da Dissertação de Mestrado e permite assim concluir que o curso de Arquitetura em Coimbra, vai assumido cada vez mais estas pontes com outras disciplinas ao longo dos cinco anos de formação, começando timidamente no primeiro ano e culminando numa maior abertura no último. Simultaneamente, a interdisciplinaridade numa educação arquitetónica deve ser pensada deste mesmo modo, só quando o aluno cria uma base de aprendizagem que a escola dita, é que se possui o conhecimento para decidir o que deve ser complementar e essencial para solidificar o seu caminho.





Ao longo de trinta anos de percurso, uma escola de arquitetura relativamente recente deve apoiar-se e manter como foco toda as forças que residem nela. “ Em Coimbra, com estas e outras linhas, o curso de arquitetura vai-se desenhando, numa composição irregular e heterogénea, experimental e improvisada.” (Correia, 2000, p.85), e essa composição não pode deixar de considerar a busca de conhecimento exterior.

O equilíbrio está no grau com que deve entrar esta interdisciplinaridade, que já existe, em instantes mais bem conseguidos do que em outros. O claustro, tal como projeto, personifica um centro com abertura para pontes e ligações a outras áreas de saber que podem ser reformuladas e assumidas para completar a visão da escola de que arquiteto pretende formar.

“Today’s challenge to architecture education is two-fold: It has to defend and protect its established ways of on-the-job training and research-by-design against recognised and successfully operating models of academic education and scholarly discourse. And it needs to adjust its own model to changes within the profession and to the shift of architecture’s role in society and culture and general. Otherwise, we risk negating architecture’s relevance for good.”(Frohburg, 2013, p.46)

Concluindo, deve permanecer-se dentro do caminho traçado ajustando os traços de ligação com o mesmo, sem perder a visão do destino que é a Arquitetura. Esta vontade do arquiteto ser um ser que joga em várias frentes, que puxa para si vários tipos de conhecimento para completar o seu pensamento projetual, de resolver o mundo e o abraçar a todos os níveis é o que cria a essência da Arquitetura e da sua autonomia. Esta abrangência, esta interdisciplinaridade é também Arquitetura.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, L. B. (2011). *De re aedificatoria, Da Arte edificatória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [1485]. Espírito Santo, A. M. (Tradução), Krüger, M. J. T. (Introdução, Notas e Revisão Disciplinar).
- Almeida, J. (2013). 3.2. Instrumentos da construção das ideias. *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (4), 137-138
- Bandeirinha, A. (2013). Disciplinary intersections and synthesis. In *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (4), 157-158
- Bandeirinha, J. (2019) Apresentação do Doutoramento em Arquitectura da Universidade de Coimbra, disponível em: <https://www.uc.pt/fectuc/darq/apresentacao> (acedido em 2-7-2019)
- Bandeirinha, J. (coord.); Lobo, S. (2018 a) Introdução à Arquitectura e à Cidade I. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp.46 -47). Coimbra: e|d|larq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Bandeirinha, J. (coord.); Lobo, S. (2018 b) Introdução à Arquitectura e à Cidade II. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp.50 -51). Coimbra: e|d|larq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Bandeirinha, J. (coord.); Pedro, D., Almeida, J., Correia, L., Lobo, S. (2018) Projeto I. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp. 36-39). Coimbra: e|d|larq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Bandeirinha, J., & Correia, L., & Mota, N. (eds.).(2017) Apresentação da *Joelho* 8, disponível em <http://congressoalberti.ces.uc.pt/about.php> (acessado a 3 de Julho de 2019)
- Borges, M. (2013). Didática: Os suportes operativos in *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (4), 51-52
- Brandão, C. et al (2013) Programa do Congresso Internacional: Na Génese das Racionalidades Modernas II - Em Torno de Alberti e do Humanismo, disponível em <http://congressoalberti.ces.uc.pt/about.php> (acessado a 3 de Julho de 2019)
- Byrne, G.(1995) . 3ª Sessão. In Figueira, J et al (ed.).(1995) *Encontros de Tomar - I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura da Universidade de Coimbra* (pp. 25-37) Coimbra: e|d|larq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Cardielos, J. (coord.) . (2018) Ambiente e Organização do Espaço. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) .*Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (p.133). Coimbra: e|d|larq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Carvalho, J. (coord.) . (2018) Arte e Cultura Contemporânea. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) .*Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia*



no Departamento de Arquitectura da FCTUC (p.155). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Carvalho,R., & Rheingantz,P. (2013). Contribuições da teoria ator-rede para a construção do conhecimento no ateliê de projeto de arquitetura. In *Joelho. Revista De Cultura Architectónica*, (4), 53-55

Costa, A. (2000). Cinco pensamentos de nexo inexplicável, *ECDJ: 10 anos de arquitectura no colégio das artes*, (2), 61-65

Costa, A. (2007). Textos Datados. Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Costa, A., & Tavares, D. (eds.). (2012) Sobre o número 3 da Revista Joelho, disponível em <https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/41> (acessado a 3 de Julho de 2019)

Figueira, J. (1995) . Nota sobre o I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra - Tomar 1995. In Figueira,J et al (ed.).(1995) Encontros de Tomar - I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura da Universidade de Coimbra (pp. 77-81) Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Figueira, J. (coord.); Gil, B. (2018 a) Teoria da Arquitetura I. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp. 62-63). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Figueira, J. (coord.); Gil, B. (2018 b) Teoria da Arquitetura II. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) .*Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp. 68-69). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Figueira, J. (ed.) (2010). Mulheres na Arquitectura, Apresentação. *Joelho. Revista De Cultura Architectónica*, (1) 6-7. Disponível em de <https://impactum-journals.uc.pt/joelho/article/view/391> (acessado a 3 de Julho 2019)

Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Figueira, J., & Moniz, G. (2011). Nota Prévia. *Joelho. Revista De Cultura Architectónica*, (2) p.5. Acesso em de <https://impactum-journals.uc.pt/joelho/article/view/385> (acessado a 3 Julho de 2019)

Figueira, J.; Moniz, G.; Correia, N. (Eds.) (2000) . *Ecdj: 10 anos de arquitectura no colégio das artes*, (2).

Floet, W. (2013). Bsc curricula in Architecture in *Joelho. Revista De Cultura Architectónica*, (4), 20-28

Frampton, K. (1999) Seven points for the millennium: an untimely manifesto. *The Architectural Review*; Nov 1999; 206, 1233; 76-80



- Frohburg, J. (2013). The potencial of assessment in education for reflective practice, *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (4), 43-46
- Gigante, J. (1995) . O Lugar da Construção. In Figueira, J et al (ed.).(1995) Encontros de Tomar - I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura da Universidade de Coimbra (pp. 63-69) Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Gil, B. (2005) . Escola de Arquitectura, Hoje. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura . Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
- Gil, B. (2016). Culturas de Investigação em Arquitectura: Linhas de pensamento nos centros de investigação, 1945-1974. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Ginoulhiac, M. (2009) . O ensino do projecto de Arquitectura: Contribuições para um debate crítico em torno da prática contemporânea. Tese de Doutoramento em Arquitectura . Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Gomes, P. (1995) .4ª Sessão. In Figueira, J et al(ed.).(1995) Encontros de Tomar - I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura da Universidade de Coimbra (pp.39-41) Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Gomes, P. (2000). Entre coimbra e o mundo, *ECDJ: 10 anos de arquitectura no colégio das artes*, (2), 47-51
- Gonçalves, J. (2000). Tape ou descubra as diferenças, *ECDJ: 10 anos de arquitectura no colégio das artes*, (2), 9-11
- Gonçalves, A, & Relvão, M; & Bettencourt, A. (2018) Brochura do Mestrado de Reabilitação Urbana Integrada, disponível em: [https://www.uc.pt/fctuc/darq/ensino/mrui/brochura\\_mrui\\_2](https://www.uc.pt/fctuc/darq/ensino/mrui/brochura_mrui_2) (acedido a 2-7-2019)
- Grande, N. (2013). Investigação em projeto. Breves reflexões sobre uma sessão onde se relacionou teoria e prática in *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (4), 220-221
- Krüger, M. (1995) .4ª Sessão. In Figueira, J et al (ed.).(1995) Encontros de Tomar - I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura da Universidade de Coimbra (pp.47-62) Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Krüger, M. (2000). Uma autobiografia prospectiva do departamento de arquitectura da fctuc, *ECDJ: 10 anos de arquitectura no colégio das artes*, (2), 28-45
- Martins, C. (coord.); Coelho, C. (2018) Urbanismo. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC (pp. 90-91). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc
- Mendes, J. (coord.); Antunes, C.; Fortuna, C.; Brigida, P. (2018) Projeto III. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC (pp. 72-75). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

ESBATER FRONTEIRAS



Moniz, G. (2000). Construir uma escola - Comentário à primeira sessão dos encontros de tomar IV, *ECDJ: 10 anos de arquitectura no colégio das artes*, (2), 76-81

Murtinho, V. (coord.), Soares, D. ; Pais, T. (2018) Geometria. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp. 42-43). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Olaio, A. (coord.), & Pousada, P. (2018 a) Desenho II. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) .*Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp. 56-57). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Olaio, A. (coord.), & Pousada, P. (2018 b) Desenho III. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) .*Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp.84-85). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Pinto, P. (2015) . *O lugar do Projecto : O Ensino da Arquitectura e a Adequação Portuguesa ao Processo de Bolonha (2006-2014)* . Tese para obtenção de grau de Doutor em Arquitectura. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Providência, P. (2018) Atelier de Projeto IIA - Laboratório de Projeto A. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) . *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (pp. 106-109). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Providência, P., & Moniz, G. (2013). Editorial. *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (4), 10-19

Rabaça, A., & Martins, C. (2017). Editorial. *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (7), 5-15. Acesso em de <https://impactum-journals.uc.pt/joelho/article/view/4029>

Revista NU (2019) *Entre(tanto)*, (45).Coimbra:Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Rossa, W.(1995) . 1ª Sessão. In Figueira, J et al (ed.).(1995) *Encontros de Tomar - I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura da Universidade de Coimbra* (pp. 13-17) Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc

Sousa, S., & Baptista-Bastos, M. (2013). Esquecimento na aprendizagem do projecto de arquitectura in *Joelho. Revista De Cultura Arquitectónica*, (4), 60-64

Troiani, I.; Ewig, S.; Periton, D. (2013). *Architecture and Culture: Architecture's Disciplinarity . Architecture and Culture, Volume One*, 6-17

Xavier, S. (coord.) . (2018) *Antropologia, Cultura e Arquitetura*. In Figueira, J. et al (Ed.) (2018) .*Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (p.143). Coimbra: e|d|arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc



| ÍNDICE DE IMAGENS   | PÁGINA |
|---|--------|
| <b>Fig.1</b> Entrada do Colégio das Artes<br>Da Autoria Da Autora   | 24     |
| <b>Fig.2.</b> Capas do Livro dos Encontros de Tomar e ECDJ 2<br>Retirado de: Figueira et al(ed.)(1995) Encontros de Tomar - I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura da Universidade de Coimbra , Coimbra: e d arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc   | 26     |
| <b>Fig.3</b> Capa do Diário de Coimbra<br>Retirado de : Bandeirinha, R. (2013) . O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade de Coimbra, (p.316) Coimbra, Portugal.  | 30     |
| <b>Fig.4</b> Proposta de Alteração do Plano de Estudos<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura de Coimbra  | 32     |
| <b>Fig.5</b> Alteração das Unidades Curriculares do Primeiro Ano de Formação<br>Da Autoria da Autora  | 34     |
| <b>Fig.6</b> Alteração das unidades curriculares opcionais<br>Da Autoria da Autora  | 36     |
| <b>Fig.7</b> Primeira reunião da Comissão Científica do Departamento de Arquitectura<br>Retirado de Bandeirinha, R. (2013) . O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade de Coimbra, (p.359) Coimbra, Portugal | 38     |
| <b>Fig.8</b> Sumário da Segunda Aula de Geografia<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura de Coimbra   | 40     |
| <b>Fig. 9</b> Sumário da Primeira Aula de Construção I (1992/1993)<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura de Coimbra  | 42     |
| <b>Fig.10</b> Sumário da Décima Terceira aula de Desenho (1994/1995)<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura de Coimbra  | 44     |



| ÍNDICE DE IMAGENS   | PÁGINA |
|---|--------|
| <b>Fig.11</b> Última aula de Paulo Varela Gomes<br>Figueira, J. et al (Ed.) (2018). Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra: e d arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc, p.176    | 46     |
| <b>Fig.12</b> Manifesto “Arquitetura na Ruína”<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura de Coimbra  | 48     |
| <b>Fig. 13</b> Janela da Sala de Projeto I - o Farol<br>Da Autoria da Autora  | 50     |
| <b>Fig.14</b> Capa da Revista <i>Architecture and Culture</i><br>Retirado de Troiani,I.; Ewig,S.;Periton,D. (2013) . Architecture and Culture, Volume One (Issues one and two)  | 52     |
| <b>Fig.15</b> Janela da Sala de Projeto II<br>Da Autoria da Autora  | 58     |
| <b>Fig.16</b> Estrutura do Mestrado em Arquitectura<br>Figueira, J. et al (Ed.) (2018). Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra: e d arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc, p.31 | 60     |
| <b>Fig.17</b> Presença das áreas científicas no plano de estudos<br>Da Autoria da Autora  | 62     |
| <b>Fig.18</b> Número de disciplinas por área científica<br>Da Autoria da Autora   | 64     |
| <b>Fig.19</b> Distribuição Docente<br>Da Autoria da Autora  | 66     |
| <b>Fig. 20</b> Capa dos Cadernos DARQ<br>Figueira, J. et al (Ed.) (2018). Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra: e d arq - edições do departamento de arquitetura da fctuc                     | 68     |
| <b>Fig.21</b> Unidades curriculares do Plano de Estudos de 2018/2019 e distribuição da docência pelas áreas científicas<br>Da Autoria da Autora   | 70     |



| ÍNDICE DE IMAGENS   | PÁGINA |
|---|--------|
| <b>Fig.22 e 23</b> Gráficos de relações entre áreas nucleares de Mário Krüger<br>Retirado de Krüger, M. (2000). Uma autobiografia prospectiva do departamento de arquitectura da fctuc, ECDJ: 10 anos de arquitectura no colégio das artes, (2), p.36 | 74     |
| <b>Fig.24</b> Gráfico de relações entre áreas nucleares em 2019<br>Da Autoria da Autora   | 74     |
| <b>Fig.25</b> Janela da Sala de Projeto III<br>Da Autoria da Autora   | 78     |
| <b>Fig.26</b> Sala de Projeto I - Aquário<br>Da Autoria da Autora   | 82     |
| <b>Fig.27</b> Sala de Projeto I - Farol<br>Da Autoria da Autora   | 84     |
| <b>Fig.28</b> Maquetes do exercício do sistema<br>Da Autoria da Autora  | 84     |
| <b>Fig. 29</b> Sala de Projeto I - Aquário<br>Da Autoria da Autora  | 86     |
| <b>Fig.30</b> Exercício de Projeto do Segundo Semestre<br>Da Autoria da Autora  | 86     |
| <b>Fig.31 e 32</b> Sala de Projeto II<br>Da Autoria da Autora   | 88     |
| <b>Fig.33</b> Sala de Projeto III<br>Da Autoria da Autora   | 90     |
| <b>Fig.34 e 35</b> Trabalhos desenvolvidos em Projeto III<br>Da Autoria da Autora   | 92     |
| <b>Fig.36 e 37</b> Sala de Aula dos Atelier de Projeto do Quarto Ano<br>Da Autoria da Autora  | 94     |
| <b>Fig. 38</b> Apresentação dos trabalhos desenvolvidos em Atelier de Projeto ID<br>Da Autoria de Adelino Gonçalves   | 96     |
| <b>Fig.39</b> Exercício desenvolvido em Atelier de Projeto ID<br>Da Autoria de Adelino Gonçalves  | 96     |
| <b>Fig. 40</b> Sala do Atelier de Projeto IIA<br>Da Autoria da Autora   | 98     |





| ÍNDICE DE IMAGENS  | PÁGINA |
|--|--------|
| <b>Fig. 41</b> Trabalho desenvolvido em Atelier de Projeto IIA<br>Da Autoria da Autora   | 98     |
| <b>Fig.42</b> Maquete desenvolvida em Atelier de Projeto IIB<br>Da Autoria da Autora   | 100    |
| <b>Fig.43</b> Maquete desenvolvida em Atelier de projeto IIC<br>Da Autoria da Autora   | 102    |
| <b>Fig.44</b> Janela da Sala de Ateliers de Projeto do Quarto Ano<br>Da Autoria da Autora  | 108    |
| <b>Fig.45</b> Cronologia dos Docentes do Departamento (1995-2018)<br>Da Autoria da Autora  | 110    |
| <b>Fig. 46</b> Atividade desenvolvida com os alunos no Porto (2015/2016)<br>Da Autoria de Gonçalo Canto Moniz  | 112    |
| <b>Fig. 47</b> Discussão sobre a reabilitação da fábrica “Vitasal”<br>Da Autoria de Gonçalo Canto Moniz  | 112    |
| <b>Fig.48</b> Sumário da 26ª aula de Introdução aos Sistemas Construtivos<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitetura de<br>Coimbra  | 118    |
| <b>Fig.49</b> Sumário de Planeamento Físico I<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitetura de<br>Coimbra  | 120    |
| <b>Fig.50</b> Sumário da 52ª aula de Desenho<br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitetura de<br>Coimbra   | 122    |
| <b>Fig.51</b> Janela da sala de Ateliers de Projeto do Quinto Ano<br>Da Autoria da Autora  | 122    |
| <b>Fig.52</b> Capa da Revista Joelho 1<br>Retirado de <a href="https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/4">https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/4</a><br>(acessado a 9 de Julho de 2019)   | 124    |
| <b>Fig.53</b> Capa da Revista Joelho 2<br>Retirado de <a href="https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/40">https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/40</a><br>(acessado a 9 de Julho de 2019) | 124    |
| <b>Fig.54</b> Capa da Revista Joelho 4<br>Retirado de <a href="https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/83">https://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/83</a><br>(acessado a 9 de Julho de 2019) | 126    |



| ÍNDICE DE IMAGENS   | PÁGINA |
|---|--------|
| <b>Fig.55</b> Cartaz do Colóquio Ensinar pelo Projeto<br>Retirado de <a href="https://www.uc.pt/fctuc/darq/eventos/ensinar_pelo_projeto">https://www.uc.pt/fctuc/darq/eventos/ensinar_pelo_projeto</a> (acessado a 9 de Julho de 2019)                    | 128    |
| <b>Fig.56</b> Abertura da expsição TAPE em 2016<br>Da Aútoria de NUDA - Núcleo de Estudantes de Arquitetura   | 130    |
| <b>Fig.57</b> Exposição História da Arquitetura Portuguesa<br>Da Aútoria da Aútoria   | 132    |
| <b>Fig.58</b> Workshop RMB no Departamento de Arquitetura em Coimbra<br>Retirado de <a href="http://www.rmb-eu.com/studentworkshops/3rd-studentworkshop/">http://www.rmb-eu.com/studentworkshops/3rd-studentworkshop/</a> (acessado a 9 de Julho de 2019) | 134    |
| <b>Fig.59</b> Convite ao Arquiteto Pedro Garcia para ingressar o workshop - <i>Coimbra: um novo mapa</i><br>Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitetura de Coimbra   | 138    |
| <b>Fig.60</b> Revistas NU<br>Retirado de Revista NU (2019) Entre(tanto), (45).<br>Coimbra:Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (p.41)   |        |
| <b>Fig.61</b> Saída do Colégio da Artes<br>a Aútoria da Aútoria   |        |



## **ANEXOS**



## **A.1** Testemunho de Luís Miguel Correia

Feita pela Autora, no dia 6 de Junho de 2019

### **TESTEMUNHO DE LUÍS MIGUEL CORREIA**

**O Professor e Arquiteto Luís Miguel Correia encontra-se como regente e a lecionar a unidade curricular de Projeto I desde 2018, mas está ligado à docência desta disciplina desde 2007. A escolha deste docente parte de uma necessidade de obter respostas em relação à visão que se pretende transmitir no primeiro ano do curso.**

**Ana Luísa Graça: Sobre o tema da minha dissertação que se foca na interdisciplinaridade do ensino da arquitetura, localizado em Coimbra, pretendia saber que cruzamentos disciplinares acontecem com a unidade central de Projeto I?**

Luís Miguel Correia: Há uma tentativa, de neste momento, e com as coordenações verticais e horizontais que existem num ano, sendo que a vertical indica os anos todos, que haja, no futuro, uma relação mais profícua entre as unidades curriculares. Sendo que ao longo de todo o curso, e em diversos anos, já existiu essa interdisciplinaridade.

No primeiro ano, há alguns anos que nós tentamos, com a Professora Teresa, de Desenho e regente de Geometria, que haja uma relação. Na geometria é com o exercício de topografia. Por norma este exercício que estamos a fazer, sobre a paisagem e habitação, dita se trabalhado também em Geometria. Este ano isso não ocorreu, porque o ano foi complicado...

A Desenho também existe a tentativa de eles irem desenhar o sítio que vão trabalhar.

Eu julgo é que isso não é suficiente, nós temos que articular mais...

A viagem este ano, foi uma viagem de ano inteiro, o que ajuda a essa interdisciplinaridade maior, porque na viagem vão os professores de IAC, Desenho, Geometria e Projeto e por isso, torna a união entre todos, e entre os alunos, mais forte. Por exemplo, se a Arquitetura é o tema geral, o Desenho é o meio que nós temos nas viagens de aproximar o projeto, o exercício de desenho, o exercício de geometria... no fundo, é a síntese de tudo isto é a viagem.

Mas isso não é suficiente. Eu, para o ano, estou a pensar trabalhar um exercício especificamente com o Professor António Bettencourt, na cadeira de Construção. A ideia é fazer um exercício rápido, de aproximação entre essa unidade curricular e o Projeto, e o exercício ser avaliado por ambos.

Em desenho pretende-se uma relação mais profícua, e vai ser, até porque a avaliação de Projeto e Desenho será em comum com a Professora Teresa.

Em Geometria, vamos tentar, porque os alunos têm graves de desenho técnico, fazer um ou outro exercício comum entre Projeto e a Geometria. Ou seja, fazer com que as coisas e que os alunos sintam que existe uma convergência entre todas as unidades curriculares com um objetivo único.

Estamos a aproximar-nos disso...porque percebemos, claramente, que só dá para trabalharmos todos juntos. Separados, há conteúdos que se podem repetir, outros que ficam em défice, e os alunos não percebem essa necessidade.

**Ana Luísa Graça: Ao longo do curso, vamos percebendo que a abertura à interdisciplinaridade e inserção de novos conhecimentos vai acontecendo de forma gradual e mais fácil. A partir deste momento inicial do curso de Arquitetura e em Projeto, já existe uma vontade de ensinar aos alunos que um arquiteto joga em “várias frentes”?**

Luís Miguel Correia: O que eu fiz este ano, e para o ano vou fazer de forma mais profícua, (apesar de perder algum tempo na parte teórica com desenho técnico e algumas coisas em que eles têm dificuldades, com que eu acho que não devia perder) é à parte do lançamento dos exercícios, convidar um conjunto de pessoas, com valências diferentes.

No primeiro semestre, o que fiz foi convidar professores de várias áreas disciplinares da arquitetura - Desenho, História, Teoria, Construção e a Arte, pela Professora Desirée -para os alunos perceberem as matérias principais do curso, perceberem o que vão aprender em cada uma e de que forma todas participam no Projeto.

No segundo semestre, eu acho que deve haver uma aproximação da realidade. A ideia é trazer arquitetos, o último foi um arquiteto que trouxe as maquetes, trouxe desenhos... Trazer pessoas da prática para os alunos perceberem, mais ou menos, o que os arquitetos fazem.

No fundo é dar-lhes alguma cultura arquitetónica e ao mesmo tempo uma certa cultura disciplinar.

E isso correu bem...

No fim havia sempre um espaço para perguntas, e os alunos interpelavam os professores, a mim, e aos arquitetos, no fundo para perceberem o que é a Arquitetura, porque eles não sabem o que é a Arquitetura quando entram.

Mas não há tempo para tudo, as aulas são poucas.

**Ana Luísa Graça: Portanto existe uma docência com vontade de inserir outros conhecimentos...**

Luís Miguel Correia: Existe. Neste momento existe uma vontade como nunca se viu no Departamento, porque se percebe que as unidades curriculares são poucas, o número de horas é reduzido e por isso há uma necessidade muito grande de articular conteúdos, articular temas, articular programas...de forma a conseguir chegar mais perto dos alunos e ensinar-lhes o melhor.

Mas isto só se consegue, articulando dentro do ano e todos os anos. Desde que cá estou, é uma coisa que nunca existiu, e agora há uma vontade grande que isto suceda.

**Ana Luísa Graça: E tentar manter como uma continuidade...**

Luís Miguel Correia: A ideia ainda é melhorar, porque isto ainda não está afinado. Até porque em cima da mesa, está a possibilidade de uma reforma do plano de estudos, para tentar colmatar algumas situações e articular melhor outras.

Mas o mais importante nisto tudo, é que podemos mudar currículos, podemos mudar conteúdos, mas não podemos mudar as pessoas... e se as pessoas não estiverem na mesma linha, podemos mudar o que quisermos, que nada muda.



**Ana Luísa Graça: Algum destes momentos pontuais de cruzamento disciplinar foram pedidos por parte do corpo estudantil?**

Luís Miguel Correia: Há uma coisa que os alunos me pediram e eu introduzi este ano, que é espaço para debater no final das aulas teóricas, neste caso com as pessoas que eu convidei. Isso eu mudei para ir ao encontro da pretensão, fala-se sobre um determinado assunto e depois existe um espaço para debater.

Se isso resultou?

Resultou... em parte. Acabaram por ser sempre os mesmos alunos a falar. Não há ainda esta capacidade de interpelação e crítica, não há... Mas eu vi essa vontade, que o Professor José António Bandeirinha também comentou, e nós aqui tentamos ir sempre a esse encontro. Mas nós é que temos de decidir, não são os alunos. Os alunos não têm essa capacidade, têm 5 anos de curso, de vida...

**Ana Luísa Graça: Muito menos ainda no primeiro ano de formação...**

Luís Miguel Correia: Mas temos de ser sensíveis a algumas questões que os alunos colocam, e eu, neste momento, posso-lhe dizer que sou das pessoas mais sensíveis a isso. Eu acho que eles não têm razão sempre, mas nós também não temos... Temos de encontrar aqui um meio equilibrado para tentar resolver as coisas. O que eu posso dizer, é que os professores queixam-se muito e os alunos queixam-se muito...o que é sinal de que as coisas não estão bem. Neste momento, existe uma consciência de parte a parte de que temos que mudar.

Os alunos têm de mudar, acho que há um desinteresse grande, e tem de voltar a haver um interesse por aquilo que fazem. Da parte dos professores as coisas também não estão bem, e há reconhecimento por parte do corpo docente, não por todos, mas grande parte, que há coisas que nós também temos que mudar. Andamos nesta discussão, e este ano já foram feitas muitas coisas que nunca tinham existido. Este ano houve uma maior articulação entre todos os anos, não vertical ainda porque isso só se vai sentir para o ano, mas do ponto de vista ano a ano existiu essa articulação. No primeiro ano, não há uma única queixa de que os exames de sobrepõe com frequências, que se sobrepõe às entregas...Isso está perfeitamente resolvido.

Mas isto é uma coisa que sempre poderia ter existido e fácil de resolver.

Mas há coisas mais complexas, que foi aquilo que me perguntou, a questão dos conteúdos, os temas, a interdisciplinaridade...Acho que no primeiro ano, a interdisciplinaridade tem a ver com os processos instrumentais - o Desenho, a Geometria, o Projeto. Os alunos estão a aprender quais são as ferramentas para fazer arquitetura, por isso essa interdisciplinaridade tem de ser focada, tem de ser muito específica, não queremos muita coisa, mas queremos duas ou três coisas.

Claro que essa interdisciplinaridade no curso vai evoluindo ao longo dos anos, mas naturalmente os alunos do quarto ano querem é perceber essas relações com a atualidade, e os problemas da contemporaneidade. Por isso, a exigência deixa de ser instrumental e passa a conteúdos que se aprendem. Tem de ser uma questão gradual.

Nós estamos a tentar fazer esse esforço, para provider algumas dessas melhorias no curso, mas isso não se consegue fazer de um ano para o outro.

Nós estamos a tentar fazer esse esforço, para provider algumas dessas melhorias no curso,

mas isso não se consegue fazer de um ano para o outro.

Neste momento, estamos a viver internamente um período de discussão, que desde que eu cá estou, nunca tinha assistido.

Agora o problema de Construção é uma questão grave no curso de Arquitetura, acho que as disciplinas de construção deveriam ser obrigatórias e deveriam ter muito mais docentes do que têm. Essa, para mim, é a maior lacuna dos estudantes que saem hoje do curso de Arquitetura, em Coimbra.

O que há uns anos nos distinguiu dos demais, era essa consciência construtiva que os outros cursos não tinham e nós também perdemos isso, com esta reforma de Bolonha.

**Ana Luísa Graça: Se bem que os alunos consideram a relação entre Projeto e Construção como uma das mais bem conseguidas...**

Luís Miguel Correia: Mas não é. O professor António Bettencourt é um dos maiores críticos desse assunto, porque de facto não tem tempo, não tem massa docente... é ele praticamente sozinho, responsável por cadeiras de opção, e eu acho que uma das lacunas maiores do Departamento é essa.

De facto, os alunos do D'arq distinguiam-se dos outros por isso, mas perdeu-se essa capacidade e consciência construtiva que nos aproximava da realidade. Tem de ser rapidamente revertido, em termo do plano de estudos e em termo de número de docentes. Não podemos ter só um Bettencourt, precisamos de mais dois ou três, no mínimo.

**Ana Luísa Graça: Mencionada a área nuclear de Construção, e a falta da presença da área de Urbanismo no primeiro ano de formação?**

Luís Miguel Correia: O Urbanismo no primeiro ano, a questão da relação com a cidade, ela existe...

**Ana Luísa Graça: Mas neste caso é o Professor de Projeto que assume esse conhecimento, certo?**

Luís Miguel Correia: Sim, mas no primeiro ano a questão instrumental é a prioridade, não nos podemos dispersar. Têm de perceber para que serve o desenho, para que serve a maquete, como se constrói uma consciência crítica e uma ideia para um lugar a partir daí.

O professor José António Bandeirinha é uma pessoa muito mais ligada a esta questão da cidade, e a esse lado muito social da arquitetura, e por isso sempre colocou exercícios mais ligados à cidade, em terrenos vagos em áreas da cidade mais consolidada. Mas não acredito que seja muito importante no primeiro ano, o mais importante é os alunos se confrontarem com a realidade, sem um discurso castrador de alguma liberdade de desenho que deve existir neste ano. Prefiro que trabalhem zonas de carácter mais paisagístico, mais cativante.

**Ana Luísa Graça: Mas o que eu estava a tentar dizer é exatamente isso. Não é necessário haver uma unidade curricular específica dentro do primeiro ano para esse conhecimento se transmitir.**

Luís Miguel Correia: Já no segundo ano por exemplo, eles já têm um trabalho de escala grande na cidade, e o próprio discurso já é esse. Aí já se introduz essa relação mais urbana, urbanística com a arquitetura, é esse o tema do segundo ano, e aí esse conhecimento aparece pela cadeira de Projeto.

**ESBATER FRONTEIRAS**

No primeiro ano, não é importante. Têm de se focar no desenho, no projeto, na história, no início da construção... Os objetivos têm de ser claros e poucos. No segundo ano, a complexidade aumenta, essa coisa de um projeto ser próximo da realidade a larga escala, mais urbana, cuja escala se vai aproximando ao longo do ano, até ao edifício. Esse discurso mais urbano está mais ligado a este segundo ano do curso.

**Ana Luísa Graça: Até porque o desenvolvimento de Projeto no primeiro ano é uma exceção. A partir do segundo ano, e com a apresentação também deste discurso, impõe a metodologia de trabalho que é transversal às restantes disciplinas de Projeto ao longo do curso.**

Luís Miguel Correia: Uma crítica que eu faço, é que acho os projetos no Departamento demasiado ambiciosos, na escala, e por isso é que a construção não é levada de forma tão intensa como era levada há alguns anos atrás. Todos os projetos são de larga escala, e há uma grande dificuldade em se aproximar à escala do pormenor, por isso eu acho que os projetos deveriam diminuir as pretensões.

O quarto ano acaba sempre por ser um ano complicado por causa disso mesmo, e continua a ser...é um ano difícil.



## **A.2** Testemunho de Armando Rabaça

Feita pela Autora, no dia 6 de Junho de 2019

### **TESTEMUNHO COM ARMANDO RABAÇA**

**O professor e Arquiteto Armando Rabaça, atualmente coordenador do curso de Arquitetura em Coimbra, encontra-se responsável pelo ensino de uma das turmas, no segundo ano de projeto desde 2012. A escolha deste docente tem como objetivo a recolha direta da visão que se pretende transmitir no segundo patamar projetual do curso.**

**Ana Luísa Graça: Sobre o tema da minha dissertação que se foca na interdisciplinaridade do ensino da arquitetura, localizado em Coimbra, pretendia saber que cruzamentos disciplinares acontecem com a unidade central de Projeto II? Ou se existe essa tentativa de cruzamento interdisciplinar?**

Armando Rabaça: Existe essa tentativa. O professor Carlos Martins, que é atualmente o regente, persegue essa tentativa, que é mais natural com umas disciplinas do que com outras. Por exemplo, com Desenho, acho que existe um campo muito fértil e possível de cruzamento entre as duas disciplinas, e devia ser assim até.

**Ana Luísa Graça: Por ser instrumental?**

Armando Rabaça: Sim, por ser instrumental para o projeto. Com a disciplina de História, é mais difícil fazer esse cruzamento, mas com Teoria do segundo ano, creio que é possível, mas julgo que deve haver alguma autonomia disciplinar. Falando de questões mais gerais, embora e eventualmente possa haver uma canalização para o tema em si. Em Teoria III é mais fácil, eu dou essa disciplina e faço esse cruzamento, porque o programa de Teoria III é sempre sobre habitação. Portanto eu consigo canalizar temas da Teoria para a habitação, todos os anos de Projeto III são sobre habitação e consigo construir um programa a partir daí. No segundo ano, o tema é muito mais lato, não é um tema funcional. Óbvio que o tema da habitação é abordado nos seus princípios e questões teóricas, com o objetivo de se refletir nas questões práticas. Se não tiver reflexo nas questões práticas, se não fizermos os alunos pensar sobre o que estão a fazer sobre o que é uma habitação, o que é o habitar, não faz sentido.

No segundo ano, esse cruzamento é mais difícil, acho eu.

**Ana Luísa Graça: Mas existe esta vontade de inserção de outros conhecimentos, por parte da docência?**

Armando Rabaça: Existe, principalmente a desenho.

**Ana Luísa Graça: A interdisciplinaridade pode estar presente em diversas escalas. Deixando esta escala maior das unidades curriculares, existem momentos pontuais em que se origina essa troca de conhecimento?**

Armando Rabaça: Sim, e estamos a tentar fazer isso. Este ano com o programa sobre o crematório foi difícil, mas para o ano, já estamos a pensar em duas pessoas fora do departamento que estão ligadas ao mundo do programa que vamos propor, exatamente para falar do próprio programa. Mas isto também faz parte dos alunos... Eu insisti imenso

com os meus alunos que estavam a desenhar crematórios, e a maior parte deles nunca foi sequer a um velório. Eu insisti imenso para eles passarem por essa experiência, porque eles estavam a desenhar salas de velório sem perceberem como funcionam, e isso não é possível.

Se nunca tiveram essa experiência, se não fazem ideia do que acontece num espaço desses, não é possível desenhá-lo, não é?

**Ana Luísa Graça: Existe um objetivo de continuidade para estes convites e momentos pontuais?**

Armando Rabaça: Sim, claro.

**Ana Luísa Graça: E será que algum desses momentos foi pedido por parte do corpo estudantil?**

Armando Rabaça: Não, que me lembre não...

**Ana Luísa Graça: Parte sempre da iniciativa do docente?**

Armando Rabaça: Sim, que me lembre, foi sempre.

**Ana Luísa Graça: Podemos falar agora de questões mais pontuais. Apresentei também esta questão ao Professor Luís Miguel Correia, em relação a não existir nenhuma unidade curricular da área de urbanismo no primeiro ano, e no segundo acontece o mesmo. Mas neste segundo momento, muito diferente do primeiro, já é tratado um projeto a larga escala, que apresenta questões urbanísticas.**

Armando Rabaça: Nós também detetamos isso na resposta dos alunos, e eu creio que nós cometemos aqui um erro. Para o ano, vamos reduzir ainda mais a escala de intervenção, este ano também já reduzimos. Por exemplo, até há dois anos tínhamos habitação, e aí sentimos mais falta desse conhecimento, desse background do desenho urbano. Achámos que estávamos a pedir demais aos alunos do segundo ano, portanto estamos a recuar um bocadinho, e aquilo que queremos fazer é falar sobre as relações entre a arquitetura e o contexto onde se insere, sem uma escala tão alargada e urbana.

Este ano, o exercício teve a ver com um percurso de ligação da cota alta da cidade e a cota baixa, o que é mais simples, mas obriga a este olhar alargado sobre a cidade quando se intervencionam. É essencial começarem a perceber desde cedo, que o arquiteto intervém na cidade, tem que ler a cidade, perceber como funciona a cidade a uma escala maior.

**Ana Luísa Graça: Mas não existindo uma unidade curricular de apoio, são os próprios docentes de Projeto II que assumem e transmitem este conhecimento, sendo também uma escala da interdisciplinaridade.**

Armando Rabaça: Sim, mas que ao mesmo tempo é difícil de fazer se tivermos já a falar de desenho urbano, como foi o caso do exercício de há dois e três anos. O exercício deste ano já foi mais restrito nesse aspeto, portanto sem dúvida.

O exercício da profissão, a própria profissão é interdisciplinar por natureza, e ao mesmo tempo o pensamento crítico é essencial. Se tiveres esse pensamento crítico, consegues elaborar um pensamento sobre uma questão que nunca se te apresentou. Se não possuíres essa capacidade crítica é muito difícil...

**ESBATER FRONTEIRAS**

**Ana Luísa Graça: Mas até que ponto é que poderiam existir outro tipo de conhecimentos que atualmente não estão inseridos no departamento?**

Armando Rabaça: Claro que é discutível. Eu acho que existe um corpo central no ensino da Arquitetura que não é só projeto. É projeto, construção, desenho, teoria e história. Depois em redor disso, podem haver disciplinas que podem servir de apoio.

**Ana Luísa Graça: Mas não precisam de ser fixas, ou podem ser apresentadas por indivíduos em acontecimentos pontuais... E neste momento talvez isso ainda não exista.**

Armando Rabaça: Sim, talvez não. Mas esta visão alargada da disciplina, também tem a ver com os alunos. Os alunos têm de ter essa preocupação, tal como os professores têm, em ter mundo. Isso passa pelas viagens, passa pelo cinema e pelas artes, passa pela vida em geral... Em ter uma atenção alargada à vida, e ninguém pode fazer isso pelos alunos.

**Ana Luísa Graça: Mas também estamos a discutir sobre um início de percurso, os alunos vão construindo o seu pensamento, e isso nota-se no final do curso.**

Armando Rabaça: Eu espero bem que sim, senão não estaríamos aqui a fazer nada, ou o que estamos a fazer, estaríamos a fazer mal...





### **A.3** Testemunho de Jorge Carvalho

Feita pela Autora, no dia 13 de Junho de 2019

#### **TESTEMUNHO COM JORGE CARVALHO**

**O professor e Arquiteto Jorge Carvalho leciona a disciplina de Construção no terceiro ano de formação desde 2010, que possui uma relação íntima e forte com o ensino de projeto. Atualmente, no ano letivo de 2018/2019, é um indivíduo que personifica o trabalho em equipa entre estas duas áreas, e encontra-se responsável pela docência de uma das turmas de Projeto III, assim como a regência desta unidade curricular de Construção V e Construção VI.**

**Ana Luísa Graça: O professor Jorge Carvalho é um professor que assume e interliga esta relação entre a Construção e a Arquitetura. Partindo já desde cruzamento, gostaria de saber que cruzamentos existem com Projeto III?**

Jorge Carvalho: Gostaria que primeiramente me contextualizasses. Quando estás a falar em disciplinas e interdisciplinaridade, estás a falar entre o campo disciplinar da Arquitetura e outros campos, como sejam outras ciências?

**Ana Luísa Graça: Tudo o que possa ser considerado exterior à essência da Arquitetura.**

Jorge Carvalho: Mas falas em disciplinas, no sentido de unidades curriculares, como construção, projeto, história...?

**Ana Luísa Graça: Mas acredito que existem diversos tipos de escalas. Considero que a interdisciplinaridade pode ser apresentada a vários níveis. Esta primeira pergunta, parte de um pressuposto de uma escala mais geral, portanto a partir de disciplinas e unidades curriculares do plano de estudos. Mais à frente irei perguntar momentos mais pontuais em que este cruzamento possa ter ocorrido. Como o convite a pessoas exteriores ao departamento, nos momentos de ponto de situação e apresentações, por exemplo. Tento descortinar essas diferentes escalas.**

Jorge Carvalho: Projeto é central e em princípio projeto abarca tudo. O projeto e fazer projeto é por natureza, interdisciplinar.

**Ana Luísa Graça: É um ponto de recolha de todos os conhecimentos.**

Jorge Carvalho: Portanto, se no ensino estabelecermos como objetivos de projeto, tudo o que projeto deve conter, ficamos com uma lista interminável de objetivos, uns 50 ou 60 objetivos, para a cadeira de projeto. Torna-se impossível em 10 horas por semana dar apoio e lecionar, ou transmitir alguma coisa inteligível. Há a necessidade de desdobrar isto em objetivos diferentes, que têm tempos diferentes e daí resultam unidades curriculares diferentes. Mas, por natureza, tudo isto é integrado no projeto.

Podemos fazer uma comparação com o que se passa na vida real, em que numa atividade profissional existe a figura do coordenador de projeto, com a sua responsabilidade e técnica. Projeto é uma coisa só, mas depois existe o projeto de arquitetura, o projeto de especialidades... e em teoria, e formalmente, o coordenador pode ser qualquer um dos projetista, mas na verdade, quem está em melhor posição em fazer isso por inerência da sua atividade, é o arquiteto, é o autor do projeto de arquitetura. Por isso e a maior parte das vezes, é reconhecida não essa autoridade, mas como naturalmente sendo a atividade que congrega tudo. No desenho do projeto, nós estamos a registar todas essas decisões

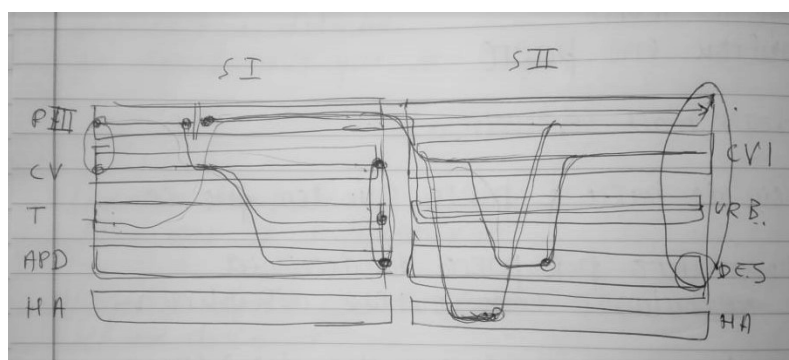
e conhecimentos parcelares. O ensino nunca consegue ser uma simulação da realidade, até porque a prática profissional é também uma prática social. No ensino é impossível e portanto, aquilo que conseguimos fazer dentro da relação com a realidade, é uma simulação muito teatral, em que todos nós somos os atores que representam outros atores.

Mas é isso que é possível fazer nesta relação entre unidades curriculares. É haver uma espécie de separação de responsabilidades, no sentido de organizar o tempo e de tornar mais inteligível a comunicação de algo que é muito complexo. Essa separação momentânea torna mais possível o ensino da arquitetura, mas na verdade a integração faz parte da arquitetura.

Desde há anos que eu em Construção, e o Professor João Mendes Ribeiro, em Projeto, acarinhámos muito esta integração. Tem sido conseguido, através de termos discutido muito a conceção dos exercícios, os seus tempos, as suas consequências, o tipo de exigências que são estabelecidas em cada uma destas unidades curriculares, são acertadas entre ambos para que haja o máximo de sobreposição possível.

**Ana Luísa Graça: Mas não focando apenas na ligação entre Projeto e Construção, existem outras?**

Jorge Carvalho: Este ano estive também a coordenar projeto e foram possíveis várias pontes. Eu posso-te desenhar um organigrama (ver imagem).



No fundo, isto é o desenvolvimento de algo que tem sido estruturado entre projeto e construção, também teoria, e que agora se estendeu ao máximo possível de unidades curriculares. Temos projeto que é constituído por um exercício rápido sem sítio, e depois um outro com sítio que se estende até ao final do ano. Esse primeiro exercício acompanha o primeiro semestre de Construção V, e o segundo em Construção VI. Este ano o que se fez, com teoria já acontece há alguns anos, é o exercício ser tratado e ser fruto de uma entrega conjunta entre Teoria e Construção. Este ano conseguiu-se também com APD, o mesmo exercício foi desenvolvido nesta disciplina a nível do sombreamento. Passamos então a ter uma entrega conjunta, com um só painel de síntese de um exercício de projeto que se desdobra nestas três unidades curriculares. No segundo semestre, este exercício com sítio é acompanhado em Construção VI. Desenho III, recolhe um exercício do Story Board que também é sobre o mesmo projeto, ou seja desenhos que também ajudam na conceção do projeto, e temos com História da Arquitetura, a propósito da viagem, uma reflexão sobre as obras visitadas na viagem e que importância e influência têm para o próprio projeto. Isto é entregue em História e Projeto. Também com Urbanismo, o estudo da área da intervenção é prosseguido durante o segundo semestre, num trabalho prático. Idealmente, isto aqui (Urbanismo, Projeto e Construção) daria uma entrega conjunta e

**ESBATER FRONTEIRAS**

acho que temos de caminhar para isso. Uma entrega conjunta entre Projeto, Construção, Urbanismo e Desenho.

Idealmente também Teoria e Urbanismo deveriam trocar de semestre para se conseguir uma melhor integração. Obviamente, com o estudo do sítio, se o Urbanismo começasse antes daria uma linha mais contínua, e a Teoria poderia aplicar-se nos modelos de habitar que é o que está a ser mais discutido no segundo semestre de projeto.

**Ana Luísa Graça: Sim, faria mais sentido com o seguimento e metodologia de projeto. Em parte, o Professor já respondeu à segunda pergunta em simultâneo, pelo que se percebe que existe a vontade da docência de inserir e cruzar conhecimentos. Mas passando agora para uma escala mais pequena que momentos pontuais, convites exteriores...têm decorrido em Projeto III?**

Jorge Carvalho: O que tem acontecido pontualmente em Projeto III, e por acaso este ano comigo não aconteceu isso, são os convites a algumas pessoas de fora para virem dar aulas teóricas. Isso aconteceu, por exemplo, com o Alexandre Dias que hoje em dia está a dar Construção. Mas tem se tentado, e isso sim este ano aconteceu mais uma vez, visitas a obras. No fundo é ao mesmo tempo estudar projeto e estudar construção nessas visitas, porque na medida do possível, tenta-se que os autores estejam presentes, mas estamos em ambiente de obra, com os capacetes... Estamos a ver a execução, mas estamos a ouvir os autores a falarem das suas ideias e dos seus conceitos. Eu costumo auscultar sobre o que a visita trouxe a cada um, e não foi a primeira vez que disseram: "Agora já percebi como construção é projeto e projeto é construção". É muito grato ouvir isto. Nós passamos muito tempo a insistir nisso, mas continua a ser uma abstração e quando as pessoas têm a oportunidade de ir a uma obra e ver isso a acontecer, vêem que a realidade é essa, deixa de ser uma abstração. Infelizmente, é difícil ter obras com qualidade no projeto e com dimensão que justifique a visita. Para já, são 60 pessoas num ano, e não é fácil obter obras com dimensão para acolher tanta gente, mas a vantagem de ser uma obra grande é que num só momento, consegue-se ter várias frentes de obra, correspondentes a diversas fases de execução. Portanto, é logo muito produtivo porque vemos toscos, vemos fundações...até aos acabamentos.

Não é fácil isto ser organizado mas gostávamos que houvesse mais. Sabemos que é algo que é algo importante, mas não é fácil reunir as condições.

O que temos, normalmente, são convidados nas sessões críticas, sendo que este ano até nas intermédias ocorreram com convidados de fora. Eu penso que isso é interessante para os estudantes, e para nós docentes, porque pode-se fazer um balanço a partir de um olhar menos comprometido. Nestas críticas intermédias que houve, estiveram 3 convidados e foi-lhe pedido para fazer um balanço, e cada um fez o seu.

**Ana Luísa Graça: Esse cruzamento e troca de informação pelos indivíduos também gera interdisciplinaridade.**

Jorge Carvalho Sim. Fora isso, eu acho muito importante a experiência profissional dos docentes de Projeto. Acho que é uma forma de nesta espécie de teatro que nós criamos aqui dentro, e que simula a realidade, facilitar que os atores que os docentes são, representem pessoas que conhecem da sua prática de projeto. Na prática de projeto, nós lidamos com tudo: fornecedores, câmaras, clientes... E isso é uma realidade muito rica que eu penso que só a partir dessa experiência, é que isso pode ser trazido para aqui, porque senão tem tendência a ser um apoio para o projeto mais baseado em abstrações, em conceitos.

Normalmente, isso é menos interdisciplinar.

**Ana Luísa Graça: Alguma destas iniciativas ou momentos pontuais foram pedidas pelo corpo estudantil ou se parte sempre da docência?**

Jorge Carvalho: Eu ia fazer-te essa pergunta. Ia perguntar se na dissertação ouves também os colegas e gostava muito de ter de uma forma mais estruturada possível o que é o sentimento dos estudantes a cerca desta questão.

**Ana Luísa Graça: Sim, eu criei um inquérito aos estudantes e recolhi essa perspetiva. Esta mesma pergunta parte daí, dessa mesma visão que obtive.**

Jorge Carvalho: O que tem chegado a mim e a dificuldade que as pessoas comunicam mais é da dispersão e gestão do tempo. Não me parece, que os alunos ponham a questão de acharem que a sua formação está incompleta, ou que se torna enviesada por não haver um cruzamento interdisciplinar. Até pelo contrário, tenho tido reações sobre as entregas conjuntas com as outras disciplinas, em que se pede que a solução seja uma só, eu reparo que a maior parte das pessoas, por vezes até entre os melhores alunos, que o principal impulso é responder separadamente e se possível, e se os professores deixarem, criarem uma solução para responderem a uma unidade curricular, e outra para responder a outra...

Parece que esta interdisciplinaridade exige uma síntese, que é mais trabalhosa em termos intelectuais, e os alunos, por vezes, preferem uma solução mais trabalhosa em termos de produção de material, mas mais simples de dominar mentalmente. Não é um inquérito estruturado, mas é o que tenho constatado. Tenho constatado essa dificuldade na própria execução dos exercícios. O eco que eu tenho é este.

Por acaso esqueci-me de te falar sobre duas coisas que por acaso têm a ver com a interdisciplinaridade. A primeira é que organizámos um exercício que consiste em todas as semanas haver um grupo que apresenta a agenda cultural da semana. Uma agenda da cultura arquitetónica, mas que pode ir para além dessa cultura e trazer coisas que esse grupo entenda como pertinente para a arquitetura embora possa ser de outro campo disciplinar. Portanto cada grupo, apresenta ao resto do ano alguns diapositivos, cerca de 10 min, mas que se destina a que eles ganhem e se interessem pela cultura arquitetónica do que está a acontecer em termos de novos projetos, conferências, prémios, eventualmente exposições de artes plásticas... Outros temas que os alunos achem pertinentes para criar contacto e enriquecedores para a Arquitetura. Portanto, aqui os alunos são convidados a trazer um conhecimento interdisciplinar.

Por outro lado, há uma questão que se cruza com a interdisciplinaridade que é sendo várias disciplinas e conhecimento de tipo diverso, existe a necessidade de uma síntese. O problema da síntese é que a sua complexidade depende da complexidade do seu âmbito. Já foquei esse problema a propósito das entregas conjuntas de várias unidades curriculares, e da necessidade de uma convergência para uma solução em que se impõe já a obrigatoriedade de uma síntese, mas põe-se a questão de como é feito o raciocínio que articula tudo isto que pressupõe uma hierarquia e uma síntese e como é que se o comunica sobre uma narrativa sobre projeto e sobre esta complexidade. Pressupõe também metodologias de trabalho para domínio dessa narrativa e dessa comunicação. A comunicação é também uma ferramenta para trabalhar sobre essa síntese e nesse sentido, organizamos também, em cada entrega intercalar, a necessidade da entrega de um painel de síntese que em princípio vai sendo melhorado e vai recolhendo cada vez mais informação, até ao painel de síntese final.

**ESBATER FRONTEIRAS**

Há não só a tentativa de convidar os alunos a que eles façam isso, mas também transmitir metodologias para trabalhar com a interdisciplinaridade, nomeadamente com a necessidade da síntese. Devo dizer, também, que parece haver pouco hábito de trabalhar com estas ferramentas, e não sei se pelo hábito ou falta dele, a maior parte dos estudantes deixa essa ferramenta para uma simples comunicação já depois de ter o projeto feito. Apesar da nossa insistência em contrário, encontramos uma grande resistência em trabalhar com esta ferramenta. Mas resolver o projeto é saber comunicá-lo. Como é que eu resolvo um projeto sem ter as ideias em ordem? Sem ter claro, para mim, o que estou a fazer? Resolvo o projeto com base numa intuição que não controlo? Isso não vai dar bom resultado.

**Ana Luísa Graça: Mas acredito que esse pensamento vai ser alterado até o final do curso. Os alunos que estão a terminar a sua formação já possuem uma visão diferente.**

Jorge Carvalho: É verdade, é verdade. Eu participei num workshop de reabilitação de património hospitalar, e foi muito interessante ver os alunos que tinham passado por mim há dois anos e ao trabalhar com eles novamente no quinto ano, apercebi-me que há determinadas coisas que agora estão realizadas. Determinadas coisas que nós exigimos e estão no nosso discurso, que são abstrações para eles no terceiro ano, e que depois se tornam reais.



#### **A.4** Testemunho de Adelino Gonçalves

Feita pela Autora, no dia 11 de Junho de 2019

### **TESTEMUNHO COM ADELINO GONÇALVES**

**O professor e Arquiteto Adelino Gonçalves, passou este ano letivo de 2018/2019 do quinto ano para o quarto ano, e levou consigo a sua temática de interesse, baseada na reabilitação urbana. A escolha deste docente para a conversa informal, pretende escrutinar a metodologia de trabalho no Atelier de Projeto ID, que assume a característica de ser o único pertencente à área nuclear de Urbanismo.**

**Ana Luísa Graça: A partir do grau de Mestrado, Projeto sofre um desmembramento em áreas temáticas, origina-se uma abertura para a inserção de novos temas e surge uma maior possibilidade para a interdisciplinaridade. Primeiramente, gostaria de saber que disciplinas opcionais são indicadas a frequentar no seu Atelier de Projeto ID?**

Adelino Gonçalves: O tema do meu Atelier é dedicado às matérias da reabilitação urbana e embora seja um atelier de urbanismo há o desenvolvimento dos trabalhos a um nível de projeto, sendo que o deste ano foi a reabilitação, a reciclagem de um edifício de uma antiga fábrica de cerâmica - a POCERAM. Também existe projeto de arquitetura.

As disciplinas que eu recomendei que frequentassem são da área da Construção e da área de Geografia - Suporte Físicos para Arquitetura e Urbanismo . Se tivéssemos a possibilidade de os alunos frequentarem disciplinas na área do Direito Administrativo, por causa do ordenamento do território, eu recomendaria... E se houvesse algum módulo da área da economia urbana, eu também recomendaria, mas aquilo que foi proposto foi da área de construção e da área de geografia.

**Ana Luísa Graça: Mas é também obrigatório a escolha de uma disciplina opcional da área das Ciências Sociais e Humanas...**

Adelino Gonçalves: Mas como acaba por ser obrigatório, os alunos é que tomam essa opção de escolha dessas disciplinas dentro dessa mesma área.

**Ana Luísa Graça: Alguma vez aconteceu um cruzamento direto com estas disciplinas opcionais? Ou com outras presentes no plano de estudos?**

Adelino Gonçalves: Houve com a disciplina de Construção, em momentos em que se encontraram os professores de construção a trabalhar na mesma sala para o acompanhamento dos projetos, e em que eu também estava presente.

**Ana Luísa Graça: Apesar de no momento de Mestrado, Projeto ser acompanhado de disciplinas opcionais e não pelo apoio de disciplinas obrigatórias do plano de estudos, esta interdisciplinaridade pode aparecer por momentos pontuais, ou pela vontade da docência em inserir novos conhecimentos. Algum deste caminhos ocorre no desenvolvimento do exercício projetual de quarto ano, ou especificamente com o seu Atelier?**

Adelino Gonçalves: Sim, existe um momento mais ou menos instituído, que é no final de cada semestre. Há a discussão conjunta nos trabalhos desenvolvidos nos quatros ateliers, e nessa discussão conjunta são convidadas algumas pessoas para vir discutir os trabalhos. Nesse momento, há esse interface, sobretudo porque, no meu caso para aquilo que são as áreas de interesse do meu atelier, um dos convidados foi o Professor Walter Rossa e ele

incidiu muito nas questões mais objetivas e específicas daquilo que está presente no meu Atelier.

Isso vai agora acontecer também no final do ano. No final deste semestre, vai também haver um momento de discussão partilhada com alguns convidados, e além disso no caso do meu Atelier, os trabalhos vão estar numa exposição numa sala da cidade, e será no Liquidâmbar. Será uma sessão de discussão pública com a cidade, mais interdisciplinar que isso acho que não conseguiria.

**Ana Luísa Graça: Algum destes momentos pontuais que decorrem durante o período letivo, foi pedido por parte dos alunos? Ou é sempre pela iniciativa da docência?**

Adelino Gonçalves: Foi sempre iniciativa dos docentes. Os alunos nunca propuseram pessoas em função das suas áreas de formação, nunca houve propostas por parte dos alunos, mas também não foram estimulados ou provocados para isso.

**Ana Luísa Graça: O Atelier de Projeto ID neste momento é uma exceção, por ser o único atelier de Projeto que pertence à área de Urbanismo, sendo que os outros pertencem à área de Arquitetura.**

Adelino Gonçalves: Isso parece-me ser um aspeto positivo e rico do plano de estudos, porque de facto, neste modelo de Bolonha, os alunos devem ter a possibilidade, a oportunidade de criar o seu próprio currículo. Portanto os alunos que se inscreveram no meu Atelier, parto do princípio que se inscreveram para ampliar os seus estudos com matérias da escala do urbanismo, ou que tenham a ver com os problemas tratados a nível urbano, que dizem respeito a questões como: a programação de políticas urbanas, a construção de uma visão crítica sobre o desenvolvimento das cidades e como a arquitetura pode contribuir para concretizar objetivos de desenvolvimento urbano. Portanto, acho muito enriquecedor para os alunos.

**Ana Luísa Graça: A metodologia de trabalho no seu Atelier de Projeto ID, também se torna uma exceção. O Professor propõe que o exercício seja desenvolvido em grupo até ao final, em semelhança do que acontece no quinto ano. Esta é a primeira vez que isto ocorre no quarto ano de formação?**

Adelino Gonçalves: Nos anos em que estive no quinto ano, em que é uma prática comum nesse ano, uma parte substancial do trabalho no primeiro semestre é desenvolvida em grupo. Eu transporte essa lógica para o quarto ano, mas ampliei-a até ao final do ano. Este ano, o que acontece é que os trabalhos estão a ser desenvolvidos até ao final do ano em grupo, mas isto não anula o trabalho individual... Não anula que os alunos façam propostas que estejam de acordo com os seus interesses, com as suas motivações, mas a natureza do trabalho, assim o permitiu, que os alunos estivessem em permanente contacto para que o conjunto das propostas individuais tenha, de facto, um sentido comum. O objeto é um edifício, um edifício enorme, e deu para fazer este exercício até o fim do ano, em trabalho conjunto. Eu acho que está a revelar-se extremamente gratificante, porque o exercício da profissão do arquiteto é sempre interdisciplinar. Envolve sempre a discussão de ideias, envolve sempre uma ginástica para reformular aquilo que são certas convicções, porque há um interesse superior, que não é o interesse individual de cada um, é o projeto e de que forma ele contribui para resolver os problemas, neste caso, daquela área urbana e também resolver alguns problemas de Coimbra, ao nível de emprego... ao nível da demografia não resolve, mas talvez contribua um bocadinho... Foi isso que me levou a fazer com que este trabalho, este ano, fosse desenvolvido em grupo até ao fim do ano.

**ESBATER FRONTEIRAS**



**Ana Luísa Graça: E esta metodologia é apenas neste ano pontual, ou existe um objetivo de continuidade?**

Adelino Gonçalves: De facto, no quarto ano e no segundo ciclo, é onde esta metodologia tem mais sentido de ser aplicada. No primeiro ciclo, os estudantes estão a adquirir ferramentas de trabalho, estão a construir conhecimentos para fazer o seu exercício de arquitetura. No segundo ciclo, eu acho que há um nível de conhecimento adquirido, a partir dessas ferramentas também, que permite isto. Agora no quarto ou no quinto ano, eu voltarei a fazê-lo e avaliando também os resultados deste ano, farei disto parte da minha pedagogia de agora em diante.



## **A.5** Testemunho de Paulo Providência

Feita pela Autora, no dia 12 de Junho de 2019

### **TESTEMUNHO COM JOÃO PAULO PROVIDÊNCIA**

**O professor e Arquiteto João Paulo Providência, presente no ensino de projeto do quinto ano de formação desde 2012, demonstra uma temática específica que relaciona a arquitetura e a memória. O cruzamento de informação com este docente sobre a pedagogia projetual parte do entendimento desta mesma ligação dentro do Atelier de Projeto IIA.**

**Ana Luísa Graça: A partir do grau de Mestrado, a disciplina de Projeto sofre um desmembramento em áreas temáticas, origina-se uma abertura para a inserção de novos temas e surge uma maior possibilidade para a interdisciplinaridade. O professor Paulo Providência personifica e assume esta ligação entre a memória e a arquitetura. De onde surge esta vontade de explorar esta ligação?**

Paulo Providência: Portanto, na altura em que comecei a dar aulas no quinto ano, havia um tema muito ligado a questões da ecologia que era dado pelo Professor João Paulo Cardielos e um tema mais ligado a questões de plano, planeamento urbano e em grande escala, dado pelo Professor Nuno Grande. Eu mesmo que quisesse, não conseguiria trabalhar essas duas áreas e portanto, pareceu-me que talvez fizesse sentido, trabalhar uma área que tivesse a ver com edificado existente, e intervenções nesse edificado (para não lhe chamar património). No início, essa ideia prendia-se muito com a ideia de trabalhar a partir da cidade histórica, intervir na cidade histórica. Comecei por fazer assim... o primeiro exercício foi sobre a avenida que passa na praça da República e a relação disso com a Alta de Coimbra. No segundo exercício, tentei trabalhar sobre um outro tema relacionado com património, mas do ponto de vista médico, na zona do Caramulo. Este exercício não correu muito bem, foi um ano em que pedi licença sabática no segundo semestre e os alunos levaram isso muito mal... E tive que vir cá a meio da licença, dar umas aulas e acompanhar o trabalho... Esse ano foi o mais traumático.

No ano seguinte, pareceu-me interessante então, trabalhar um tema muito próximo de algumas áreas de investigação da Universidade, como é também as construções hospitalares, que é a arqueologia. Escolhi o sítio arqueológico de Conímbriga para fazer o exercício. Fiz uma apresentação inicial, muito a partir da ideia de palimpsesto e da acumulação histórica dos sítios e dessa interpretação histórica dos sítios. Houve um grupo alargado de alunos que escolheu esse exercício de projeto, e esse ano foi fantástico... Correu muito bem! No início do ano foi feita uma enorme maquete, forte topograficamente, e tive o apoio do Doutor Virgílio Correia, que é o diretor do museu monográfico de Conímbriga. Depois, a certa altura, conheci a Doutora Conceição Lopes e cheguei a ter algumas conversas com ela e com o Professor Jorge Alarcão, que é um grande solidário da arqueologia romana portuguesa. Foi assim que surgiu, articulado com uma ideia de que não se trata de fazer uma especialização de mestrado, mas trata-se de incentivar a investigação. Esta relação entre a Arquitetura e a Arqueologia pode ser um objeto interessante de investigação, para os arquitetos e para os arqueólogos.

**Ana Luísa Graça: Toca-se assim no ponto da minha próxima questão, que consiste**

**exatamente neste cruzamento íntimo entre o Atelier de Projeto IIA e a unidade curricular de Arqueologia, Território e Paisagem, que acontece desde 2016. Este ano o Professor Paulo Providência mantém esta temática, mas move o seu foco para edifícios da saúde...**

Paulo Providência: Sim, porque esta problemática estava envolvida num projeto de investigação da Doutora Ana Tostões, sobre equipamentos de saúde, e eu não conseguia estar a trabalhar as duas coisas ao mesmo tempo...Então fiz este roubo, temporário, que gerou uma confusão enorme com a arqueologia, é um facto.

**Ana Luísa Graça: Então este momento interdisciplinar com a arqueologia, este ano, acabou por se esbater?**

Paulo Providência: Completamente.

**Ana Luísa Graça: Mas originaram-se outros?**

Paulo Providência: Não, porque este é um exercício pontual. Eu estou envolvido num outro Mestrado, no Mestrado de Arquitetura, Paisagem e Arqueologia, e vou tentar sempre trabalhar nessa área.

**Ana Luísa Graça: Então a docência assume esta vontade de inserção de outros conhecimentos exteriores na prática projetual?**

Paulo Providência: Sim, mas agora como é que isso é feito? É sempre o problema. Há várias questões...

**Ana Luísa Graça: Esta interdisciplinaridade não precisa de ser resumida a um cruzamento entre unidades curriculares, pode ser pontual, por convites a outras pessoas...**

Paulo Providência: E faz mais sentido até. A interdisciplinaridade, do meu ponto de vista, não é um processo de enriquecimento disciplinar da Arquitetura. Aliás, uma vantagem destes sistemas com a Arqueologia, um dos objetivos iniciais era pensar que num momento de crise de trabalho, era uma forma de preparar arquitetos para lidarem com situações bastante diversas.

Esta ideia que uma forma de ensinar, de formar um arquiteto a trabalhar com realidades muito distintas do seu meio cultural, é precisamente perceber que qualquer meio de intervenção necessita de interpretação. Nós temos de ir compreendendo o meio onde estamos. A arqueologia é um ponto particular nesse sentido, porque obriga-nos a suspender os nossos juízos e a nossa forma de pensar para compreendermos uma determinada realidade. Imagine, uma *domus* do Séc.II, para compreender a *domus* temos que ter conhecimento sobre os seus diversos modelos, mas também ter alguma noção como os romanos pensavam, a sua religião, a sua relação com os elementos da natureza... Ou seja, obriga-nos a abandonar, provisoriamente, a nossa forma de pensar, de ocidental do final do séc.XXI. Para compreender as coisas, obriga-nos a fazer esse exercício de compreensão holística das coisas. Parece-me um exercício muito interessante para arquitetos. Imagine que estamos a formar arquitetos que não vão trabalhar aqui, que vão trabalhar para a América Latina ou para a China... Como é que um arquiteto que tem uma determinada formação, chega à China, e como é que consegue relacionar-se com aquela cultura local?

Tem de a interpretar, tem de perceber a forma de pensar... Por isso, a Arqueologia parecia uma coisa do passado, morta e distante, mas que obriga a repensar a nossa forma de pensar para compreendermos também a forma de pensar que originou esses edifícios e

**ESBATER FRONTEIRAS**

esses objetos. Esse exercício, eu acho que é útil para os arquitetos. É o exercício base da mediação cultural que é compreender o que cada parte pretende, como é que pensa, como se relaciona.

**Ana Luísa Graça: Existe o objetivo de continuar com este cruzamento sempre que possível?**

Paulo Providência: Eu acho que sim, só que temos de ver como. Eu acho, que aquilo que são muitos dos conteúdos de ensino, sobretudo a nível de Mestrado, adequa-se mais a serem administrados por módulos, ou seminários, ou por ações que tenham um determinado *input* para projeto, mais do que a ideia propriamente de disciplina continua ao longo dos semestres. Mas isto é difícil de fazer, ou de fazer vingar esta ideia. De facto, para a disciplina de Projeto, há momentos iniciais de análise do contexto, por exemplo, há momentos de elaboração e de diálogo com intervenientes, há momentos de levantamento sistemático, há momentos mais de especulação, verificar questões económicas associadas a projeto ou há momentos de comunicação gráfica... E em cada um destes momentos, se pensarmos bem era mais útil ter para cada um destes grandes pacotes, um apoio concreto em regime de seminário. Por exemplo, fazer uma interrupção para estudar as melhores formas de apresentar os projetos com 3D, com imagens, com fotografias... E aí, poderíamos ter um seminário de 15 dias com o apoio da informática, e conseguiríamos completar. Eu acho que esta interdisciplinaridade, poderia ser útil assim, num processo mais intenso e pontual.

**Ana Luísa Graça: Exatamente, a interdisciplinaridade não precisa de estar presa a unidades curriculares...**

Paulo Providência: A interdisciplinaridade significaria nós aprendermos com uma disciplina e essa disciplina também aprender connosco, e acho que aprendem. A Doutora Maria Conceição Lopes, em alguns casos, já tem uma forma de observar as coisas igual à que os arquitetos têm, que é o ver um sítio arqueológico como um cenário de época, tal como aparece nos desenhos de Viollet-le-Duc. Ele vai à Grécia e Itália e refaz os cenários sobre as coisas, e isso advém da capacidade de interpretação dos sítios, das coisas, de objetos arquitetónicos. Isso ajuda também, os arqueólogos a perceberem aquilo que estão a escavar, aquilo que estão a encontrar.

**Ana Luísa Graça: Como última pergunta, gostaria de saber se algum destes momentos mais interdisciplinares, destas iniciativas, foi proposta pelo campo estudantil ou parte sempre da docência?**

Paulo Providência: Não muito, de facto e infelizmente. Aliás, acontece uma coisa bizarra que é: durante anos organizei viagens de estudo, e organizei visitas que eu acho que foram fantásticas. Fomos a Istambul, a Nápoles, a Palermo e Sicília... realizamos inúmeras viagens, mas as últimas que organizei, os alunos estavam muito renitentes. Não querem, ou preferem ir sozinhos. Acho que uma viagem de estudo, numa escola, é uma coisa muito útil porque realmente, tem-se apoio local, faz-se visitas que de outra forma não se faz, o facto das pessoas todas comentarem os mesmos sítios e as coisas que estamos a ver... é enriquecedor. Mas já deixei de organizar visitas de estudo.



**B. Proposta de criação da Licenciatura em Arquitectura, na FCTUC**

Áreas científicas obrigatórias e opcionais

15 de Janeiro de 1988

Retirado de: Bandeirinha, R. (2013) . O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. (pp 347-352)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

*aprovado pelo Conselho Científico.*

80.

*Classificação final*

1. *A classificação final do curso é a média aritmética, arredondada às unidades (considerando como unidade a fracção não inferior a 5 décimas), das classificações das disciplinas e do estágio de pré-profissionalização em que o aluno realizou os créditos necessários à obtenção do grau.*

2. *Os coeficientes de ponderação serão propostos pelo Conselho Científico e aprovados e publicados nos termos do no.4o.*

ANEXO I

*Licenciatura em Arquitectura - Ramo de Arquitectura e Tecnologia*

1. *Area científica do curso:*  
*Arquitectura*

2. *Duração normal do curso:*  
*5 anos lectivos*

T

Pág. ....  
Rel.ª .....  
N.º .....  
Data .....

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

3. Condições necessárias à obtenção do grau:  
165 unidades de crédito

4. Areas científicas e distribuição das unidades de crédito.

4.1 Areas científicas obrigatórias.

|  |     |
|--|-----|
| 4.1. 1- Matemática .....                                     | 16  |
| 4.1. 2- Geometria .....                                      | 8   |
| 4.1. 3- Representação gráfica .....                          | 9   |
| 4.1. 4- Estática .....                                       | 6   |
| 4.1. 5- Física .....   | 3   |
| 4.1. 6- <del>Ciências dos</del> Materiais e Estruturas ..... | 5 ? |
| 4.1. 7- Projecto de Arquitectura .....                       | 32  |
| 4.1. 8- História da Arquitectura .....                       | 13  |
| 4.1. 9- Teoria da Arquitectura .....                         | 12  |
| 4.1.10- Tecnologia da Arquitectura .....                     | 17  |
| 4.1.11- Urbanologia .....                                    | 6   |

4.2 Areas científicas optativas

|   |    |
|---|----|
| 4.2.1- Representação Gráfica .....                    |    |
| 4.2.2- Tecnologia da Arquitectura .....               | 18 |
| 4.2.3- Construção .....                               |    |
| 4.2.4- Economia, Gestão e Ciências Sociais .....      |    |
| 4.2.5- Computação .....                               |    |
| 4.2.6- Geografia .....                                | 11 |
| 4.2.7- Teoria de Urbanística .....                    |    |
| 4.2.8- Recuperação do Património Arquitectónico ..... |    |



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

4.3 Estágio de Pré-Profissionalização..... 9

5. Condições de candidatura ao ramo:

Obtenção de 52 unidades de créditos.

ANEXO II

Licenciatura em Arquitectura-Ramo de Planeamento Urbanístico

1. Area Científica do Curso:  
Arquitectura

2. Duração normal do curso:  
5 anos lectivos

3. Condições necessárias à obtenção do grau:  
165 unidades de crédito.

4. Areas científicas e distribuição das unidades de créditos:

4.1 Areas científicas obrigatórias:

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| 4.1. 1- Matemática .....            | 16 |
| 4.1. 2- Geometria .....             | 8  |
| 4.1. 3- Representação Gráfica ..... | 9  |

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

|  |    |
|--|----|
| 4.1. 4- Estática .....                                       | 6  |
| 4.1. 5- Física .....   | 3  |
| 4.1. 6- <del>Ciências dos</del> Materiais e Estruturas ..... | 5  |
| 4.1. 7- Projecto de Arquitectura .....                       | 32 |
| 4.1. 8- História da Arquitectura .....                       | 13 |
| 4.1.9- Teoria de Arquitectura.....                           | 12 |
| 4.1.10- Teoria da Urbanística .....                          | 17 |
| 4.1.11- Urbanologia.....                                     | 6  |
| 4.2 Areas científicas optativas:                             |    |
| 4.2. 1- Geografia.....                                       |    |
| 4.2. 2- Teoria da Urbanística .....                          | 18 |
| 4.2. 3- Economia, Gestão e Ciências Sociais .....            |    |
| 4.2. 4- Construção .....                                     | 11 |
| 4.2. 5- Computação .....                                     |    |
| 4.2. 6- Tecnologia de Arquitectura .....                     |    |
| 4.2. 7- Recuperação Património Arquitectónico.....           |    |
| 4.3- Estágio de pré-profissionalização .....                 | 9  |
| 5- Condições de candidatura ao ramo                          |    |
| Obtenção de 52 unidades de crédito                           |    |

ANEXO III

Licenciatura em Arquitectura - Ramo de Recuperação do Património Arquitectónico

1- Area científica do curso:

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Arquitectura

2- Duração normal do curso:

5 anos lectivos

3- Condições necessárias à obtenção do grau:

165 unidades de crédito

4- Areas científicas e distribuição das unidades de crédito

4.1- Areas científicas obrigatórias

|  |    |
|--|----|
| 4.1.1- Matemática .....                                    | 16 |
| 4.1.2- Geometria .....                                     | 8  |
| 4.1.3- Representação Gráfica .....                         | 9  |
| 4.1.4- Estática .....                                      | 6  |
| 4.1.5- Física.....   | 3  |
| 4.1.6- <del>ciências dos</del> Materiais e Estruturas..... | 5  |
| 4.1.7- Projecto de Arquitectura .....                      | 32 |
| 4.1.8- História da Arquitectura .....                      | 13 |
| 4.1.9- Teoria da Arquitectura .....                        | 12 |
| 4.1.10- Recuperação do Património Arquitectónico ...       | 17 |
| 4.1.11-Urbanologia .....                                   | 6  |

4.2- Areas científicas optativas:

|  |    |
|--|----|
| 4.2.1. Geografia .....                               |    |
| 4.2.2. Recuperação do Património Arquitectónico .... | 19 |
| 4.2.3. Arqueologia.....                              |    |
| 4.2.4. Museografia .....                             |    |

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

|  |    |
|--|----|
| 5.2.5. Economia, gestão e Ciências Sociais                                 |    |
| 5.2.6. Tecnologia da Arquitectura.....                                     | 10 |
| 5.2.7. Teoria da Urbanística .....   |    |
| 4.3. Estágio de pré-profissionalização .....                               | 9  |
| 5. Condições de candidatura ao ramo:<br>Obtenção de 52 unidades de crédito |    |

ALTERAÇÃO A ORGANICA DA FCTUC

1. A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra é acrescida da Seccção Autónoma de Arquitectura (S.A.A.), a partir da data da criação de licenciatura em Arquitectura, com a estrutura definida pelo (diploma dos Departamentos)

A S.A.A. (embrião do futuro Departamento de Arquitectura da FCTUC) devem ser garantidas as condições materiais, pedagógico-didacticas e de investigação que lhe permitam adquirir, no mais curto espaço de tempo, os meios de proporcionar aos seus alunos uma formação tecnico-artística e transmite-lhes uma capacidade criadora que os privilegie na sociedade portuguesa.

2. A S.A.A. tem por fim ministrar o ensino especializado e promover a investigação científica e desenvolver acções de prestação de serviços à comunidade no domínio da Arquitectura.

3. A S.A.A. rege-se pelo regulamento geral.

**C. Manifesto dos Estudantes à Comissão Instaladora do Curso de Arquitectura.**  
17 de Janeiro de 1990

Retirado de Bandeirinha, R. (2013). O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. (pp. 363-364)

|  |   |
|--|---|
|  |   |
|  | À atenção da Comissão Instaladora do curso de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra   |
|  | Os alunos da licenciatura em arquitectura do segundo ano desta faculdade, encontram-se extremamente preocupados, entre inúmeros outros assuntos, com o conteúdo da cadeira de Matemática Aplicada I.  |
|  | Em reunião realizada na tarde do dia 10 de Janeiro, reafirmou-se a intenção de não frequentarmos a cadeira, enquanto não nos for assegurado por pessoas com responsabilidade e experiência no ensino da arquitectura, que do conteúdo total da cadeira, mais de 50% é do interesse efectivo dos alunos da nossa licenciatura. Para além deste problema, há ainda a considerar o facto do calendário desta cadeira (igual ao dos primeiros anos de todas as licenciaturas), se ir sobrepor ao calendário das cadeiras do segundo semestre e das anuais, bem como às épocas de exame e férias de ponto. |
|  | Não nos é possível conceber o dispêndio de 6 horas semanais em aulas, mais um número variável para estudo, numa cadeira cujo nome faz parte do plano de estudos, mas à qual foi atribuído um programa que levanta sérias interrogações quanto ao seu interesse para uma licenciatura em arquitectura. Quem decidiu que o programa deveria ser este? Teria competência para o fazer?   |
|  | Por eventualmente, se ter cometido um erro, dever-se-á agora reafirmá-lo? Agora que existe uma comissão Instaladora devidamente   |

te estruturada? Pensamos que não! Julgamos que não devemos ficar impávidos perante um erro só porque não existem, de momento, mecanismos legais para o contornar. Esqueçamos que a cadeira só pode ser alterada 2 anos após a sua integração no plano de estudos. Quem lhe atribuiu o programa, também só o fez muitos meses depois de o nome estar incluído no plano de estudos.

Que o nome fique, mas que o programa seja o de uma cadeira de um curso de arquitectura, é o que minimamente se pode exigir.

Aguardamos uma opinião Vossa com a brevidade é necessária, pois a cadeira encontra-se já em funcionamento.

Com os nossos respeitosos cumprimentos.

Coimbra, 17 de Janeiro de 1990


P'la Comissão de curso de Arquitectura do 2º ano

**D. Proposta de Alteração do Plano de Estudos**

11 de Maio de 1993

Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra

Plano de Estudos (4)  
Arquitetura  
25.5.93  
2

  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Exm<sup>o</sup> Senhor  
Presidente do Conselho Científico da Faculdade  
de Ciências e Tecnologia da Universidade de  
COIMBRA

TELEX 220202 UNICB  
FAX 00350 GRENTE  
TELEX 50340

-----  
Sua comunicação de N.º de referência: Largo D. Dinis - 3000 COIMBRA - Portugal  
1993.5.11


ASS. Nº: Alteração do plano de estudos da Licenciatura em Arquitectura

Junto envio a proposta de alteração do Plano de Estudos da Licenciatura em Arquitectura, elaborada pela Comissão Pedagógica do Curso e aprovada por unanimidade pela Comissão Científica do Departamento.

No prazo máximo de duas semanas enviarei a necessária fundamentação.

No entanto, aproveito desde já para esclarecer que as alterações introduzidas dizem apenas respeito aos dois primeiros anos e visam fundamentalmente o reforço das disciplinas de Arquitectura sem acréscimo significativo da carga horária anual.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da Comissão Executiva  


## LICENCIATURA EM ARQUITECTURA

### Ramo de Arquitectura e Tecnologia

|   | Regime  | Carga horária | Unid. créd. área |
|---|---------|---------------|------------------|
| 1º ano  |         |               |                  |
| Desenho.....                                  | Anual   | 6P            | 4 A              |
| Introdução à Arquitectura.....                | "       | 6 P/ 6TP      | 10 A             |
| História da Arte e Cultura Clássica.....      | 1º Sem  | 2 T           | 2 THA            |
| História da Arte e Cultura Contemporânea..... | 2º Sem  | 2T            | 2 THA            |
| Geometria.....                                | "       | 3 T+3 TP      | 8 A              |
| Matemática.....                               | "       | 2 T+2 TP      | 6 M              |
| 2º ano  |         |               |                  |
| Projecto I.....                               | Anual   | 12 P/TP       | 10 A             |
| História da Arquitectura I.....               | "       | 2 T           | 4 THA            |
| Estática.....                                 | 1º Sem. | 3 T+3 TP      | 4 C              |
| Tecnologia de Materiais.....                  | "       | 2 T+3 TP      | 3,5 C            |
| Desenho Arquitectónico.....                   | "       | 6P            | 4 A              |
| Elementos de Física.....                      | 2º Sem. | 2 T+3 TP      | 3,5 F            |
| Resistência de Materiais.....                 | "       | 2 T+3 TP      | 3,5 C            |
| 3º ano  |         |               |                  |
| Projecto II.....                              | Anual   | 12 P/TP       | 10 A             |
| História da Arquitectura II.....              | "       | 2 T           | 4 THA            |
| Teoria da Arquitectura I.....                 | "       | 2 T           | 4 THA            |
| Geografia.....                                | "       | 2 T+2 TP      | 6 U              |
| Construção I.....                             | "       | 2 T+4 TP      | 7 C              |
| C.A.D.....                                    | "       | 2 T+3 TP      | 7 M              |
| 4º ano  |         |               |                  |
| Projecto III.....                             | Anual   | 12 P/TP       | 10 A             |
| História da Arquitectura Contemporânea.....   | "       | 2 T+4 P       | 6 THA            |
| Teoria da Arquitectura II.....                | "       | 2 T           | 4 THA            |
| Urbanologia.....                              | "       | 2 T           | 4 U              |
| Construção II.....                            | "       | 2 T+4 TP      | 7 C              |
| 5º ano  |         |               |                  |
| Projecto IV.....                              | Anual   | 12 P/TP       | 10 A             |
| História da Arquitectura Portuguesa.....      | "       | 2 T+4 P       | 6 THA            |
| Construção III.....                           | "       | 2 T+4 TP      | 7 C              |
| Opção I.....                                  | 1º Sem. | 2 T+3 TP      | 3,5              |
| Opção II.....                                 | "       | 2 T+3 TP      | 3,5              |
| Opção III.....                                | 2º Sem. | 2 T+3 TP      | 3,5              |
| Opção IV.....                                 | "       | 2 T+3 TP      | 3,5              |

Opções:  
a definir anualmente



## ÁREAS CIENTÍFICAS

M - Matemática  
F - Física  
A - Arquitectura

THA - Teoria e História da Arquitectura  
U - Urbanismo  
C - Construção

### Tabela de Precedências:

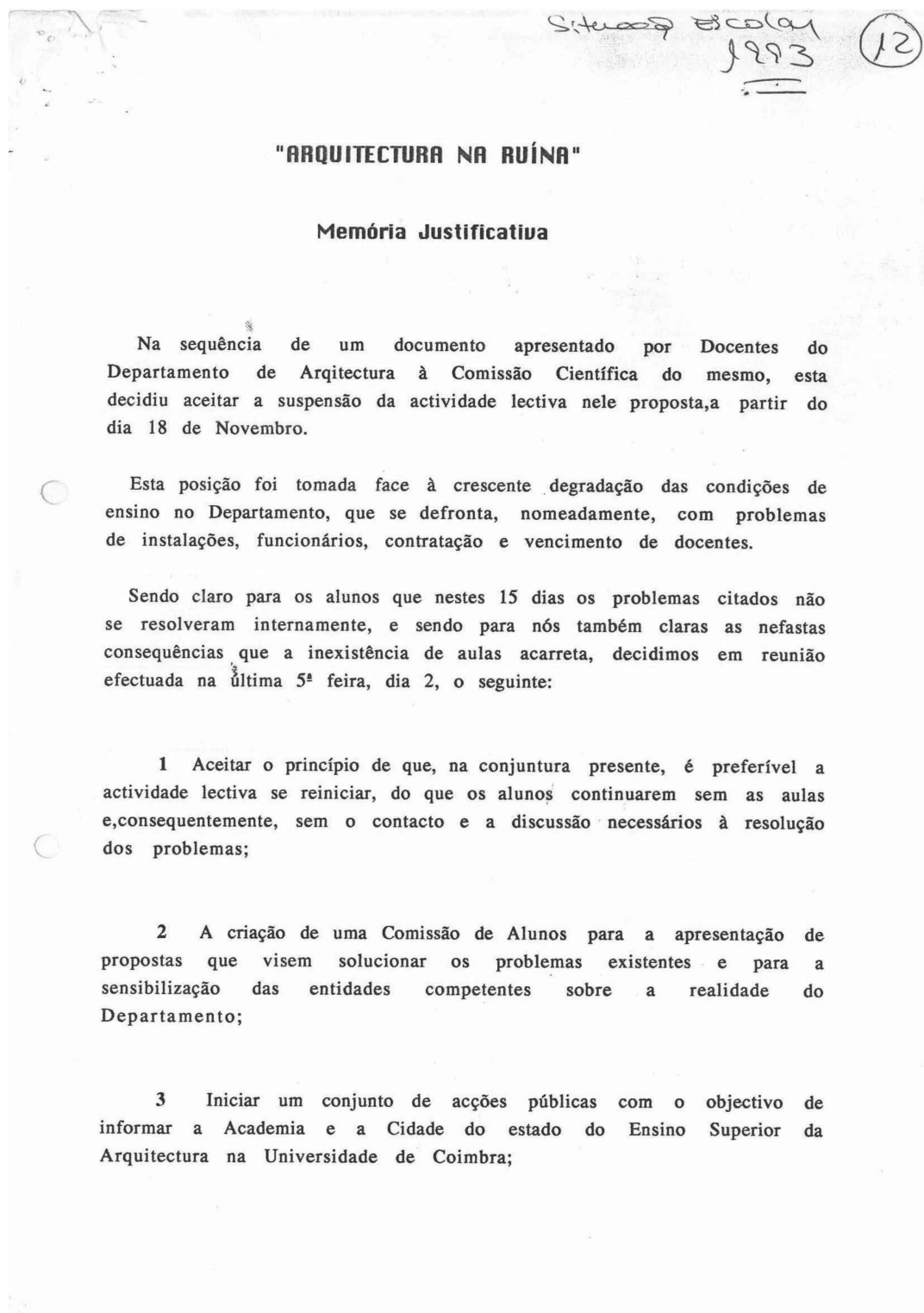
A inscrição em:

Projecto I .....  
Projecto II .....  
Projecto III .....  
Projecto IV .....  
História da Arquitectura II.....  
História da Arquitectura Contemporânea .  
Teoria da Arquitectura II.....  
Construção II.....  
Construção III.....

Depende da aprovação em:

Introdução à Arquitectura  
Projecto I  
Projecto II  
Projecto III  
História da Arquitectura I  
História da Arquitectura II  
Teoria da Arquitectura I  
Construção I  
Construção II

ESBATER FRONTEIRAS



## "ARQUITECTURA NA RUÍNA"

### Memória Justificativa

Na sequência de um documento apresentado por Docentes do Departamento de Arquitectura à Comissão Científica do mesmo, esta decidiu aceitar a suspensão da actividade lectiva nele proposta, a partir do dia 18 de Novembro.

Esta posição foi tomada face à crescente degradação das condições de ensino no Departamento, que se defronta, nomeadamente, com problemas de instalações, funcionários, contratação e vencimento de docentes.

Sendo claro para os alunos que nestes 15 dias os problemas citados não se resolveram internamente, e sendo para nós também claras as nefastas consequências que a inexistência de aulas acarreta, decidimos em reunião efectuada na última 5ª feira, dia 2, o seguinte:

1 Aceitar o princípio de que, na conjuntura presente, é preferível a actividade lectiva se reiniciar, do que os alunos continuarem sem as aulas e, consequentemente, sem o contacto e a discussão necessários à resolução dos problemas;

2 A criação de uma Comissão de Alunos para a apresentação de propostas que visem solucionar os problemas existentes e para a sensibilização das entidades competentes sobre a realidade do Departamento;

3 Iniciar um conjunto de acções públicas com o objectivo de informar a Academia e a Cidade do estado do Ensino Superior da Arquitectura na Universidade de Coimbra;

4 As acções públicas referidas no ponto anterior deixar-se-ão de realizar quando os problemas apresentados no esquema seguinte se encontrem resolvidos;

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| administração do departamento | relação com a Universidade<br>relação com a F.C.T.U.C.<br>gestão interna                                 |
| instalações do departamento   | salas teóricas<br>sala de projecto<br>gabinetes<br>aquisição de equipamento<br>conservação<br>manutenção |
| docentes e funcionários       | contratação - inexistência<br>- indefinição<br>remuneração   |

5 Nenhuma das decisões anteriores invalida a suspensão futura das actividades lectivas, sendo certo que tal acontecerá se dentro em breve não vislumbrarmos empenho na resolução dos problemas referidos pelas várias entidades responsáveis.

até à próxima Ruína

**F. Discurso feito pelo Núcleo de Estudantes do Departamento de Arquitectura**  
27 de Maio de 1999

Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra

O presente texto foi elaborado a partir de uma série de reuniões promovidas pela direcção do Núcleo de Estudantes de Arquitectura, que contaram com as contribuições de todos os alunos do Departamento. Representa a posição de todos os alunos da escola. Não podendo ou não querendo ser uma tomada de posição completa e rigorosa sobre o ensino da arquitectura, tem no entanto a vantagem de ser escrito pelos destinatários desse ensino, aqueles que vivem diariamente o corpo concreto das ideias, dos conceitos, em suma, das tentativas de escola.

Excelentíssimos Senhoras e Senhores, caros Colegas e Funcionários,

Sapientíssimos Mestres:

Encontramo-nos hoje, neste teatro, perante o estranho fenómeno de discutirmos uma escola que ainda o não é. Vago e disperso, o departamento de arquitectura tem vindo a tactear o seu caminho entre ruínas de escolas passadas e formas ainda insuspeitas de experimentar a arquitectura.

Os alunos, professores e funcionários que o ocupam vêem-se na condição de habitantes aparentemente serenos de uma gigantesca sala de espera de um qualquer aeroporto internacional, perdido em regiões desconhecidas. Somos todos, antes de mais, passageiros em trânsito – e ninguém nos sabe informar das horas dos voos. Justamente, duvidamos que existam.

**Ponto Zero: onde se esboça um percurso**

Chegamos a Coimbra com orgulho e ingenuidade. Coimbra é muito raras vezes uma escolha consciente. Mitos muitos e muito poucas verdades. Temos a princípio entusiasmo de sobra para não percebermos a inconsistência de tudo o mais. A Universidade velha de morrer parece-nos nova. O torpor não dura... Começamos. Com a humildade e a intranquilidade de sabermos pouco e nos ser exigido muito. Ficamos desde logo com a ideia que a Arquitectura é muito mais um ter que fazer do que um fazer o quê. De que a experiência do tempo é afinal bem mais pungente que a do espaço. É um ano *zen*. Passar de ano é muito mais uma questão de sorte do que algo que dependa de nós ou da nossa vontade. Resta a confiança (ou o princípio da descrença) na infalibilidade dos mestres e na capacidade destes perceberem se estamos ou não preparados. Meia dúzia de cadeiras que frequentamos ainda com

regularidade ensinam-nos que passámos os anos anteriores com a cabeça em coisas que não são aqui de grande utilidade: não sabemos desenhar, escrever pouco e nunca ninguém nos falou no Corbusier. Dormimos mal, adquirimos um ar *blasé* e descuidamos a higiene.

Com o primeiro obstáculo ultrapassado, o segundo ano é mais tranquilo. Afinal adoramos a escola. A grande questão é a do método, que diz assim: mais vale ter um método que ser metódico. A máxima de que a arquitectura se ensina mas não se aprende desculpa apenas muitas indefinições pedagógicas. Desconfiamos... O pecado é aqui muitíssimo compensador. Dizemos a tudo que não. Poupa-nos sacrifícios e faz-nos espertos em pouco tempo. Descobrimos o lado farsante das coisas e achamos-lhe graça. Perde-se o respeito pela Arte e pela disciplina, mas isso faz-nos trabalhar e a imaginação também. Ganha-se o amor à encenação e à comédia, mas ainda sentimos demasiado as injustiças. É um ano de eixos e ideias-fortes.

O terceiro é o ano da construção, aquele em que o castelo ganha alicerces (e nós com ele). Interessa mais o como do que o porquê. O remate é o calcanhar profundo da matéria. A *corrette* (sic) é o termo de validade do nosso projecto. Escrevemos poesia para nos compensarmos da perda, mudamos de namorada e de figura. Mesmo assim, descobrimos a fatalidade de estar sempre a falar de arquitectura. Abrimos muitas revistas e lemos poucos livros.

No quarto já somos quase arquitectos. Aprendemos bem a lição, sabemos o que queremos ser e sabemos igualmente pouco de arquitectura — por isso lemos mais. Descobrimos o Rossi e o Khan e não sabemos o que fazer com eles. Somos o que só parecemos. Falamos alto e sobre todas as coisas — quase sempre bem. Os mais senhores do seu nariz emigram ou começam a trabalhar em ateliers — depois do embarque o retorno é difícil. Aos que ficam, a cidade revela-se nas suas contradições incontornáveis. Demasiado pequena, demasiado ensimesmada e muito ciosa das suas próprias representações, flutuante e naufraga, inconsolável e vaidosa.

No quinto somos nostálgicos e sabemos que estamos a selar a nossa sepultura. Afinal ainda não deixámos esta coisa do para o ano é que vai ser...Estamos demasiado por dentro para nos descairmos e demasiado comprometidos para invertermos o rumo. Mesmo assim, o fôlego das grandes escalas enche-nos o vazio (...de maquetes!). E há sempre boas revelações e novos alinhamentos. É a vez dos tímidos e timoratos se insinuarem. As *superstars* são dadas a colapsar... Não vale a pena — já falta pouco.

No sexto fuçamos, viajamos, vamos finalmente ao cinema, desenhamos a tal casa para os tios. Furtamo-nos o mais possível de entrar aqui. Farta-mo-nos de correr atrás do orientador. Já não conhecemos ninguém. Quase tudo nos chama lá fora. O tempo da escola esgotou-se. Mesmo se, displicentemente vamos adiando o grande salto. Dizemos que somos demasiado exigentes e somos demasiado lassivos, cansados por uma indisciplina que se tornou a nossa. Estamos no fim completamente apaixonados ou profundamente mutilados. O que queríamos era continuar isto tudo em Tomar, para ver isto tudo de cima, um bocadinho mais friamente. A delonga acabou numa manhã quente de Julho em que a escola se reuniu para nos julgar e atirar as sortes sobre o nosso pobre retrato. A primeira nota justa é aquela que não merecíamos.

#### **Ponto um: onde se fala da máquina**

Esta é a primeira evidência de um olhar sobre a escola: a forma anárquica que nos rege, a ausência de regras e disciplina, são por si só responsáveis por gastos imensos de tempo e energia. Temos um curso com uma duração limitada e um plano de estudos claramente definido, inserido numa universidade que tem a obrigação de formar com regularidade milhares de profissionais por ano. Neste contexto, comum a todo o ensino universitário da época em que vivemos, torna-se forçoso que uma escola seja uma máquina de ensinar. Estamos convictos que a ideia de máquina não



implica um ensino frio e burocrático. Implica sim um funcionamento regular e sereno, constante e estabilizado; estruturado e estruturante.

Sonhamos com algo mais abrangente do que a simples resolução pontual do caos que vivemos – de facto, urge encontrar para o departamento de arquitectura um modelo de funcionamento esmoreito e dinâmico. Uma afinação de máquina. A máquina enferrujada que habitamos hoje, torna impossível passarmos de uma escola baseada no voluntarismo individual de alguns professores e alunos, para uma escola regida por um desenvolvimento global, continuado e sem sobressaltos. Só a ausência de contratempos mesquinhos pode dar lugar aos sobressaltos criadores e produtivos que queremos ter. Uma máquina não é castrante, é uma forma de nos concentrarmos no essencial. É urgente a base sólida que permita a excepção, as explosões no claustro. O tempo desta escola é consumido à espera de aulas ausentes. O clima de lassidão que diariamente se instala desencoraja qualquer desejo de uma escola empenhada e activa. Em boa verdade, vemo-nos obrigados a exigir uma sala de espera com sofás e televisões. E como aceitar que se possa fazer uma cadeira de projecto sem conhecer o seu professor? Com a saudável excepção do primeiro ano, dificilmente um aluno construirá uma relação efectiva com o seu professor. E isto é mais chocante quando se sabe do seu elevado nível científico e profissional.

Não vamos neste ponto questionar o modelo de funcionamento ou procurar outro mais correcto. Admitamos o que existe e exijamos que ele funcione com rigor. Que as horas definidas para aulas teóricas de projecto sejam cumpridas, que se comece o ano com uma planificação rigorosa, que se explicitem objectivos, que se deixe de sobrepôr o tempo de reuniões ao tempo de aulas...

Resumindo: garantir que a máquina de ensinar funcione de facto para evitar gastos desnecessários de energia e de tempo.

O tempo parece ser neste departamento a questão crucial, que assume proporções de esquizofrenia. Todo o tempo que não temos é investido na escola e sentimos que isso

é perder a realidade social, política e cultural que nos envolve. Não se fala só de tempo para ir ao cinema – fala-se de tempo para explorar, num momento decisivo das nossas vidas, várias realidades, vários mundos. O mais irónico é que esses mundos, se visitados, poderiam dar mais substância à aprendizagem da arquitectura, que de facto entendemos como matéria abrangente e multidisciplinar. Somos dependentes de um modelo de ensino baseado no sofrimento como forma de atingir a iluminação. A nossa escola é profundamente ascética e conventual. É urgente extinguir a obrigatoriedade dos excessos e dos dramas através de uma máquina que crie normalidade e disciplina. Uma máquina que dê tempo. Uma máquina libertadora.

Ponto dois: onde se fala do prazer

Desejamos para a escola uma estrutura consolidada, que sustente a produtividade, a diversidade, o exercício criativo. Exigimos a eficácia mas o que nos fascina é o que está depois dela. A escola deve constituir uma boa experiência, um ambiente criativo e sedutor. O ensino da arquitectura, disciplina intrinsecamente pessoal, deve não só apoiar a busca individual do conhecimento, como incentivá-la por todos os meios. O potencial criativo de uma escola é aquele que cada aluno lhe dá. Não podemos desejar menos que uma escola que ensine o excelente, mas é imperativo transformar a angústia de o querer atingir e o peso extremo dessa responsabilidade, numa experiência baseada no prazer de experimentar e explorar limites. Aprender arquitectura não pode ser um simples acumular de metas atingidas, ultrapassadas, com a cabeça pesada de quem cumpre uma obrigação, mas uma aventura pessoal, saudável, e por isso profundamente alegre. A escola tem que convocar, com a experiência que herdou ao longo dos anos, a cultura que diariamente descobre em cada aluno.

**ESBATER FRONTEIRAS**

Ponto três: onde se fala de pedagogia

As culturas que uma escola descobre e integra serão tão mais enriquecedoras quanto mais diversificadas e abrangentes forem. É pelo contacto com o agente nocivo que se desenvolvem anticorpos, e não pela sua exclusão impossível. É pelo confronto e pela discussão violenta que as consciências se formam. Uma escola que cresça alimentada só por si mesma corre o risco de rapidamente implodir, asfixiar. Neste sentido é com preocupação que vemos serem contratados, exclusivamente, monitores e assistentes formados no departamento. Compreendemos a necessidade, num momento de formação da escola, de constituir um corpo docente que se identifique com ela, que tenha um conhecimento profundo dos seus meandros. Mas acreditamos que isso implica o processo complementar de abertura a outras experiências. É do contacto com o outro que o mesmo se encontra e se põe à prova. Exigimos um esforço de clarificação e a imparcialidade dos concursos de admissão ao corpo docente do departamento de arquitectura.

A escola não deve apenas permitir diversas abordagens ao acto de projectar, mas sim incentivá-las e credibilizá-las. Quem se sente capaz de nos explicar com profundidade o trabalho de Coop Himmelblau, de Eisenman ou até de Koolhaas?

Se questionamos o acesso dos professores, devemos também repensar o acesso dos alunos. O actual sistema, baseado numa prova de Matemática e noutra de Geometria, está claramente desadequado dos objectivos do curso e da sua prática diária. Não nos parece útil decidir aqui se uma prova de desenho ou de filosofia seria mais adequada. Porque não falar de uma seriação baseada em entrevistas ou em discussão de portefólios? Estamos conscientes do investimento gigantesco que isto implicaria em meios físicos e humanos, mas acreditamos que a escolha acertada dos alunos e dos mestres é essencial para o futuro e o potencial criativo de uma escola.

É urgente nomear aqui, depois da entrada, a saída. Os esforços para clarificar e regularizar a Prova Final ainda não deram quaisquer frutos efectivos. Um momento de

reflexão crítica sobre a arquitectura, absolutamente necessário e defensável, não pode ser um buraco negro onde desaparecem, ano após ano, dezenas de estudantes. Todos os esforços são poucos para acabar, de vez, com o número crescente de alunos retidos e de páginas que não são assim produzidas. A Prova Final é talvez o único momento do curso em que os 20 valores da escala que nos rege são todos eles usados. Vale a pena referi-lo na sua disparidade em relação ao resto do curso.

Está firmemente estabelecido que o nosso curso tem a cadeira de Projecto como espaço central e aglutinador de uma série de disciplinas que o formam e informam, enquanto local de síntese de múltiplos saberes. Sabemos que nada disto funciona realmente assim. Perguntamos, como provocação, se este princípio não deveria ser levado ao limite: um curso de uma só cadeira chamada Arquitectura com profissionais de todas as áreas a contribuírem para o nosso projecto, avaliada como síntese da aprendizagem, rodeada por cadeiras opcionais diversificadas. Uma escola que permita aos alunos escolher vários caminhos e várias abordagens à arquitectura, encarada de facto como matéria de múltiplas disciplinas e direcções.

Regressemos à realidade actual. A coordenação efectiva entre Projecto e o resto é vaga e dispersa, da História à Construção. Quanto a esta última, não será lícito questionar os fundamentos da disciplina, cada vez mais redundante em relação ao Projecto, nem que seja pela identidade de formação dos seus docentes? Porque não, no tocante aos conhecimentos técnicos, dinamizar uma relação, agora claramente subaproveitada, com a Faculdade de Ciências? Qual é o arquitecto formado pela nossa escola com ideias claras sobre iluminação artificial? Ou sobre tecnologia digital? Ou cibernética? Há algum contributo realmente interessante do Centro de Computação Gráfica na área cada vez mais essencial da imagem virtual ou da modelação digital?

De um modo geral, permitimo-nos concluir que o princípio de Projecto como síntese e eixo fundamental do curso resulta claramente empobrecido. E não apenas na vertente

tecnológica. Faltam cadeiras de Arte Contemporânea, Artes Plásticas, Sociologia, Psicologia, Filosofia, História da Política...

Por fim, é urgente dizer que nas cadeiras existentes as matérias leccionadas não só têm uma relação débil com Projecto, como são programadas de uma forma dispersante e generalista. É desinteressante conhecer o todo através do todo. O mais útil na universidade não é abrir as janelas 180 graus, mas propôr visões parciais que estimulem a construção progressiva de um conhecimento crítico e pessoal. Abordar temas particulares e aprofundá-los, e incentivar o conhecimento do geral ao exigir respostas claras às questões levantadas pelo projecto.

**Ponto quatro: onde se conclui**

Do corpo docente não esperamos menos que um empenho concreto em reunir ideias e críticas dispersas num projecto de construção de escola. O fundamental é que o debate não pode ficar arrumado numa acta nem resumir-se a uma qualquer comemoração.

Reconhecendo embora, a beleza do percurso e a validade da formação que nos é dada, perguntamos se a coisa não poderia ir de outra maneira, mais esbarrada e equilibrada, sem perdas, com uma outra economia de sofrimentos vãos e esforços desnecessários. Sem feridas abertas. Sem avançar às arreguas. A universidade constata-se um ambiente demasiado humano, falível, à defesa. Desejamos eficácia, isenção e rigor, sentido das proporções, um outro decoro em relação ao todo a que deve respeitos, a consciência de que é uma fábrica de sentidos, aberta por isso, à satisfação dos que a alimentam, não um dragão que se autosustenta. Só o funcionamento perfeito da máquina nos permitirá ir resolutamente mais longe e não atender às fraquezas, vícios e processos que entorpecem. Reclamamos mais que tudo a regularização de um processo de que não haja sacrificados, uma outra solidez. Um outro optimismo e franqueza na constituição do edifício. A definição de limites e

o

de prazer, de indeterminação e de crescimento que reclamamos para o curso. Porque acreditamos que a Universidade é sobretudo o que está para lá do peso da instituição formal que constitui, um lugar enorme de cruzamentos e de possibilidades, de abertura e consciência do outro. Como a Arquitectura, que começa justamente quando estão resolvidas as necessidades mais estritamente funcionais e de firmeza.

Obrigado pela vossa atenção.

A direcção do Núcleo de Estudantes de Arquitectura

Coimbra, 27 de Maio de 1999

**G. Declaração feita pelos alunos sobre o ensino da cadeira de C.A.D**

7 de Fevereiro de 1994

Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Situacão tica (ar) (12)

A Comissão Científica

Arquivar  
HPC  
3/3/94

Coimbra, 7 de Fevereiro de 1994

Exmo. Sr. Prof. Doutor José Carlos Teixeira,

os alunos da cadeira de C.A.D.,

depois de reunidos, vêm por este meio mostrar o seu desgosto face às condições em que a cadeira tem vindo a ser leccionada durante o presente ano lectivo. A falta de apoio prático sentida até ao momento veio repercutir-se na apreensão da matéria teórica.

Dezeste modo, os alunos, unanimemente, decidiram não frequentar as aulas teóricas da cadeira, sem que haja um apoio prático efectivo.

Respeitosamente,

Alexandre Nunes e Silva (ARQ.)  
Cláudia Montenegro Soares (ARQ.)  
Rita Maria L. de Sequeira Cortesão (ARQ.)  
Ana Patrícia Clara Ribeiro (ARQ.)  
Luísa Alexandra de S. Jacques (ARQ.)  
João António Romão (ARQ.)  
Susana Luísa Maria Lobo (ARQ.)  
Daniel Gomes (ARQ.)  
Nuno Miguel Ferreira de S. Barbosa (ARQ.)  
Miguel Filipe Pinto Machado de Almeida Ulisses (ARQ.)  
José Pedro Grandão Silvestre (ARQ.)  
Eustáquio Emilia Ramos e Silva (ARQ.)  
Elaíandra Margarida Esteves F. Loureiro (ARQ.)  
Gracia Joana Augusto Resende (ARQ.)  
Nuno Moura e Silva Filipe de A. Pereira (ARQ.)  
Rafael Teresa Tavares da Rosa (ARQ.)  
Luís Martins Esteves Leitão  
Márcia Isabel Figueira Maria (ARQ.)

Nuno Diogo Coelho de Brito e Maria Amarel (ARQ.)

Paulo Gil Crespo Saraiva Patrão (ARQ.)

João Manuel Freitas Ferreira (ARQ.)

Pedro Francisco Mendes Pinheiro de Proença Costa (ARQ.)

○ ~~Amorim~~

Sérgio Luís Rodrigues Camargueira

Susana dos Reis Custódio (Arg.)

Joaquim Eduardo Redinha (ENR. GEOGRÁFICA)

Francisco Xavier Fernandes Campos (ENR. GEOGRÁFICA)

Paulo Alexandre Pires Bernardo (Arg.)

Abel Augusto Fonseca da Silva (Arg.)

○ José Manuel Albuquerque de Oliveira

João Neto (ARQ.)

Giuliana Maria Ferreira da Silva (ARQ.)

Gonçalo José Quinteiro Mendes (ARQ.)

Maria de Lourdes dos Santos.

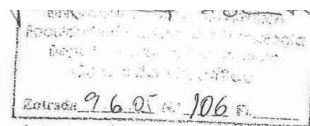


**H. Carta feito pelos docentes de Projeto e Construção ao Presidente da Comissão Científica do Departamento de Arquitectura**

15 de Junho de 2005

Retirado do Arquivo do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra

Ex.mo Senhor  
Prof. Arq.º Vítor Murtinho  
Presidente da Comissão Científica do Departamento de Arquitectura  
da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



Comissão Científica do Departamento de Arquitectura  
C. L. J. J. J.  
H. J. J. J.  
15.06.2005

Os signatários, docentes das disciplinas de Projecto e Construção integrantes dos 3.º e 4.º anos curriculares do Curso de Arquitectura desta Faculdade, vêm expor o seguinte:

1. Na actual estrutura do curso os referidos anos curriculares têm vindo a ser entendidos como sequenciais no que se refere ao seu objectivo comum em promover uma aproximação à prática real do projecto, sendo para tal julgada como adequada uma permanente complementaridade entre as disciplinas de Projecto III e Construção I no 3.º ano e de Projecto IV e Construção II no 4.º ano. Tal complementaridade traduz-se nos tempos práticos pela interdisciplinaridade pedagógica em torno de trabalhos comuns e pela avaliação conjunta dos processos e resultados inerentes ao seu desenvolvimento.
2. Assim sendo, quaisquer considerações sobre as condições em que se movimenta a prática pedagógica deverão ser sempre baseadas na indissociabilidade entre as duas disciplinas em cada um dos anos curriculares, nomeadamente no que se refere à cobertura das cargas horárias definidas no Plano de Estudos e à relação entre o número de discentes e docentes envolvidos.
3. No ano lectivo de 2004/2005 o número de alunos inscritos em cada uma das disciplinas, incluindo os abrangidos pelo Programa Erasmus, é o seguinte:  
3.º Ano: Projecto III – 69 alunos  
          Construção I – 74 alunos  
4.º Ano: Projecto IV – 82 alunos  
          Construção II – 89 alunos
4. No mesmo ano, a situação real de apoio docente tem sido a seguinte:
  - Projecto III: existem 3 turmas (média de 23 alunos por turma), o que, não sendo a situação ideal, se poderá admitir como aceitável no quadro das actuais limitações;
  - Construção I: existem 2 turmas (média de 37 alunos por turma) o que se revela absolutamente desajustado, com graves reflexos nos resultados finais que, neste momento, são já previsíveis. Acresce o facto de que o Assistente da disciplina, Arq.º António Bettencourt, se encontra numa situação de manifesta sobrecarga de trabalho, uma vez que lhe estão atribuídas 13 horas de aulas semanais, sendo o único docente afecto à disciplina de Introdução aos Sistemas Construtivos (2.º ano) que, no presente ano lectivo, conta com a inscrição de 66 alunos;

- Projecto IV: existem 2 turmas (média de 41 alunos por turma), situação cuja óbvia precariedade dispensa quaisquer comentários, agravada pelo facto de o Arq.º Carlos Martins, acumulando as funções de assistente do Prof. Arq.º Mário Kruger, estar a leccionar com uma carga horária total de 16 horas semanais de aulas;
  - Construção II: existem 2 turmas (média de 44,5 alunos), situação tanto mais inaceitável do ponto de vista formal se atendermos ao facto de que a cobertura do tempo prático é assegurada tão-somente por dois Monitores apenas enquadrados pelos docentes de Projecto IV. Uma situação que só não assume contornos trágicos devido ao reconhecido empenho e capacidade dos referidos Monitores que, na prática, vêm assumindo a efectiva regência do tempo prático da disciplina.
5. Admitindo que em 2005/2006 o número de alunos inscritos venha a ser aproximadamente o do presente ano lectivo, a situação que, longe da ideal, se nos afigura como minimamente satisfatória para cada um dos anos, seria a seguinte:
- 3.º Ano: 3 turmas em Projecto III (aprox. 23 alunos/turma); 3 turmas em Construção I (aprox. 25 alunos/turma);
  - 4.º Ano: 3 turmas em Projecto IV (aprox. 27 alunos/turma); 3 turmas em Construção II (aprox. 30, alunos/turma).
- De referir que tais números, ainda elevados, serão apenas aceitáveis no quadro das actuais limitações e porque se admite a existência, que vem sendo corrente, de algumas desistências de alunos no decorrer do processo.
6. De acordo com informação veiculada pelo Arq.º José Gigante, a Comissão Científica do DARQ, na sua reunião de 27 de Maio último, decidiu abrir concurso para a contratação de um Assistente Convidado que, em princípio, irá substituir, na disciplina de Projecto III, o Arq.º António Lousa, caso se venha a verificar a sua dispensa de serviço para efeito de doutoramento. Sendo assim, e na perspectiva do regresso do Arq.º Joaquim Almeida para a disciplina de Construção II, seriam cumpridas no 3.º ano as condições por nós consideradas como satisfatórias, uma vez que o Arq.º José Gigante, ficando apenas afecto a esse ano curricular, poderá acumular a regência das disciplinas de Projecto III e Construção I com a cobertura da prática de uma das turmas desta última, complementando as duas turmas orientadas pelo Arq.º António Bettencourt.
7. A verificar-se apenas a contratação de mais um Assistente (nesse caso para o 3.ª Ano), manter-se-ia a situação deficitária de apoio docente no conjunto das duas disciplinas do 4.º Ano, uma vez que a entrada do Arq.º Joaquim Almeida nada alterará em termos de carga horária docente total. Assim, e atendendo às actuais limitações, parece-nos que, no mínimo, deveria ser contratado mais um docente para leccionar a disciplina de Projecto IV, de modo a conseguir formar as 3 turmas necessárias, isto na presunção de que as disciplinas de Projecto e Construção continuem a actuar em

conjunto. De modo a atenuar o deficiente enquadramento desta última disciplina julga-se como indispensável a contratação de, pelo menos, um Monitor que, eventualmente, poderia dar também apoio à disciplina de Introdução aos Sistemas Construtivos e assim reequilibrar a situação desta em termos de apoio docente.

8. Admitindo a eventual contratação de dois novos Assistentes para os 3.º e 4.º anos, único modo de garantir as condições mínimas para o exercício da prática pedagógica exigida programaticamente, julgamos que teria todo o sentido optar pela reintegração, como Assistentes Convidados, dos dois Monitores que actualmente asseguram, efectivamente, a regência do tempo prático da disciplina de Construção II. Três anos consecutivos a trabalhar em precárias condições, assegurando o cumprimento de funções que em muito transcendem o seu estatuto de Monitores, são concerteza mais do que suficientes para confirmar a capacidade como docentes dos arquitectos João Fôja e João Gomes e as garantias que oferecem para um bom desempenho no quadro do desenvolvimento de uma pedagogia articulada entre as disciplinas de Projecto e Construção. Seria, em nosso entender, de elementar justiça, que o DARQ, reconhecendo o valioso contributo que os dois Monitores têm dado para a resolução da carenciada situação do curso, os readmitisse como Assistentes Convidados.
9. Caberá referir, por último, que a resolução destas questões adquire especial importância face à convocação, para o próximo dia 23 de Junho, de uma reunião para programação do próximo ano lectivo em termos de disciplinas de Projecto. Programação que, inevitavelmente, dependerá das condições que o Departamento souber e quiser proporcionar para o cumprimento dos objectivos pedagógicos que a todos interessam.


Coimbra, 2005 Junho 09

*Carlos Martins*

*João Mendes Ribeiro*

*José Fernando Gonçalves*

*José Gigante*

*Por assinatura*  


## **I. Mudança das unidades curriculares do primeiro ao quinto ano de formação (1995 - 2004)**

Da Autoria da Autora

### **Mudança das unidades curriculares no 1º ano de 1995 a 2004**

A marcação a cinzento nas tabelas coincide e marca os anos em que decorreram os Encontros de Tomar. A linha temporal das mesmas advém do Primeiro Encontro de Tomar em 1995, até ao último, que decorreu em 2004.

|               | 1988/1989                                | 1989/1990                                | 1990/1991                                | 1991/1992                                | 1992/1993                                | 1993/1994                 |
|---------------|--|--|--|--|--|---------------------------|
| <b>1º ANO</b> | Análise Matemática I                     | Análise Matemática I                     | Desenho                                  | Desenho                                  | Desenho                                  | Desenho                   |
|               | Geometria Analítica                      | Geometria Analítica                      | Introdução à Arquitectura                | Introdução à Arquitectura                | Introdução à Arquitectura                | Introdução à Arquitectura |
|               | Geometria Descritiva                     | Geometria Descritiva                     | História de Arte                         | História de Arte                         | História de Arte                         | História de Arte          |
|               | Desenho de Arquitectura                  | Desenho de Arquitectura                  | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                 |
|               | História da Arte e Tecnologia            | História da Arte e Tecnologia            | Matemáticas Gerais                       | Matemáticas Gerais                       | Matemáticas Gerais                       | Matemáticas Gerais        |
|               | Introdução à Arquitectura                | Introdução à Arquitectura                |  |  |  |                           |
|               | Estatística I                            | Estatística I                            |  |  |  |                           |
|               | 1994/1995                                | 1995/1996                                | 1996/1997                                | 1997/1998                                | 1998/1999                                |                           |
| <b>1º ANO</b> | Desenho                                  | Desenho                                  | Desenho                                  | Desenho                                  | Projecto I                               |                           |
|               | Introdução à Arquitectura                | Introdução à Arquitectura                | Introdução à Arquitectura                | Introdução à Arquitectura                | Desenho I                                |                           |
|               | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      |                           |
|               | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea |                           |
|               | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                                |                           |
|               | Matemática                               | Matemática                               | Matemática                               | Matemática                               | Geografia                                |                           |
|               | 1999/2000                                | 2000/2001                                | 2001/2002                                | 2002/2003                                | 2003/2004                                |                           |
| <b>1º ANO</b> | Projecto I                               | Projecto I                               | Projecto I                               | Projecto I                               | Projecto I                               |                           |
|               | Desenho I                                | Desenho I                                | Desenho I                                | Desenho I                                | Desenho I                                |                           |
|               | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      | História da Arte e Cultura Clássica      |                           |
|               | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea | História da Arte e Cultura Contemporânea |                           |
|               | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                                | Geometria                                |                           |
|               | Geografia                                | Geografia                                | Geografia                                | Geografia                                | Geografia                                |                           |

**Mudança das unidades curriculares no 2º ano  
de 1995 a 2004**

A marcação a cinzento nas tabelas coincide e marca os anos em que decorreram os Encontros de Tomar. A linha temporal das mesmas advém do Primeiro Encontro de Tomar em 1995, até ao último, que decorreu em 2004.

|                            | 1988/1989                  | 1989/1990                                    | 1990/1991                                    | 1991/1992                                    | 1992/1993                                    | 1993/1994                                    | 1994/1995                                    | 1995/1996                                    |
|----------------------------|----------------------------|--|--|--|--|--|--|--|
| <b>2º ANO</b>              |                            | Matemática Aplicada I                        | Projecto I                                   | Projecto I                                   | Projecto I                                   | Projecto I                                   | Projecto I                                   | Projecto I                                   |
|                            |                            | Matemática Aplicada II                       | História da Arquitectura I                   | História da Arquitectura I                   | História da Arquitectura I                   | História da Arquitectura I                   | História da Arquitectura I                   | História da Arquitectura I                   |
|                            |                            | Projecto I                                   | Estática                                     | Estática                                     | Estática                                     | Estática                                     | Estática                                     | Estática                                     |
|                            |                            | História da Arquitectura I                   | Tecnologias de Materiais                     | Tecnologias de Materiais                     | Tecnologias de Materiais                     | Tecnologias de Materiais                     | Tecnologias de Materiais                     | Tecnologias de Materiais                     |
|                            |                            | Teoria da Arquitectura I                     | Introdução aos Computadores e Programação    | Introdução aos Computadores e Programação    | Introdução aos Computadores e Programação    | Introdução aos Computadores e Programação    | Introdução aos Computadores e Programação    | Introdução aos Computadores e Programação    |
|                            |                            | Estática II                                  | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          |
|                            |                            | Tecnologia de Materiais                      | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     |
|                            |                            | Elementos de Física                          |  |  |  |  |  |  |
|                            |                            | Resistência de Materiais e Estruturas        |  |  |  |  |  |  |
| 1996/1997                  | 1997/1998                  | 1998/1999                                    | 1999/2000                                    | 2000/2001                                    | 2001/2002                                    | 2002/2003                                    | 2003/2004                                    |  |
| Projecto I                 | Projecto I                 | Projecto II                                  | Projecto II                                  | Projecto II                                  | Projecto II                                  | Projecto II                                  | Projecto II                                  | Projecto II                                  |
| História da Arquitectura I | História da Arquitectura I | Desenho II                                   | Desenho II                                   | Desenho II                                   | Desenho II                                   | Desenho II                                   | Desenho II                                   | Desenho II                                   |
| Estática                   | Estática                   | Teoria da Arquitectura I                     | Teoria da Arquitectura I                     | Teoria da Arquitectura I                     | Teoria da Arquitectura I                     | Teoria da Arquitectura I                     | Teoria da Arquitectura I                     | Teoria da Arquitectura I                     |
| Tecnologias de Materiais   | Tecnologias de Materiais   | História da Arquitectura Clássica e Medieval | História da Arquitectura Clássica e Medieval | História da Arquitectura Clássica e Medieval | História da Arquitectura Clássica e Medieval | História da Arquitectura Clássica e Medieval | História da Arquitectura Clássica e Medieval | História da Arquitectura Clássica e Medieval |
| Desenho Arquitectónico     | Desenho Arquitectónico     | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          | Elementos de Física                          |
| Elementos de Física        | Elementos de Física        | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     | Resistência de Materiais                     |
| Resistência de Materiais   | Resistência de Materiais   | Antropologia do Espaço                       | Antropologia do Espaço                       | Antropologia do Espaço                       | Antropologia do Espaço                       | Antropologia do Espaço                       | Antropologia do Espaço                       | Antropologia do Espaço                       |

**Mudança das unidades curriculares no 3º ano  
de 1995 a 2004**

A marcação a cinzento nas tabelas coincide e marca os anos em que decorreram os Encontros de Tomar. A linha temporal das mesmas advém do Primeiro Encontro de Tomar em 1995, até ao último, que decorreu em 2004.



|               | 1988/1989                           | 1989/1990                           | 1990/1991                           | 1991/1992                           | 1992/1993                           | 1993/1994                           |
|---------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| <b>3º ANO</b> |                                     |                                     | Projecto II                         | Projecto II                         | Projecto II                         | Projecto II                         |
|               |                                     |                                     | História da<br>Arquitectura II      | História da<br>Arquitectura II      | História da<br>Arquitectura II      | História da<br>Arquitectura II      |
|               |                                     |                                     | Teoria da<br>Arquitectura I         | Teoria da<br>Arquitectura I         | Teoria da<br>Arquitectura I         | Teoria da<br>Arquitectura I         |
|               |                                     |                                     | Geografia                           | Geografia                           | Geografia                           | Geografia                           |
|               |                                     |                                     | Construção I                        | Construção I                        | Construção I                        | Construção I                        |
|               |                                     |                                     | Desenho Assistido<br>por Computador | Desenho Assistido<br>por Computador | Desenho Assistido<br>por Computador | Desenho Assistido por<br>Computador |
|               | <b>1994/1995</b>                    | <b>1995/1996</b>                    | <b>1996/1997</b>                    | <b>1997/1998</b>                    | <b>1998/1999</b>                    |                                     |
| <b>3º ANO</b> | Projecto II                         | Projecto II                         | Projecto II                         | Projecto II                         | Projecto III                        |                                     |
|               | História da<br>Arquitectura II      | História da<br>Arquitectura II      | História da<br>Arquitectura II      | História da<br>Arquitectura II      | Teoria da Arquitectura<br>II        |                                     |
|               | Teoria da<br>Arquitectura I         | Teoria da<br>Arquitectura I         | Teoria da<br>Arquitectura I         | Teoria da<br>Arquitectura I         | História da<br>Arquitectura Moderna |                                     |
|               | Geografia                           | Geografia                           | Geografia                           | Geografia                           | Construção I                        |                                     |
|               | Construção I                        | Construção I                        | Construção I                        | Construção I                        | Tecnologia da<br>Construção I       |                                     |
|               | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador |                                     |
|               | <b>1999/2000</b>                    | <b>2000/2001</b>                    | <b>2001/2002</b>                    | <b>2002/2003</b>                    | <b>2003/2004</b>                    |                                     |
| <b>3º ANO</b> | Projecto III                        | Projecto III                        | Projecto III                        | Projecto III                        | Projecto III                        |                                     |
|               | Teoria da Arquitectura<br>II        | Teoria da Arquitectura<br>II        | Teoria da Arquitectura<br>II        | Teoria da Arquitectura<br>II        | Teoria da Arquitectura<br>II        |                                     |
|               | História da<br>Arquitectura Moderna | História da<br>Arquitectura Moderna | História da<br>Arquitectura Moderna | História da<br>Arquitectura Moderna | História da<br>Arquitectura Moderna |                                     |
|               | Construção I                        | Construção I                        | Construção I                        | Construção I                        | Construção I                        |                                     |
|               | Tecnologia da<br>Construção I       | Tecnologia da<br>Construção I       | Tecnologia da<br>Construção I       | Tecnologia da<br>Construção I       | Tecnologia da<br>Construção I       |                                     |
|               | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador | Desenho Assistido por<br>Computador |                                     |

**Mudança das unidades curriculares no 4º ano  
de 1995 a 2004**

A marcação a cinzento nas tabelas coincide e marca os anos em que decorreram os Encontros de Tomar. A linha temporal das mesmas advém do Primeiro Encontro de Tomar em 1995, até ao último, que decorreu em 2004.

|               | 1988/1989                                    | 1989/1990                                    | 1990/1991                                    | 1991/1992                                    | 1992/1993                                    | 1993/1994                                    |
|---------------|--|--|--|--|--|--|
| <b>4º ANO</b> |  |  |  | Projecto III                                 | Projecto III                                 | Projecto III                                 |
|               |  |  |  | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea |
|               |  |  |  | Teoria da<br>Arquitectura II                 | Teoria da<br>Arquitectura II                 | Teoria da<br>Arquitectura II                 |
|               |  |  |  | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  |
|               |  |  |  | Construção I                                 | Construção I                                 | Construção I                                 |
|               | 1994/1995                                    | 1995/1996                                    | 1996/1997                                    | 1997/1998                                    | 1998/1999                                    |  |
| <b>4º ANO</b> | Projecto III                                 | Projecto III                                 | Projecto III                                 | Projecto III                                 | Projecto IV                                  |  |
|               | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea |  |
|               | Teoria da<br>Arquitectura II                 | Teoria da<br>Arquitectura II                 | Teoria da<br>Arquitectura II                 | Teoria da<br>Arquitectura II                 | Construção II                                |  |
|               | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  | Tecnologias da<br>Construção II              |  |
|               | Construção I                                 | Construção I                                 | Construção I                                 | Construção I                                 | Urbanologia                                  |  |
|               | 1999/2000                                    | 2000/2001                                    | 2001/2002                                    | 2002/2003                                    | 2003/2004                                    |  |
| <b>4º ANO</b> | Projecto IV                                  | Projecto IV                                  | Projecto IV                                  | Projecto IV                                  | Projecto IV                                  |  |
|               | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea | História da<br>Arquitectura<br>Contemporânea |  |
|               | Construção II                                | Construção II                                | Construção II                                | Construção II                                | Construção II                                |  |
|               | Tecnologias da<br>Construção II              | Tecnologias da<br>Construção II              | Tecnologias da<br>Construção II              | Tecnologias da<br>Construção II              | Tecnologias da<br>Construção II              |  |
|               | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  | Urbanologia                                  |  |

**Mudança das unidades curriculares no 5º ano  
de 1995 a 2004**

A marcação a cinzento nas tabelas coincide e marca os anos em que decorreram os Encontros de Tomar. A linha temporal das mesmas advém do Primeiro Encontro de Tomar em 1995, até ao último, que decorreu em 2004.

|        | 1988/1989 | 1989/1990 | 1990/1991 | 1991/1992 | 1992/1993                                 | 1993/1994                                 |
|--------|-----------|-----------|-----------|-----------|---|---|
| 5º ANO |           |           |           |           | Projecto IV                               | Projecto IV                               |
|        |           |           |           |           | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa |
|        |           |           |           |           | Construção III                            | Construção III                            |
|        |           |           |           |           | 4 Opcionais                               | 2 Opcionais                               |

|        | 1994/1995                                 | 1995/1996                                 | 1996/1997                                 | 1997/1998                                 | 1998/1999                                 |
|--------|---|---|---|---|---|
| 5º ANO | Projecto IV                               | Projecto IV                               | Projecto IV                               | Projecto IV                               | Projecto V                                |
|        | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa |
|        | Construção III                            | Construção III                            | Construção III                            | Construção III                            | Sistemas Urbanos                          |
|        | 2 Opcionais                               | 2 Opcionais                               | 2 Opcionais                               | 2 Opcionais                               | 4 Opcionais                               |

|        | 1999/2000                                 | 2000/2001                                 | 2001/2002                                 | 2002/2003                                 | 2003/2004                                 |
|--------|---|---|---|---|---|
| 5º ANO | Projecto V                                | Projecto V                                | Projecto V                                | Projecto V                                | Projecto V                                |
|        | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa | História da<br>Arquitectura<br>Portuguesa |
|        | Sistemas Urbanos                          | Sistemas Urbanos                          | Sistemas Urbanos                          | Sistemas Urbanos                          | Sistemas Urbanos                          |
|        | 4 Opcionais                               | 4 Opcionais                               | 4 Opcionais                               | 4 Opcionais                               | 4 Opcionais                               |

**Mudança das unidades curriculares opcionais  
de 1995 a 2004**

A marcação a cinzento nas tabelas coincide e marca os anos em que decorreram os Encontros de Tomar. A linha temporal das mesmas advém do Primeiro Encontro de Tomar em 1995, até ao último, que decorreu em 2004.

|                           | 1988/1989               | 1989/1990               | 1990/1991                    | 1991/1992               | 1992/1993                                     | 1993/1994                                     | 1994/1995                                     | 1995/1996                 |
|---------------------------|-------------------------|-------------------------|------------------------------|-------------------------|---|---|---|---------------------------|
| OPCIONAIS                 |                         |                         |                              |                         | Arquitectura Teórica I                        | Arquitectura Teórica I                        | Arquitectura Teórica I                        | Arquitectura Teórica I    |
|                           |                         |                         |                              |                         | Planeamento Físico I                          | Planeamento Físico I                          | Planeamento Físico I                          | Planeamento Físico I      |
|                           |                         |                         |                              |                         | Arquitectura Teórica II                       | Arquitectura Teórica II                       | Morfologia Urbana I                           | Antropologia do Espaço I  |
|                           |                         |                         |                              |                         | Planeamento Físico II                         | Planeamento Físico II                         | Planeamento Físico II                         | Morfologia Urbana I       |
|                           |                         |                         |                              |                         |   |   |   | Cultura Material I        |
|                           |                         |                         |                              |                         |   |   |   | Arquitectura Teórica II   |
|                           |                         |                         |                              |                         |   |   |   | Planeamento Físico II     |
|                           |                         |                         |                              |                         |   |   |   | Antropologia do Espaço II |
|                           |                         |                         |                              |                         |   |   |   | Morfologia Urbana II      |
|                           |                         |                         |                              |                         |   |   |   | Cultura Material II       |
| 1996/1997                 | 1997/1998               | 1998/1999               | 1999/2000                    | 2000/2001               | 2001/2002                                     | 2002/2003                                     | 2003/2004                                     |                           |
| Arquitectura Teórica I    | Arquitectura Teórica I  | Arquitectura Teórica I  | Arquitectura Teórica I       | História das Cidades I  | História das Cidades I                        | Planeamento Físico I                          | Arquitectónicas da Forma                      |                           |
| Planeamento Físico I      | Planeamento Físico I    | Planeamento Físico I    | História das Cidades I       | Planeamento Físico I    | Planeamento Físico I                          | Planeamento Físico II                         | Critérios de Intervenção no Património        |                           |
| Antropologia do Espaço I  | História das Cidades I  | História das Cidades I  | Comunicação Computacional I  | História das Cidades II | História das Cidades II                       | Arqueologia Industrial                        | Arqueologia Industrial                        |                           |
| Morfologia Urbana I       | Morfologia Urbana I     | Arquitectura Teórica II | Planeamento Físico I         | Planeamento Físico II   | Planeamento Físico II                         | História e Estética do Cinema                 | Arqueologia Industrial                        |                           |
| Arquitectura Teórica II   | Arquitectura Teórica II | Planeamento Físico II   | Arquitectura Teórica II      | Arqueologia Industrial  | Arqueologia Industrial                        | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  | História e Estética do Cinema                 |                           |
| Planeamento Físico II     | Planeamento Físico II   | História das Cidades II |                              |                         | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  |   | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  |                           |
| Antropologia do Espaço II | História das Cidades II |                         | História das Cidades II      |                         |   | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea II | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  |                           |
| Morfologia Urbana II      | Morfologia Urbana II    |                         | Comunicação Computacional II |                         | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea II |   | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea I  |                           |
|                           |                         |                         | Planeamento Físico II        |                         |   | Crítica da História da Arquitectura I         | Conceitos e Práticas da Arte Contemporânea II |                           |
|                           |                         |                         | Arqueologia Industrial       |                         |   |   |   |                           |





## J. Resultados do Inquérito efetuado aos alunos do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Da Autoria da Autora

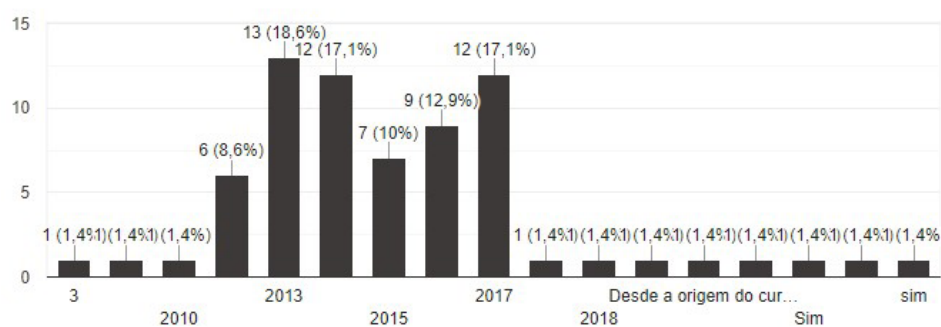
### A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA ARQUITETURA EM COIMBRA

Um arquiteto tem de ter consciência do mundo que o rodeia e para isso tem de ir em busca do mais diverso conhecimento e cruzamento de saberes para completar o pensamento. Esta linha está desde logo presente no percurso formativo arquitetónico. Este questionário tem como objetivo entender como os diversos conhecimentos e disciplinas se relacionam no curso de arquitetura no Darq, a partir da visão do lado estudantil.

#### Frequenta o curso de Arquitetura desde que ano?

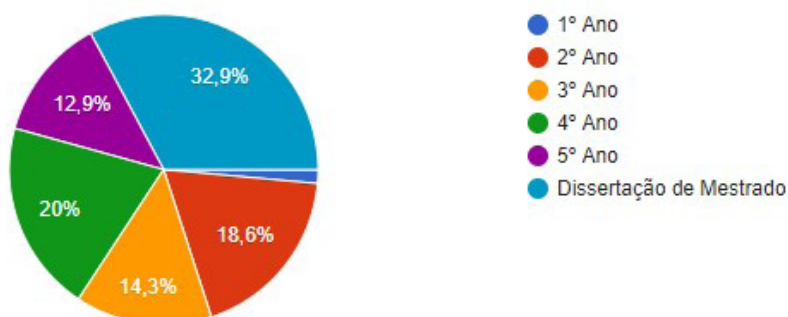


70 respostas



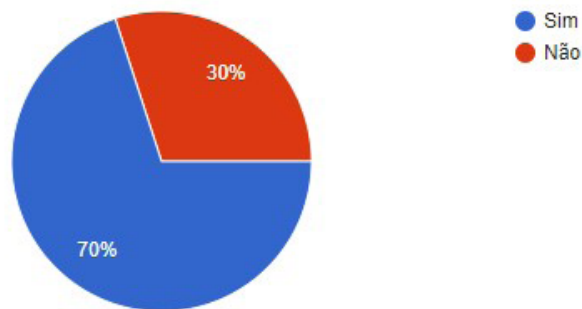
#### Encontra-se em que ano do curso?

70 respostas



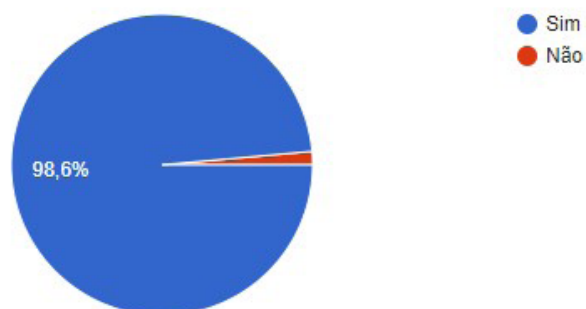
O curso de Arquitetura em Coimbra foi a sua primeira opção?

70 respostas



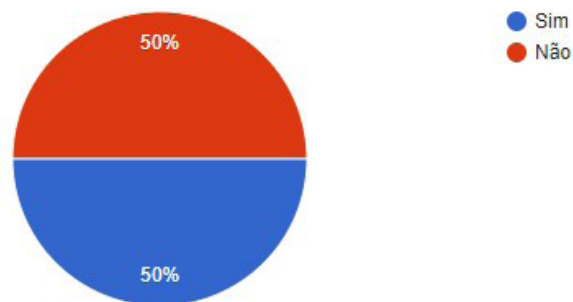
O Plano de Estudos no curso de Arquitetura no Darq, é dividido por áreas nucleares que inserem as diversas disciplinas : Arquitetura, Desenho, Urbanismo, Construção e Tecnologia e Ciências Sociais e Humanas. Considera estas áreas essenciais para a formação arquitetónica?

70 respostas



## Existe alguma outra área que considere pertinente e que poderia estar presente no plano de estudos?

70 respostas



### Se respondeu "Sim" : Qual ou quais seriam pertinentes?

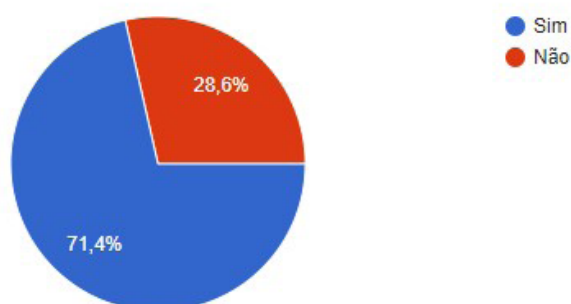
33 respostas

- Matemática
- Trabalho prático em campo, em atelier e um trabalho mais social, que nos ensinasse a comunicar com os clientes
- Não sei se é uma área mas Legislação
- programas para tratamento digital das propostas de projeto
- Paisagismo, Visita á Obras, Aulas voltadas para programas de computador mais pertinentes, e que isso una a prática em outras cadeiras, Ano Zero de Desenho e Geometria
- Design, engenharia
- Questões mais realistas e que fossem ao encontro da realidade, assim que acabamos o curso. Desde questões orçamentais, regras e leis obrigatórias, materialidade etc.
- Preparação para a prática profissional e legislação
- design de interiores
- pintura, design, fotografia
- Áreas de geografia e matemática
- Seria pertinente a integração obrigatória ao invés de opcional de algumas áreas - como fotografia, geografia urbana, antropologia... Estas são algumas das áreas extremamente essenciais para os futuros arquitectos.
- Física
- Geografia

- na realidade urbanismo já faz parte das disciplinas ensinadas mas acho que deveríamos ser apresentados a esse tipo de estudo desde de o primeiro
- Escultura
- Muitas seriam pertinentes mas as mais importantes que estão em falta eu diria que seriam disciplinas relacionadas com a conduta e ética que o arquitecto deverá ter no trabalho, arquitectura adaptada a pessoas incapacitadas física ou psiquicamente e uma cadeira especificamente para as tecnologias mais recentes da arquitectura (a nível construtivo, sustentável e económico nas mais variadas funções do edificio e da resposta da arquitectura a situações de elevado risco do edificado em ocasiões de urgência ou fenómenos naturais em que poderia ser abordado o assunto relativo às alterações climáticas e possíveis consequências). Uma das cadeiras que deveria ser integrada no plano de estudos futuramente e que seria aplicável a qualquer curso universitário de forma a que o aluno estivesse completamente informado e formado no assunto, seria algo relacionado com a preparação do aluno para a sua integração no mercado de trabalho (por exemplo: ensinar o aluno a realizar um curriculum vitae completo, a organizar o seu portfólio de apresentação de trabalhos realizados até ao momento da candidatura no emprego a que se propuser.
- Cultura Geral e Filosofia
- A preparação para o mercado de trabalho; introdução à legislação
- Desing
- Desenho Digital e Sustentabilidade
- Política
- Algo que envolva leis, legislação e todas burocracias necessárias para construir e afins e, algo que nos ensine a mexer em programas de desenho que nos sejam realmente úteis para o futuro..
- Arte, Fotografia
- Algo relacionado com outras formas de Arte como literatura, cinema, etc
- As áreas existentes são essenciais mas há uma necessidade URGENTE de mudança no método de ensino. As cadeiras não são dadas da forma mais interessante dada a nossa área de formação.
- Fotografia
- Sustentabilidade
- Aulas de programas gráficos
- Um pouco de Belas Artes e mais contemporaneidade sobretudo nas Ciências Sociais e Humanas
- Reabilitação

O Darq possui um espaço físico que permite o cruzamento de conhecimento. Até ao momento do seu percurso formativo, alguma vez presenciou este cruzamento ou trabalho directo entre disciplinas?

70 respostas



Se respondeu que "Sim": Que disciplinas se cruzaram e em que ano?

46 respostas

- Teoria e APD II cruzaram se com Projeto III no 3º ano
- Arquitetura, desenho, urbanismo, construção em todos os anos
- Arquitetura com desenho/ construção e tecnologia/ ciências sociais e humanas
- Por exemplo construção V e Projeto III
- Construção e Projeto a partir do 3º ano; Antropologia e Projeto no 4º ano; Suportes Físicos e Projeto no 4º ano;
- Antropologia, Construção, Suportes Físicos de Arquitectura e Urbanismo
- Suportes, antropologia
- Projecto, construção e teoria da arquitectura no 3ºano
- Atelier de Projecto I (prof. Gonçalo Canto Moniz) com as disciplinas de Suportes Físicos para Arquitectura e Urbanismo (prof. António Rochette), Antropologia do Espaço (prof. Sandra Xavier) e a disciplina de Construção (prof. Raimundo Silva), no ano 2015
- história da arquitetura e projeto (principalmente no primeiro ano) | construção e ciências sociais e projeto (4º ano) | arqueologia e projeto (5º ano)
- Projeto I e geometria
- Construção, Projecto, Antropologia e Urbanização (4º Ano), Construção e Projecto (3º Ano)
- 3º ano, Construções Ve VI com Projeto III, Teoria III e outras
- Antropologia e Projeto 4 - foi a única que teve relação na prática. O resto é treta.
- Projeto e construção no presente ano lectivo.
- podia haver mais cruzamento entre as cadeiras teóricas e projeto

- 3º ano: construção v/vi e projeto iii e teoria da arquitetura iii
- 4º ano: antropologia e construção do edificado ii e atelier de projeto i
- No 4 ano houve um contacto mais directo entre as disciplinas de Atelier de Projecto e Antropologia
- 3 ano: projeto, teoria e construção 4 ano: projeto e construção
- Projeto e construção no meu 3º ano
- Construção e Projecto (3 e 4)
- Todos os anos, construção e projeto
- Projeto e teoria da arquitetura. 2 ano
- Desenho e Projecto - 1º, 2º e 3º ano
- Construção e Projeto, Antropologia e Projeto
- Projeto com teoria
- Projeto com história
- 2 ano
- Construção e projeto
- No 3º ano a disciplina de projecto 3 está muito relacionada com construção 5 e 6 desse mesmo ano. Este é o único caso que até agora achei que duas disciplinas tinham contacto directo uma com a outra e que uma sem a outra era complicado tirar uma nota acima da média ou até conseguir uma positiva nas duas.
- Qualquer uma delas com projeto
- Construção, projeto, antropologia; 3 ano e 4 ano
- Construção e Projecto, tanto no 3º como no 4º ano
- Penso que a disciplina de projeto é aquela onde conseguimos observar o cruzamento de mais disciplinas como desenho, construção e a área das ciências sociais humanas. Penso, no entanto que deveria ser mais evidenciado pelos docentes esta relação e a importância individual de cada disciplina para o melhor desempenho de projeto.
- Teoria da Arquitetura IV e Projeto III; APD II, Construção V e Projeto III; Teoria da Arquitetura e História da Arquitetura.
- Projeto III com Construção V e IV - no terceiro ano
- Atelier de Projeto I com Construção do Edificado II - quarto ano
- Projeto e Construção 3º e 4º anos
- Arquitetura e construção (3 e 4ºano)
- Teoria da Arquitetura com todas as disciplinas ao longo do curso; construção e projeto, naturalmente
- Não foram as disciplinas, mas sim o uso de conhecimentos externos em filosofia e psicologia que foram utilizados em projeto. Esse tipo de interdisciplinaridade.
- História e Ápd 2016
- Projecto e desenho no 1º ano
- Projeto II e teoria II, mas foi só um trabalho, não significa que haja muita interdisciplinaridade, inclusive acho isso um ponto bem fraco no dArq
- Projecto 3 / construção com o arq. José Gigante. Até ao ano de 2009/10 +-. Uma das

**ESBATER FRONTEIRAS**

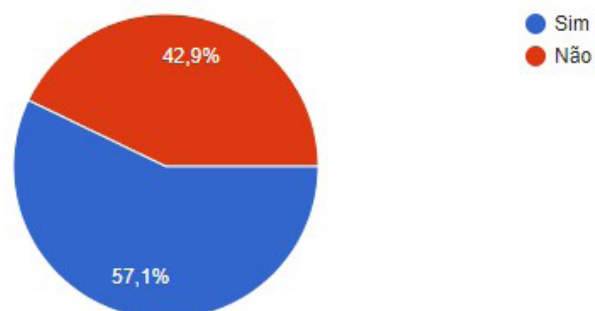
maiores perdas do departamento.

- Projeto e construção no terceiro ano
- Projeto e outras
- Atelier de Projeto I, Construção do Edifício II, Antropologia Cultural e Arquitetura (esta com uma ligação mais ténue) - 4ºano

## A disciplina de Projeto

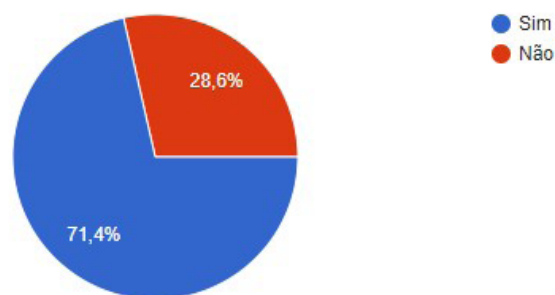
Estando projeto no centro do curso de Arquitetura, acha que as restantes disciplinas trabalham para a completar?

70 respostas



## Existiu algum momento em que a disciplina de projeto que frequentou se tenha encontrado diretamente com outra disciplina?

70 respostas



### Se respondeu "Sim": Qual ou quais disciplinas?

47 respostas

- Construção
- Construção
- Antropologia
- Construção V e construção VI
- Projeto, urbanismo e construção
- Construção, antropologia
- Antropologia, construção
- Antropologia, Construção e Suportes Físicos de Arquitectura e Urbanismo
- Construção V e VI, Teorias e práticas da reconstrução, Antropologia, Suportes Físicos para Arquitectura e Urbanismo
- Construção e teoria da arquitectura
- Nas disciplinas de Construção
- ciencias sociais, arqueologia, construção, história
- Geometria
- Construção, Urbanismo e Antropologia
- Construção V e VI
- Antropologia (4º) Teoria (2º ano e 1 semestre) e Construção (3º e 4º)
- Desenho construção

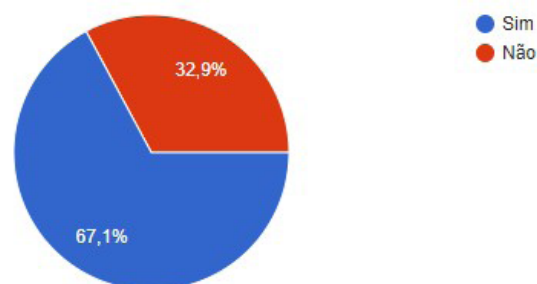
**ESBATER FRONTEIRAS**



- Construção, teoria da arquitetura, antropologia e construção do edificado
- Atelier I-A e Construção do Edificado II
- Teoria e construção
- Construção , teoria
- Teoria
- Desenho
- Construção e Antropologia
- Com as cadeiras de construção e, esporadicamente, algumas opcionais: Suportes Físicos, Antropologia...
- teoria I e desenho I
- Teoria e história
- As cadeiras de história, principalmente do dr. Figueira, são um bom exemplo de troca de conhecimento entre as cadeiras.
- Construção 5 e 6 de 3º ano
- Geometria, apd, construção
- Construção e Desenho
- APD II, Desenho III e História da Arquitetura IV
- Área da construção
- Teoria da Arquitetura, Construção, APD
- Construção e teoria da Architectura
- desenho e construção
- Projeto 2 e teoria 2
- Construcao, projecto urbano,

**A disciplina de Projeto pode trabalhar pontualmente com outros conhecimentos sem ser uma disciplina em específico. O professor pode indicar conferências, exposições ou convidar alguém que represente uma área para além da Arquitetura. Isso já aconteceu nas disciplinas de Projeto que frequentou?**

70 respostas



## Se a resposta foi "Sim": Em que ano de projeto se lembra de ter ocorrido e que acontecimento foi?

38 respostas

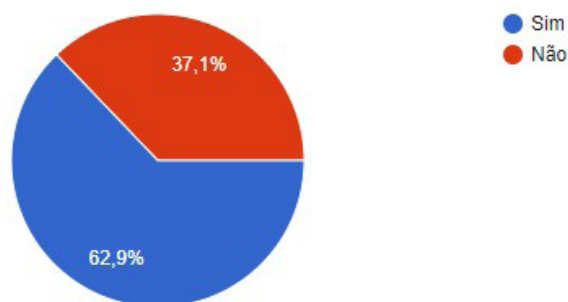
- Todos
- 4º ano, disciplina de Práticas de construção, do prof. Luís Miguel Correia. (conferências - "percursos")
- Todos os anos
- 2º ano, 4º ano
- Por exemplo ir a uma conferência de um professor das letras, tendo como tema o Cinema
- Todos menos o 5º ano
- 5º ano, presença de um fotografo, por exemplo
- Atelier de Projeto ID
- Ciclo de conferências Álvaro Siza
- 4º (Atelier de Projecto I)
- Primeiro e segundo ano
- 3º ano - exposições de desenho | 4º ano conferencias/exposições e workshop Alemanha
- 1º Ano, 2º Ano, 3º Ano e 4º Ano
- Palestras e Conversas voltados aos 30 Anos DARQ
- 2014 /2015
- 5º ano - conferências em outras cidades
- Em todos anos.
- em quase todos os anos aconteceu, desde arquitetos convidados, eventos organizados pelo nuda ou pelo departamento, por exemplo as conferências da "escola de coimbra"
- 4 e 5 anos
- Todos os anos, conferências e workshops
- 1 ano - palestras no convento de s.francisco, aula com cineasta.
- 1 e 2 anos - viagens de turma e do nuda
- Projecto II - Anozero`17 - Curar e Reparar o Construído
- 3º ano: Aulas teóricas nas quais architectos apresentavam as suas obras e às quais, por vezes, se realizavam visitas.
- 2º ano
- primeiro ano em projeto 1 (2018-2019), coordenado por Luís Miguel Correia
- 5
- Há anualmente conferências, eventos, exposições e até viagens de estudo em que somos dispensados das aulas de projecto (ou de outra disciplina) para podermos assim comparecer às conferências sugeridas pelo professor, pelos colegas, pelo núcleo ou pela universidade. Em relação à procura de profissionais de outras áreas para haver cruzamento de ideias ou conhecimentos, eu nunca presenciei a nada dessa natureza,

acho que seria conveniente quando fizéssemos um projecto sobre, por exemplo, um hospital, podermos conhecer alguns profissionais de saúde para saber o necessário para o edifício para além das normas de medidas e múltiplas regras escritas no RGEU ou em outro qualquer regulamento edificatório. Perceber o necessário, o inconveniente, o imprescindível e os níveis elevados de conforto tanto para profissionais como para utentes, e, se necessário, tomar conhecimento da rotina ou do parecer de utentes.

- 2.º ano; 3.º ano e 5.º ano
- 4 ano, fomos a exposições fora das cadeiras existentes, recebemos pessoas de fora para falarem conosco
- No 5º Ano fomos incentivados a dialogar com a professora de Arqueologia acerca do nosso tema de projeto, o que foi bastante interessante no desenvolvimento deste
- Projeto I, Projeto II
- 1º e 2º ano
- Primeiro ano, tavamo projetando uma casa para um cineasta e um profissional da área veio dar uma aula sobre cinema e arquitetura
- 2017, em sao paulo, brasil (erasmus)
- Em quase todos, quer sejam conferências, exposições, ou outros
- No quinto ano com arqueologia

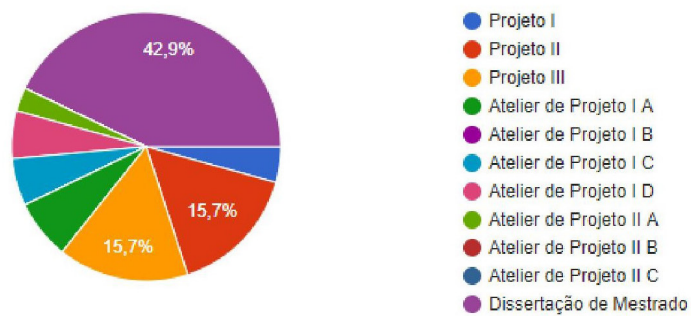
### Os professores responsáveis pelas disciplinas de Projeto que frequentou apresentaram esta vontade e inserção de novos acontecimentos?

70 respostas



## Actualmente encontra-se a frequentar que disciplina de Projeto?

70 respostas

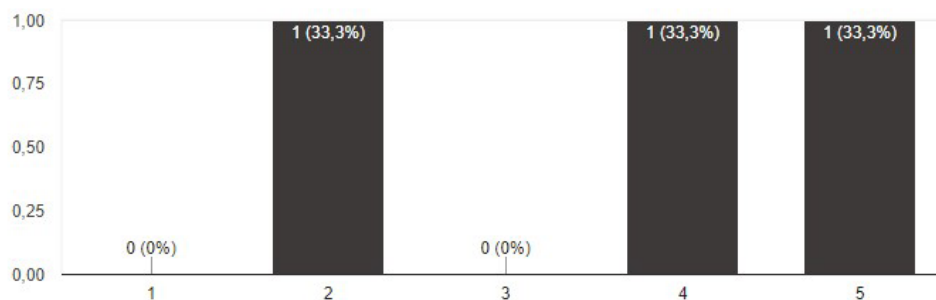


**Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 1º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?**

## RESPOSTAS DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO

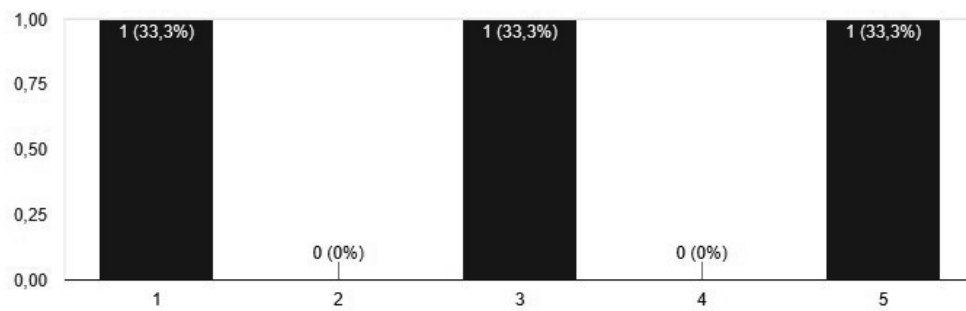
### Desenho I

3 respostas



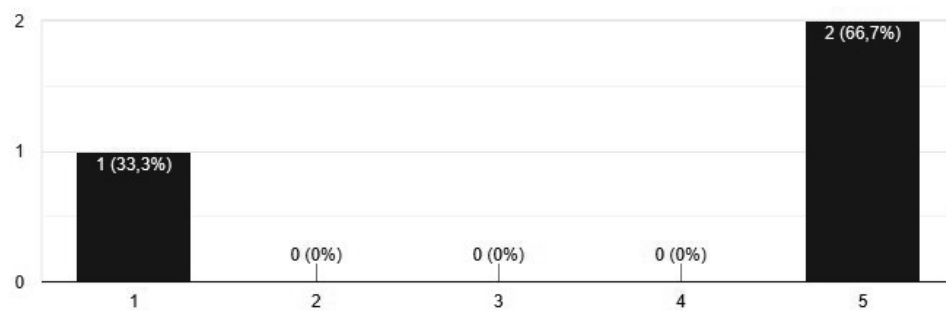
### Construção I

3 respostas



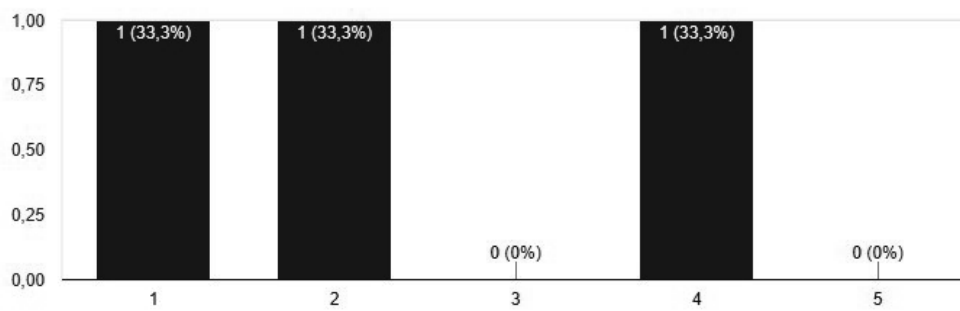
### Construção II

3 respostas



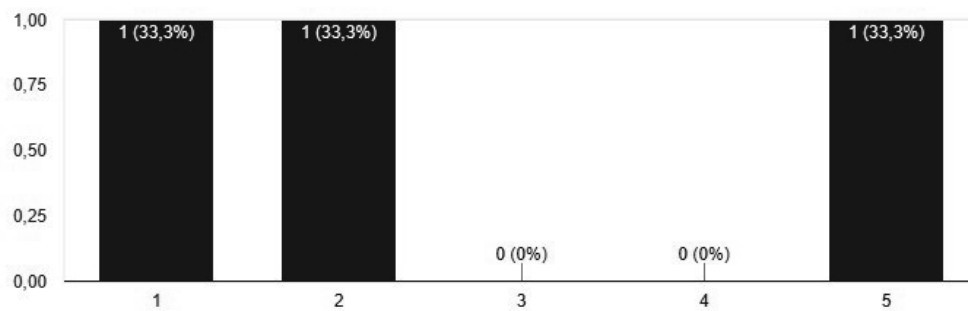
### Introdução à Arquitectura e à Cidade I

3 respostas



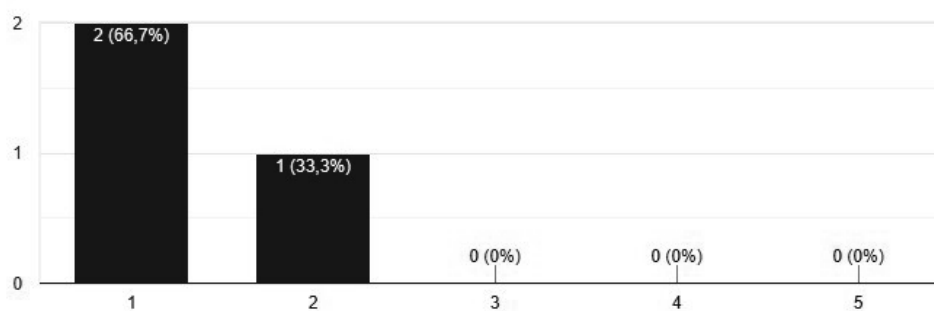
## Introdução à Arquitectura e à Cidade II

3 respostas



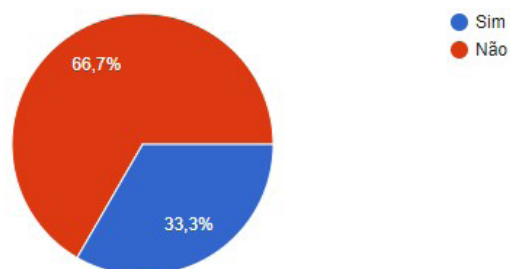
## Geometria

3 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

3 respostas

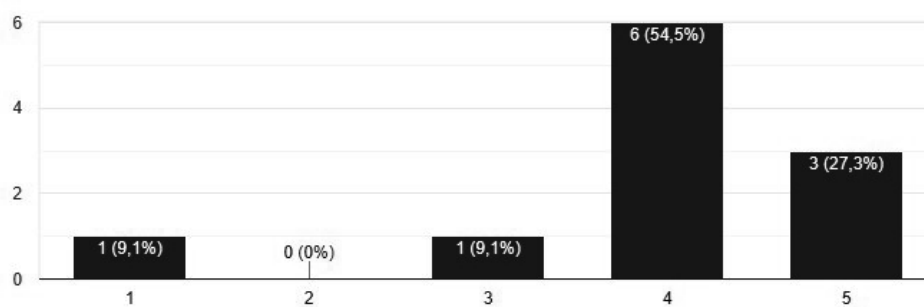


## RESPOSTAS DOS ALUNOS DO SEGUNDO ANO

**Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 1º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?**

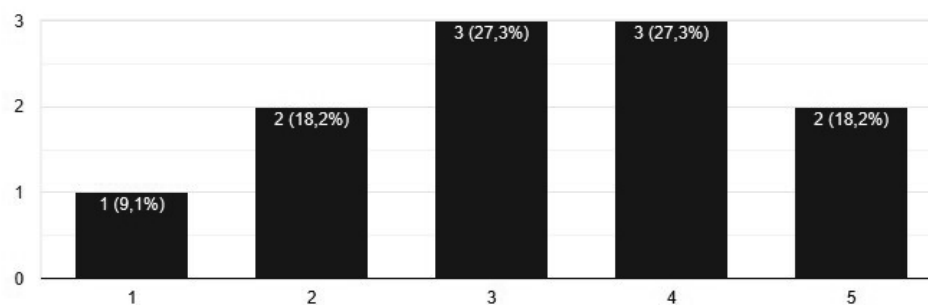
### Desenho I

11 respostas



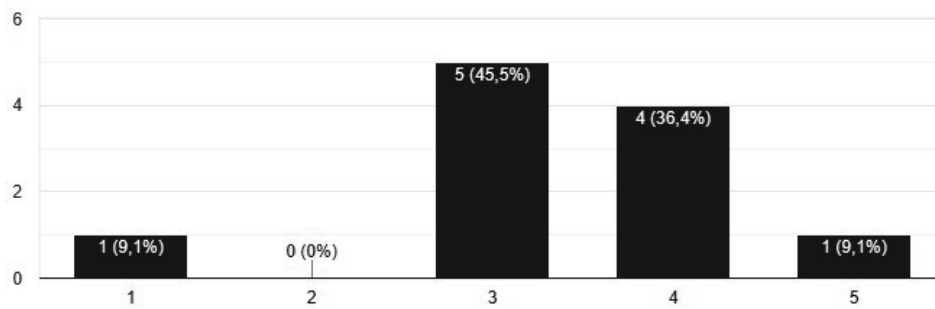
### Construção I

11 respostas



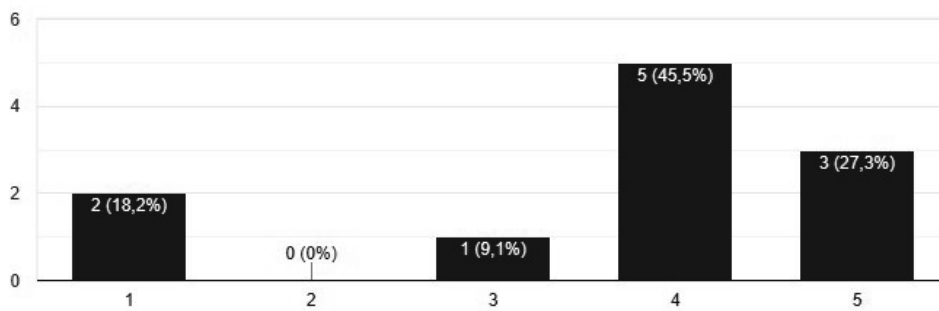
## Construção II

11 respostas



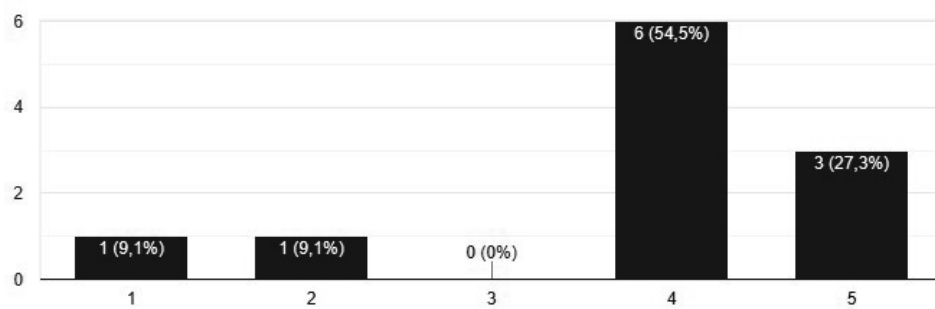
## Introdução à Arquitectura e à Cidade I

11 respostas



## Introdução à Arquitectura e à Cidade II

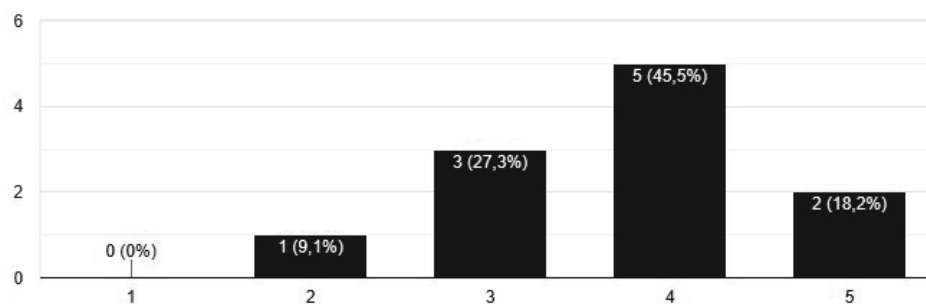
11 respostas





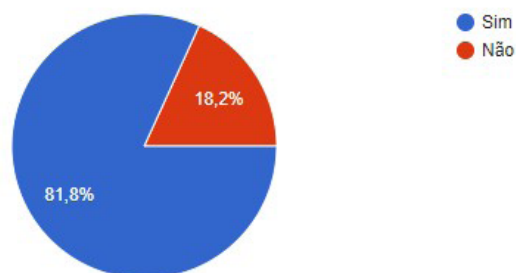
## Geometria

11 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

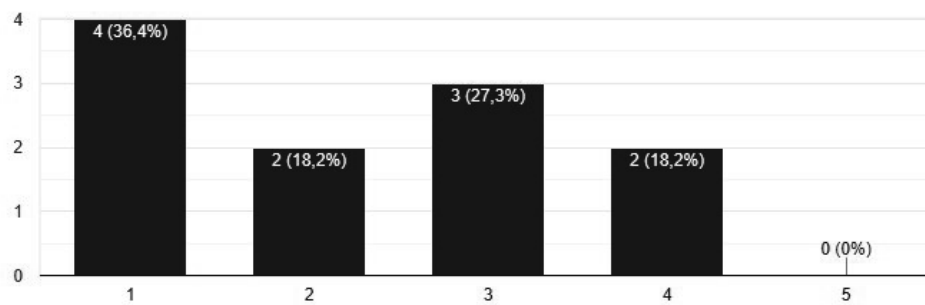
11 respostas



Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 2º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?

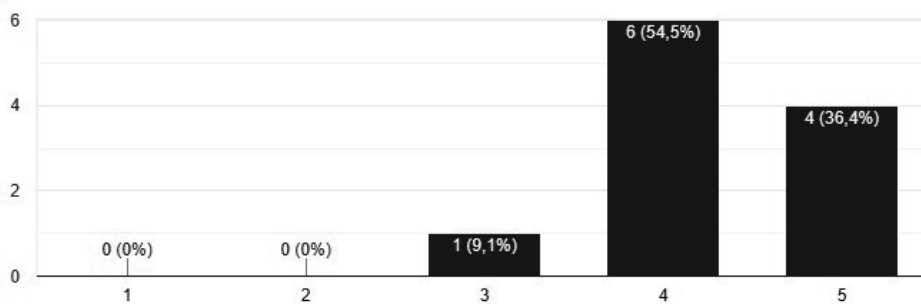
### Desenho II

11 respostas



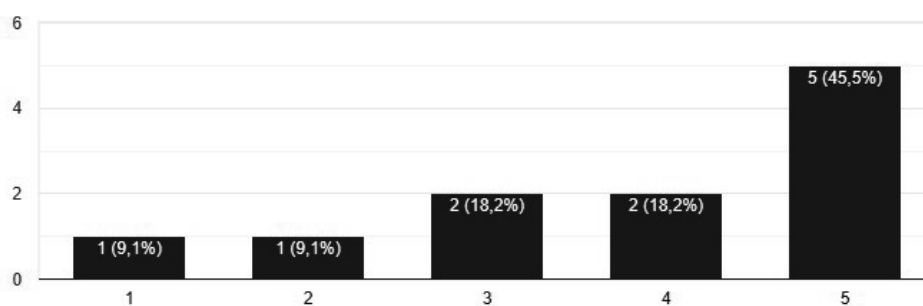
### Construção III

11 respostas



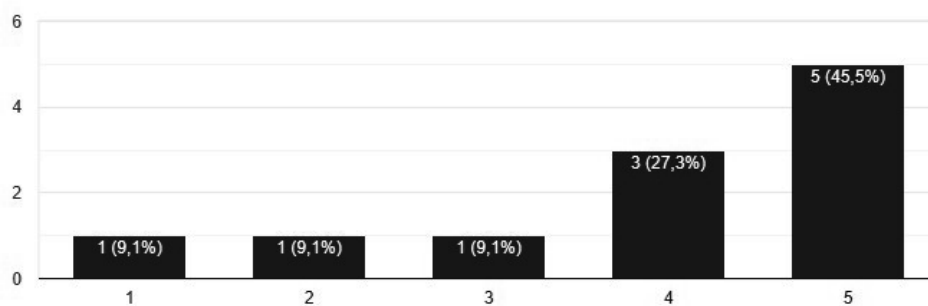
### Construção IV

11 respostas



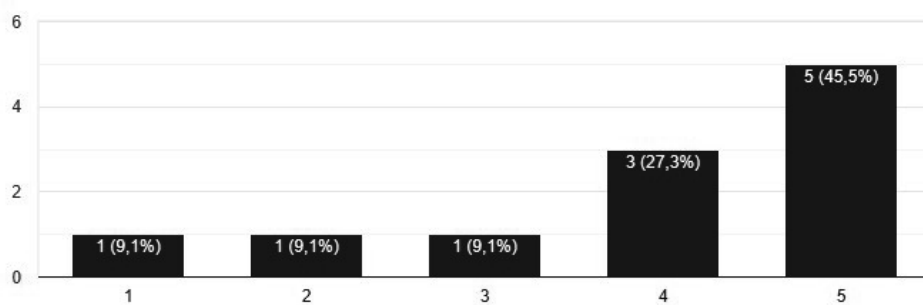
### História da Arquitetura I

11 respostas



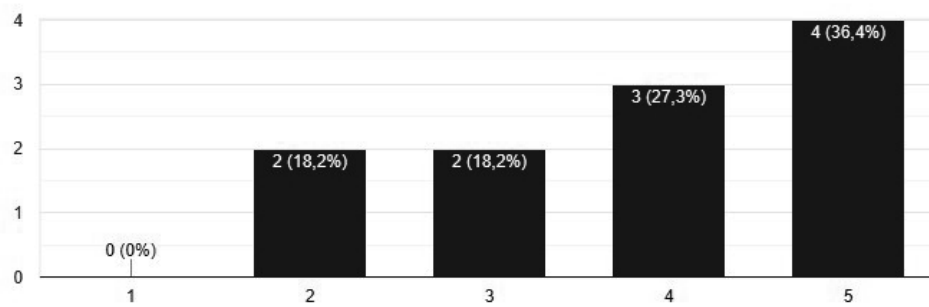
### História da Arquitetura II

11 respostas



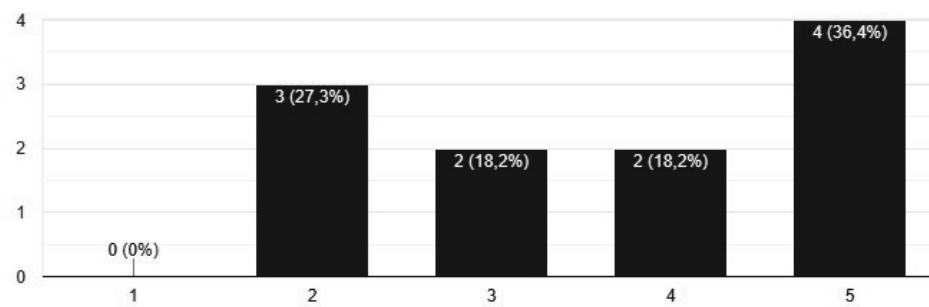
### Teoria da Arquitetura I

11 respostas



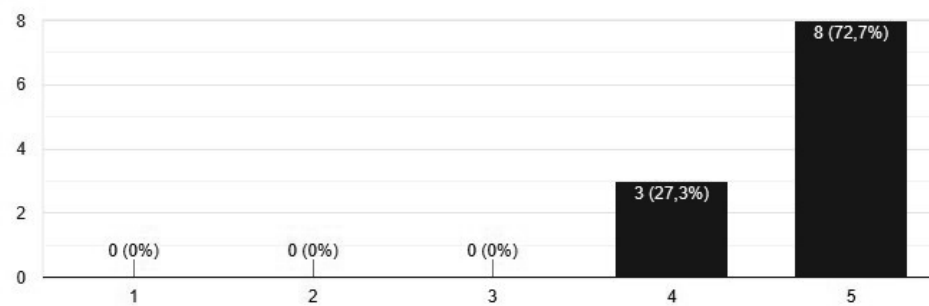
### Teoria da Arquitetura II

11 respostas



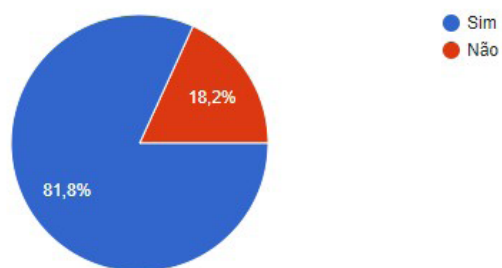
### Arquitetura e Projeto Digital I

11 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

11 respostas

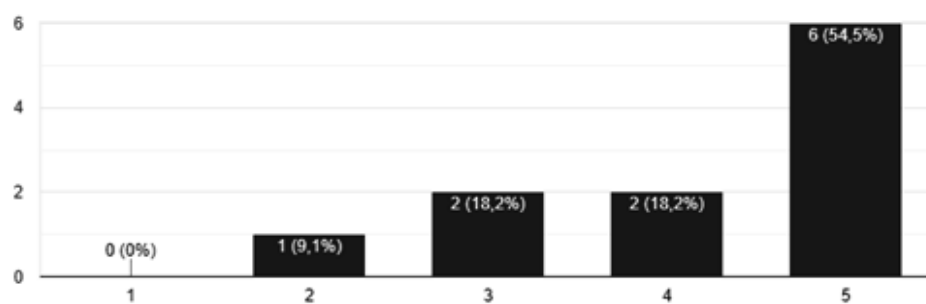


## RESPOSTAS DOS ALUNOS DO 3º ANO

**Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 1º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?**

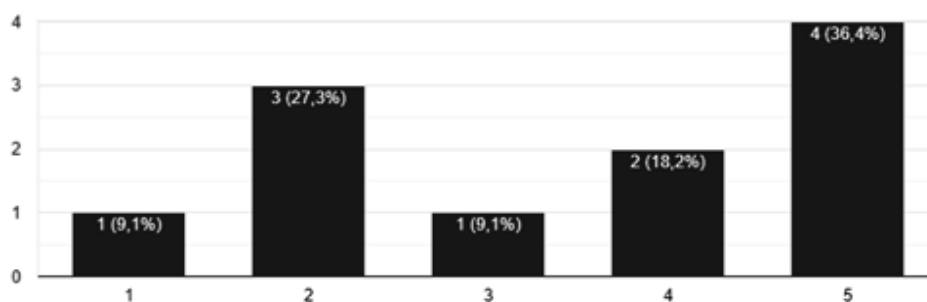
### Desenho I

11 respostas



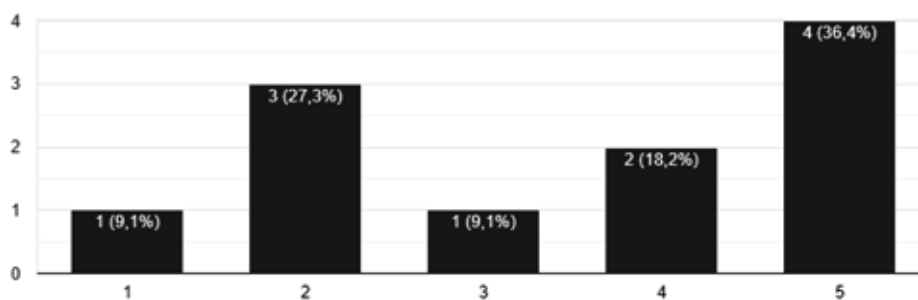
### Construção I

11 respostas



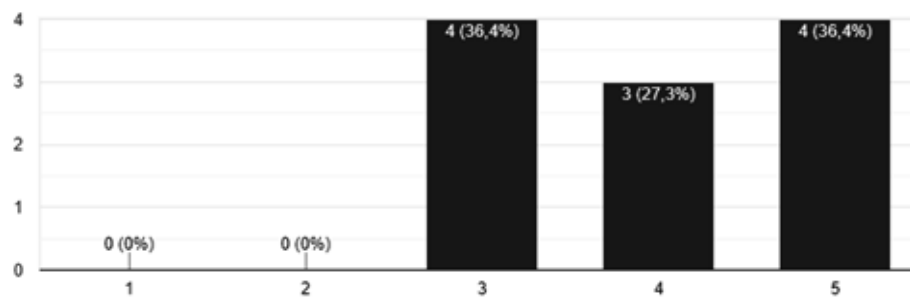
### Construção II

11 respostas



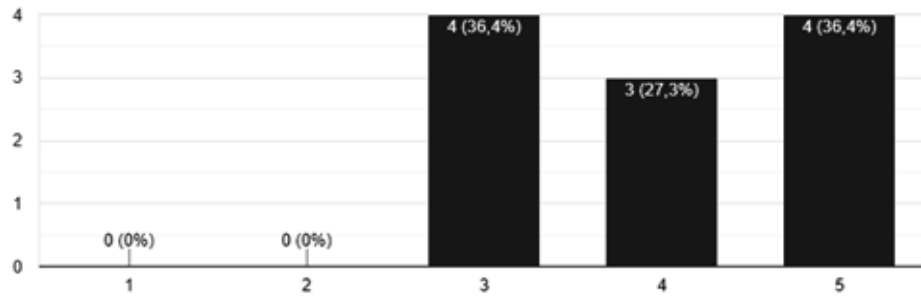
### Introdução à Arquitectura e à Cidade I

11 respostas



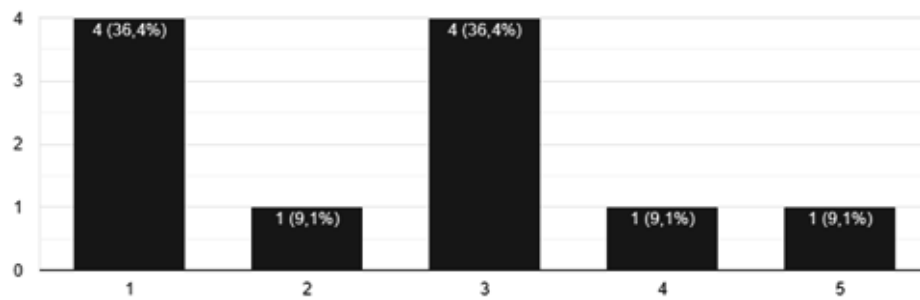
## Introdução à Arquitectura e à Cidade II

11 respostas



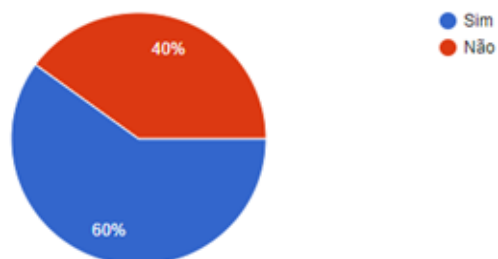
## Geometria

11 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

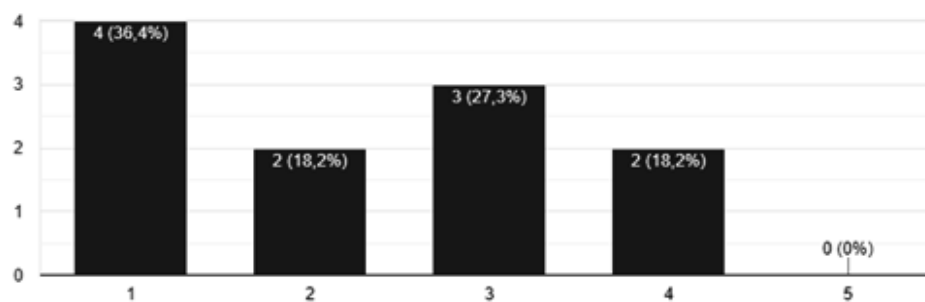
10 respostas



Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 2º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?

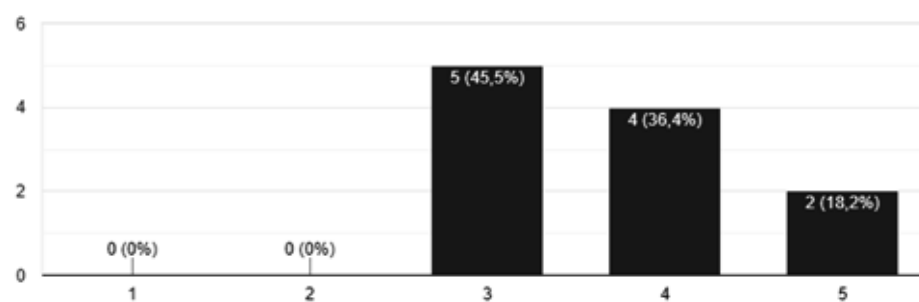
### Desenho II

11 respostas



### Construção III

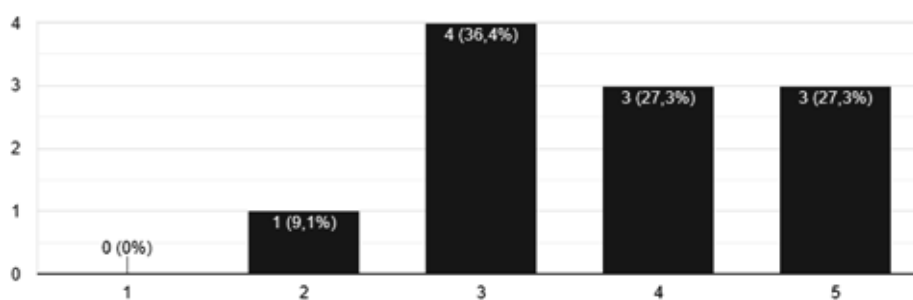
11 respostas





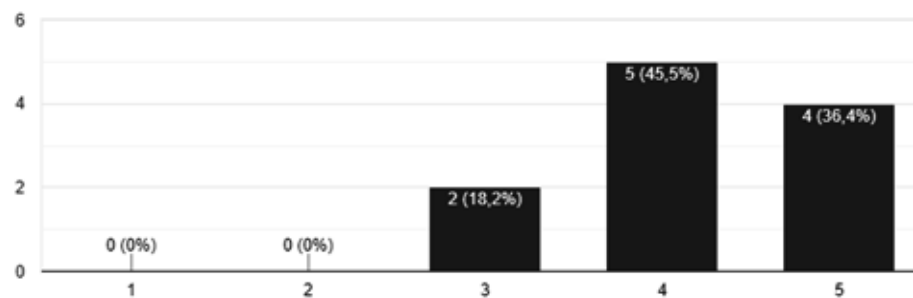
### Construção IV

11 respostas



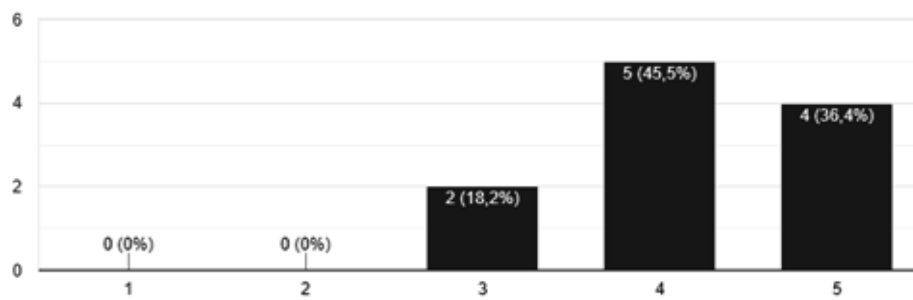
### História da Arquitetura I

11 respostas



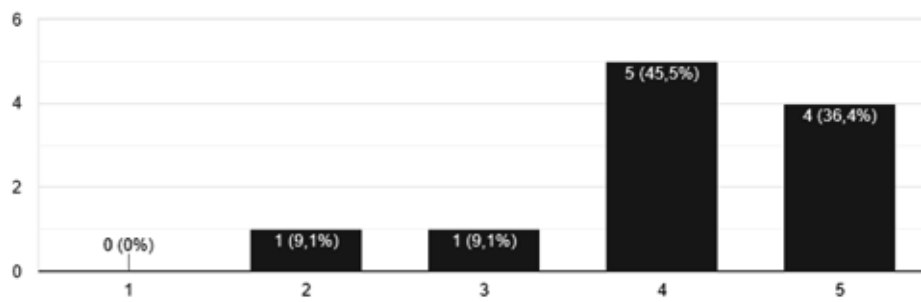
### História da Arquitetura II

11 respostas



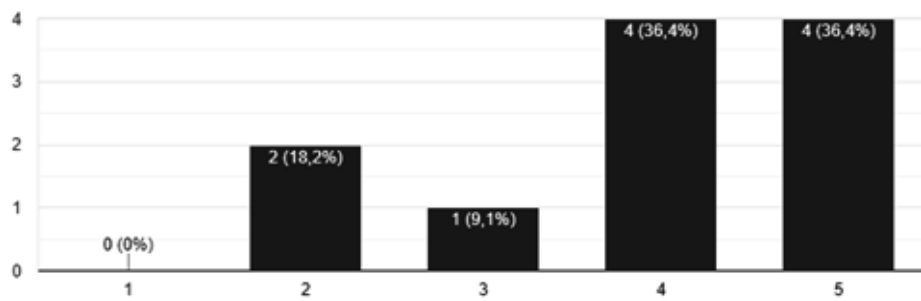
### Teoria da Arquitetura I

11 respostas



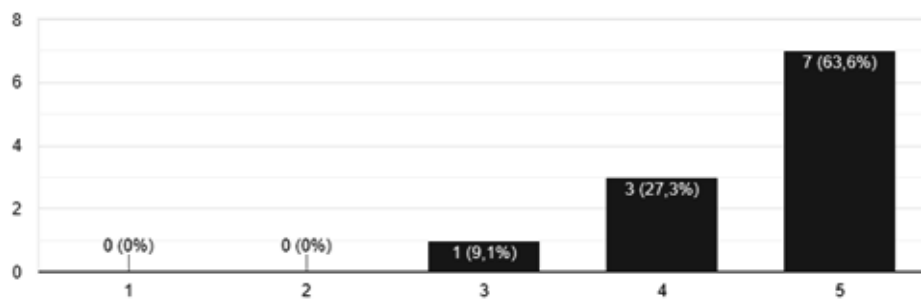
### Teoria da Arquitetura II

11 respostas



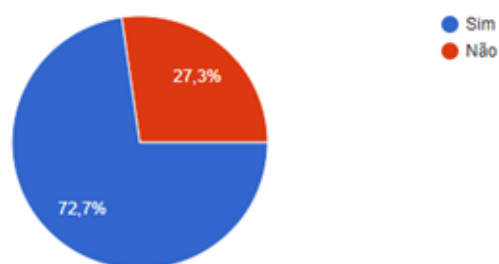
### Arquitetura e Projeto Digital I

11 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

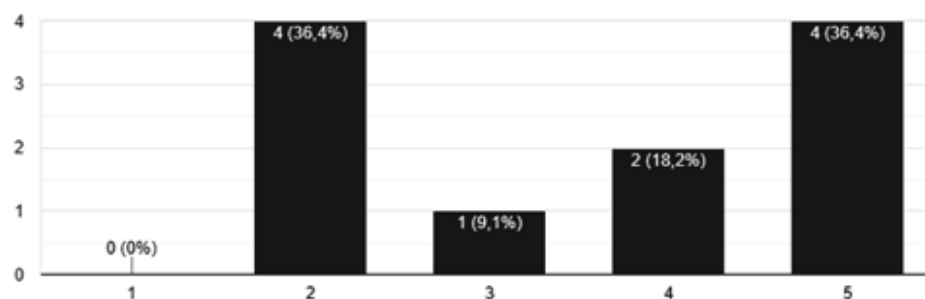
11 respostas



Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 3º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?

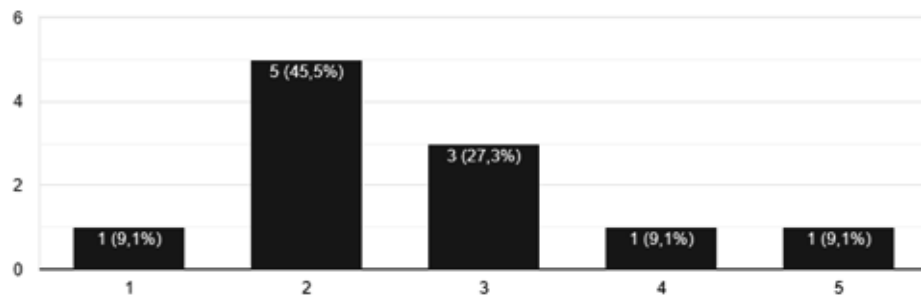
### Arquitetura e Projeto Digital II

11 respostas



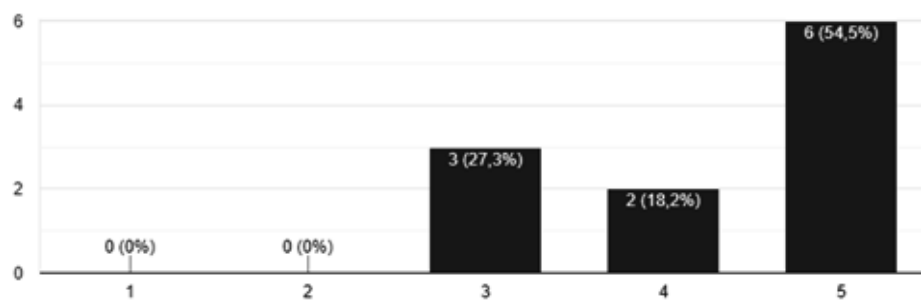
### Desenho III

11 respostas



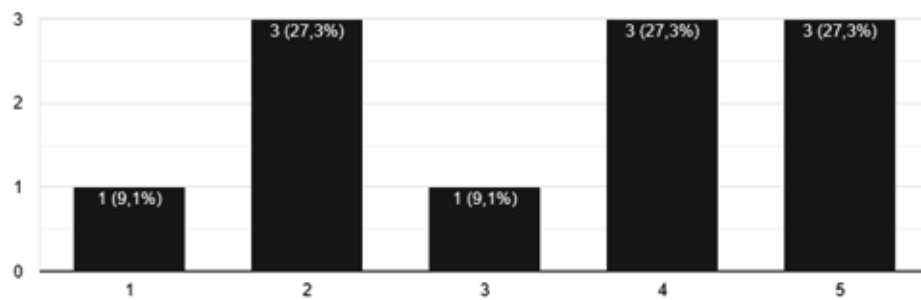
### Urbanismo

11 respostas



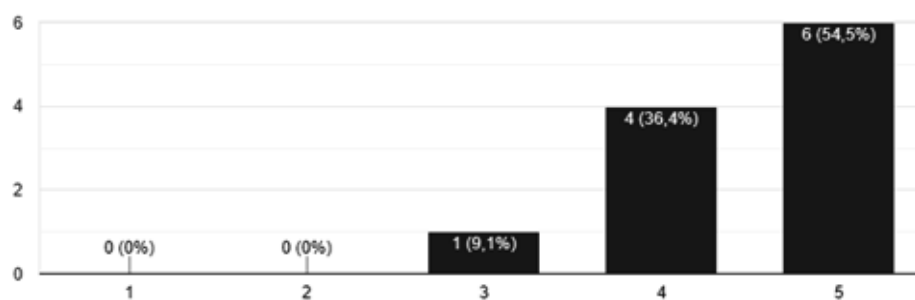
### Teoria da Arquitetura III

11 respostas



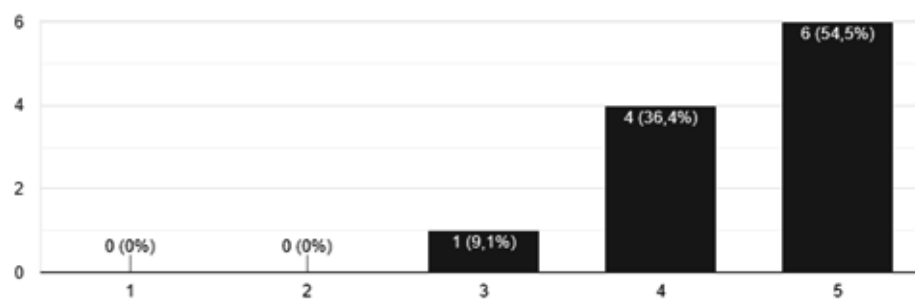
### Construção V

11 respostas



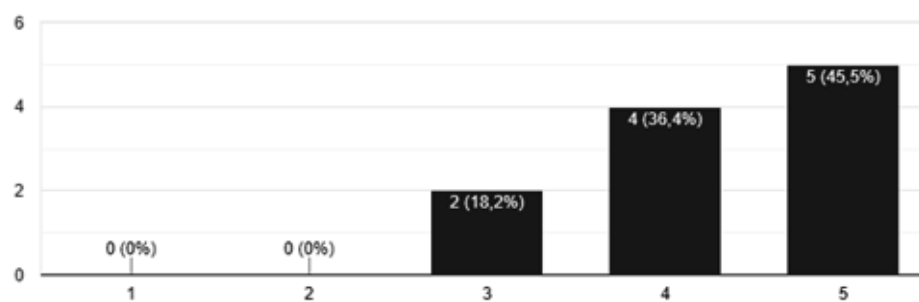
### Construção VI

11 respostas



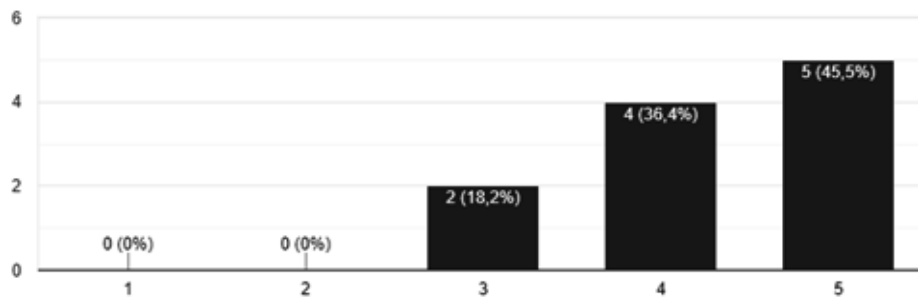
### História da Arquitetura III

11 respostas



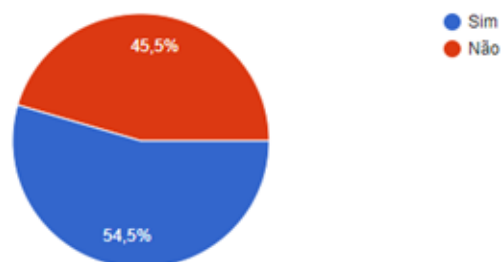
## História da Arquitetura IV

11 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

11 respostas

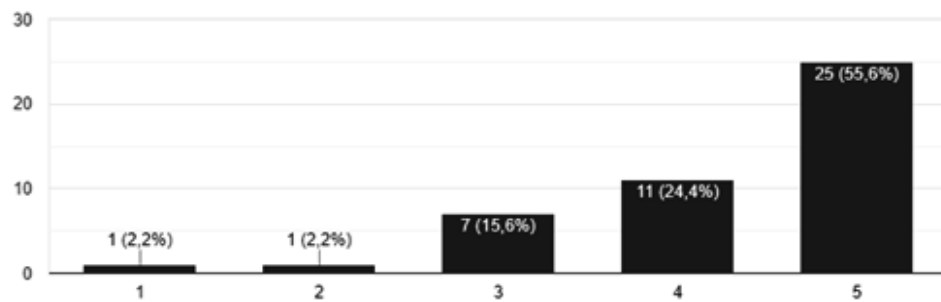


## RESPOSTAS DOS ALUNOS DO QUARTO E QUINTO ANO

Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 1º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?

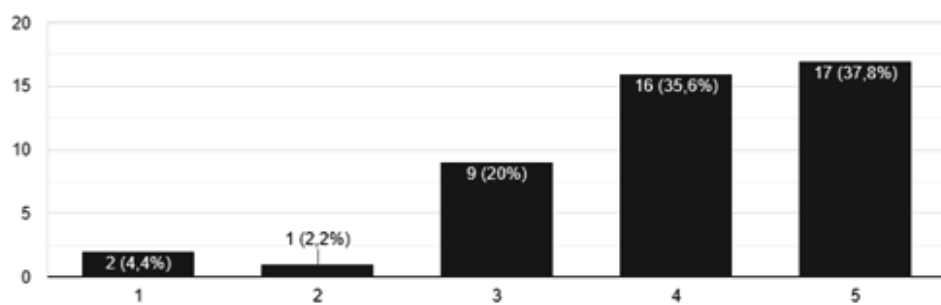
### Desenho I

45 respostas



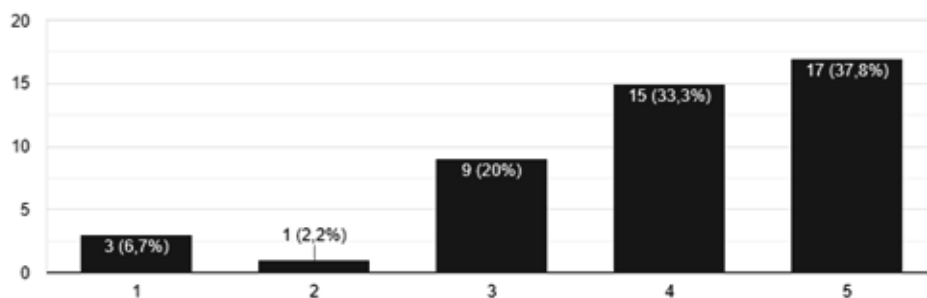
### Construção I ( Introdução à Cultura Construtiva)

45 respostas



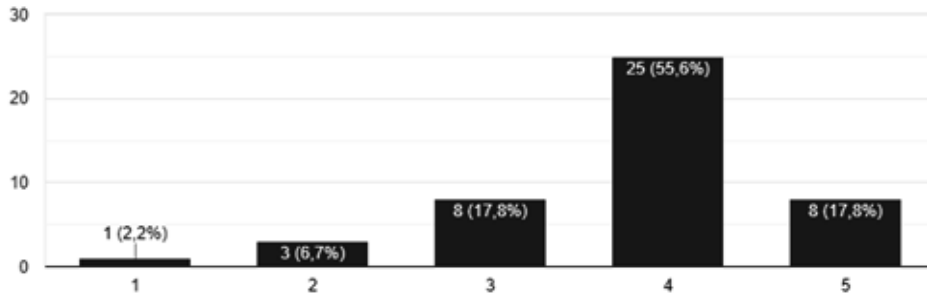
### Construção II (Materiais de Construção)

45 respostas



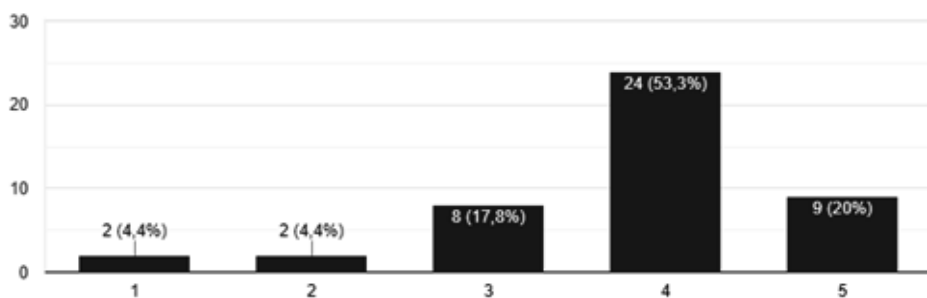
### Introdução à Arquitectura e à Cidade I

45 respostas



### Introdução à Arquitectura e à Cidade II

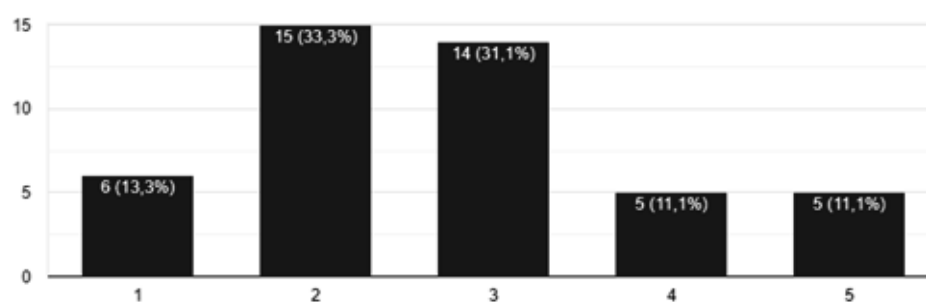
45 respostas





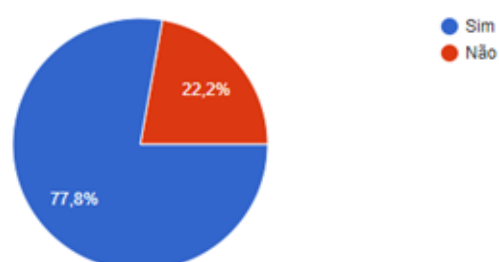
## Geometria

45 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

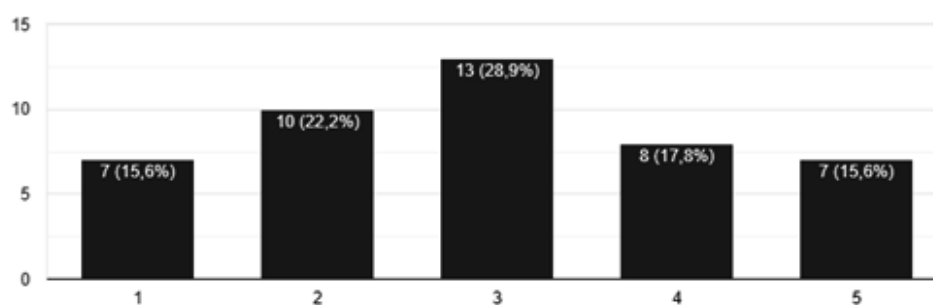
45 respostas



Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 2º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?

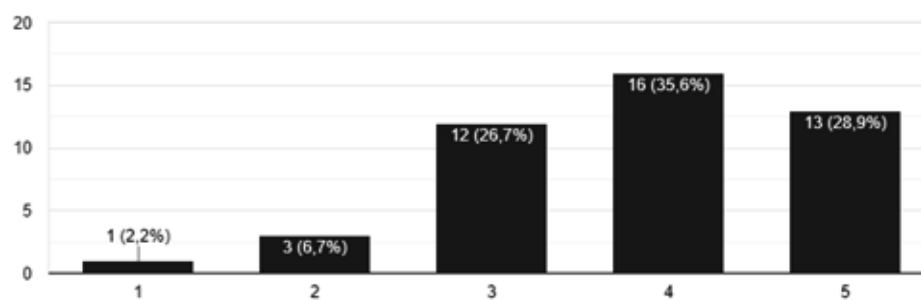
### Desenho II

45 respostas



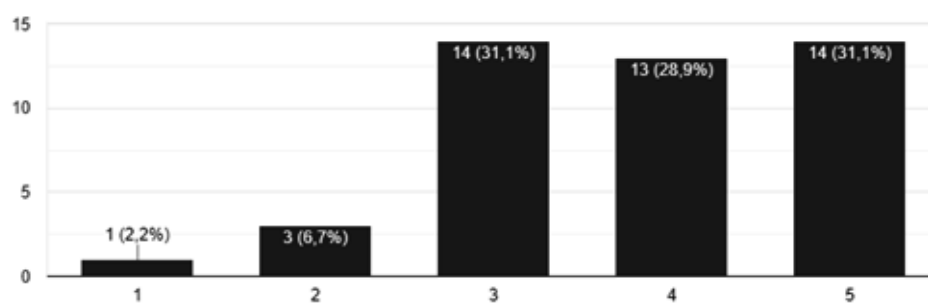
### Construção III (Física da Construção)

45 respostas



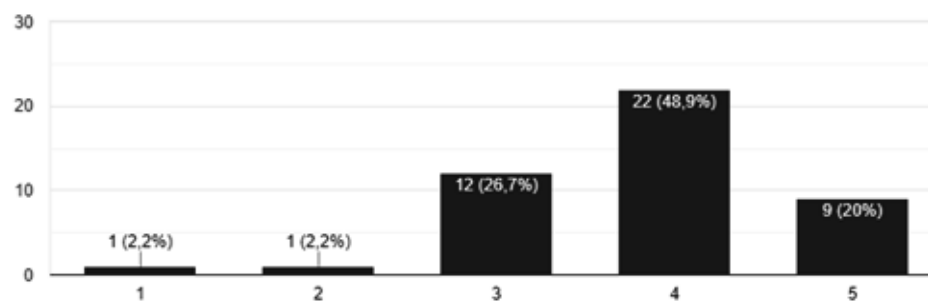
### Construção IV ( Princípios de Funcionamento Estrutural dos Edifícios)

45 respostas



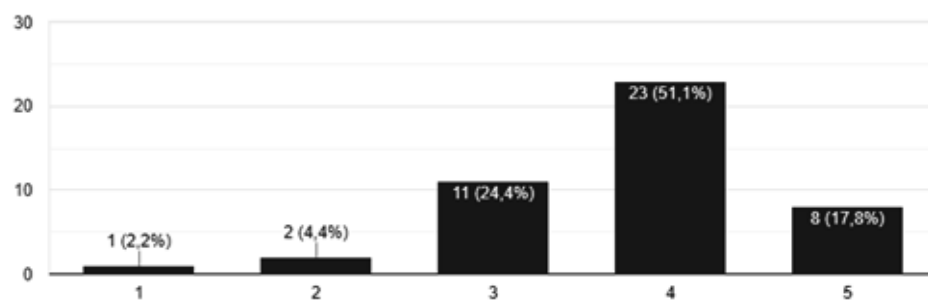
### História da Arquitetura I

45 respostas



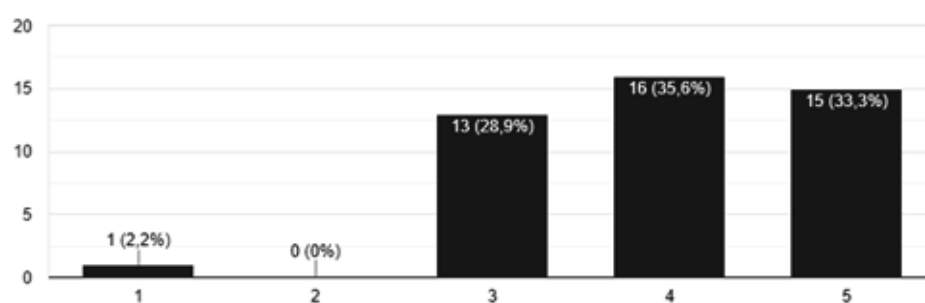
### História da Arquitetura II

45 respostas



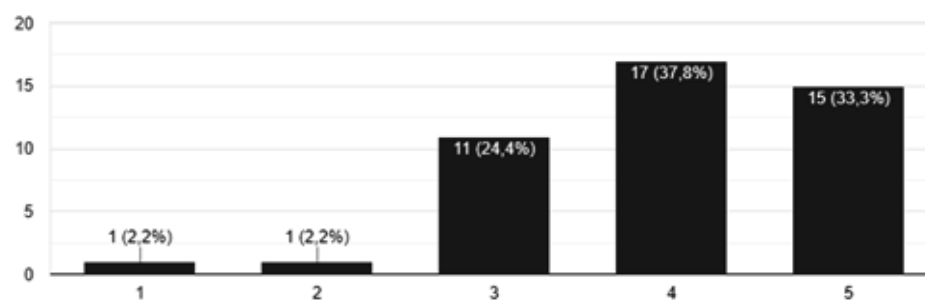
### Teoria da Arquitetura I

45 respostas



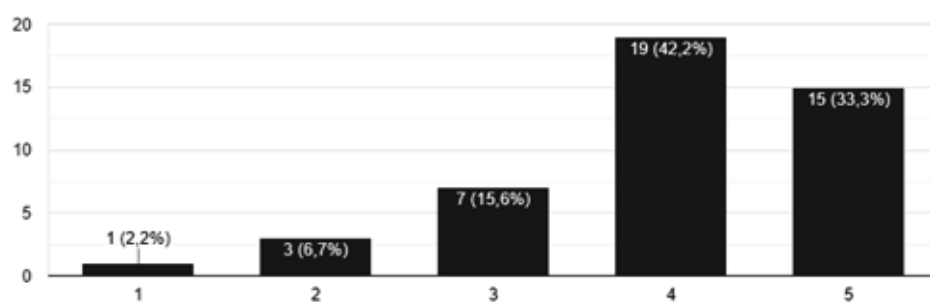
### Teoria da Arquitetura II

45 respostas



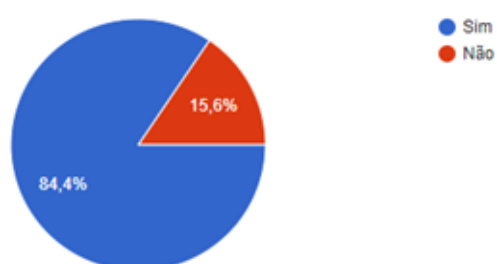
### Arquitetura e Projeto Digital I

45 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

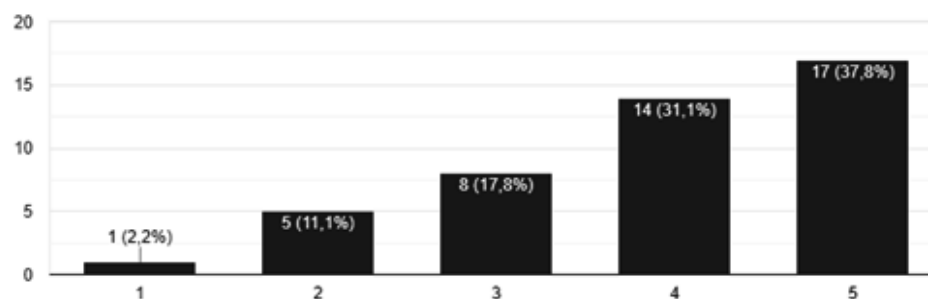
45 respostas



Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 3º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?

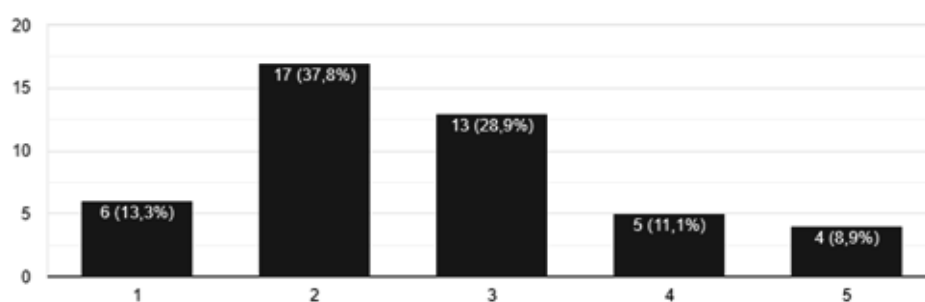
### Arquitetura e Projeto Digital II

45 respostas



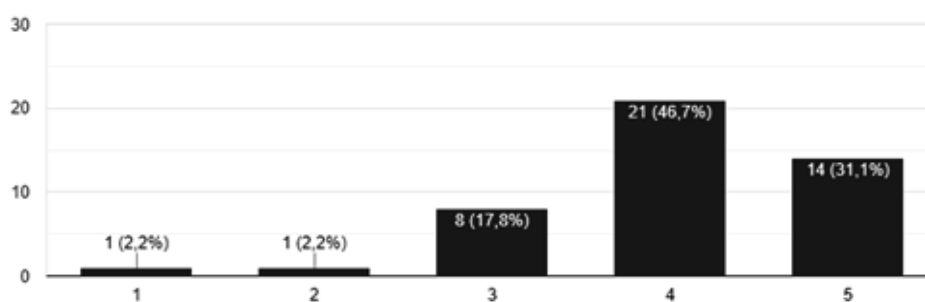
### Desenho III

45 respostas



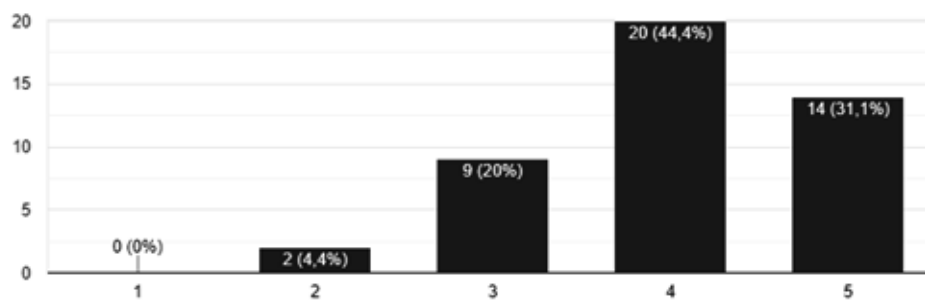
### Urbanismo

45 respostas



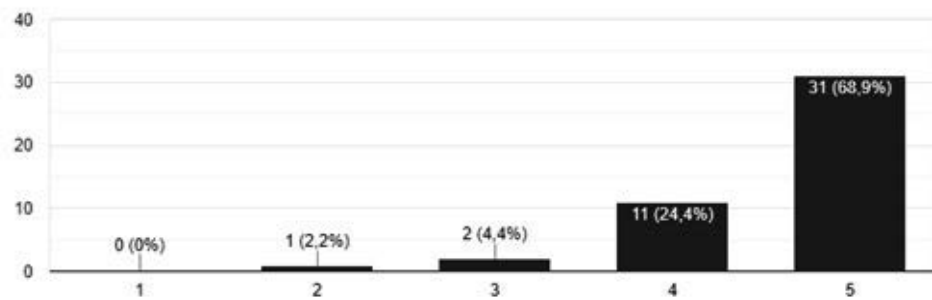
### Teoria da Arquitetura III

45 respostas



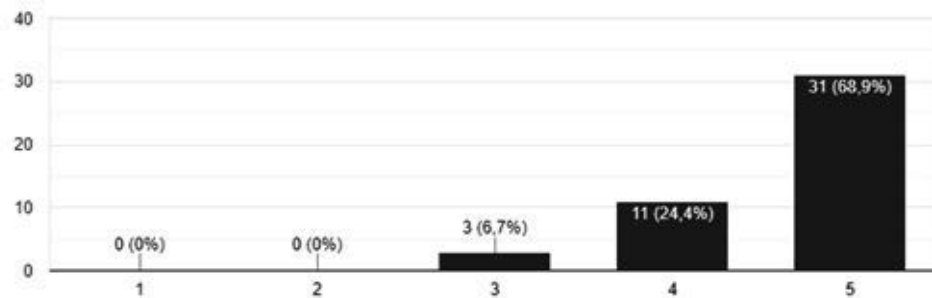
### Construção V

45 respostas



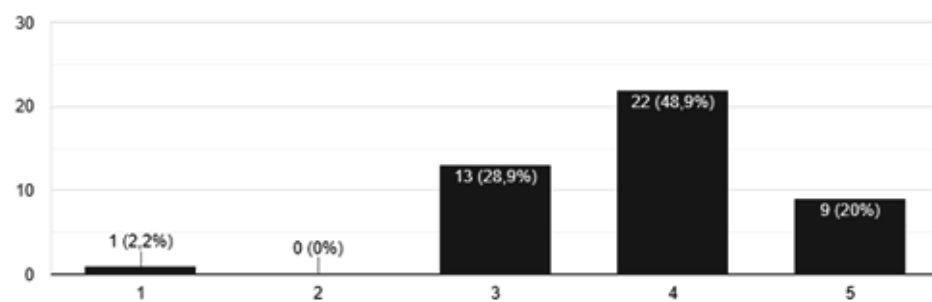
### Construção VI

45 respostas



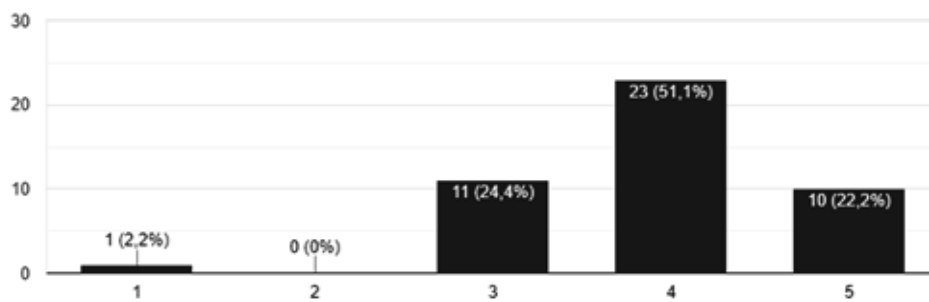
### História da Arquitetura III

45 respostas



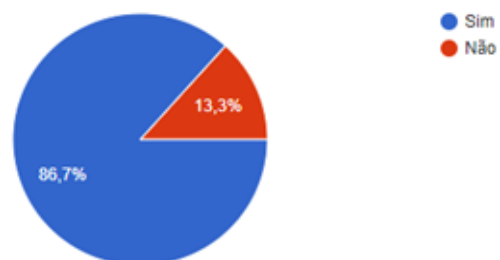
## História da Arquitetura IV

45 respostas



As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

45 respostas

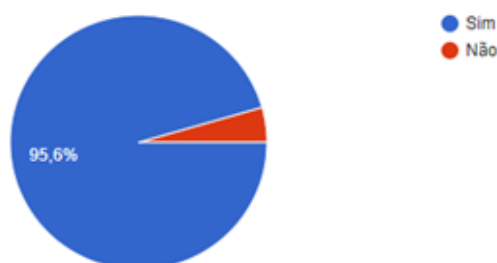




## 2º Ciclo de Formação

No 2º ciclo de formação, as disciplinas de projeto desmembram-se em ateliers de projeto, cada um com uma temática específica. Considera essa possibilidade uma mais-valia?

45 respostas



### Porquê?

36 respostas

- Podemos escolher a área que mais nos interessa.
- Podemos escolher o tema que preferimos
- Introdução de trabalho de atelier na altura do salto para o mundo do trabalho. Adequamento ao que vamos encontrar, trabalho em equipa e não individual
- Para nos ajudar a encontrar um caminho mais específico
- Considero uma mais valia para focar mais em concreto do que se pretende mas nem sempre há uma oferta adequada.
- É importante que com a maturidade do aluno seja dada oportunidade de escolha consoante o tema mais sugestivo para o estudante, o que permite uma aproximação mais interessada no trabalho
- Porque existe mais opções de escolha de terrenos, programas, professores
- Por haver várias temáticas os casos de estudo e o trabalho dos alunos diversifica-se tornando-se mais os resultados finais mais distintos e variados. Os alunos de anos anteriores têm uma amostra mais diversificada.
- Porque permite que o aluno possa escolher a temática que quer abordar ao longo do mestrado. Nem todos são talhados para o mesmo e haver uma componente de reabilitação, construção nova e a escalas diferentes é sem dúvida positiva para a

formação pessoal

- podemos aprender especificamente mais sobre determinado tema que nos interessa no campo da arquitetura. No entanto, nem todos tem esta oportunidade porque a escolha dos temas depende dos professores e não exclusivamente dos alunos.
- Permite uma escolha de tema e projecto sem restringir o processo de descoberta e criatividade. Alarga a possibilidade de aplicabilidade de conhecimentos
- De forma ao aluno puder aprender livremente o que mais o capta
- Da liberdade ao aluno de desenvolver algo por escolha própria.
- As turmas ficam mais pequenas. Há escolha mas na verdade a troca de conhecimentos é a mais valia nos temas diversos a começar por reabilitação vs. edificação.
- para agradar a gregos e a troianos
- Poder escolher o que trabalhar e desenvolver de acordo com os nossos interesses e daí aprender e desenvolver pessoalmente para a futura prática profissional.
- Experimentação de programas mais complexos
- Podemos realmente escolher um tema do nosso interesse de entre as 4 opções
- Existem mais hipóteses do curso se adaptar a diferentes alunos
- Auxiliam no foco e direccionam para sensibilidades particulares do arquiteto em formação
- Porque nos aproxima de um tema projectual mais direccionado e apontado.
- A escolha de área, urbanização vs reabilitação
- Para além de termos a livre escolha dentro de 4 temas (regra geral) podemos escolher aquele que nos cativar mais e nos der mais prazer e vontade de trabalhar visto que o projecto se irá manter durante todo o ano lectivo. É uma forma de aperfeiçoar as capacidades até ali adquiridas, ou abordar temas que nunca tenham sido explorados em anos anteriores ou que tenha alguma facilidade em determinados aspectos em que o aluno pense que terá uma melhor nota sendo um tema fácil de trabalhar no caso particular do aluno (não necessariamente por ser um trabalho “fácil” mas sim, um trabalho em que seja a “praia” do aluno.
- Finalmente o aluno pode seguir uma parte que mais lhe interesse
- É uma maneira de se poder escolher uma abordagem mais proxima aquilo que gostamos, abordando temas que estamos mais dentro do assunto
- Porque podemos escolher um projeto que corresponda mais às nossas preferências pessoais. No entanto isso só é uma possibilidade segundo a média com que entramos nos critérios de selecção, o que pode no fim não permitir entrar no atelier de projeto que correspondia à nossa primeira escolha.
- Apesar de não ter frequentado o departamento neste ano, considero que permitem explorar cada área em concreto, levando a um projeto com maior especificidade programática
- Uma maior possibilidade de poder focar em temáticas que vão mais de encontro aos nossos gostos e preceptivas futuras
- Dá-nos a oportunidade de escolhermos trabalhar num projeto cujo tema é mais do

**ESBATER FRONTEIRAS**

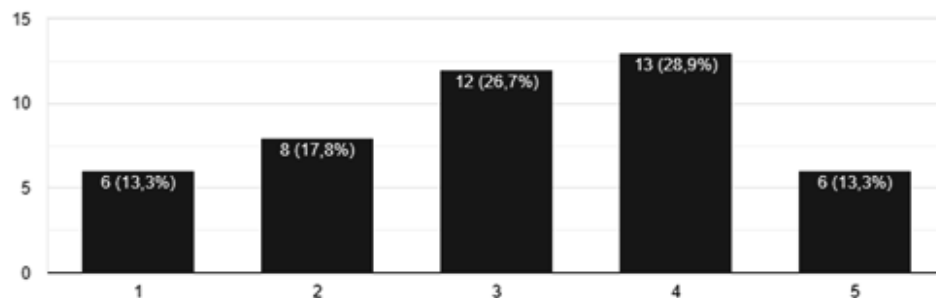
nosso interesse

- No 4º ano iniciamos o mestrado e, como tal, devemos ser orientados para temas que nos interessem. Ainda que esta estrutura que o departamento adotou funcione muito mal, na sua teoria faz todo o sentido.
- Porque o mestrado supostamente é uma especialização e isso não acontece no nosso curso. Eu frequentei um atelier de projecto em reabilitação e não aprendi nada sobre reabilitação de edifícios.
- A aplicação fica a quem, vê exemplos como delft.
- Maior amplitude de escolha, o que se revela essencial tendo em conta os diferentes percursos futuros dos arquitectos em formação.
- Oferece aos estudantes variedade de práticas - Arquitectura não se resume a uma linha de pensamento.
- já deveremos ter os conhecimentos básicos e é importante começar a pensar num tema para a dissertação e explorar

**Tendo em pensamento o objetivo do arquiteto e da sua formação, quais as disciplinas do 4º ano considera mais ou menos relevantes para o complemento projetual?**

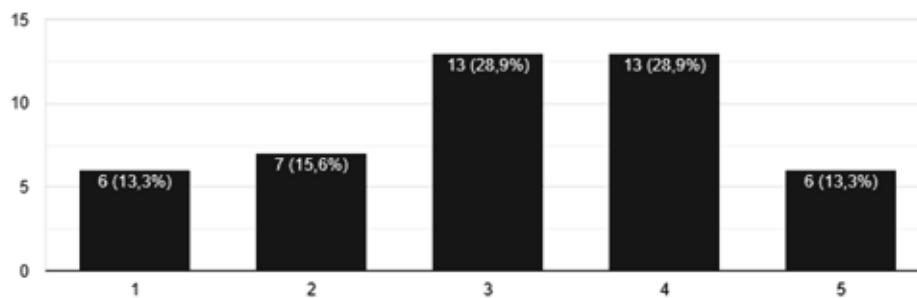
### História da Arquitectura Portuguesa I

45 respostas



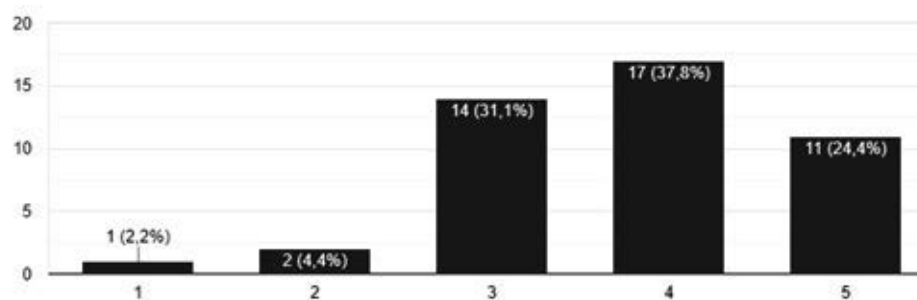
## História da Arquitetura Portuguesa II

45 respostas



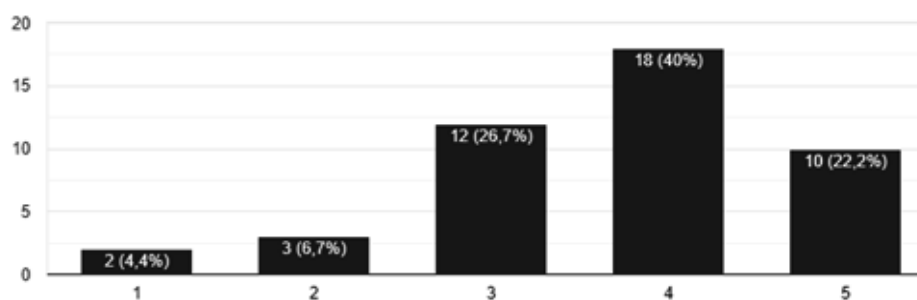
## Urbanística

45 respostas



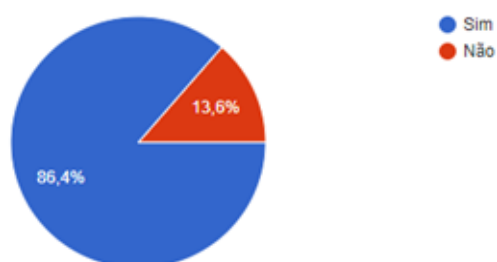
## Urbanização

45 respostas



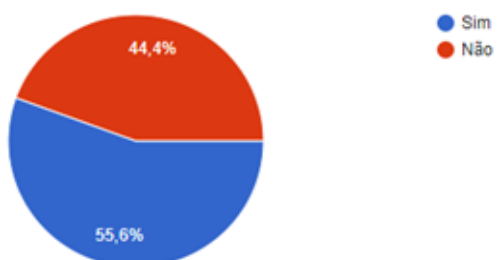
As consideradas menos relevantes neste ano do curso, embora não tenham sido consideradas como um complemento de projecto continuam a ser pertinentes para o percurso formativo?

44 respostas



No 2º ciclo de formação são apresentadas opções de conhecimento, permitindo a cada aluno traçar um próprio caminho. Considera as opcionais apresentadas no 4º e 5º ano como adequadas e necessárias no plano de estudos?

45 respostas



## Se a resposta foi "Não": Porquê?

18 respostas

- Pouca opção de escolha e a era importante introduzir cadeiras que vão de encontro aos objetivos de trabalho
- Porque não nos dão ensinamentos que precisamos no 5 ano de arquitetura, talvez fossem mais apropriados para a licenciatura
- como já referido anteriormente, deveria ter disciplinas relacionadas com tratamento digital dos projetos além de disciplinas mais relacionadas com arquitetura
- Não nos é dada quase nenhuma escolha, para além de haver áreas específicas de escolha.
- Algumas opções parecem que servem apenas para preencher créditos. Não são levadas a sério e poderia haver alternativas mais específicas para arquitetura
- são quase inúteis
- As opcionais estão sobrepostas e desactualizadas dos interesses atuais dos alunos
- Necessitam de revisão de conteúdos e programa, pelo menos algumas
- Porque as opcionais neste momento não são opcionais
- Apesar de considerar a maioria delas necessárias, nem todas são, no entanto, leccionadas de modo a que se concretizem uma ponte entre a área em questão e a arquitectura. Logo, é necessária uma revisão dos conteúdos programáticos.
- Penso que anda tudo mais ao menos à volta do mesmo apesar das cadeiras serem todas diferentes. Penso que algumas são dispensáveis e um tanto ou quanto pouco úteis para o conhecimento do arquitecto (como a cadeira de construção e tecnologia que na verdade se foca em materiais e reações dos materiais e um pensamento exageradamente avançado no que toca à engenharia civil). Uma das cadeiras opcionais que escolhi (Antropologia, cultura e arquitectura) achei bastante pertinente para o conhecimento do arquitecto, transmite-nos a importância do modo de vida das comunidades e a sociologia, relacionadas com a arquitectura elas andam de "mão dada" e é uma cadeira desvalorizada e menosprezada no departamento, talvez porque exija algum trabalho (quase diário) em casa ou observar e tentar perceber as rotinas, hábitos e vontades das pessoas e regista-los de forma a traduzi-los na arquitectura.
- As cadeiras opcionais pelo seu tema parecem interessantes mas a desmotivação ou falta de interesse dos professores a leccionar faz com que as mesmas sejam desinteressantes
- Não nos é dada escolha, as opcionais tornaram-se obrigatórias.
- As opcionais em si são importantes, o que não é adequado é a forma como são dadas ou os seus conteúdos que não vão de encontro ao estudo da arquitectura. Não há um esforço em adaptar cadeiras como antropologia e arqueologia à arquitectura e podia ser uma mais valia. Construção do edificado é a única opcional que funciona como uma verdadeira disciplina.
- As disciplinas que são fora do departamento não são leccionadas de forma interessante e útil a nossa área de formação.
- Pouca escolha. Ou escolhas muito semelhantes. Não existem aulas práticas. Há que

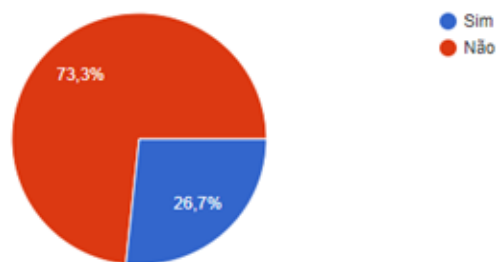
**ESBATER FRONTEIRAS**

colocar literalmente a mão na massa. workshops, convidar mestres e meter os alunos a interagir com aquilo que estão a desenhar. Compreender o que são os materiais. Experimentação, é essencial para expandir conhecimentos e abrir a mente. várias cadeiras sobre Sustentabilidade, auto-suficiência, economia circular, reciclar, etc... e aulas sobre o futuro após a formação académica. Como lidar com clientes/câmara/paiões. Que opções existem para além de projecto e como as processar. Etc.

- Poderiam existir muitas mais opções, e talvez mais adaptadas aos interesses reais dos alunos.

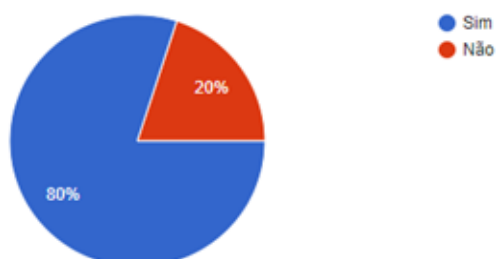
**Considera que devem haver restrições de escolha em relação às áreas nucleares às quais as opcionais pertencem (tal como acontece atualmente)?**

45 respostas



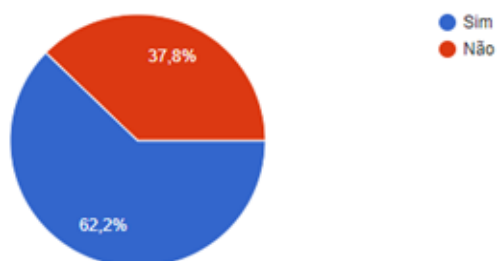
**Deveriam ser de livre escolha totalmente?**

45 respostas



Considera o número de opcionais que se deve escolher como adequada ao Mestrado?

45 respostas

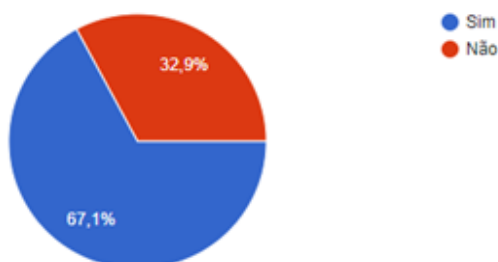


## RESPOSTAS DE TODOS OS ALUNOS

### O ensino em Coimbra

Existe algum tema mais exterior à Arquitetura que ache que deveria ter sido desenvolvido ao longo do seu percurso de formação, e que esteve em falta?

70 respostas



## ESBATER FRONTEIRAS



## Se a resposta foi "Sim": Qual ou quais temas poderiam ter sido desenvolvidos?

38 respostas

- Sociologia (no âmbito da arquitetura).
- O social, como falar com clientes, que perguntas fazer, podia ter sido abordado desde o início
- Como já referido anteriormente, seria fundamental ter uma maior aprofundamento das legislações
- Sociologia, Geografia Humana
- Desporto e atividade física
- Composição e design editorial
- Deveriam existir cadeiras que nos fizessem refletir sobre o papel do arquiteto na sociedade, questões sociais que podem ser atenuadas ou resolvidas por arquitetos e cadeiras que nos aproximassem da realidade social do nosso ambiente, de forma teórica e prática, ao promover oficinas e exposições para a comunidade fora do meio académico.
- arquitetura paisagista, em projetos de licenciamento é nos sempre pedido “arranjos exteriores” e poderíamos ser melhores se tivéssemos alguma opcional relacionada com esse tema
- Trabalho de maquetes, Estudo das leis e regulamentos, Paisagismo
- Sustentabilidade e eficiência
- políticas públicas
- Arquitetura paisagista
- Cinema, fotografia
- Urbanismo, instrumentos digitais
- Design gráfico e de produto
- pintura, design, fotografia
- Geografia, matemática e psicologia
- Cinema, Fotografia, Colagens, etc
- Em primeiro lugar deve existir uma adaptação e evolução programática, desde logo em cadeiras como Arquitectura e Projecto Digital, isto é, o mercado caminha a largos passos para programas como Revit, Archicad (BIM), logo, deverá existir desde cedo uma familiarização com esses programas - muitos deles exigidos em ateliers de arquitectura actualmente.
- Geografia
- Como estou no primeiro ano não tenho muita propriedade a respeito desse questionamento, mas acho que deveriam ser mais abordados temas sociológicos
- Visitas a obras em construção
- Artes visuais
- Aqueles que referi anteriormente. Em relação à sociologia, à preparação da entrada no mercado de trabalho, alguma cultura geral da arquitectura em relação a estratégias e edifícios mais actuais.

- Arte, Filosofia, etc.
- O contacto com o mundo do trabalho
- Design, Computadores, engenharia
- Sustentabilidade
- Podia ter existido maior envolvimento da faculdade com concursos internacionais ou nacionais, ou pelo menos maior divulgação e incentivação por parte dos professores
- Penso que está em falta a noção prática da construção na arquitetura
- Política, Geografia
- Cinema, música, literatura, pintura, escultura, aquilo que nos enriquece culturalmente
- História da Arquitetura ser História da Arquitetura e não história das igrejas no centro e leste europeu...
- Sociologia!
- Uma visão mais política e social da arquitetura
- Sustentabilidade em arquitetura,
- O factor social da convivência humana - algo intrínseco à existência de cidades.
- Acho que uma abordagem dos decretos lei necessários e a interação com as Camaras deveria ser abordada, nem que fosse numa disciplina opcional.

### Considera satisfatório o conhecimento que tem desenvolvido e apreendido até este momento do curso?

70 respostas

